

O BESTSELLER MUNDIAL QUE INSPIROU O FILME



O QUE TE FAZ DIFERENTE TORNA-TE PERIGOSO

DIVERGENTE

VERONICA ROTH

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

O BESTSELLER MUNDIAL QUE INSPIROU O FILME



O QUE TE FAZ DIFERENTE TORNA-TE PERIGOSO

DIVERGENTE

VERONICA ROTH

 Porto
Editora



© Nelson Fitch

VERONICA ROTH

Estudou Escrita Criativa na Northwestern University. Nos seus tempos de faculdade, preferiu dedicar-se a escrever o que viria a ser a sua primeira obra, *DIVERGENTE*, e deixar de lado os trabalhos de casa – uma escolha que acabou por transformar totalmente a sua vida.

Veronica Roth foi considerada a melhor autora pelo GoodReads Choice Awards em 2012. *Divergente* foi eleito o melhor livro de 2011 e *Insurgente* o melhor livro de fantasia para jovens-adultos em 2012, pela mesma entidade, cujas distinções são atribuídas exclusivamente pelos leitores.

Divergente
Veronica Roth

Publicado em Portugal por:
Porto Editora, Lda.
Divisão Editorial Literária – Porto
Email: delporto@portoeditora.pt

Título original:
Divergent
© Veronica Roth 2011

Tradução: Pedro Garcia Rosado

Design da capa: NOR267
Imagens da capa:
© Motion Picture Artwork™ © 2014 Summit Entertainment, LLC. All Rights Reserved.
Símbolo da fação: Rhythm & Hues Design

1.ª edição em papel: maio de 2012

Este livro respeita as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa



Rua da Restauração, 365
4050-025 Porto | Portugal
www.portoeditora.pt
ISBN 978-972-3-68057-4

*À minha mãe,
que me inspirou o momento em que Beatrice se apercebe da
força da sua mãe e se pergunta por que motivo nunca
reparara nela antes.*

Capítulo Um

Em minha casa temos um espelho. Está numa parede do patamar do andar de cima por detrás de um painel que desliza. A nossa fação deixa-me estar diante dele de três em três meses, no segundo dia do mês, que é quando a minha mãe me corta o cabelo.

Sento-me no banco e a minha mãe fica de pé atrás de mim com as tesouras, a dar ao dedo. Os cabelos vão caindo no chão, onde formam anéis de um louro pálido.

Quando acaba, a minha mãe afasta-me os cabelos do rosto e apanha-os num nó. Está muito calma e concentrada no que está a fazer. Tem praticado assiduamente a arte de se abstrair. Mas de mim já não posso dizer o mesmo.

Deito uma olhadela à minha aparência quando a minha mãe se distrai. Não por vaidade mas por curiosidade. Podem acontecer tantas coisas à aparência de uma pessoa em três meses. O que vejo no espelho é um rosto estreito, de olhos redondos grandes, nariz comprido e fino. Ainda pareço uma miúda, apesar de, há poucos meses, ter feito dezasseis anos. As outras fações festejam os aniversários, mas nós não. Seria um ato egoísta de autoindulgência.

– Pronto – diz a minha mãe, ao fixar-me o carrapito com um gancho. Os nossos olhares cruzam-se no espelho. É demasiado tarde para eu conseguir evitá-lo, mas, em vez de me repreender, a minha mãe sorri, a observar-nos. Eu franzo o sobrolho. Por que motivo não me dá um raspanete por eu estar a ver-me ao espelho?

– Chegou o dia, portanto – diz.

– Sim – respondo.

– Estás nervosa?

Volto a olhar para os meus próprios olhos por instantes. Hoje é o dia

da aptidão, que revelará a qual das cinco fações pertença. E amanhã, na Cerimónia da Escolha, vou decidir-me por uma delas. É uma decisão que envolve o resto da minha vida: vou ter de decidir se me mantenho com a minha família ou se a abandono.

– Não – respondo-lhe. – As provas não têm de alterar as nossas opções.

– Claro que não. – A minha mãe sorri. – Vamos tomar o pequeno-almoço.

– Obrigada. Por me cortares o cabelo.

A minha mãe beija-me na face e faz deslizar o painel que cobre o espelho. Acho que a minha mãe podia ser bonita, num mundo diferente. O corpo dela é magro, mas a túnica cinzenta disfarça-o. Tem maçãs do rosto salientes e pestanas compridas e quando solta o cabelo, à noite, este cai-lhe em ondas por cima dos ombros. Mas, pertencendo aos Abnegados, tem de esconder a sua beleza.

Dirigimo-nos para a cozinha. É nestas manhãs, em que o meu irmão prepara o pequeno-almoço, a mão do meu pai desliza pela minha cabeça enquanto lê o jornal e a minha mãe trauteia uma canção ao mesmo tempo que levanta a mesa, que eu me sinto ainda mais culpada. Por querer deixá-los.

*

O autocarro cheira a tubo de escape. Sempre que passa por uma zona de pavimento mais irregular, estremece e atira-me de um lado para o outro, apesar de eu estar a agarrar-me ao banco, para me aguentar.

O meu irmão mais velho, Caleb, está no corredor, agarrado a um varão por cima da cabeça, para também se manter direito. Não somos parecidos. Ele herdou o cabelo preto e o nariz curvo do meu pai e os olhos verdes e as faces com covinhas da minha mãe. Quando era mais novo, a mistura de características diferentes parecia estranha, mas agora até lhe fica bem. Se não fizesse parte dos Abnegados, as miúdas da escola haviam de reparar nele.

Caleb também herdou o talento da minha mãe para o altruísmo. Sem pensar duas vezes, deu o lugar a um homem com o aspeto arrogante dos Cândidos.

O homem tem um fato preto com uma gravata branca – é o uniforme padrão dos Cândidos. A sua fação valoriza a sinceridade e a simplicidade e encara a verdade como se fosse branca ou preta, e é

por isso que os seus membros se vestem assim.

À medida que nos aproximamos do centro da cidade, os intervalos entre os prédios tornam-se mais apertados e as ruas mais planas. O edifício que antes era conhecido por Sears Tower – e a que chamamos «o Centro» – aparece no meio do nevoeiro. É como um pilar negro recortado contra a linha do horizonte. O autocarro passa sob o viaduto ferroviário. Nunca andei de comboio apesar de eles estarem sempre a circular e de haver linhas por todo o lado. Só os Intrépidos é que andam de comboio.

Cinco anos antes, alguns Abnegados que se ofereceram voluntariamente para as obras repavimentaram uma parte das ruas. Começaram no centro da cidade e seguiram para a periferia até esgotarem os materiais. As ruas do local onde moro ainda estão esburacadas e com remendos e não é seguro andar nelas de carro. Mas, também, nós nem sequer temos carro.

A expressão calma de Caleb não se altera, nem mesmo quando o autocarro anda aos solavancos e com movimentos bruscos. A túnica cinzenta desliza-lhe pelo braço quando se agarra a outro varão para se equilibrar. Pelo modo como olha de um lado para o outro, consigo perceber que está a observar as pessoas que nos rodeiam, esforçando-se por atender apenas a elas e não a si mesmo. Os Cândidos valorizam a sinceridade mas a nossa facção, a dos Abnegados, valoriza o altruísmo.

O autocarro para à porta da escola e eu levanto-me, passando apressadamente à frente do homem dos Cândidos. Agarro-me ao braço de Caleb ao tropeçar nos sapatos dele. As minhas calças são demasiado compridas e eu nunca fui muito ágil.

O edifício do Nível Superior é a mais antiga das três escolas da cidade: Nível Inferior, Nível Intermédio e Nível Superior. Como todos os edifícios à sua volta, é feito de vidro e de aço. Diante dele está uma grande escultura metálica que os Intrépidos escalam depois das aulas, desafiando-se mutuamente para ver quem consegue subir mais alto. No ano passado, vi uma das raparigas do grupo cair e partir uma perna. Fui eu que chamei a enfermeira da escola.

– Provas de aptidão... hoje – lembro a Caleb. Ele não chega a ser um ano mais velho do que eu e, por isso, estamos no mesmo ano escolar.

Entramos pela porta da frente, enquanto ele acena afirmativamente com a cabeça. Sinto os meus músculos todos a retesarem-se assim que nos achamos no interior. Lá dentro, parece reinar uma atmosfera que

se pode considerar de fome – é como se, no último dia, todos os miúdos de dezasseis anos estivessem a tentar absorver tudo o que puderem. É provável que não voltemos a percorrer estes corredores depois da Cerimónia da Escolha. Depois de escolhermos, são as fações que ficam responsáveis por completarem a nossa educação.

As aulas estão hoje reduzidas a metade e, por isso, vamos frequentá-las todas antes das provas, que só se realizam depois do almoço. O meu coração já está a bater mais depressa, só de pensar nisso.

– Tu não estás nada preocupado com o que te vão dizer, pois não? – pergunto a Caleb.

Paramos no átrio onde os nossos caminhos se separam. Ele vai para um lado, para a aula de Matemática Avançada, e eu vou para o outro, para a aula de História das Fações.

Caleb levanta uma sobrancelha, contrapondo:

– E tu estás?

Podia contar-lhe que ando preocupada há semanas com aquilo que a prova de aptidão me dirá. A quem pertencerei? Aos Abnegados, aos Cândidos, aos Eruditos, aos Cordiais ou aos Intrépidos?

No entanto, limito-me a sorrir-lhe e respondo-lhe:

– Nem por isso.

Caleb também me sorri, dizendo:

– Bem, desejo-te um bom dia.

Dirijo-me para a História das Fações, a morder o lábio inferior. O certo é que ele não respondeu à minha pergunta.

Os corredores estão apinhados, apesar de a luz vinda das janelas criar uma ilusão de espaço. São um dos poucos locais onde as fações se misturam, nesta idade. E hoje há uma nova energia a animar a multidão, uma espécie de loucura do último dia.

Uma rapariga com cabelos compridos encaracolados acena a uma amiga, ao longe, e berra-me aos ouvidos: «Eh!» A manga de um blusão bate-me na cara. E depois um rapaz dos Eruditos, com uma camisola azul, empurra-me. Eu perco o equilíbrio e estateloo-me no chão.

– Sai-me da frente, Empata – diz-me ele, num tom brusco, seguindo pelo corredor fora.

Sinto a cara a arder. Levanto-me e sacudo o pó da roupa. Alguns rapazes e raparigas pararam, ao ver-me cair, mas nenhuma delas se ofereceu para me ajudar. Os olhos delas seguem-me até ao fundo do corredor. Isto tem andado a acontecer a todos os outros membros da minha facção há meses – os Eruditos têm andado a divulgar relatos adversos sobre os Abnegados que começaram a afetar o modo como

nos relacionamos na escola. As roupas cinzentas, os penteados simples e a postura modesta da minha facção devem tornar-me mais fácil a tarefa de dar menos atenção a mim própria e ajudar os outros a não repararem em mim. Mas essas características fizeram de mim um alvo.

Paro junto a uma janela na Ala E e espero pela chegada dos Intrépidos. Faço isto todas as manhãs. Às 7:25 em ponto, os Intrépidos demonstram a sua coragem ao saltarem de um comboio em movimento.

O meu pai chama «desordeiros do inferno» aos Intrépidos. Têm *piercings*, tatuagens e vestem-se de preto. O seu objetivo prioritário é defenderem a vedação que rodeia a nossa cidade. Não sei é de quê.

Eles deviam deixar-me perplexa. E pôr-me a pensar no tipo de coragem – que é a virtude que mais prezam – exigida para enfiar um anel de metal numa narina. Mas, em vez disso, os meus olhos fixam-se neles e vão atrás deles por todo o lado.

O apito estridente do comboio faz-se ouvir e ecoa dentro do meu peito. A luz do farol da carruagem da frente acende-se e apaga-se enquanto o comboio passa junto à escola, a guinchar nos carris de ferro. Quando passam as últimas carruagens, um grupo compacto de rapazes e raparigas de preto saltam do comboio em movimento, alguns caindo e rebolando e outros dando alguns passos cambaleantes antes de recuperarem o equilíbrio. Um dos rapazes agarra-se aos ombros de uma rapariga, a rir-se.

Observá-los é uma atividade tonta. Volto costas à janela e enfio-me na multidão a caminho da aula de História das Fações.

Capítulo Dois

As provas começam depois de almoço. Sentamo-nos nas mesas compridas do refeitório e os gestores das provas chamam dez nomes de cada vez, encaminhando os alunos para os gabinetes. Sento-me ao lado de Caleb, enquanto a nossa vizinha Susan fica do outro lado da mesa.

O pai de Susan viaja pela cidade por causa do trabalho que faz e por isso tem um carro, que também serve para a levar à escola e trazer. Já se ofereceu para nos dar boleia, mas, como diz Caleb, preferimos sair mais tarde e também não queremos incomodá-lo.

Claro que não.

Os gestores das provas são, na maioria, voluntários dos Abnegados, apesar de haver um Erudito num dos gabinetes e um Intrépido noutro, para testarem os que, como nós, fazem parte dos Abnegados. As regras estipulam que as pessoas não podem ser avaliadas por alguém da sua própria facção. As regras também estipulam que ninguém pode preparar-se para as provas, seja de que maneira for, e, por isso, não sei o que hei de esperar.

O meu olhar desvia-se de Susan para as mesas ocupadas pelos Intrépidos, no outro lado da sala. Estão a rir-se e a gritar e a jogar às cartas. Noutro conjunto de mesas, os Eruditos trocam impressões em redor de livros e de jornais, sempre ocupados na busca do conhecimento.

Um grupo de raparigas dos Cordiais, vestidas de amarelo e vermelho, senta-se em círculo no chão do refeitório, num jogo em que batem com as mãos umas nas outras e cantam uma canção com palavras que rimam. Ouço-lhes os risos, em coro, quando uma delas é eliminada e obrigada a sentar-se no centro do círculo. Na mesa mais

próxima delas, rapazes da facção dos Cândidos fazem gestos largos com as mãos. Parecem estar a discutir sobre qualquer coisa, mas não deve ser grave porque alguns deles ainda estão a sorrir.

Na mesa dos Abnegados sentamo-nos em silêncio e aguardamos. Os costumes das facções determinam o comportamento em todas as circunstâncias, mesmo nos momentos de ócio, e sobrepõem-se às preferências individuais. Duvido que todos os Eruditos possam estar a estudar durante o tempo todo ou que todos os Cândidos gostem de manter um diálogo animado, mas nenhum deles pode desafiar as regras das suas facções, tal como eu também não o posso fazer.

O nome de Caleb é chamado com o grupo seguinte. Ele levanta-se e dirige-se para a saída com movimentos confiantes. Não preciso de lhe desejar sorte nem de lhe dizer que não deve estar nervoso. Ele já sabe qual é a sua facção e, tanto quanto sei, sempre soube. A recordação mais antiga que dele tenho é de quando tínhamos quatro anos. Repreendeu-me por eu não dar a minha corda de saltar a uma rapariga sem brinquedos no recreio. Ele já não me dá sermões, mas eu nunca me esqueci do seu olhar de reprovação.

Já lhe tentei explicar que os meus instintos não são os dele – nem sequer me ocorreu, no autocarro, dar o meu lugar ao homem dos Cândidos –, mas Caleb não percebe. «Limita-te a fazer o que deves» – é sempre o que me diz. Para ele tem sido sempre fácil. Para mim também devia ser.

Sinto o estômago a contorcer-se. Fecho os olhos e mantenho-os fechados até Caleb voltar a sentar-se, dez minutos mais tarde.

Está branco como a cal. Faz deslizar as palmas das mãos pelas pernas, como eu faço para limpar as mãos suadas, e, ao erguê-las, vejo que os dedos lhe tremem. Ainda abro a boca, para lhe perguntar qualquer coisa, mas não consigo dizer uma palavra. Não estou autorizada a perguntar-lhe o resultado e ele não está autorizado a dizer-mo.

Um voluntário dos Abnegados enumera a lista seguinte de nomes – dois dos Intrépidos, dois dos Eruditos, dois dos Cordiais, dois dos Cândidos e, depois, «dos Abnegados, Susan Black e Beatrice Prior».

Ponho-me em pé, porque é o que devo fazer, mas, se dependesse só de mim, ficaria no meu lugar durante o resto do tempo. Sinto que tenho um balão no peito, que fica mais cheio a cada segundo que passa, ameaçando rasgar-me pela metade do corpo. Acompanho Susan até à saída. As pessoas por quem passamos não devem conseguir distinguir-nos. Temos as mesmas roupas e o cabelo louro penteado da

mesma maneira. A única diferença é que Susan não está com ar de quem quer vomitar e, segundo me parece, as mãos dela não estão a tremer tanto que tenha de agarrar a bainha da blusa para as manter firmes.

À nossa espera, fora do refeitório, está uma fileira de dez gabinetes individuais. São utilizados só para as provas de aptidão e, por isso, nunca lá estive dentro. Ao contrário dos outros gabinetes da escola, estão separados uns dos outros não por vidro mas por espelhos. Vejo-me, pálida e aterrorizada, a dirigir-me para uma das portas. Susan sorri-me nervosamente enquanto entra no número cinco e eu entro no número seis, onde me espera uma mulher dos Intrépidos.

Não tem um ar tão severo como o dos jovens Intrépidos que vi. Os olhos são pequenos, escuros e angulares e veste um *blazer* preto – que parece um casaco de homem – e calças de ganga. Só quando ela se volta para fechar a porta é que lhe vejo uma tatuagem na parte de trás do pescoço: um falcão preto e branco com um olho vermelho. Se não me sentisse com o coração preso na garganta, perguntar-lhe-ia pelo significado da tatuagem. Tem de significar alguma coisa.

As paredes no interior do gabinete estão cobertas de espelhos. Vejo o meu reflexo em todo o lado: o tecido cinzento que obscurece a forma das minhas costas, o meu pescoço comprido, as minhas mãos com os nós dos dedos bem salientes e vermelhos da cor do sangue. O teto tem uma luz branca cintilante. No meio do gabinete está uma cadeira reclinável, parecida com uma cadeira de dentista, junto a uma máquina. Parece um sítio onde acontecem coisas terríveis.

– Não te preocupes – diz a mulher – que não dói.

O cabelo preto é liso, mas, debaixo da luz, vejo que já tem alguns fios grisalhos.

– Senta-te e põe-te confortável – continua. – Chamo-me Tori.

Sento-me desajeitadamente na cadeira e inclino as costas para trás, pousando a cabeça na cabeceira. A luz magoa-me os olhos. Tori começa a mexer na máquina que está à minha direita. Tento concentrar-me nela e não nos fios que tem nas mãos.

– O que significa o falcão? – pergunto, de repente, enquanto ela me coloca um elétrodo na testa.

– Nunca tinha conhecido uma Abnegada curiosa – diz Tori, soerguendo as sobrancelhas.

Estremeço e os meus braços ficam com pele de galinha. A minha curiosidade é um erro, uma traição aos valores dos Abnegados.

Trauteando, Tori coloca-me outro elétrodo na testa e explica:

– Em alguns locais do mundo antigo, o falcão simbolizava o Sol. Quando fiz isto, pensei que nunca teria medo do escuro se tivesse sempre o Sol comigo.

Tento impedir-me de fazer outra pergunta, mas não consigo evitá-la.

– E tem medo do escuro?

– Já *tive* – corrige Tori. Coloca o elétrodo seguinte na própria testa e liga-lhe um fio. Encolhe os ombros. – Mas isto faz-me recordar do medo que venci.

Põe-se atrás de mim. Aperto os braços da cadeira com tanta força que o sangue me foge dos nós dos dedos. Puxa por alguns fios e liga-os a mim, a ela e à máquina que está atrás dela. Depois passa-me um pequeno frasco, com um líquido transparente.

– Bebe isto – diz-me.

– O que é? – Sinto a garganta inchada. Engulo em seco. – O que vai acontecer?

– Não te posso dizer. Mas confia em mim.

Expulso o ar dos pulmões e levo o conteúdo do frasco à boca. Fecho os olhos.

*

Quando os abro, é como se tivesse passado apenas um instante, mas já não me encontro no mesmo local. Estou outra vez no refeitório da escola, com as mesas todas vazias, e vejo, através das paredes de vidro, que está a nevar. Na mesa à minha frente estão dois cestos. Num está um pedaço de queijo e, no outro, uma faca, do comprimento do meu antebraço.

Uma voz de mulher, atrás de mim, ordena-me:

– Escolhe.

– Porquê? – pergunto.

– Escolhe – insiste.

Espreito por cima do ombro, mas não vejo ninguém. Volto-me para os cestos e pergunto:

– Que hei de fazer com estas coisas?

– Escolhe! – grita ela.

E, ao ouvi-la gritar assim, sinto o medo a desaparecer e a teimosia a dominar-me. Cruzo os braços e franzo o sobrolho.

– Como queiras – diz-me ela.

Os cestos desaparecem. Ouço uma porta a ranger e volto-me para ver quem é. Mas não é um «quem» que vejo, é um «quê»: um cão, de

focinho comprido, a poucos metros de mim. Está agachado e rasteja na minha direção, os lábios enrugados a exporem os dentes brancos. Do fundo da garganta sai-lhe um rugido. Percebo por que motivo o queijo me poderia dar jeito. Ou a faca. Mas agora é tarde.

Penso em fugir, mas o cão será sempre mais rápido do que eu. Não conseguirei dominá-lo, se me atacar. Sinto a cabeça a latejar. Se conseguir saltar por cima da mesa e usá-la como escudo... mas não, sou demasiado baixa para saltar por cima da mesa e não tenho força para a voltar.

O cão rosna e até sinto o som a ecoar dentro da minha cabeça.

Li no meu livro de Biologia que os cães conseguem cheirar o medo das pessoas devido a uma hormona libertada por glândulas humanas numa situação de tensão e que é o mesmo elemento que libertam os animais que os cães caçam. E o cheiro do medo leva-os a atacar.

O cão avança mais, com as unhas a rasparem no chão.

Não posso fugir. Não posso lutar. A única coisa que consigo fazer é cheirar o hálito nojento do cão e tentar não pensar no que terá comido. O branco dos olhos dele desapareceu e só lhe vejo um brilho negro em cada um dos olhos.

Que sei mais sobre cães? Não devo olhar-lhes diretamente para os olhos. É um sinal de agressão. Lembro-me de ter pedido ao meu pai para termos um cão, quando era pequena, e agora, ao olhar para o chão junto às patas deste animal, nem consigo lembrar-me do motivo. O cão aproxima-se mais, sempre a rosna. Se olhá-lo nos olhos é um sinal de agressão, qual será o melhor sinal de submissão?

Ouço-me a respirar, mas percebo que os meus movimentos respiratórios estão calmos. Ajoelho-me. A última coisa que me apetece é deitar-me no chão diante dele – pondo-lhe o meu rosto ao nível dos dentes –, mas é o melhor que tenho a fazer. Apoio-me nos cotovelos e estico as pernas para trás. O cão aproxima-se cada vez mais e eu já lhe sinto o hálito quente no meu rosto. Tenho os braços a tremer.

Ladra-me aos ouvidos e eu cerro os dentes com muita força para não gritar.

Sinto uma coisa áspera e molhada na face. O cão para de rosna e, ao levantar a cabeça para olhar outra vez para ele, vejo-o a arfar. Deu-me uma lambidela no rosto. Franzo o sobrolho e sento-me sobre os calcanhares. O cão põe-me as patas nos joelhos e lambe-me outra vez a cara. Estremeço, limpo a baba dele da minha pele e rio-me.

– Afinal, não és assim tão mau, pois não?

Levanto-me lentamente, para não o assustar, mas ele já me parece

um animal diferente do que aquele que ia atacar-me, segundos antes. Estendo uma mão, com cuidado, pronta a recolhê-la se for caso disso. O cão esfrega a cabeça na minha mão. E fico contente por não ter pegado na faca.

Fecho os olhos por um instante e, ao abri-los, vejo uma criança do outro lado do refeitório, com um vestido branco. Estende as duas mãos e grita:

– Cãozinho!

Corre para o cão, que está agora parado ao meu lado, e eu abro a boca para a avisar, mas já é tarde. O cão volta-se. Ladra, em vez de rosnar, abre e fecha as mandíbulas com força e os músculos retesam-se-lhe, como se fossem cabos de aço. Vai atirar-se à criança. E eu nem penso – salto. Atirando o meu corpo por cima do dele e rodeando-lhe o pescoço largo com os meus braços.

Bato com a cabeça no chão. O cão desapareceu e a menina também. E eu estou sozinha. No gabinete onde estava a fazer a prova, que está agora vazio. Volto-me, devagar, e não consigo ver o meu reflexo em nenhum dos espelhos. Empurro a porta e saio para o corredor. Mas o corredor já não é um corredor. É um autocarro, com os lugares todos ocupados.

Fico em pé, entre os bancos, e agarro-me a um varão. Perto de mim está um homem sentado, a ler um jornal. Não consigo ver-lhe o rosto, mas vejo-lhe as mãos. Têm várias cicatrizes, como se as tivesse queimado, e seguram no jornal como se quisessem amarrotá-lo.

– Conheces este tipo? – pergunta-me ele, com o dedo na fotografia que está na primeira página. A manchete anuncia: «Homicida brutal finalmente preso!» Olho para a palavra: «Homicida». Já há muito tempo que não encontrava esta palavra, mas até a sua forma me enche de pavor.

A fotografia por debaixo da manchete mostra um homem jovem, com um rosto vulgar e uma pequena barba. Julgo reconhecê-lo, mas não sei donde. E, ao mesmo tempo, sinto que seria má ideia responder que o conheço.

– Então? – Ouço-lhe a cólera na voz. – Conheces, ou não?

Uma má ideia. Não, uma péssima ideia. Sinto o coração aos saltos e agarro-me com mais força ao varão para conter o tremor das minhas mãos, para impedir que elas me denunciem. Se lhe disser que conheço o homem da notícia, vai acontecer-me qualquer coisa terrível. Mas posso convencê-lo de que não o conheço. Posso pigarrear e libertar a garganta e encolher os ombros. Isso seria mentir, no entanto.

Pigarreio.

– Conhece-lo ou não? – insiste o homem do jornal.

Encolho os ombros.

– Então?!

Estremeço, de alto a baixo. O medo que tenho é irracional. Estou a ser posta à prova e isto não pode estar a acontecer.

– Não – respondo, numa voz desinteressada. – Não faço ideia de quem seja.

O homem levanta-se e eu vejo-lhe o rosto, finalmente. Tem óculos escuros e os lábios estão revirados. O rosto está cheio de cicatrizes, como as mãos. Aproxima-se de mim, do meu rosto. O hálito dele cheira a tabaco. *Isto não é verdade*, digo a mim própria. *Não está a acontecer*.

– Estás a mentir – contrapõe. – Estás mesmo a mentir!

– Não estou.

– Vejo-o nos teus olhos.

Endireito as costas.

– Não, não consegue ver.

– Se o conheces – diz ele, baixando o tom de voz –, podias salvar-me. Podias mesmo salvar-me!

Semicerro os olhos.

– É que... – Cerro bem os dentes. – Não conheço, mesmo.

Capítulo Três

Acordo com as mãos a transpirar e uma sensação de culpa que me trespassa o peito. Estou quase deitada na cadeira reclinável do gabinete de paredes de espelhos. Ao levantar a cabeça, vejo Tori, atrás de mim. Comprime os lábios e retira os elétrodos da minha testa e da dela. Espero que diga qualquer coisa sobre a prova – que terminou ou que eu estive bem, embora fosse difícil eu sair-me mal num teste destes –, mas nada diz e limita-se a remover os elétrodos.

Sento-me e limpo as palmas das mãos às calças. Devo ter feito alguma coisa errada, mesmo que só na minha mente. A expressão estranha no rosto de Tori é devida ao facto de ela nem saber como há de dizer que sou uma pessoa horrível? Era bom que se explicasse.

– Isto foi surpreendente – diz. – Desculpa. Volto já.

«Surpreendente?!»

Puxo os joelhos para cima e enfio a cara neles. Gostaria de ter vontade de chorar, porque as lágrimas poderiam trazer-me uma sensação de libertação, mas não consigo. Como é que podemos reprovar num teste quando não estamos autorizados a preparar-nos para ele?

À medida que o tempo vai passando, sinto-me mais nervosa. Tenho de limpar continuamente as mãos, porque a transpiração não para – ou apenas porque isso me ajuda a sentir mais calma. E se me dizem que não estou apta para pertencer a nenhuma das fações? Teria de passar a viver na rua como os que não pertencem a nenhuma delas. E eu não posso. Viver sem fazer parte de uma facção não é só viver na miséria e no desconforto. É viver completamente afastado da sociedade, bem longe de tudo aquilo que é o mais importante na vida: a comunidade.

A minha mãe disse-me, uma vez, que não podemos sobreviver sozinhos, mas que, mesmo que pudéssemos, não o quereríamos fazer. Sem uma fação, a vida ficaria desprovida de propósito e de motivo.

Abano a cabeça. Não posso pôr-me a pensar desta maneira. Tenho de estar calma.

Finalmente, a porta abre-se e Tori regressa. Agarro-me com força aos braços da cadeira.

– Desculpa ter-te preocupado – diz Tori, parando junto aos meus pés com as mãos nos bolsos. Tem uma expressão tensa e está pálida. – Os teus resultados não foram conclusivos, Beatrice – acrescenta. – Normalmente, cada fase do processo de simulação elimina uma ou mais fações, mas, no teu caso, só duas foram eliminadas.

Fico a olhar para ela.

– Duas? – pergunto. Sinto a garganta tão contraída que até tenho dificuldade em falar.

– Se tivesses mostrado uma rejeição automática da faca e escolhido o queijo, a simulação ter-te-ia levado a um cenário diferente, que confirmaria a tua aptidão para fazeres parte dos Cordiais. Mas não foi o que aconteceu e, por isso, os Cordiais ficaram excluídos. – Tori coça a nuca. – Normalmente, a simulação progride de uma maneira linear, isolando uma fação ao excluir as outras. As escolhas que fizeste nem sequer permitiram a exclusão dos Cândidos, que seria a possibilidade seguinte, e, por isso, tive de alterar a simulação para te pôr no autocarro. E, aí, a tua insistência na desonestidade excluiu os Cândidos. – Tori faz um meio sorriso. – Mas não te preocupes com isso. Só os Cândidos é que dizem a verdade, numa situação como essa.

Sinto um dos nós do meu peito a desfazer-se. Talvez eu não seja assim tão má.

– Mas também suponho que isso não seja inteiramente verdade. As pessoas que dizem a verdade são os Cândidos... e os Abnegados – diz Tori. – O que nos cria um problema.

Fico de boca aberta.

– Por um lado, vimos que te atiraste para cima do cão para ele não atacar a menina, o que é uma reação típica dos Abnegados... Mas, por outro, quando o homem te disse que a verdade o salvaria, continuaste a recusar-te a dizer a verdade. Não é uma reação típica dos Abnegados. – Tori suspira. – Não fugires ao cão sugere que talvez pertenças aos Intrépidos, mas pegar na faca também indica o mesmo e tu não o fizeste.

Tori pigarreia, antes de prosseguir:

– A tua reação intelectual ao cão indica um alinhamento muito forte com os Eruditos. Não faço ideia do que hei de pensar da tua indecisão na fase um, mas...

– Espere – interrompo. – Portanto, não faz ideia de qual possa ser a minha aptidão?

– Não é sim. O que concluo – explica Tori – é que tu revelas aptidões semelhantes para pertenceres aos Abnegados, aos Intrépidos e aos Eruditos. E as pessoas que obtêm este tipo de resultado são... – Tori olha para trás, por cima do ombro, como se esperasse a chegada de alguém – ... são os chamados *Divergentes*.

Pronuncia a palavra tão baixinho que quase nem a ouço, enquanto retoma a expressão tensa e preocupada. Depois, contorna a cadeira e inclina-se para mim.

– Beatrice – diz –, não deves, em circunstância alguma, partilhar esta informação seja com quem for. Isto é muito importante.

– Eu sei que não devemos contar os resultados que obtemos. – Aceno afirmativamente com a cabeça.

– Não é isso. – Tori ajoelha-se junto a mim e apoia-se no braço da cadeira. Os nossos rostos ficam separados por centímetros. – O que se passa é diferente. Não estou a dizer que não deves contar agora. Quero é dizer que não deves contar a ninguém, nunca, aconteça o que acontecer. Ser Divergente é extremamente perigoso. Compreendes o que estou a dizer?

Não compreendo – como é que os resultados inconclusivos da prova podem ser perigosos? –, mas, apesar disso, faço que sim com a cabeça. Também não quero partilhar os resultados da minha prova com ninguém, de qualquer modo.

– Está bem. – Arranco as mãos dos braços da cadeira e levanto-me. Sinto-me tonta.

– Sugiro que vás para casa – diz Tori. – Tens muito em que pensar e ficares à espera, juntamente com os outros, pode não ser bom.

– Tenho de dizer ao meu irmão para onde vou.

– Eu digo-lhe.

Levo a mão à testa e olho para o chão, enquanto saio do gabinete. Não consigo olhar para Tori. Nem me sinto capaz de pensar na Cerimónia da Escolha, amanhã.

A escolha agora é minha, independentemente do que indica a prova. Abnegados. Intrépidos. Eruditos. Divergente.

Decido não regressar de autocarro. Se chegar mais cedo a casa, o meu pai dará por isso, ao verificar o registo da casa ao fim do dia, e eu terei de explicar o que aconteceu. Por isso, caminho. E terei de intercetar Caleb, antes de ele poder dizer alguma coisa aos nossos pais, embora Caleb saiba guardar segredos.

Sigo pelo meio da rua. Os autocarros tendem a fazer curvas apertadas e, por isso, é mais seguro assim. Às vezes, nas ruas ao pé da minha casa, vejo os locais onde estavam as linhas amarelas. Já de pouco servem, agora que há poucos carros. Também não precisamos de semáforos e, em alguns pontos, mantêm-se periclitantes, a oscilar por cima da rua como se fossem cair a qualquer momento.

As obras de renovação urbana progridem lentamente pela cidade, que se transforma numa manta de retalhos de edifícios novos e limpos à mistura com outros que estão a cair. Muitos dos novos edifícios localizam-se junto ao pântano, que já foi um lago, há muito tempo. A agência de trabalho voluntário dos Abnegados, onde a minha mãe está empregada, é responsável pela maior parte das obras de renovação.

Acho que o estilo de vida dos Abnegados é maravilhoso, quando olho para ele do lado de fora. Quando vejo a minha família a viver em harmonia, quando vamos a jantares e toda a gente arruma depois a cozinha, sem que ninguém o sugira, quando vejo Caleb a ajudar pessoas que não conhece, a transportar as compras delas, apaixono-me sempre por esta vida. Mas é quando tento vivê-la que tenho problemas. Nunca me parece uma coisa a sério.

E se escolher uma fação diferente, terei de renunciar à minha família. Para sempre.

Depois do setor da cidade onde vivem os Abnegados fica a extensão dos edifícios transformados em esqueletos e dos passeios destruídos, por onde passo agora. Há locais onde a rua abateu por completo, pondo a nu os sistemas de esgotos e as passagens subterrâneas que preciso de ter o cuidado de evitar, e outros que cheiram tão intensamente a esgotos e a lixo que até preciso de apertar o nariz.

É aqui que vivem os sem-fação. Como não conseguiram completar o processo de iniciação nas fações que escolheram, vivem aqui na miséria, fazendo as coisas que mais ninguém quer fazer. Ocupam-se da manutenção de edifícios, trabalham nas obras e recolhem o lixo, fazem tecidos e conduzem comboios e autocarros. Em troca do seu trabalho dão-lhes comida e vestuário, mas, como diz a minha mãe,

nunca em quantidade suficiente.

Vejo um sem-faço parado junto a uma esquina. Tem a roupa castanha rasgada e a pele parece estar a soltar-se-lhe do queixo. Olha para mim e eu, sem conseguir desviar o olhar, olho também para ele.

– Desculpa – diz ele. A voz é áspera. – Tens alguma coisa que se coma?

Sinto um nó na garganta. Uma voz severa dentro de mim ordena-me: *Baixa a cabeça e continua a andar.*

Mas não. Abano a cabeça. Não devo ter medo deste homem. Ele precisa de ajuda e é meu dever ajudá-lo.

– Hmm... sim. – Meto a mão na mochila. O meu pai diz-me para andar sempre com comida na mochila exatamente por isto. Ofereço-lhe uma pequena embalagem de fatias de maçã secas.

Ele estende a mão, como se fosse pegar-lhe, mas o que faz é fechar a mão em torno do meu pulso. Faz-me um sorriso. E mostra o buraco que tem entre os dentes da frente.

– Que olhos tão bonitos que tu tens – diz. – É uma pena que, no resto, sejas tão vulgar.

O meu coração começa a bater mais depressa. Puxo a mão, para me libertar, mas ele agarra-me com mais força. O seu hálito tem um cheiro acre e desagradável.

– Pareces demasiado novinha para andares aqui sem companhia, queridinha – continua.

Deixo de puxar pela mão e endireito as costas. Sei que pareço mais nova. Não preciso que mo lembrem.

– Sou mais velha do que pareço – contraponho. – Tenho dezasseis anos.

Os lábios dele abrem-se, revelando um molar cinzento com um buraco preto de lado. Não consigo perceber se ele está a sorrir ou a fazer-me uma careta.

– Então hoje não é um dia especial para ti? – pergunta. – O dia antes da escolha que tens de fazer?

– Largue-me – replico. Ouço uma campainha nos ouvidos. A minha voz parece mais nítida e mais firme e não era este o som que eu esperava ouvir ao falar. Sinto que a minha voz não me pertence.

Mas estou pronta. Já sei o que hei de fazer. Imagino-me a levantar o cotovelo e a atingi-lo com ele. Vejo o saco de pedaços de maçã a voar. Ouço o som dos meus passos a afastarem-se. Estou preparada para agir.

Mas ele liberta-me, pega na embalagem e só me diz:

– Sê sábia ao escolheres, rapariga.

Capítulo Quatro

Chego à rua onde moro cinco minutos antes da hora habitual, de acordo com o meu relógio, que é o único ornamento que a fação dos Abnegados permite aos seus membros e apenas porque é um instrumento prático. Tem uma correia cinzenta e um mostrador de vidro. Se o fizer oscilar com cuidado quase consigo ver o meu reflexo por cima dos ponteiros.

As casas que existem na minha rua são todas iguais em aspeto e em dimensão. São feitas de cimento cinzento, com poucas janelas, económicas e de linhas direitas. Os relvados são compostos pela erva daninha com aparência de relva chamada milhã-digitada e as caixas de correio são de metal baço. Para algumas pessoas, o conjunto pode parecer sombrio, mas, para mim, a sua simplicidade é reconfortante.

O motivo desta simplicidade não é o desprezo pela singularidade, como pensam às vezes as outras fações. Tudo – as nossas casas, a nossa roupa, o modo como nos penteamos – foi pensado para nos ajudar a esquecermo-nos de nós próprios e a proteger-nos da vaidade, da cobiça e da inveja, que são apenas formas de egoísmo. Se tivermos pouco e quisermos ter pouco e se formos todos iguais, não teremos inveja de ninguém.

É uma forma de vida de que eu tento gostar.

Sento-me nos degraus da entrada e espero por Caleb. Não demora. Passado um minuto vejo as silhuetas vestidas com túnicas cinzentas a descerem a rua. Ouço as gargalhadas. Na escola tentamos não chamar a atenção dos outros mas, em casa, já se brinca e já se dizem piadas. Apesar disso, a minha tendência natural para o sarcasmo não é bem recebida. O sarcasmo só funciona se houver uma vítima. Talvez seja melhor que os Abnegados queiram que eu não seja sarcástica. Talvez

não tenha de abandonar a minha família. Talvez se eu me esforçar por me adaptar à lógica dos Abnegados, se torne realidade o que eu finjo ser.

– Beatrice! – exclama Caleb. – Que aconteceu? Estás bem?

– Estou ótima. – Caleb está acompanhado por Susan e pelo irmão dela, Robert. E Susan está a olhar para mim de modo estranho, como se eu fosse uma pessoa diferente da que ela conhecia esta manhã. Encolho os ombros. – Quando acabou a prova, senti-me enjoada. Deve ter sido do líquido que nos dão. Mas agora já me sinto melhor.

Tento fazer um sorriso convincente. Parece-me que consegui convencer Susan e Robert, mas Caleb semicerra os olhos, a examinar-me com o mesmo olhar que usa quando suspeita de que alguém está a mentir.

– Vocês apanharam o autocarro? – pergunto. Não me interessa como é que Susan e Robert vieram para casa, mas preciso de mudar de assunto.

– O nosso pai teve de ficar a trabalhar até mais tarde – responde Susan – e disse-nos que devíamos refletir antes da cerimónia, amanhã.

Ao ouvir falar na cerimónia, o meu coração dá um pulo.

– Se quiserem aparecer depois do jantar, são bem-vindos – diz Caleb, delicadamente.

– Obrigada – responde Susan, com um sorriso.

Robert levanta uma sobrancelha e olha para mim. Temos andado os dois a trocar olhares há um ano, desde que Susan e Caleb começaram a namorar da maneira experimental que caracteriza os Abnegados. Caleb segue-a com os olhos, quando os dois irmãos se afastam. E eu tenho de agarrá-lo pelo braço para o despertar do transe. Levo-o para dentro de casa e fecho a porta.

Ele olha para mim. As sobrancelhas escuras e horizontais unem-se, fazendo aparecer uma ruga vertical entre elas. Quando ele franze o sobrolho, fica mais parecido com a minha mãe do que com o meu pai. E eu consigo vê-lo, de repente, a viver o mesmo tipo de vida do meu pai: entre os Abnegados, a aprender uma profissão, casando-se com Susan e formando uma família. Será maravilhoso.

E eu posso não estar cá para ver.

– Vais dizer-me a verdade, agora? – pergunta-me, suavemente.

– A verdade – respondo – é que não devo falar sobre isso. E tu não deves perguntar.

– Quebras tantas regras e não podes quebrar essa? Mesmo sendo uma coisa tão importante? – Mantendo as sobrancelhas muito

franzidas, morde o canto do lábio. Apesar de o tom das suas palavras ser semelhante ao de uma acusação, o que me parece é que ele está a tentar interrogar-me, para obter informações. Como se quisesse, realmente, ouvir a minha resposta.

Semicerro os olhos.

– E tu? Que aconteceu na tua prova, Caleb?

Ficamos a olhar um para o outro. Ouço o silvo de um comboio, tão débil que até podia ser o som do vento a soprar por entre as casas. Mas sei que é um comboio. Até me parece que são os Intrépidos a chamarem-me.

– Só que... não digas ao pai e à mãe o que aconteceu, está bem? – peço-lhe.

Caleb ainda fica a olhar para mim. Mas depois acena afirmativamente com a cabeça.

Apetece-me subir para o quarto e deitar-me. A prova, a caminhada e o encontro com o sem-faço cansaram-me. Mas foi o meu irmão que fez o pequeno-almoço esta manhã, foi a minha mãe que preparou os nossos almoços e coube ao meu pai fazer o jantar de ontem e, por isso, é hoje a minha vez de cozinhar. Respiro fundo e dirijo-me para a cozinha, para começar a tratar do assunto.

Caleb vem ter comigo quase logo a seguir. Ranjo os dentes. Ele ajuda em tudo. E o que mais me irrita nele é essa sua bondade natural e o seu altruísmo inato.

Começamos os dois a trabalhar, sem falarmos. Eu guiso ervilhas, no fogão. Ele descongela quatro pedaços de frango. Quase todos os alimentos que hoje comemos estão congelados ou enlatados, porque as quintas, atualmente, ficam muito distantes. A minha mãe já me contou que, há muito tempo, havia pessoas que não compravam produtos geneticamente transformados porque não os achavam naturais. Mas agora não temos alternativa.

Quando os meus pais chegam, o jantar está pronto e a mesa está posta. O meu pai larga a pasta à entrada e beija-me na cabeça. Há quem o ache dogmático – talvez demasiado dogmático –, mas ele também consegue ser um homem carinhoso. E eu tento ver só o que de bom existe nele. Tento com muita força.

– Como correu a prova? – pergunta-me, enquanto eu passo as ervilhas para uma tigela.

– Bem – respondo-lhe. Não poderia pertencer aos Cândidos. Minto demasiado facilmente.

– Ouvi dizer que houve uma perturbação qualquer com uma das

provas – diz a minha mãe. Tal como o meu pai, ela trabalha para o Governo, mas na gestão de projetos de requalificação da cidade. E no recrutamento dos voluntários para gerir as provas de aptidão. Mas, na maior parte dos casos, o que faz é organizar as pessoas que apoiam os sem-faço com comida, abrigo e ofertas de emprego.

– A sério? – pergunta o meu pai. É raro que haja problemas nas provas de aptidão.

– Não sei muita coisa, mas a minha amiga Erin disse-me que houve qualquer coisa que correu mal com uma das provas e que, por isso, os resultados tinham de ser comunicados verbalmente. – A minha mãe põe um guardanapo junto a cada prato. – Aparentemente, o aluno em questão sentiu-se mal e foi mandado mais cedo para casa. – Encolhe os ombros. – Espero que esteja bem. E vocês, ouviram alguma coisa?

– Não – responde Caleb. E sorri.

O lugar de Caleb também não é entre os Cándidos, como se vê.

Sentamo-nos à mesa. Passamos sempre a comida pela direita e ninguém começa a comer sem que todos se tenham servido. O meu pai estende as mãos à minha mãe e ao meu irmão e eles estendem as mãos para o meu pai e para mim e o meu pai agradece a Deus a comida, o trabalho e a existência dos amigos e da família. Nem todas as famílias dos Abnegados são religiosas, mas o meu pai diz que não devemos reparar nas diferenças porque elas só servirão para nos dividir. Não sei muito bem o que pensar sobre isso.

– Então – a minha mãe volta-se para o meu pai –, conta lá.

Pega na mão do meu pai e massaja-lhe os nós dos dedos com o polegar, num pequeno círculo. Fico a olhar para as mãos juntas deles. Os meus pais amam-se, mas raramente mostram à nossa frente o afeto que têm um pelo outro. Ensinaram-nos que o contacto físico é demasiado poderoso e eu comecei por me aperceber disso desde muito nova.

– Conta-me o que te preocupa – insiste a minha mãe.

Baixo os olhos para o prato. A intuição apurada da minha mãe é para mim uma surpresa, às vezes, mas neste caso tomo-a como uma censura. Estaria assim tão concentrada em mim própria que nem reparei no sobrolho franzido do meu pai e na sua postura caída?

– Tive um dia difícil no trabalho, hoje – responde o meu pai. – Bem, na verdade foi o Marcus quem teve um dia difícil. Não sou eu que posso reivindicá-lo.

Marcus é colega do meu pai. São ambos dirigentes políticos. A cidade é governada por um conselho de cinquenta pessoas, que

pertencem na totalidade aos Abnegados, porque a nossa fação é vista como incorruptível devido ao compromisso altruísta que assumimos. Os nossos dirigentes são selecionados pelos seus pares em função do caráter impecável, da força moral e das capacidades de liderança. Os representantes das outras fações podem intervir nas reuniões para tratar de determinados assuntos, mas a decisão final pertence ao conselho. E apesar de as decisões do conselho serem coletivas, tecnicamente, Marcus goza de uma influência muito especial.

Tem sido sempre assim desde o começo da grande paz, quando se formaram as fações. E acho que o sistema se mantém porque temos medo do que pode acontecer se as coisas não funcionarem: guerra.

– Foi por causa do relatório da Jeanine Matthews? – pergunta a minha mãe. Jeanine Matthews é a única representante dos Eruditos, selecionada pelo seu QI. E o meu pai queixa-se dela com frequência.

Levanto os olhos e pergunto:

– Um relatório?

Caleb lança-me um olhar de aviso: não devemos falar à mesa a não ser que os nossos pais nos façam uma pergunta diretamente e eles quase nunca o fazem. O meu pai diz que os nossos ouvidos são uma dádiva para eles. E só depois do jantar, na sala de estar, é que eles põem os ouvidos deles à nossa disposição.

– Sim – responde o meu pai. Semicerra os olhos. – São arrogantes e vaidosos, esses... – Para e pigarreia. – Desculpem. Ela distribuiu um relatório a atacar o caráter de Marcus.

Ergo as sobrancelhas.

– Que diz o relatório? – pergunto.

– Beatrice – insiste Caleb, em voz baixa.

Baixo a cabeça, dando voltas ao garfo até deixar de estar corada. Não gosto de ser repreendida. Em especial pelo meu irmão.

– Segundo o relatório – torna o meu pai –, a violência e a crueldade de Marcus para com o filho foram o que o levou a escolher os Intrépidos em vez dos Abnegados.

São poucas as pessoas que, tendo nascido na fação dos Abnegados, a trocam por outra. E, quando o fazem, nós lembramo-nos delas. Dois anos antes, o filho de Marcus, Tobias, optou pelos Intrépidos e Marcus ficou arrasado. Tobias era filho único e era também a sua única família, depois de a mulher ter morrido ao dar à luz o segundo filho do casal. Este só sobreviveu alguns minutos.

Nunca conheci Tobias. Raramente participava nos acontecimentos comunitários e nunca acompanhava o pai, quando ele vinha jantar a

nossa casa. E o meu pai comentava, com frequência, que isso era estranho. Mas, agora, já não interessa.

– Cruel? O Marcus? – A minha mãe abana a cabeça. – Pobre homem. Como se ele precisasse de que lhe recordassem a perda que sofreu.

– A traição do filho, queres tu dizer? – pergunta o meu pai, friamente. – Não me surpreenderia, nesta altura. Os Eruditos andam a atacar-nos com estes relatórios há meses. E não acaba aqui. Garanto-te que vai haver mais.

Eu não devia falar outra vez, mas não consigo conter-me. E a pergunta sai de repente:

– Porque estão eles a fazer isso?

– E se aproveitasses a ocasião para escutares o teu pai, Beatrice? – pergunta-me a minha mãe, gentilmente. Di-lo como um conselho e não uma ordem. Olho para Caleb, à minha frente, que mantém o mesmo olhar de reprovação.

Olho para as ervilhas. Sem saber se consigo continuar a viver esta vida de obrigações por muito mais tempo. Não sou suficientemente boa para isso.

– Vocês sabem porquê – diz o meu pai. – Porque nós temos uma coisa que eles querem. A valorização do conhecimento acima de todas as coisas dá origem a um desejo de poder e isso empurra as pessoas para desertos sombrios. Devemos dar graças a Deus por sabermos mais do que eles.

Faço que sim com a cabeça. Sei que não optarei pelos Eruditos mesmo que os resultados da minha prova o recomendassem. Nisto saio ao meu pai.

Depois do jantar, são os meus pais que arrumam a cozinha. Nem deixam que Caleb os ajude, porque nós devemos ficar sozinhos esta noite, para podermos refletir nos nossos resultados, em vez de nos reunirmos na sala familiar.

A minha família poderia ajudar-me a escolher, se eu pudesse falar sobre os resultados. Mas não posso. O aviso sussurrado de Tori ecoa no meu pensamento cada vez que sinto fraquejar a minha determinação de ficar calada.

Caleb e eu subimos a escada e, no patamar, antes de recolhermos aos nossos quartos individuais, ele trava-me com uma mão no ombro.

– Beatrice – diz-me, fitando-me com severidade –, devemos pensar na nossa família. – Tem um tom ligeiramente agressivo na voz. – Mas... também precisamos de pensar em nós.

Fico a olhar para ele, por instantes. Nunca o vi a pensar nele próprio, nunca o ouvir insistir em mais nada senão no altruísmo.

E fico tão surpreendida pelo comentário que lhe ouvi que digo apenas o que se pode esperar:

– As provas não têm de alterar as nossas escolhas.

Caleb faz um pequeno sorriso.

– Achas que não?

Aperta-me o ombro e dirige-se para o quarto dele. Pela porta entreaberta, vejo a cama que está por fazer e um monte de livros em cima da secretária. Caleb fecha a porta. Gostaria de poder dizer-lhe que estamos a passar pelo mesmo. Gostaria de poder falar com ele como desejaria fazê-lo, em vez de cumprir apenas a minha obrigação. Mas a ideia de confessar que preciso de ajuda é excessiva para mim e, por isso, volto-lhe as costas.

Entro no meu quarto e, ao fechar a porta, percebo que a minha decisão pode ser simples. Escolher os Abnegados vai exigir-me uma grande dose de altruísmo e escolher os Intrépidos uma grande dose de coragem e bastar-me-á o ato de escolher para saber, em definitivo, a que faço pertença. Amanhã, o altruísmo e a coragem vão estar em conflito dentro de mim e a verdade é que só uma destas qualidades pode vencer

Capítulo Cinco

O autocarro que apanhamos para irmos para a Cerimónia da Escolha encheu-se de pessoas com camisas e calças cinzentas. O sol está transformado num anel difuso, como se as nuvens tivessem sido queimadas por uma ponta de cigarro. Eu nunca hei de fumar um cigarro – estão muito associados à vaidade pessoal –, mas uma multidão de Cândidos já está a fumar diante do edifício, quando lá chegamos.

Tenho de inclinar a cabeça para o lado para ver o topo do Centro e, mesmo assim, uma parte do edifício desaparece nas nuvens. É o edifício mais alto da cidade. Da janela do meu quarto consigo avistar as luzes que estão sempre acesas nos seus dois picos.

Os meus pais saem do autocarro e eu sigo-os. Caleb parece estar calmo, mas eu também estaria se soubesse o que hei de fazer. Em vez disso, o que sinto é que o coração me vai sair disparado do peito a qualquer instante e até me agarro ao braço dele para me apoiar, enquanto subo os degraus da entrada.

O elevador está apinhado de gente e, por isso, o meu pai mostra-se logo disposto a dar o nosso lugar a um grupo de Cordiais. E nós seguimo-lo, a pé pelas escadas, sem o questionarmos. Damos o exemplo aos nossos companheiros de facção e rapidamente nos vemos cercados por uma multidão vestida de tecido cinzento que também começou a subir as escadas a pé, à meia-luz. Os nossos movimentos harmonizam-se. O ritmo uniforme dos passos, na minha cabeça, e a homogeneidade das pessoas que me rodeiam fazem-me acreditar que podia escolher isto. Podia, de facto, ser incluída na mentalidade de colmeia dos Abnegados, sempre projetada para o exterior.

Mas cedo as minhas pernas se cansam e eu começo a respirar com

difficuldade e a sentir-me distraída pelos meus próprios pensamentos. Temos de subir vinte lanços de escadas para chegar à Cerimónia da Escolha.

O meu pai abre a porta ao chegar ao vigésimo andar e segura-a, como uma sentinela, enquanto os Abnegados passam por ele. Devia esperar por ele, mas a multidão empurra-me para a frente, para fora da escada e para dentro do salão, onde vou decidir como vai ser o resto da minha vida.

O espaço está disposto em círculos concêntricos. Nas orlas encontram-se os jovens de dezasseis anos de todas as fações. Nós ainda não somos membros. As decisões que tomarmos hoje vão transformar-nos em simples iniciados e só nos tornaremos membros quando o processo de iniciação estiver concluído.

Alinhamo-nos por ordem alfabética, de acordo com os apelidos que podemos vir a deixar para trás a partir de hoje. Eu fico entre Caleb e Danielle Pohler, uma rapariga dos Cordiais, de vestido amarelo e bochechas cor-de-rosa.

O círculo seguinte é composto por filas de cadeiras destinadas aos nossos pais. Estão dispostas em cinco secções, respeitando a divisão das fações. Nem toda a gente das cinco fações vem à Cerimónia da Escolha, mas acabam por vir tantas pessoas que a multidão parece enorme. As fações revezavam-se todos os anos na responsabilidade pela organização da cerimónia e, este ano, pertence aos Abnegados. Marcus vai fazer o discurso de abertura e lerá depois os nomes por ordem alfabética, de trás para a frente. Caleb vai escolher antes de mim.

No último círculo estão cinco taças de metal tão grandes que eu caberia lá dentro sem problemas, se me encolhesse um pouco. Cada uma delas contém a substância que representa cada facção: pedras cinzentas para os Abnegados, água para os Eruditos, terra para os Cordiais, carvão em brasa para os Intrépidos e vidro para os Cándidos.

Quando Marcus me chamar, irei até ao centro dos três círculos. Ficarei em silêncio. Ele oferecer-me-á uma faca. Eu farei um golpe na minha mão e deixarei pingar o sangue para a taça correspondente à facção que escolher.

O meu sangue nas pedras. Ou o meu sangue a crepitar no carvão.

Antes de se sentarem, o meu pai e a minha mãe ficam por instantes diante de nós. O meu pai beija-me a testa e dá uma pequena palmada no ombro de Caleb, com um sorriso.

– Até já – diz. Não tem dúvidas.

A minha mãe abraça-me e a certeza que eu tinha quase desaparece. Cerro bem os maxilares e olho para o teto, onde estão pendurados os globos que enchem o salão com luz azul. A minha mãe fica agarrada a mim durante o que parece ser muito tempo, mesmo depois de eu baixar as mãos. Antes de se afastar, volta a cabeça e sussurra-me ao ouvido:

– Amo-te. Aconteça o que acontecer.

Franzo o sobrolho, vendo-a afastar-se. Ela sabe o que eu poderei vir a fazer. Tem de saber ou, de outro modo, não teria necessidade de dizer o que disse.

Caleb agarra-me as mãos, apertando-as com tanta força que me faz doer, mas eu não o largo. Foi no funeral do meu tio, quando o nosso pai chorou, que apertámos as mãos pela última vez. Cada um de nós precisava de sentir a força do outro. Tal como agora.

A multidão começa a sossegar, lentamente. Eu devia estar a observar os Intrépidos, a recolher o máximo de informação que pudesse. Mas só consigo fixar-me nas luzes do outro lado do salão, tentando perder-me no brilho azul que emitem.

Marcus já está no pódio, entre os Eruditos e os Intrépidos, a pigarrear para o microfone.

– Sejam bem-vindos – diz. – Sejam bem-vindos à Cerimónia da Escolha. Sejam bem-vindos neste dia em que homenageamos a filosofia democrática dos nossos antepassados que diz que cada pessoa tem o direito de escolher o seu rumo nesta vida.

Ou, penso eu, um de cinco rumos já pré-determinados. Aperto os dedos de Caleb com a mesma força com que ele está a apertar os meus.

– Os nossos filhos têm agora dezasseis anos. Estão diante do precipício da idade adulta e cabe-lhes decidir que tipo de pessoa querem ser. – A voz de Marcus é solene, dando o mesmo realce a cada palavra. – Há várias décadas, os nossos antepassados compreenderam que a culpa da existência de um mundo capaz de fazer a guerra não tem a ver com a ideologia política, com a crença religiosa, com a raça ou com o nacionalismo. Descobriram, em vez disso, que a responsabilidade era de uma falha da personalidade humana, da tendência da Humanidade para o mal, seja qual for a forma que ele assume. Dividiram-se em fações, para tentarem erradicar as características que viam como responsáveis pelas perturbações do mundo.

Os meus olhos desviam-se para as taças no centro do salão. Em que

acredito eu? Não sei. Não sei. Não sei.

– Os que responsabilizavam a agressão formaram os Cordiais.

Os Cordiais trocam sorrisos. Estão vestidos muito à vontade, em tons de amarelo ou de vermelho. Sempre que os vejo, parecem-me adoráveis, simpáticos e livres. Mas juntar-me a eles nunca foi uma hipótese para mim.

– Os que responsabilizavam a ignorância tornaram-se os Eruditos.

Excluir os Eruditos foi a única parte fácil da minha escolha.

– Os que responsabilizavam a desonestidade deram origem aos Cândidos.

Nunca gostei dos Cândidos.

– Os que responsabilizavam o egoísmo deram origem aos Abnegados.

Eu responsabilizo o egoísmo. A sério.

– E entre os que responsabilizavam a cobardia surgiram os Intrépidos.

Mas não sou suficientemente altruísta. Andei a tentar durante dezasseis anos e nunca cheguei a esse ponto.

Sinto as pernas dormentes, como se a vida me tivesse fugido, e fico a pensar se conseguirei avançar quando for chamada.

– Trabalhando em conjunto, estas cinco fações viveram em paz durante muitos anos, dando cada uma delas o seu contributo a um setor diferente da sociedade. Os Abnegados satisfizeram a nossa necessidade de dirigentes altruístas no Governo; os Cândidos deram à nossa sociedade dirigentes firmes e a confiança na lei; os Eruditos deram-nos professores e investigadores inteligentes; os Cordiais deram-nos conselheiros e vigilantes compreensivos; e, finalmente, os Intrépidos garantem-nos proteção contra as ameaças de dentro e de fora. Mas a intervenção de cada fação não está limitada a esses domínios. Damos uns aos outros mais do que podemos adequadamente resumir em palavras. Nas nossas fações encontramos a motivação, o propósito e a vida.

Penso no lema que encontrei no livro da História das Fações: «A fação antes do sangue». Mais do que à nossa própria família, pertencemos às fações. E é assim que deve ser?

Marcus acrescenta:

– Sem elas, não sobreviveríamos.

O silêncio que se segue às suas palavras é o silêncio mais pesado de todos. Traz com ele o nosso medo mais forte, mais forte ainda do que o medo da morte: o medo que cada pessoa tem de se transformar num

sem-faço.

Marcus prossegue:

– Este dia é, por isso, um dia feliz. É o dia em que recebemos os nossos novos iniciados, que trabalharão connosco em prol de uma sociedade e de um mundo melhores.

Uma salva de palmas. Mas abafadas. Tento manter-me completamente imóvel porque trancar os joelhos e manter o corpo rígido é a única maneira de não começar a tremer. Marcus lê os primeiros nomes, mas eu não diferencio uma sílaba da outra. Como saberei que ele me está a chamar?

Um por um, os jovens de dezasseis anos saem dos seus lugares e encaminham-se para o centro do salão. A primeira rapariga a escolher opta pelos Cordiais, a mesma fação de onde é oriunda. Vejo-lhe as gotas de sangue a cair na terra, e ela fica sozinha atrás das cadeiras.

O salão está em constante movimento: outro nome, outra pessoa a escolher, uma faca nova e uma nova escolha. Reconheço muitos deles mas duvido que me reconheçam.

– James Tucker – diz Marcus.

James Tucker, dos Intrépidos, é a primeira pessoa que tropeça quando se encaminha para as taças. Estende os braços e tenta recuperar o equilíbrio antes de atingir o chão. Fica vermelho e dirige-se rapidamente para o centro. Aí chegado, desvia os olhos da taça dos Intrépidos para a dos Cândidos, das chamas cor de laranja que se erguem cada vez mais altas e para o vidro que reflete a luz azul.

Marcus oferece-lhe a faca. James respira fundo – vejo-lhe o peito a erguer-se – e, ao expirar, aceita-a. Depois, passa-a pela palma da mão com um movimento rápido e afasta o braço para o lado. O sangue pinga para o vidro e ele é o primeiro, de todos nós, a trocar de fação. A primeira transferência para outro grupo. Ergue-se um murmúrio do setor dos Intrépidos e eu fixo os olhos no chão.

A partir deste momento vão vê-lo como traidor. Os pais, que fazem parte dos Intrépidos, poderão visitá-lo na nova fação, dentro de semana e meia, no Dia das Visitas, mas não o farão, porque ele os abandonou. O vazio deixado por James vai fazer-se sentir e esse espaço nunca será preenchido. Só com a passagem do tempo o vazio vai desaparecer, como acontece quando um órgão é retirado de um corpo e os fluidos corporais acabam por ocupar o lugar que ele anteriormente ocupara. Os seres humanos não toleram o vazio durante muito tempo.

– Caleb Prior – diz Marcus.

Caleb aperta-me a mão uma última vez e afasta-se, olhando ainda para mim por cima do ombro. Vejo os pés dele a moverem-se, a transportarem-no para o centro do salão e depois as mãos, firmes, a aceitarem a faca que Marcus lhe entrega, e, com movimentos seguros, a prepararem-se para o corte. Caleb fica imóvel, com o sangue a acumular-se na palma da mão e os lábios colados aos dentes.

Depois, expele o ar. E inspira. Em seguida põe a mão por cima da taça dos Eruditos e o sangue pinga para a água, tingindo-a de vermelho-escuro.

Ouçó murmúrios que se transformam em gritos de ultraje. Nem consigo pensar. O meu irmão, o meu irmão altruísta, a mudar de fação? O meu irmão, que nasceu para os Abnegados, um *Erudito*?

Fecho os olhos e vejo o monte de livros na secretária de Caleb e as mãos trémulas que ele estava a esfregar nas calças depois da prova de aptidão. Como pude não perceber, quando me disse que devia pensar em mim, na noite anterior, que esse conselho também era para ele próprio?

Observo o grupo dos Eruditos. Mostram sorrisos convencidos e acotovelam-se mutuamente. Os Abnegados, normalmente tão calmos, falam uns com os outros em murmúrios tensos e olham para a fação que, no outro lado, se tornou nossa inimiga.

– Por favor – diz Marcus. Mas a multidão não o ouve e ele é forçado a gritar. – Silêncio, por favor!

A multidão acalma-se e cala-se. Só se ouve o som de uma campainha.

Ouçó o meu nome e avanço, num sobressalto. Já a caminho das taças, sinto que escolherei os Abnegados. Percebo-o agora. Imagino-me a tornar-me uma mulher vestida com a roupa dos Abnegados, a casar com Robert, o irmão de Susan, oferecendo-me como voluntária aos fins de semana, satisfeita com a paz da rotina, das noites tranquilas passadas à lareira, com a certeza de que estarei segura e, se não suficientemente bem, pelo menos melhor do que agora.

O som da campainha. É um som que só eu ouço, na minha cabeça.

Olho para Caleb, que está agora de pé atrás dos Eruditos. Ele devolve-me o olhar e acena com a cabeça, como se soubesse o que estou a pensar e concordasse. As minhas pernas vacilam. Se Caleb não estava apto para os Abnegados, como é que eu poderei estar? Mas que posso eu fazer, agora que ele nos deixou e que só resto eu? Ele não me permite outra opção.

Cerro os maxilares. Serei eu a ficar. Tenho de fazê-lo pelos meus

pais. É o que tem de ser.

Marcus oferece-me a minha faca. Fito-o – os olhos dele são de um azul muito escuro, uma cor estranha – e pego nela. Ele acena-me com a cabeça e eu volto-me para as taças. As taças com o fogo dos Intrépidos e as pedras dos Abnegados estão à minha esquerda, uma na direção do meu ombro e a outra logo a seguir. Seguro a faca com a mão direita e encosto a lâmina à palma da outra mão. Rangendo os dentes, forço a faca. É uma picada que mal sinto. Mantenho as duas mãos contra o peito e estremeço ao respirar.

Abro os olhos e estendo o braço. O meu sangue pinga para o tapete entre as duas taças. Depois, num momento de clareza, não consigo conter-me. Estico a mão e o meu sangue chia sobre o carvão em brasa.

Sou egoísta. E sou corajosa.

Capítulo Seis

Fixo os olhos no chão e fico de pé atrás dos iniciados que já nasceram no seio dos Intrépidos e que optaram por regressar à sua própria fação. São todos mais altos do que eu e, por isso, ao levantar a cabeça, só vejo ombros vestidos de preto. Quando a última rapariga faz a sua escolha – optando pelos Cordiais –, chega o momento de nos irmos embora. Os Intrépidos são os primeiros a sair. Sem desviar os olhos da pessoa que caminha à minha frente, passo pelos homens e pelas mulheres de roupa cinzenta, a cuja fação pertenci.

Mas preciso de ver os meus pais mais uma vez. Olho por cima do ombro, no último instante, antes de passar por eles, e desejo imediatamente não o ter feito. Os olhos do meu pai são raios acusadores que perfuram os meus. De início, ao sentir o calor nos meus olhos, penso que ele arranjou maneira de me pegar fogo, de me castigar pelo que fiz, mas não – estou é quase a chorar.

A minha mãe está atrás dele, a sorrir-me.

As pessoas que caminham atrás de mim obrigam-me a andar mais depressa, a afastar-me dos meus pais, que serão os últimos a partir. São mesmo capazes de ficar, para ajudarem a empilhar as cadeiras e a limpar as taças. Volto a cabeça e vejo Caleb no meio do grupo dos Eruditos, a apertar a mão a outro rapaz que pertencia aos Cândidos e que também mudou de fação. O sorriso fácil que ostenta é um ato de traição. Sinto o estômago às voltas e desvio o olhar. Se as coisas são tão fáceis para ele, também o deviam ser para mim.

Olho para o rapaz que está à minha esquerda, que fazia parte dos Eruditos e que agora está tão pálido e nervoso como eu me devia sentir. Andei preocupada o tempo todo com a fação que iria escolher e nunca pensei no que poderia acontecer se optasse pelos Intrépidos. O

que me espera no quartel-general deles?

Os Intrépidos que nos conduzem desviam-se para as escadas em vez de irem para os elevadores. Pensei que só os Abnegados é que usavam as escadas.

E depois começam todos a correr. Ouço gritos e apupos e gargalhadas à minha volta e dezenas de pés que tocam no chão com ritmos diferentes. Não é um ato altruísta a opção dos Intrépidos pelas escadas. É, sim, um gesto louco de afirmação.

– Que raio se passa? – pergunta o rapaz a meu lado.

Abano a cabeça, em resposta, e continuo a correr. Já estou sem fôlego quando chegamos ao primeiro andar e os Intrépidos irrompem pela saída. O ar, no exterior, é frio e seco e o céu está cor de laranja devido ao sol que já se põe e a atmosfera é refletida pelo vidro escuro do Centro.

Os Intrépidos espalham-se pela rua, bloqueando um autocarro que quer passar, e eu tenho de me apressar para não me perder do resto do grupo. A confusão que sinto dissipa-se enquanto corro. Já há muito tempo que não o faço. Os Abnegados desencorajam qualquer coisa que se faça por diversão e, aqui, é disso que se trata: os pulmões em fogo, os músculos que começam a doer, o simples prazer de uma corrida a direito. Vou atrás dos Intrépidos rua abaixo, viro a esquina e ouço um som que conheço: o comboio, a apitar.

– Oh, não – murmura o rapaz que veio dos Eruditos. – Esperam que nós saltemos para aquela coisa?

– Sim – respondo-lhe, sem fôlego.

Foi útil ter passado tanto tempo a ver os Intrépidos a chegarem à escola. O grupo organiza-se numa fila comprida. O comboio desliza nos carris de aço, em direção a nós, a luz a piscar, a apitar sem cessar. As portas dos vagões estão todas abertas, à espera dos Intrépidos, e eles começam a entrar, em grupos, deixando para trás apenas os iniciados. Os iniciados que tinham nascido entre os Intrépidos já estão habituados a fazê-lo e, por isso, são apenas os que vieram de outras fações que ficam para trás.

Avanço, logo seguida por outros, e começo a correr. Acompanhamos um vagão durante algum tempo e depois atiramo-nos para o lado, para o comboio. Não sou tão alta nem tão forte como alguns deles e, por isso, não consigo içar-me para entrar no vagão. Agarro-me a uma pega junto da porta e o meu ombro embate com força no ferro. Sinto os braços a tremer e, por fim, uma rapariga vinda dos Cândidos agarra-me e puxa-me para dentro. Agradeço-lhe, ofegante.

Ouço um grito e olho por cima do ombro. Um rapaz dos Eruditos, baixo e de cabelo vermelho, levanta os braços a tentar segurar-se a qualquer coisa que lhe permita subir para o comboio. Uma rapariga dos Eruditos estende as mãos para o apanhar, mas o rapaz já está muito longe. Acaba por cair de joelhos, junto aos carris, a cabeça enfiada nas mãos.

Sinto-me inquieta. Ele acabou de reprovar no processo de iniciação para fazer parte dos Intrépidos. E ficou a pertencer à categoria dos sem-faço. É algo que pode acontecer a qualquer momento.

– Estás bem? – pergunta-me, num movimento brusco, a rapariga dos Cándidos que me ajudara. É alta, de pele castanho-escuro e cabelo curto. É bonita.

Aceno afirmativamente com a cabeça.

– Sou a Christina – diz-me, estendendo-me a mão.

Também há muito tempo que não aperto uma mão. A forma de cumprimento, entre os Abnegados, é um aceno de cabeça, como sinal de respeito. Tomo-lhe a mão, sem saber muito bem o que fazer, e sacudo-a por duas vezes, esperando não estar a fazer muita pressão nem a ser demasiado superficial.

– Beatrice – digo-lhe.

– Sabes para onde vamos? – Christina tem de gritar para se sobrepor ao ruído do vento, que entra agora cada vez com mais força pelas portas abertas. A velocidade do comboio está a aumentar. Sento-me. Será mais fácil manter o equilíbrio se estiver mais perto do chão. Christina levanta uma sobrancelha.

– Um comboio a grande velocidade significa vento – afirmo. – E vento significa cairmos. Baixa-te.

Christina senta-se junto a mim, recuando para se encostar à parede.

– Acho que estamos a ir para a sede dos Intrépidos – observo –, mas não sei onde possa ser.

– E haverá alguém que saiba? – Christina abana a cabeça, com um sorriso. – É como se saíssem de um buraco no chão, ou algo parecido.

O vento, mais forte, invade o vagão e os que vinham das outras fações são empurrados pelo ar em movimento e caem uns por cima dos outros. Vejo Christina a rir-se, sem no entanto a ouvir, e esboço um sorriso.

Por cima do ombro esquerdo vejo a luz cor de laranja do pôr do sol a refletir-se nas superfícies vidradas dos edifícios e é com dificuldade que ainda distingo o bairro de casas cinzentas onde vivi.

Era Caleb quem devia fazer hoje o jantar. Quem o substituirá? A

minha mãe ou o meu pai? E quando forem esvaziar o quarto dele, o que encontrarão? Livros, decerto, metidos entre o armário e a parede e debaixo do colchão. A sede de conhecimento dos Eruditos a preencher todos os espaços escondidos do quarto. Teria ele sabido desde sempre que iria escolher os Eruditos? Se assim fosse, como é que eu não dei por isso?

Que bom ator se revelou ele. Este pensamento dá-me volta ao estômago porque, embora eu também os tivesse abandonado, pelo menos nem me mostrei capaz de fingir. Pelo menos, todos sabiam que eu não era altruísta.

Fecho os olhos e imagino a minha mãe e o meu pai, sentados em silêncio à mesa do jantar. Será uma sugestão de altruísmo, que me aperta a garganta quando penso nos meus pais, ou será apenas egoísmo, por saber que nunca mais poderei ser considerada filha deles?

*

– Estão a saltar!

Levanto a cabeça. Sinto uma dor no pescoço. Tenho estado curvada, com as costas encostadas à parede, há pelo menos meia hora, a ouvir o vento trovejante e a ver a cidade dissolver-se, como uma nódoa, à medida que avançamos. Endireito-me. O comboio começou a abrandar nos últimos minutos e vejo que o rapaz que gritou tem razão: os Intrépidos que viajam nos vagões antes do nosso estão a saltar para um telhado por onde passa o comboio. A linha está à altura de sete andares.

A ideia de saltar de um comboio em andamento para um telhado, sabendo que há um espaço vazio entre a beira do telhado e a linha, causa-me náuseas. Obrigo-me a pôr-me em pé e vou a cambalear até ao lado oposto do vagão, onde os que vêm das outras fações já estão a formar uma fila.

– Temos de saltar, então – diz uma rapariga dos Cândidos. Tem um nariz grande e dentes tortos.

– Ótimo – diz um rapaz que também veio dos Cândidos –, porque isto faz todo o sentido, Molly. Saltar de um comboio para um telhado.

– Foi o que escolhemos, Peter – replica a rapariga.

– Bem, eu não o vou fazer – declara um rapaz dos Cordiais, atrás de mim. Tem a pele cor de azeitona e usa uma camisola castanha. Foi o único que veio dos Cordiais. As faces estão reluzentes, devido às

lágrimas.

– Tens de o fazer, ou então chumbas – diz-lhe Christina. – Anda, que vai correr tudo bem.

– Não, não vai! Prefiro ser um sem-faço do que morrer!

O rapaz dos Cordiais abana a cabeça. Parece estar com um ataque de pânico. Continua a abanar a cabeça e a olhar para o telhado, que está cada vez mais próximo.

Eu não concordo com ele. Preferia estar morta do que vazia, como os sem-faço.

– Não o podes obrigar – afirmo, olhando de relance para Christina. Tem os olhos castanhos muito abertos e comprime os lábios com tanta força que quase os força a mudarem de cor. Estende-me a mão.

– Pega – diz-me. Levanto uma sobancelha, a olhar-lhe para a mão estendida, prestes a dizer que não preciso de ajuda. – Não consigo – acrescenta, antes que eu diga alguma coisa. – Só se alguém puxar por mim.

Agarro-lhe a mão e ficamos à beira da porta do vagão. E quando estamos junto do telhado, começo a contar:

– Um... dois... *três!*

Ao grito de «Três!», saltamos do vagão. É um momento em que pareço não ter peso, antes de sentir os pés a embaterem com força num plano sólido e, logo a seguir, picadas dolorosas nos tornozelos. Não me aguento em pé e perco o equilíbrio, caindo desamparada no teto, a sentir o cascalho no rosto. Largo a mão de Christina, que se ri.

– Foi giro – proclama.

Ela vai adaptar-se bem à tendência dos Intrépidos para procurarem emoções fortes. Sacudo as pedrinhas do rosto. Todos os iniciados, com exceção do rapaz dos Cordiais, conseguiram passar para o telhado com graus diferentes de êxito. Molly, a rapariga dos Cândidos que tem os dentes tortos, está agarrada ao tornozelo, a fazer uma careta de dor, e Peter, o rapaz dos Cândidos de cabelo brilhante, exhibe um sorriso de orgulho. Deve ter conseguido aterrar sem cair.

Ouço um grito. Volto-me, à procura da origem do som. Uma rapariga dos Intrépidos está à beira do telhado, a olhar para o chão em baixo e a gritar. Um rapaz dos Intrépidos, atrás dela, está a agarrá-la pela cintura, para evitar que ela caia.

– Rita – diz-lhe. – Rita, acalma-te. Rita...

Levanto-me e vou até à beira do telhado. Lá em baixo, no solo, está caído um corpo: uma rapariga de braços e pernas dobrados em ângulos estranhos, o cabelo espalhado à volta da cabeça como um

leque. Sinto como que um murro no estômago e desvio o olhar para a linha do comboio. Nem todos conseguiram. E nem para os Intrépidos isto é completamente seguro.

Rita ajoelha-se, a soluçar. Volto-me. Quanto mais olhar para ela, maior é o risco de também começar a chorar e não posso fazê-lo diante desta gente toda.

Digo a mim própria, com toda a firmeza, que *é assim que as coisas aqui funcionam*. Que fazemos coisas perigosas e que as pessoas morrem. As pessoas morrem e nós avançamos para o próximo perigo. E quanto mais depressa aprender a lição, maiores são as hipóteses de sobreviver à iniciação.

Mas já não tenho a certeza de conseguir sobreviver.

Digo a mim própria que vou contar até três e que, quando chegar ao fim, seguirei em frente. *Um*. Vejo o corpo da rapariga lá em baixo no chão e estremeço. *Dois*. Ouço os soluços de Rita e os murmúrios de conforto do rapaz junto dela. *Três*.

Comprimo os lábios e afasto-me de Rita e da beira do telhado.

Sinto uma picada no cotovelo. Levanto a manga para ver o que se passa, com a mão ainda a tremer. Parte da pele foi arrancada, mas não está a sangrar.

– Ooh!... Que *escandaloso*! Uma Empata a mostrar o corpo!

Levanto a cabeça. «Empata» é o nome que dão popularmente aos Abnegados e eu sou a única pessoa dessa facção. Peter aponta para mim, com um sorriso de troça. Ouço gargalhadas. Sinto-me a corar e baixo a manga.

– Ouçam bem! O meu nome é Max! Sou um dos chefes da vossa nova facção! – grita um homem no outro lado do telhado. É mais velho do que todos os outros, com rugas cavadas na pele escura e cabelo grisalho nas têmporas e está de pé à beira do telhado com a descontração de quem anda a passear. Como se uma pessoa não tivesse acabado de morrer ao cair do telhado. – Por baixo de nós, a alguns andares de distância, fica a entrada para a nossa sede, que é destinada aos membros. Se não conseguirem controlar a vossa própria vontade e saltarem, o vosso lugar não é aqui. Cabe aos iniciados o privilégio de serem os primeiros.

– Quer que saltemos *lá para baixo*? – pergunta uma rapariga dos Eruditos. É poucos centímetros mais alta do que eu, com cabelo castanho emaranhado e lábios grossos. Está de boca aberta.

Não sei por que motivo se há de sentir chocada.

– Claro – responde Max. Parece estar a divertir-se.

- Há água lá no fundo ou alguma coisa assim?
- Quem sabe? – Max ergue as sobrancelhas.

A multidão que está à nossa frente divide-se, abrindo caminho para os iniciados poderem passar. Olho em redor. Ninguém parece estar com vontade de saltar do edifício – estão todos a olhar para tudo menos para Max. Uns estão a ocupar-se de pequenas lesões e outros a sacudir o cascalho da roupa. Olho de esguelha para Peter. Está a arrancar uma cutícula. A fazer de conta que está descontraído.

Sou uma pessoa orgulhosa. É uma coisa que me vai causar problemas, um dia, mas que hoje me dá coragem. Aproximo-me da beira do telhado e ouço risinhos atrás de mim.

Max desvia-se, deixando-me o caminho livre. Paro, mesmo à beira, a olhar para baixo. O vento chicoteia-me a roupa. O edifício em que me encontro forma um quadrado juntamente com outros três. No centro do quadrado está um buraco enorme no pavimento. E eu não consigo ver o que lá está dentro.

É uma tática pensada para meter medo. Vou aterrar em segurança lá em baixo. Esta certeza é a única coisa que me encoraja. Os meus dentes começam a bater. Já não posso recuar. Sobretudo com toda aquela gente, atrás de mim, que deve estar a pensar que vou falhar. Levo as mãos ao colarinho da camisa e toco nos botões que a mantêm fechada. Abro-os, um a um, do colarinho até à bainha, e dispo-a.

Por baixo, tenho uma t-shirt cinzenta. Está-me mais justa do que qualquer outra roupa que eu tinha e ninguém me viu ainda vestida só com ela. Enrolo a minha camisa e olho por cima do ombro, para Peter. Atiro-lhe a bola de tecido, com toda a minha força, de dentes bem cerrados. A camisa bate-lhe no peito. Ele olha para mim. Ouço gritos e assobios à minha volta.

Olho outra vez para o abismo. Sinto a pele dos meus braços brancos a ficar arrepiada e o estômago a andar às voltas. Se não o fizer já, nunca mais conseguirei fazê-lo. Engulo em seco.

E não penso. Dobro os joelhos e salto.

O vento uiva-me aos ouvidos enquanto o solo parece vir ao meu encontro, cada vez maior. Ou então sou eu que vou ao encontro dele, com o coração a bater com tanta força que me dói, com cada músculo do corpo cada vez mais tenso à medida que a sensação de queda me retorce o estômago. De repente, o buraco acolhe-me e eu mergulho no escuro.

Caio em cima de qualquer coisa rija. Que cede, com o meu peso, envolvendo-me. O impacto faz-me perder o fôlego e eu fico com

difficuldade em respirar. E sinto picadas de dor nas pernas e nos braços.

Uma rede. É o que está no fundo do buraco: uma rede. Olho para cima, para o edifício e rio-me, em parte aliviada e em parte histérica. Estou toda a tremer. Cubro o rosto com as mãos. Acabei de saltar de um telhado!

Preciso de encontrar terreno firme, novamente. Vejo algumas mãos a estenderem-se na minha direção, por cima da rede, e agarro a que está mais próxima, para me apoiar e sair dali. Rebolo sobre mim própria e teria caído de borco num chão de madeira se ele não me tivesse agarrado.

«Ele» é o jovem que está do outro lado das mãos a que me agarrei. Tem um lábio superior proeminente e um lábio inferior grosso. Os olhos, tão encovados que as pestanas quase tocam nos sobrolhos, são de um azul muito escuro, com uma tonalidade sonhadora, de quem parece estar à espera de qualquer coisa.

Agarra-me nos braços com força, mas larga-me assim que me ponho de pé.

– Obrigada – digo-lhe.

Estamos numa plataforma, a cerca de três metros do solo, numa caverna sem teto.

– Nem dá para acreditar – diz uma voz atrás dele. Pertence a uma rapariga de cabelos pretos, que tem três anéis prateados no sobrolho direito. Faz-me um sorriso de troça. – Uma Empata foi a primeira a saltar? Nunca tal se viu.

– Há um motivo para ela os ter deixado, Lauren – diz o jovem. Tem uma voz profunda e arrastada. – Como te chamas?

– Hmm ... – Não sei porque hesito. Mas «Beatrice» já não me parece um nome tão adequado.

– Pensa bem – diz-me ele, com um pequeno sorriso que lhe revira os lábios. – Não vais ter outra oportunidade para escolher.

Um sítio novo, um nome novo. Posso tornar-me diferente, aqui.

– Tris – respondo, firmemente.

– Tris – repete Lauren, com um sorriso. – Anuncia-o, Quatro.

O jovem olha por cima do ombro e grita:

– A primeira pessoa a saltar: Tris!

À medida que os meus olhos se ajustam à escuridão, distingo os contornos de um grupo numeroso. Começam a saudar-me e a erguer os punhos e, depois, mais uma pessoa cai na rede. O grito dela ainda se faz ouvir, depois da queda. Christina. Está toda a gente a rir-se, com

gargalhadas acompanhadas por gritos e aplausos.

Quatro põe a mão nas minhas costas e diz-me:

– Bem-vinda aos Intrépidos.

Capítulo Sete

Depois de todos os iniciados já estarem a pisar terreno firme, Lauren e Quatro conduzem-nos por um túnel estreito. As paredes são de pedra e o teto é inclinado e eu sinto-me a mergulhar nas profundezas da Terra. O túnel é iluminado a intervalos e, no espaço escuro entre cada lâmpada, sinto-me sempre perdida até um ombro chocar comigo. Mas já me sinto segura nos círculos de luz.

O rapaz dos Eruditos que vai à minha frente para, abruptamente, e eu choco com ele, batendo-lhe com o nariz no ombro. Recuo, atabalhoadamente, a esfregar o nariz, enquanto tento perceber o que se passa. O grupo ficou imóvel e os nossos três chefes estão diante de nós, de braços cruzados.

– É aqui que nos dividimos – diz Lauren. – Os iniciados-Intrépidos ficam comigo. Parto do princípio de que não precisam de uma visita guiada.

Depois, com um sorriso, acena aos iniciados-Intrépidos. Estes afastam-se do grupo e desaparecem nas sombras. Vejo o último pé a desaparecer no escuro e olho para os que ficaram comigo. São poucos porque a maioria já vinha dos Intrépidos: somos nove, apenas. Destes, eu sou a única transferência dos Abnegados e não há ninguém dos Cordiais. Os outros vêm dos Eruditos e, surpreendentemente, dos Cándidos. É preciso coragem para ser-se sincero o tempo todo. Eu não o conseguiria.

Quatro volta-se para nós:

– Durante a maior parte do tempo, trabalho na sala de controlo, mas, nas próximas semanas, vou ser o vosso instrutor. Chamo-me Quatro.

– Quatro? Como o número? – pergunta Christina.

– Sim – responde Quatro. – Há algum problema?
– Não.
– Muito bem. Vamos para o Fosso, que um dia vão aprender a amar.
É um local...

– O Fosso? – Christina ri-se baixinho. – É um nome giro.
Quatro aproxima-se de Christina e quase encosta o rosto ao dela.
Semicerra os olhos e observa-a durante alguns segundos.

– Como te chamas? – pergunta, numa voz tranquila.
– Christina – responde ela, quase num guincho.
– Bem, Christina, se eu quisesse aturar os espertalhões dos Cândidos, teria escolhido essa façã – diz-lhe Quatro, num tom ameaçador. – E a primeira lição que vais aprender comigo é a manter a boca fechada. Percebeste?

Christina acena afirmativamente com a cabeça.
Quatro dirige-se para a zona sombria no fim do túnel. E o grupo dos iniciados segue-o, em silêncio.

– Que parvalhão – resmunga Christina.
– Acho que ele não gosta de ser gozado – replico.
Penso que talvez seja inteligente ter mais cuidado quando estamos próximos de Quatro. Na plataforma pareceu-me uma pessoa muito tranquila, mas há qualquer coisa nessa atitude que agora me faz ser prudente.

Quatro abre uma porta larga, de par em par, e entramos no local a que chamou «o Fosso».

– Oh – murmura Christina. – Já estou a perceber.
«Fosso» é, de facto, a melhor designação para o que estamos a ver. Trata-se de uma caverna subterrânea tão espaçosa que, na posição em que me encontro, nem consigo ver-lhe o fim. Acima da minha cabeça erguem-se paredes de pedra com uma superfície irregular. E nelas há compartimentos para guardar comida, roupa, outros objetos e jogos. Na pedra foram também talhados degraus e atalhos muito estreitos que dão acesso a esses pontos, sem qualquer tipo de corrimão que impeça as pessoas de caírem.

Um raio de luz cor de laranja ilumina uma das paredes. O teto do Fosso é feito de painéis de vidro, que permitem ver um edifício que deixa passar a luz do dia. Quando passámos por ele, no comboio, deve ter-nos parecido igual a qualquer outro edifício da cidade.

Por cima dos atalhos abertos nas paredes estão pendurados candeeiros azuis, em intervalos irregulares, parecidos com os que iluminam o salão da Cerimónia da Escolha. Brilham com mais

intensidade à medida que desaparece a luz do dia.

Por todo o lado há pessoas vestidas de preto, a gritarem e a falarem, com gestos expressivos. Não vejo pessoas mais velhas. Haverá Intrépidos idosos? Não vivem tanto tempo ou serão eliminados quando já não conseguem saltar de comboios em andamento?

Um grupo de crianças corre por um dos trilhos escavados na pedra, onde não existem grades de proteção, e eu sinto o coração a bater mais depressa, ficando com vontade de lhes gritar para não correrem porque podem cair e magoar-se. Recordo-me das ruas ordeiras dos Abnegados: um grupo de pessoas em fila indiana, à direita, a passar por um grupo de pessoas em fila indiana à esquerda, em silêncio, cumprimentando-se mutuamente com pequenos sorrisos e acenos de cabeça. Sinto um aperto no estômago. Mas, por outro lado, há qualquer coisa de maravilhoso no caos dos Intrépidos.

– Se vierem comigo – diz Quatro –, mostro-vos o abismo.

Com um gesto, manda-nos avançar. A aparência de Quatro, visto de frente, é de alguém dócil e calmo, relativamente aos padrões dos Intrépidos. Mas, ao voltar-se, vejo-lhe uma tatuagem a despontar por debaixo da gola da t-shirt. Leva-nos pelo lado direito do Fosso, onde a escuridão é mais forte. Pisco os olhos e vejo que o chão que estou a pisar termina numa barreira de ferro. Quando me aproximo mais, ouço um rugido – é o barulho atroador feito por um curso de água subterrâneo que embate com força nas pedras.

Olho para o lado. O piso da caverna desce abruptamente e, vários andares abaixo de nós, corre um rio. A água jorra sem parar, batendo nas pedras abaixo de mim com explosões de espuma. À minha esquerda a água corre mais calma, mas, à direita, está branca de bater na rocha.

– O abismo recorda-nos de que é muito ténue a linha que separa a coragem da idiotice! – grita Quatro. – Um salto mais ousado neste rebordo pode pôr fim à vossa vida. Já aconteceu e há de voltar a acontecer. Estão avisados.

– Isto é incrível – diz Christina, enquanto nos afastamos da grade.

– É a palavra correta – concordo, com um aceno de cabeça.

Quatro atravessa o Fosso à nossa frente, conduzindo-nos a um buraco aberto na parede. O espaço que aí se encontra está mais bem iluminado e eu já consigo ver para onde nos dirigimos: para um refeitório cheio de pessoas e de talheres barulhentos. Quando entramos, os Intrépidos que aí se encontram põem-se em pé. Batem-nos palmas. Gritam. O barulho envolve-me e excita-me. Christina sorri

e eu também, de imediato.

Procuramos lugares vazios. Christina e eu descobrimos uma mesa quase vazia num dos lados do refeitório e acabo sentada entre ela e Quatro. No meio da mesa está um prato com comida que eu não identifico: pedaços arredondados de carne metidos entre fatias redondas de pão. Pego num com dois dedos, sem saber bem o que fazer.

Quatro toca-me com o cotovelo.

– É carne de vaca – explica, passando-me uma pequena tigela com um molho vermelho. – Põe-lhe isto.

– Nunca comeste um hambúrguer? – pergunta-me Christina, de olhos muito abertos.

– Não – respondo. – É como chamam a isto?

– Os Empatas gostam de comida simples – comenta Quatro, com um aceno de cabeça a Christina.

– Porquê? – pergunta ela.

Respondo, encolhendo os ombros:

– As extravagâncias são consideradas atos egoístas e, por isso, desnecessários.

Christina faz um sorriso de troça.

– Não admira que te tenhas vindo embora – comenta.

– Pois – respondo, revirando os olhos. – Foi exatamente por causa da comida.

Os lábios de Quatro contorcem-se, num dos cantos da boca.

As portas do refeitório abrem-se e abate-se sobre os presentes uma onda de silêncio. Olho por cima do ombro. Vejo um jovem entrar no refeitório e o silêncio é tanto que ouço os passos do recém-chegado. Tem tantos *piercings* no rosto que nem os consigo contar e o cabelo preto é comprido e tem um aspeto engordurado. Mas não é isso que lhe dá uma aparência ameaçadora. É o brilho frio do olhar, que varre o refeitório.

– Quem é? – pergunta Christina, num sussurro.

– Chama-se Eric – responde Quatro. – É um dos chefes dos Intrépidos.

– A sério? Mas é tão novo.

Quatro deita-lhe um olhar severo.

– A idade aqui não interessa – contrapõe.

Percebo que Christina está prestes a perguntar o que também me apetece perguntar: *Então o que é que interessa?* Mas Eric já deixou de examinar o refeitório e está agora a dirigir-se para uma mesa. Para a

nossa mesa. Sentando-se ao lado de Quatro. Não nos cumprimenta e nós procedemos do mesmo modo.

– Então, não me apresentas? – pergunta a Quatro, com um aceno de cabeça para Christina e para mim.

– São a Tris e a Christina – diz Quatro.

– Ooh, uma Empata – comenta Eric, olhando-me com um sorriso irónico que lhe estica a pele dos lábios em redor dos *piercings* e que torna maiores os respetivos orifícios e eu estremeço. – Vamos ver o tempo que duras.

Quero dizer qualquer coisa – talvez garantir-lhe que hei de durar –, mas não encontro as palavras. Não compreendo porquê, mas não quero que Eric olhe para mim durante mais tempo do que aquele que já olhou. Aliás, nem nunca mais quero que ele volte a olhar para mim.

Eric tamborila com os dedos no tampo da mesa. Os nós dos dedos estão cheios de crostas, nos pontos exatos onde se poderia magoar se batesse em qualquer coisa com muita força.

– Que tens feito, Quatro? – pergunta.

Quatro ergue um dos ombros, antes de responder:

– Nada, na realidade.

Serão amigos? Os meus olhos saltam de um para o outro. Tudo o que Eric fez – vir sentar-se à nossa mesa, a pergunta a Quatro – sugere que sim, mas a atitude de Quatro, tensa como um cabo de aço esticado, indica outra coisa. Talvez sejam rivais. Embora eu não saiba como o possam ser, se Eric é um chefe e Quatro não é.

– O Max disse-me que anda a tentar reunir-se contigo e que tu não apareces – diz Eric. – Pediu-me para saber o que se passa contigo.

Quatro olha para ele em silêncio, durante alguns segundos. Depois diz:

– Diz-lhe que estou satisfeito com a posição que tenho, presentemente.

– Ele quer dar-te outra posição, portanto.

Os anéis das sobrancelhas de Eric refletem a luz ambiente. Talvez ele encare Quatro como uma ameaça potencial à sua própria posição. Segundo o meu pai, os que anseiam pelo poder e o conseguem acabam por viver no terror de o perderem. É por isso que devemos oferecer o poder aos que não o querem.

– Parece ser esse o caso, de facto – responde Quatro.

– E tu não estás interessado.

– Há dois anos que não estou interessado.

– Bem – remata Eric –, esperemos que ele o perceba, então.

Dá uma palmada no ombro de Quatro, talvez com um pouco de força a mais, e levanta-se. Quando se afasta, descontraio-me, de imediato. Não tinha percebido que estava tão tensa.

– Vocês são... amigos? – pergunto, incapaz de conter a minha curiosidade.

– Estivemos na mesma classe de iniciados – responde Quatro. – Ele transferiu-se dos Eruditos.

A ideia que ainda tinha de ser cuidadosa no relacionamento com Quatro abandona-me. E pergunto-lhe:

– Também foste uma transferência?

– Pensei que só viria a ter problemas com tantas perguntas por parte dos Cândidos – declara ele, secamente. – Agora acontece-me o mesmo com os Empatas?

– Talvez por seres acessível – respondo, diretamente. – Tipo cama de pregos, sabes como é?

Quatro olha para mim, mas não desvio o olhar. Não é um cão, mas aplica-se-lhe a mesma regra. Desviar o olhar é um sinal de submissão. Olhá-lo nos olhos é um desafio. A opção é minha.

Sinto o calor a invadir-me o rosto. Que acontecerá quando a tensão se atenuar?

Mas Quatro responde-me apenas:

– Toma cuidado, Tris.

Sinto um baque no estômago, como se tivesse engolido uma pedra. Um Intrépido, noutra mesa, chama por Quatro e eu volto-me para Christina, que levanta as sobrancelhas.

– Que é? – pergunto-lhe.

– Estou a pensar numa teoria que tenho.

– E qual é?

Christina pega no hambúrguer e sorri, dizendo:

– Que te apetece morrer.

*

Quatro desaparece depois do jantar, sem dizer uma palavra. E Eric conduz-nos por uma série de corredores sem nos dizer para onde nos dirigimos. Não sei por que motivo um chefe dos Intrépidos há de ser posto a tomar conta de um grupo de iniciados, mas talvez seja só por esta noite.

No fim de cada corredor há um candeeiro azul, mas, nos espaços escuros entre eles, é necessário tomar cuidado para não tropeçar nas

irregularidades do chão. Christina caminha a meu lado em silêncio. Ninguém nos disse para estarmos calados, mas nenhum de nós abre a boca.

Eric detém-se diante de uma porta de madeira e cruza os braços, enquanto nós o rodeamos.

– Para quem não sabe, o meu nome é Eric – diz-nos. – Sou um dos cinco dirigentes dos Intrépidos. Levamos muito a sério o processo de iniciação e, por isso, eu ofereci-me como voluntário para orientar a maior parte da vossa formação.

A ideia causa-me náuseas. A noção de ter um chefe dos Intrépidos a controlar a nossa iniciação já é suficientemente má, mas o facto de ser ele a fazê-lo parece-me ainda pior.

– Há algumas regras básicas – continua Eric. – Têm de estar na sala de treino todos os dias às oito horas. O treino vai das oito até às seis, com um intervalo para almoço. Depois das seis, são livres de fazerem o que quiserem. E também terão algum tempo livre entre cada fase do processo de iniciação.

A frase «fazerem o que quiserem» fica-me na cabeça. Em casa dos meus pais nunca poderia fazer o que quisesse, nem por um dia. Precisava de, em primeiro lugar, atender às necessidades dos outros. Nem sequer sei o que poderia gostar de fazer.

– Só têm autorização para sair do nosso quartel-general na companhia de um Intrépido – acrescenta Eric. – Do outro lado da porta fica o dormitório onde ficarão alojados durante as próximas semanas. Vão notar que há dez camas e que vocês são só nove. Esperávamos que fossem mais os que chegariam a esta fase.

– Mas começámos por ser doze – contrapõe Christina. Eu fecho os olhos e fico à espera da reprimenda. Ela tem de aprender a estar calada.

– Há sempre transferências que não conseguem chegar ao nosso quartel-general – diz Eric, arrancando uma cutícula e encolhendo os ombros. – De qualquer modo, nesta primeira fase da iniciação mantemos separados as transferências e os iniciados-Intrépidos, o que não quer dizer que venham a ser avaliados em separado. No final da iniciação, as vossas classificações serão decididas por comparação com os iniciados-Intrépidos. E eles já são melhores do que vocês. Por isso, espero que...

– Classificações? – pergunta a rapariga dos Eruditos de cabelo curto emaranhado que está à minha direita. – Para que é que vamos ser classificados?

Eric sorri e, debaixo da luz azul, o sorriso parece retorcido, como se lhe tivesse sido aberto no rosto com uma faca.

– A vossa classificação serve dois propósitos – começa. – O primeiro é determinar a ordem pela qual serão selecionados para o vosso trabalho, depois da iniciação. Só temos alguns lugares *desejáveis*.

O meu estômago contrai-se. Percebo, pelo sorriso dele, tal como soube quando entrei no gabinete para fazer a minha prova de aptidão, que vai acontecer qualquer coisa má.

– O segundo propósito – continua Eric – tem a ver com o facto de só os dez melhores iniciados serem feitos membros da nossa facção.

Dói-me o estômago. Estamos imóveis, como estátuas. E depois Christina exclama:

– O quê?!

– Há onze iniciados-Intrépidos e vocês são nove – responde Eric. – Quatro iniciados serão afastados no final da primeira fase. Os que estiverem a mais serão afastados depois da prova final.

O que significa que mesmo que consigamos completar cada fase da iniciação, haverá seis iniciados que nunca passarão à categoria de membros. Pelo canto do olho, vejo Christina a olhar para mim, mas não consigo olhar para ela. Os meus olhos estão fixos em Eric e ele não se mexe.

As minhas perspetivas, sendo a mais baixa dos iniciados e a única transferência dos Abnegados, não são nada boas.

– O que nos acontece se formos eliminados? – pergunta Peter.

– Têm de deixar o quartel-general dos Intrépidos – responde Eric, com indiferença – e passarão a ser sem-facção.

A rapariga de cabelo emaranhado leva a mão à boca e reprime um soluço. Lembro-me do sem-facção dos dentes cinzentos, a deitar a mão à minha embalagem de maçãs. Dos olhos parados cravados em mim. Mas, em vez de chorar, como a rapariga dos Eruditos, sinto-me mais calma. E mais firme.

Hei de vir a ser um dos membros. Sem dúvida nenhuma.

– Mas isso... não é justo! – exclama Molly, a rapariga de ombros largos dos Cándidos. O tom de voz é de irritação, mas, pela aparência, está mesmo aterrorizada. – Se tivéssemos sabido...

– Estás a dizer que se tivesses sabido disto antes da Cerimónia da Escolha, não terias escolhido os Intrépidos? – pergunta Eric, com severidade. – Porque, se é isso, o melhor é saíres já. Se és realmente uma de nós, não te preocupará o facto de poderes chumbar. E se te preocupa... és cobarde.

Eric abre a porta do dormitório.

– Vocês escolheram-nos – diz. – Agora somos nós que vos escolhemos.

*

Fico deitada na cama a ouvir a respiração de nove pessoas.

Nunca dormi no mesmo quarto com um rapaz até esta noite, mas, aqui, não tenho outra opção, se não quiser ir dormir para o corredor. Toda a gente vestiu a roupa que os Intrépidos nos arranjam, mas decidi dormir com a minha roupa dos Abnegados, que ainda cheira a sabão e a ar puro, como em casa.

Eu tinha o meu próprio quarto. Da janela podia ver o relvado, à entrada da casa, e, depois, o nevoeiro na linha do horizonte. E habituei-me a dormir no meio do silêncio.

Sinto uma vaga de calor a acumular-se por detrás dos meus olhos e penso na minha casa e, ao piscar os olhos, sinto uma lágrima a fugir-me. E tapo a boca para não começar a soluçar.

Aqui não posso chorar. E preciso de estar calma.

Vou sentir-me bem aqui. Vou poder ver-me ao espelho sempre que quiser. Posso ser amiga de Christina e cortar o cabelo e deixar as outras pessoas limparem as suas próprias coisas.

Sinto as mãos a tremer e as lágrimas soltam-se, rápidas, enevoando a minha visão.

Não me interessa que, ao ver os meus pais outra vez, no Dia das Visitas, eles mal me reconheçam... se por acaso vierem ver-me. Não me interessa que uma lembrança da cara deles, por mais fugaz que seja, me cause alguma mágoa. Tal como acontece com a lembrança de Caleb, apesar de me ter custado muito o facto de saber que, afinal, tinha segredos. Tento dominar a minha respiração para a harmonizar com a dos outros iniciados. Não posso preocupar-me.

Um som estrangulado interrompe a harmonia das respirações, logo seguido por um soluço muito sentido. Ouço ranger as molas de uma cama quando um corpo volumoso se move e os soluços são abafados pela almofada, sem no entanto deixarem de se fazer ouvir. Vêm da cama junto à minha – de Al, o rapaz dos Cândidos que é o iniciado mais volumoso e de ombros mais largos. Era a última pessoa que eu pensava ver a ir-se abaixo.

Os pés dele estão a poucos centímetros da minha cabeça. Devia reconfortá-lo. Devia *querer* reconfortá-lo porque foi assim que me

educaram. Mas o que sinto é repugnância. Uma pessoa que parece tão forte não devia revelar-se tão fraca. Por que motivo é que ele não guarda o choro só para ele, como todos nós fazemos?

Engulo em seco.

Se a minha mãe soubesse o que estou a pensar, sei o olhar que me lançaria. Com os cantos dos lábios voltados para baixo. E de sobrolho carregado por cima dos olhos. Não numa censura, mas como se estivesse cansada. Passo a mão pelas minhas faces.

Al volta a soluçar. É como se o som me arranhasse a garganta. Ele está a poucos centímetros de mim... e eu devia tocar-lhe.

Mas não. Encolho a mão e volto-me de lado, para a parede. Ninguém precisa de saber que não o quero ajudar. É um segredo que posso guardar só para mim. Fecho os olhos e sinto o sono a tomar conta de mim mas de cada vez que me aproximo, ouço Al, mais uma vez.

Talvez o meu problema não seja o facto de não poder ir para casa. Sinto a falta da minha mãe, do meu pai e de Caleb e da lareira ao final da tarde e do som das agulhas de tricô da minha mãe..., mas não é só isso que me cria um vazio no estômago.

O problema é que, mesmo que pudesse voltar para casa, o meu lugar já não seria lá, na companhia de pessoas que dão sem pensar e que se preocupam sem sequer verificarem se vale a pena.

Este pensamento faz-me ranger os dentes. Cubro os ouvidos com a almofada, para não ouvir o choro de Al, e adormeço com a cara enfiada no tecido molhado.

Capítulo Oito

– A primeira coisa que vão aprender é a disparar uma arma de fogo. A segunda é como vencer uma luta corpo a corpo. – Quatro coloca-me uma pistola na palma da mão, sem sequer olhar para mim, e continua a andar. – Felizmente que, estando aqui, já sabem como é que se sobe e se desce de um comboio em andamento e, por isso, já há menos uma coisa que tenho de ensinar-vos.

Não devia surpreender-me por os Intrépidos esperarem que começássemos logo a fazer tudo, mas esperava poder ter mais de seis horas de sono antes de começarmos o nosso treino. Ainda sinto o peso do sono em mim.

– A iniciação está dividida em três fases. Nós vamos medir o vosso progresso e classificar-vos de acordo com o desempenho que tiverem em cada uma das fases. Elas não têm todas o mesmo peso para a determinação da classificação final e, por isso, embora seja difícil, podem melhorar significativamente a vossa classificação à medida que vão progredindo.

Olho para a pistola que tenho na mão. Nunca pensei vir a pegar numa arma de fogo na minha vida e, muito menos, ter de disparar com uma. Acho-a um objeto perigoso, como se pudesse ferir alguém só por uma mão humana lhe tocar.

– Acreditamos que a preparação erradica a cobardia, que definimos como a incapacidade de agir perante o medo – prossegue Quatro. – Por isso, cada fase da iniciação visa preparar-vos de maneira diferente. A primeira fase é essencialmente física; a segunda é essencialmente emocional; a terceira é essencialmente mental.

– Mas que... – Peter boceja à medida que vai falando. – Que tem a ver disparar uma arma... com coragem?

Quatro tira-lhe a arma e volta-a, encostando o cano à testa de Peter, e enfia uma bala na câmara. Peter fica imóvel, de lábios entreabertos, o bocejo congelado na boca.

– Acorda – diz-lhe Quatro, com brusquidão. – Já. Tens uma arma de fogo carregada na mão, idiota. Age de acordo com isso.

Quatro baixa a arma. Quando a ameaça desaparece, os olhos verdes de Peter tornam-se mais duros. Surpreende-me o facto de ele se controlar e de não responder, depois de ter dito sempre tudo o que lhe apetecia entre os Cândidos. Mas o facto é que se cala, embora core.

– Para responder à tua pergunta: terás menos tendência a borrar-te e a chamar pela mamã se estiveres preparado para te defenderes. – Quatro para ao chegar ao fim da fila e volta-se. – Esta é uma informação de que podem vir a necessitar mais tarde, na fase um. Por isso, olhem bem para o que eu faço.

Quatro volta-se para a parede que tem os alvos – uma placa quadrada de contraplacado com três círculos vermelhos para cada um de nós –, afasta as pernas e dispara. O tiro é tão estrondoso que me faz doer os ouvidos. Estico o pescoço para olhar para o alvo. A bala atravessou o círculo do meio.

Volto-me para o meu próprio alvo. Os meus pais nunca aceitariam que eu disparasse uma arma de fogo. Diriam que as armas são utilizadas para autodefesa e sempre com fins violentos e que por isso somos nós que nos rebaixamos perante elas.

Afasto-os do meu pensamento, abro as pernas à largura dos ombros e envolvo delicadamente a pistola com as duas mãos. É pesada e custa-me mantê-la afastada do corpo, mas quero tê-la tão longe do meu rosto quanto possível. Aperto lentamente o gatilho, de início com alguma hesitação e depois com mais força, encolhendo-me para me manter longe da arma. O barulho magoa-me os ouvidos e o coice atira-me as mãos para trás, ao encontro do nariz. Vacilo, levando a mão à parede atrás de mim para me equilibrar. Não sei para onde foi a bala, mas sei que não ficou sequer perto do alvo.

Disparo outra vez e mais outra e mais outra e nenhuma das balas se aproxima do alvo.

– Estatisticamente – diz Will, o rapaz dos Eruditos que está ao meu lado, com um sorriso –, devias ter atingido o alvo pelo menos uma vez, nem que fosse por acaso. – É louro, de cabelos desgrenhados, com um vinco entre as sobrancelhas.

– Ah sim? – contraponho, sem nenhuma inflexão no tom de voz.

– Pois – responde. – Aliás, até acho que estás a desafiar a Natureza.

Ranjo os dentes e volto-me para o alvo, disposta, pelo menos, a não desistir. Se nem consigo cumprir a primeira tarefa que nos dão, como é que poderei chegar ao fim da fase um?

Volto a apertar o gatilho, desta vez com mais força e preparada para o coice. As minhas mãos saltam, mas os meus pés mantêm-se onde os tinha posto. Na borda do alvo está um buraco feito por uma bala. Volto-me para Will, erguendo uma sobrancelha.

– Portanto, estás a ver que tenho razão – diz ele. – A estatística nunca mente.

Respondo-lhe com um sorriso fugaz.

Preciso de mais quatro tiros para atingir o centro do alvo e, ao fazê-lo, sinto um assomo de energia que me percorre o corpo todo. Estou totalmente acordada, com os olhos bem abertos e as mãos quentes. Baixo a arma. A sensação de controlar uma coisa que pode causar tantos danos dá-me força. Não, a sensação de controlar *qualquer coisa* dá-me força e poder.

Afinal, talvez pertença mesmo aos Intrépidos.

*

Quando fazemos um intervalo para o almoço, tenho os braços a latejar de ter estado a pegar na arma durante tanto tempo e já sinto dificuldade em esticar os dedos. Massajo-os enquanto nos dirigimos para o refeitório. Christina convida Al a sentar-se ao nosso lado. De cada vez que olho para ele, ouço-o outra vez a chorar e, por isso, tento não o fitar.

Enquanto dou voltas às ervilhas que tenho no prato, volto a pensar na prova de aptidão. Quando Tori me avisou de que era perigoso ser-se Divergente, senti que ela me estava a ameaçar e que me bastaria fazer um movimento errado para alguém o perceber. Até agora, isso não tem sido um problema, mas não me sinto em segurança por não ser o caso. Que acontecerá se eu baixar a guarda e acontecer qualquer coisa horrível?

– Oh, vá lá. Não te lembras de mim? – pergunta-lhe Christina, enquanto faz uma sanduíche. – Estávamos juntos na aula de Matemática, até há pouquíssimos dias. E eu não sou uma pessoa sossegada.

– Acho que estava sempre a dormir na aula de Matemática – replica Al. – Era a primeira aula da manhã!

E se o perigo não se revela já, mas daqui a alguns anos, sem que eu

sequer me aperceba?

– Tris – diz-me Christina, estalando os dedos diante dos meus olhos.

– Estás aí?

– Que é? Que se passa?

– Perguntei-te se te lembras de ter tido alguma aula comigo – diz Christina. – Não leves a mal, mas, muito provavelmente, eu não me lembraria de ti, se fosse esse o caso. Os Abnegados pareciam-me todos iguais. Quer dizer, ainda me parecem, mas agora já não fazes parte deles.

Olho para ela. Não preciso que mo lembre.

– Desculpa, estou a ser inconveniente? – pergunta Christina. – Estou habituada a dizer o que me vem à cabeça. A minha mãe costumava dizer que a cortesia é uma decepção embrulhada em papel de presente.

– Acho que é por isso que as nossas fações não se dão, normalmente – contraponho, com uma pequena gargalhada. Os Cândidos e os Abnegados não se odeiam mutuamente da maneira que se odeiam os Eruditos e os Abnegados, mas evitam-se. O problema real dos Cândidos é com os Cordiais. Os que procuram a paz acima de tudo, costumam dizer os Cândidos, hão de tentar sempre enganar os outros para manterem as águas calmas.

– Posso sentar-me aqui? – pergunta Will, batendo com o dedo na mesa.

– Porquê? Não preferes estar com os teus amigos dos Eruditos? – pergunta Christina.

– Não são meus amigos – responde Will, pousando o prato. – O facto de fazermos parte da mesma facção não quer dizer que nos demos bem. Além disso, Edward e Myra são namorados e eu preferia não estar a mais.

Edward e Myra, as outras transferências dos Eruditos, estão sentados duas mesas mais à frente, tão perto um do outro que os cotovelos se tocam enquanto cortam a comida. Myra faz uma pausa para o beijar. E eu observo-os com atenção. Vi poucos beijos na minha vida.

Edward volta a cabeça e encosta os lábios aos de Myra. Deixo sair o ar por entre os dentes e desvio o olhar. Desejo, em parte, que alguém os repreenda. Mas há outra parte de mim que se interroga, com algum desespero, como será ter os lábios de alguém encostados aos meus.

– Têm de fazer aquilo em *público*? – pergunto.

– Ela só lhe deu um beijo – diz Al, olhando para mim de sobrolho franzido. Quando franze o sobrolho, as sobrancelhas espessas chegam

às pestanas. – Não é como se estivessem nus.

– Um beijo não é para ser dado em público.

Al, Will e Christina olham para mim com o mesmo ar sabedor.

– Que é? – pergunto-lhes.

– Estás a mostrar que pertences aos Abnegados – responde Christina. – Para nós, uma demonstração de afeto pode ser pública.

– Oh... – Encolho os ombros. – Bem, acho que tenho de ultrapassar isto, então.

– Ou podes continuar a ser frígida – diz Will, os olhos verde a brilharem de malícia. – Se quiseres, claro.

Christina atira-lhe um pãozinho. Will apanha-o, no ar, e dá-lhe uma dentada.

– Não sejas mau para ela – diz Christina. – Faz parte da natureza dela ser frígida. Tal como seres sabichão faz parte da tua.

– Mas eu não sou frígida! – protesto.

– Não te preocupes – diz-me Will. – É cativante. Vê só como ficaste tão corada.

O comentário dele põe-me ainda mais vermelha. Toda a gente se ri. Eu também me forço a dar uma gargalhada e, segundos depois, percebo que estou a rir-me com toda a sinceridade.

É bom poder rir outra vez.

*

Depois do almoço, Quatro leva-nos a outra sala. É enorme, com um chão de madeira que tem fendas e que range e em cujo centro tem um grande círculo pintado. Na parede do lado esquerdo está um quadro verde, um quadro para escrever a giz. A minha professora do Nível Inferior costumava usar um quadro destes nas aulas, mas há muito tempo que não vejo nenhum. Talvez tenha algo a ver com as prioridades dos Intrépidos: a formação está em primeiro lugar e a tecnologia em segundo.

Os nossos nomes estão escritos no quadro por ordem alfabética. Numa das extremidades da sala estão pendurados sacos de boxe pretos já desbotados, separados uns dos outros por cerca de um metro.

Alinhamo-nos atrás deles e Quatro fica no centro da sala, onde todos o podemos ver.

– Como vos disse esta manhã – começa –, vão aprender a combater. O objetivo é ter-vos prontos a agir, é preparar os vossos corpos para responderem a ameaças e a desafios... que é aquilo de que necessitam

se quiserem sobreviver como Intrépidos.

Nem consigo pensar nessa hipótese. Só ando a pensar em como poderei sobreviver à iniciação.

– Hoje vamos falar da técnica e amanhã começarão a combater uns com os outros – continua Quatro. – Por isso, recomendo-vos que prestem atenção. Os que não aprenderem depressa vão magoar-se.

Quatro descreve diversos tipos de murros, demonstrando-os enquanto fala, primeiro com movimentos no ar e depois num dos sacos de boxe.

Vou melhorando à medida que pratico. Tal como aconteceu com a arma de fogo, preciso de algumas tentativas para perceber qual deve ser a minha postura e como devo mexer o corpo para fazer como ele. Dar pontapés é mais difícil, apesar de ele só nos ensinar os movimentos básicos. O saco de boxe magoa-me as mãos e os pés, avermelhando-me a pele, mal se movendo por mais força que ponha nos meus golpes. À minha volta só ouço o som da pele a bater no tecido.

Quatro anda por entre nós, observando-nos os movimentos. Quando para diante de mim, sinto o meu interior a andar à volta, como se tivesse dentro de mim alguém a revirá-lo com um garfo. Ele olha para mim, seguindo-me os movimentos do corpo da cabeça aos pés, sem se deter em ponto nenhum – é um olhar meramente prático e científico.

– Não tens muito músculo – comenta – e, por isso, é melhor usares os joelhos e os cotovelos. Com eles, podes bater com mais força.

De repente, estende a mão e coloca-a no meu estômago. Os dedos são tão compridos que, embora a quilha da mão esteja numa metade das minhas costelas, as pontas dos dedos ainda chegam à outra extremidade. O meu coração começa a bater tão depressa que me faz doer o peito e eu fico de olhos muito abertos, fitando-o surpreendida.

– Nunca te esqueças de manter a tensão nesta zona – diz-me, em voz baixa.

Depois, tira a mão e continua a andar. Sinto-lhe o peso da palma da mão apesar de a ter retirado. É estranho, mas tenho de parar e respirar fundo por alguns segundos, antes de continuar a treinar.

Quando Quatro nos liberta para o jantar, Christina toca-me com o cotovelo.

– Estou surpreendida por ele não te ter partido em duas – diz, franzindo o nariz. – Ele faz-me medo. É aquela voz baixa que usa.

– Pois. Ele... – Olho por cima do ombro para Quatro. Está calado e muito controlado. Mas eu não tive medo dele. – ... é decididamente

assustador – concluo.

Al, que vai à nossa frente, volta-se quando chegamos ao Fosso e anuncia-nos:

– Quero uma tatuagem.

Atrás de nós, Will pergunta:

– Que tatuagem?

– Não sei. – Al dá uma gargalhada. – Só quero sentir que deixei realmente a minha antiga fação. Quero deixar de chorar por causa disso. – Nenhum de nós responde. – Eu sei que me ouviram – acrescenta.

– Pois, vê se aprendes a baixar o som, pode ser? – Christina dá um murro amigável no braço grosso de Al. – Mas acho que tens razão. Estamos metade dentro, metade fora, nesta altura. E se queremos mesmo entrar, devemos começar pelo aspeto. – E olha para mim.

– Não, não vou cortar o cabelo – contraponho –, nem tingi-lo com alguma cor estranha. Ou furar a cara.

– E o umbigo? – pergunta Christina.

– Ou um mamilo? – pergunta Will, com uma risada.

Resmungo.

Agora que o treino do dia acabou, podemos fazer o que quisermos até à hora de irmos dormir. A ideia põe-me a cabeça a andar à roda, embora a sensação também possa ser provocada pelo cansaço.

O Fosso está cheio de gente. Christina anuncia que iremos ter com Al e Will ao sítio das tatuagens e arrasta-me para o local onde estão as roupas. Subimos pelo trilho escavado na rocha, bem acima do piso do Fosso, fazendo rolar pedras soltas com os sapatos.

– Qual é o problema das minhas roupas? – pergunto. – Já não estou vestida de cinzento.

– São feias e gigantescas – responde Christina, com um suspiro. – Não te importas que te ajude? Se não gostares do que eu te arranjar, não terás de as usar, garanto.

Dez minutos depois, olho para o espelho e observo-me, com um vestido preto que me fica pelos joelhos. A saia não é larga, mas não me está colada às coxas, ao contrário do primeiro vestido que Christina me escolheu e que eu recusei. Os braços nus estão arrepiados. Christina tira a fita que me prende os cabelos e eu abano a cabeça e solto-os, deixando-os cair por cima dos ombros.

Christina empunha um lápis preto.

– Para os olhos – diz.

– Não vais conseguir pôr-me bonita, sabes? – Fecho os olhos e fico

imóvel. Ela passa a ponta do lápis pela linha das minhas pestanas. Imagino-me diante da minha família com esta roupa e o meu estômago começa às voltas, como se estivesse enjoada.

– Quero lá saber se ficas bonita. Quero é que reparem em ti.

Abro os olhos e, pela primeira vez, observo diretamente a minha própria imagem. O meu coração fica tão excitado como eu, como se já me sentisse a quebrar as regras e a preparar-me para ser censurada por isso. Vai-me ser difícil largar o hábito de pensar como os Abnegados, que está tão embebido em mim, como se tivesse de retirar um único fio de um novelo emaranhado. Mas hei de encontrar novos hábitos, novos pensamentos e novas regras. Hei de ficar diferente.

Os meus olhos eram azuis, mas de um azul neutro, quase cinzento. O lápis reavivou-os e tornou-os mais penetrantes. O cabelo que emoldura o meu rosto faz com que a minha fisionomia pareça mais suave e cheia. Não sou bonita – os meus olhos são demasiado grandes e o meu nariz é demasiado comprido –, mas percebo que Christina tem razão. Agora já vão reparar em mim.

Ao olhar para mim, agora, não é como se estivesse a ver-me pela primeira vez. É como se estivesse a ver outra pessoa pela primeira vez. Beatrice era uma rapariga que eu avistava no espelho, em certos momentos, e que se mantinha calada à mesa. O que agora vejo é outra pessoa, com olhos que atraem a atenção dos meus e que não me largam: Tris.

– Estás a ver? – torna Christina. – Estás... impressionante.

Nas atuais circunstâncias, é o melhor cumprimento que eu podia receber. Sorrio-lhe no espelho.

– Gostas? – pergunta.

– Sim. – Aceno afirmativamente com a cabeça. – Pareço... uma pessoa diferente.

Christina ri-se.

– E isso é bom ou é mau?

Volto a olhar para o meu reflexo no espelho, observando-me da cabeça aos pés. Pela primeira vez, a noção de abandonar a minha identidade de Abnegada não me põe nervosa. Pelo contrário, dá-me esperança.

– É bom. – Abano a cabeça. – Desculpa, mas nunca tive autorização para me ver ao espelho durante tanto tempo.

– A sério? – Christina abana a cabeça. – Os Abnegados são uma facção estranha. Podes crer.

– Vamos ver a tatuagem de Al – sugiro. Apesar de ter abandonado a

minha façção, ainda não quero criticá-la.

Em casa, a minha mãe e eu íamos buscar peças de vestuário quase idênticas mais ou menos a cada seis meses. É fácil distribuir recursos quando toda a gente tem a mesma coisa, mas, nos Intrépidos, é tudo mais variado. Cada pessoa tem um determinado número de pontos para gastar por mês e a roupa custa um ponto.

Christina e eu descemos apressadamente o trilho que dá para o sítio das tatuagens. Quando lá chegamos, Al já está sentado na cadeira, enquanto um homem pequeno e magro, que parece ter mais tinta do que pele, lhe desenha uma aranha no braço.

Will e Christina folheiam livros com fotografias, acotovelando-se quando dão com alguma que acham boa. Sentados lado a lado, reparo como são diferentes: Christina é morena e esguia e Will tem a pele mais clara e é mais sólido, mas têm ambos a mesma boa disposição.

Dou uma volta pela sala, a olhar para as imagens nas paredes. Atualmente, só entre os Cordiais é que ainda há artistas plásticos. Os Abnegados acham que a arte é uma coisa sem utilidade e que o tempo gasto a apreciá-la devia ser dedicado a auxiliar os outros. Por isso, apesar de já ter visto quadros nos livros da escola, nunca estive numa divisão assim decorada. O ambiente fica mais íntimo e mais ameno e sinto que podia passar aqui horas sem sequer reparar na passagem do tempo. Passo as pontas dos dedos pela parede. A imagem de um falcão numa das paredes faz-me lembrar a tatuagem de Tori. Por baixo dessa imagem há um esboço de uma ave a voar.

– É um corvo – diz uma voz atrás de mim. – É bonito, não é?

Volto-me e dou com Tori perto de mim. Sinto-me de regresso ao gabinete das provas de aptidão, com os espelhos à minha volta e os fios ligados à minha testa. Não esperava voltar a vê-la.

– Olá – diz Tori, com um sorriso. – Nunca pensei que voltaria a verte. Beatrice, não é?

– Não, sou a Tris, na verdade – respondo. – Trabalha aqui?

– Trabalho. Só fiz um intervalo para organizar as provas. Mas passo aqui a maior parte do tempo. – Tori passa a mão pela face. – Estou a reconhecer o nome. Foste a primeira a saltar, não foste?

– Sim, fui.

– Boa!

– Obrigada. – Passo a mão pelo esboço da ave em voo. – Preciso... de falar consigo sobre... – Olho de relance para Will e para Christina. Não posso insistir com Tori, neste momento. Eles hão de fazer perguntas. – ... sobre uma coisa. Um dia destes.

– Não penso que isso seja sensato – responde Tori, baixando a voz. – Ajudei-te o mais que podia e agora tens de fazer o resto por ti.

Comprimo os lábios. Ela tem respostas para as minhas perguntas. Sei que tem. E se ela não mas dá agora, vou ter de arranjar maneira de a obrigar a fazê-lo noutra altura.

– Queres uma tatuagem? – pergunta-me.

O esboço da ave prende-me a atenção. Nunca tive a intenção de fazer uma tatuagem ou um *piercing* quando para aqui vim. E sei que com isso vou criar mais um obstáculo, que nunca mais desaparecerá, entre mim e os meus pais. Mas se a minha vida aqui continuar a ser como começou, uma tatuagem também vai ser o menor dos obstáculos.

Compreendo, no entanto, o que Tori disse sobre a sua própria tatuagem, que representa um medo que ela conseguiu ultrapassar – uma lembrança de onde estava e, também, de onde agora está. Talvez eu tenha uma maneira de recordar e de honrar a minha antiga vida, enquanto mergulho nesta nova.

– Quero – respondo. – Três destas aves a voar.

Toco na clavícula, definindo o percurso do voo das aves – em direção ao meu coração. Uma ave por cada membro da minha família que abandonei.

Capítulo Nove

– Um de vocês não vai combater hoje, visto que formam um número ímpar – diz Quatro, na sala de treino, voltando as costas ao quadro. Depois olha para mim. O espaço à frente do meu nome está em branco. O nó em que o meu estômago se transformou desata-se. Significa que posso fazer uma pausa.

– Isto não é nada bom – diz Christina, dando-me uma cotovelada. E logo num dos meus músculos doridos (tenho mais músculos doridos do que músculos não doridos); faço uma careta.

– Ai!

– Desculpa – diz ela. – Mas olha para isto: sou eu contra o Tanque.

Christina e eu tomámos juntas o pequeno-almoço e quando mudei de roupa no dormitório, antes de irmos, foi quem me protegeu dos olhares dos outros. Nunca tive uma amiga assim. Susan era mais amiga de Caleb do que minha e Robert andava sempre com a irmã.

Ou melhor: acho que nunca tive uma amiga a sério. É impossível manter verdadeiras amizades quando não estamos dispostos a aceitar a ajuda dos outros ou a falarmos sobre nós próprios. Mas aqui não é o que se passa. Já conheço melhor Christina do que cheguei a conhecer Susan e ainda só passaram dois dias.

– O Tanque? – Olho para o nome de Christina no quadro. Ao lado do nome dela está escrito «Molly».

– Pois, a fiel servidora do Peter que só se distingue dele por ser um pouco mais feminina – responde Christina, indicando com um aceno de cabeça o grupo que está no outro lado da sala. Molly é da altura de Christina, mas é a única coisa em que são parecidas. Tem os ombros muito largos, pele bronzeada e um nariz gordo e achatado.

– Aqueles três – e Christina aponta, à vez, para Peter, Drew e Molly

– têm sido inseparáveis, praticamente desde que nasceram. Detesto-os.

Will e Al já estão frente a frente na arena. Levantam as mãos à altura do rosto, para se protegerem como Quatro nos ensinou, e começam a movimentar-se, em círculo, de frente um para o outro. Al é uns trinta centímetros mais alto do que Will e duas vezes mais largo do que ele. Enquanto o observo, vejo que também é maior nos traços fisionómicos: nariz grande, lábios grossos, olhos salientes. O combate não vai durar muito tempo.

Olho para Peter e para o seu grupo. Drew é mais baixo do que Peter e Molly, mas tem a aparência de um rochedo e os ombros estão sempre curvados. A cor do cabelo é quase avermelhada, como a de uma cenoura velha.

– Qual é o problema deles? – pergunto.

– O Peter é muito simplesmente maldoso – explica Christina. – Quando éramos miúdos, provocava lutas com a malta das outras fações e quando um dos adultos vinha acabar com a confusão, punha-se a chorar e a inventar uma história qualquer sobre o facto de terem sido os outros a começar. E toda a gente acreditava nele, claro, porque nós pertencíamos aos Cándidos e nunca mentíamos. – Christina dá uma gargalhada pouco sincera. E franze o nariz antes de prosseguir. – O Drew é uma espécie de ajudante dele. Até duvido que consiga pensar sozinho. E a Molly... é o tipo de pessoa que queima formigas com uma lente de aumentar só para as ver a retorcerem-se.

Na arena Al dá um murro com força no queixo de Will. Até estremeço perante o impacto. No outro lado da sala Eric sorri a Al roda uma das argolas que tem nas sobranceiras.

Peter, Drew e Molly olham-nos disfarçadamente e começam depois a sussurrar entre eles com as cabeças muito juntas.

– Acho que perceberam que estamos a falar deles – comento.

– E depois? Já sabem que os detesto.

– Sabem? Como?

Christina oferece-lhes um sorriso fingido e diz-lhes adeus. Baixo os olhos, corada. Eu não devia estar a dizer mal deles. Dizer mal dos outros é um ato de egoísmo.

Will põe um pé atrás de uma das pernas de Al e faz força, atirando o adversário ao chão. Mas Al levanta-se de imediato.

– Porque eu lhes disse – acrescenta Christina, por entre os dentes cerrados do sorriso artificial que ainda mantém. Os dentes de cima são perfeitos, mas tem os de baixo tortos. Olha para mim. – Nós, os Cándidos, tentamos ser o mais sinceros que podemos sobre os nossos

sentimentos. Já muitas pessoas me disseram que não gostavam de mim. E outras não mo disseram. Que importância é que isso tem?

– Mas nós... não devemos magoar os outros.

– Gosto de pensar que quando detesto alguém estou a ajudar essa pessoa – contrapõe Christina. – É uma maneira de lhe lembrar que ela não foi uma dádiva de Deus à Humanidade.

Dou uma pequena gargalhada e volto a concentrar-me no que se passa na arena. Will e Al estão agora parados frente a frente, parecendo mais hesitantes do que no início. Will afasta dos olhos o cabelo louro muito claro. Olham os dois para Quatro, como se estivessem à espera de vê-lo pôr fim ao combate, mas o nosso instrutor está imóvel, de braços cruzados, e não reage. A pouco mais de um metro dele, Eric olha para o relógio.

E depois de ver Will e Al andarem mais algum tempo em círculos grita-lhes:

– Acham que isto é um divertimento? Querem fazer um intervalo para dormirem a sesta? Lutem!

– Mas... – Al endireita as costas e baixa as mãos. – Mas não há um tempo máximo? Quando é que isto termina?

– Quando um de vocês já não for capaz de continuar – responde Eric.

– De acordo com as regras dos Intrépidos – acrescenta Quatro – quem quiser render-se também o pode fazer.

Eric volta-se para Quatro, de olhos semicerrados, corrigindo-o:

– De acordo com as *velhas* regras. De acordo com as *novas* regras ninguém se rende.

– Um homem corajoso reconhece a força dos outros – replica Quatro.

– Um homem corajoso nunca se rende.

Quatro e Eric entreolham-se durante alguns segundos. Sinto que estou a observar duas espécies de Intrépidos – os que possuem um código de honra e os que são implacáveis. Mas também sei que nesta sala manda Eric, que é o mais jovem chefe dos Intrépidos.

Al tem a testa coberta de gotas de suor, que limpa com as costas da mão.

– Isto é ridículo – diz depois, abanando a cabeça. – De que serve estar a espancá-lo? Fazemos parte da mesma facção!

– Ah, pensas que vai ser assim tão fácil? – pergunta Will com um sorriso. – Vamos. Tenta atingir-me, molengão. – Levanta de novo as mãos. Vejo-lhe uma determinação no rosto em que ainda não tinha

reparado. Acreditará que pode vencer? Bastará Al dar-lhe um murro com força na cabeça para o deitar abaixo.

Se conseguir acertar, claro. Al atira-lhe um murro e Will baixa-se. A nuca suada dele brilha. Will evita outro golpe, rodeia Al e dá-lhe um pontapé com força nas costas. Al é empurrado para a frente, mas volta-se.

Quando era mais nova li um livro sobre ursos-pardos. Lembro-me da fotografia de um deles de pé, nas patas traseiras, a rugir com as garras esticadas. É o que neste momento me faz lembrar Al. Lança-se sobre Will, agarra-lhe os braços para evitar que se escape e dá-lhe um murro com força no queixo.

Os olhos de Will, que são verdes como um aipo, ficam baços. Parecem querer fugir-lhe para o crânio e o corpo dele fica mole de repente. Solta-se dos braços de Al, como um peso morto, para cair enrodilhado no chão. Sinto as costas cobertas de um gelo que também me enche o peito.

De olhos esbugalhados, Al baixa-se junto de Will e dá-lhe palmadinhas numa das faces. Ficamos todos em silêncio, à espera da reação de Will. Mas durante alguns segundos não há nenhuma reação. Will fica deitado onde está com um braço debaixo do corpo. Depois, claramente atordoado, pisca os olhos.

– Ponham-no em pé – ordena Eric. Olha para o corpo caído de Will com uma expressão gulosa, como se estivesse a contemplar a sua primeira refeição depois de um jejum de semanas. O trejeito dos lábios é de crueldade.

Quatro volta-se para o quadro e faz um círculo em torno do nome de Al. É o vencedor.

– A seguir: Molly e Christina! – grita Eric. Al põe o braço de Will ao ombro e puxa-o para fora da arena.

Christina estala os nós dos dedos. Tenho vontade de desejar-lhe boa sorte, mas nem sei se isso lhe será vantajoso. Christina não é fraca, mas é muito mais magra do que Molly. A estatura pode ajudá-la, no entanto.

No outro lado da sala, Quatro pega em Will pela cintura e sai com ele. Al ainda fica à porta por instantes, a vê-los afastarem-se.

A ausência de Quatro põe-me nervosa. Deixar-nos nas mãos de Eric é como deixar-nos com uma *baby sitter* que tem como passatempo afiar facas.

Christina prende o cabelo atrás das orelhas. É preto, dá-lhe pelo pescoço e está preso com ganchos prateados. Faz estalar outro dedo.

Parece nervosa, o que não me surpreende. Não podemos deixar de estar nervosos depois de termos visto Will ir-se abaixo como uma boneca de trapos.

Se um combate corpo a corpo entre os Intrépidos só pode acabar com um único oponente de pé, não tenho a certeza do que me poderá acontecer nesta fase da iniciação. Serei como Al, ficando a pairar sobre o corpo de outra pessoa, sabendo que fui eu que a derrubei, ou ficarei caída e indefesa como Will? E será egoísmo da minha parte desejar a vitória ou um ato de coragem? Limpo as mãos suadas às calças.

Levanto a cabeça assim que Christina atira um pontapé de lado a Molly, atingindo-a num flanco. Molly arfa e range os dentes como se estivesse prestes a rosar. Um caracol de cabelo preto forte cai-lhe para a cara, mas ela não o afasta.

Al está parado de pé a meu lado, mas eu estou demasiado concentrada no combate para olhar para ele ou para o felicitar pela vitória, partindo do princípio que é isso que ele quer. Mas também não tenho a certeza.

Molly oferece um sorriso trocista a Christina e mergulha sem aviso em direção à cintura dela, com as mãos bem estendidas. Embate com força em Christina, atirando-a ao chão e imobilizando-a. Christina debate-se mas Molly é mais pesada e domina-a.

E depois começa a bater na sua oponente, que ainda tenta afastar a cabeça. Molly bate-lhe sem parar, uma vez e outra e mais outra, atingindo-a nos maxilares, no nariz e na boca. Agarro-me ao braço de Al sem pensar e aperto-o com toda a minha força. Preciso de me agarrar a alguém. Já escorre sangue do rosto de Christina, pingando para o chão, perto da cabeça dela. É a primeira vez que formulo uma prece para que alguém perca a consciência.

Mas não é o que acontece. Christina grita e consegue libertar um dos braços. Dá um murro na orelha de Molly e faz com que a sua oponente se desequilibre, conseguindo libertar-se, mas com dificuldade. Fica de joelhos com uma mão na cara. O sangue que lhe escorre do nariz é escuro e espesso e cobre-lhe os dedos em poucos segundos. Grita mais uma vez e tenta rastejar para longe de Molly. Pelo movimento dos ombros percebo que Christina está a chorar, mas mal consigo ouvi-la devido ao latejar que sinto nos ouvidos.

Por favor desmaia.

Molly dá um pontapé de lado em Christina, fazendo-a ficar deitada de costas. Al liberta a mão e puxa-me mais para ele. Cerro os dentes

com muita força para não chorar. Não simpatizei com Al na primeira noite, mas ainda não consigo ser cruel: ver Christina agarrada a um dos lados do corpo faz-me ter vontade de ir meter-me entre elas.

– Para! – berra Christina quando vê Molly levantar o pé para a atingir mais uma vez. Estende uma mão. – Para! Eu... – tosse – ... não posso mais, rendo-me.

Molly sorri e eu suspiro, aliviada. Al também suspira, o peito a erguer-se e a baixar-se encostado ao meu ombro.

Eric dirige-se ao centro da arena com movimentos lentos, detendo-se junto a Christina de braços cruzados. Num tom de voz calmo, pergunta-lhe:

– Desculpa, mas não percebi o que disseste. Que te rendias?

Christina consegue levantar-se e ficar de joelhos. Quando tira a mão do chão, deixa nele os contornos pintados a sangue. Agarra o nariz para estancar a hemorragia e acena afirmativamente com a cabeça.

– Levanta-te – ordena Eric. Se ele tivesse gritado eu não teria sentido que tudo o que existe no meu estômago estava prestes a sair-me de jato pela boca. Se ele tivesse gritado eu teria percebido que ele não iria fazer pior. Mas a voz está calma e as palavras são ditas com precisão. Agarra Christina pelo braço, arranca-a do chão e sai, a puxar por ela. – Sigam-me – diz-nos.

E nós seguimo-lo.

*

Ouçó o rugido do rio subterrâneo como se ele corresse dentro do meu peito.

Paramos junto à barreira que nos separa do rio. O Fosso está quase deserto. Estamos a meio da tarde, apesar de parecer que é de noite há vários dias seguidos.

Mas, mesmo que houvesse mais pessoas à nossa volta, duvido que alguém ajudasse Christina. Por um lado, estamos acompanhados por Eric e, por outro, os Intrépidos têm regras diferentes, que não são incompatíveis com a brutalidade.

Eric empurra Christina contra o parapeito.

– Sobe – ordena-lhe.

– O quê? – contrapõe Christina, como se esperasse que ele não insistisse, apesar de os olhos esbugalhados e o rosto lívido sugerirem o contrário. E Eric não vai desistir.

– Sobe para o parapeito – ordena Eric, pronunciando lentamente as

palavras. – Se ficares aí pendurada durante cinco minutos, por cima do abismo, esquecerei a tua cobardia. Se não conseguires, não serás autorizada a continuar a iniciação.

O parapeito é de ferro e estreito. A espuma que sobe do rio atinge-o e torna-o escorregadio e frio. Mesmo que Christina fosse suficientemente corajosa para se pendurar no parapeito durante cinco minutos, poderia não conseguir aguentar-se. Só lhe resta aceitar a condição de sem-faço ou arriscar a vida.

Fecho os olhos e imagino-a a despenhar-se nas rochas escarpadas por debaixo de nós, estremecendo.

– Está bem – acaba por dizer Christina, com voz trémula.

É suficientemente alta para passar as pernas por cima do parapeito sem esforço. Mas o pé treme-lhe. Assenta a ponta do pé no parapeito e passa a outra perna para o outro lado. Voltada para nós, limpa as mãos às calças e agarra-se com tanta força ao parapeito que os nós dos dedos ficam brancos. Depois tira um pé do rebordo. E depois o outro. Vejo-lhe o rosto do outro lado, com uma expressão determinada, de lábios bem cerrados.

Ao meu lado, Al olha para o relógio.

Christina parece estar bem no primeiro minuto e meio. As mãos continuam firmemente agarradas ao parapeito e os braços não vacilam. Começo a pensar que ela vai conseguir e demonstrar a Eric como foi tonto ao duvidar dela.

Nesse momento o rio bate na parede e a água cheia de espuma branca embate nas costas de Christina. Com o impacto o rosto choca contra a barreira e ela grita. As mãos escorregam-lhe e fica presa apenas pelos dedos. Tenta agarrar-se melhor, mas as mãos estão molhadas.

Se eu a ajudar, Eric vai fazer-me o mesmo. Vou deixá-la cair e morrer ou resignar-me a ser uma sem-faço? O que será pior? Ser indiferente à morte de alguém ou ficar condenada ao exílio e sem nada?

Os meus pais não teriam problema em responder a esta dúvida.

Mas não sou o meu pai nem a minha mãe.

Tanto quanto sei, Christina não chorou uma única vez desde que aqui chegámos, mas o rosto dela está agora retorcido e ela deixa escapar um soluço que se sobrepõe ao ruído do rio. Na parede bate mais uma onda e o corpo dela é coberto pela espuma. Um salpico bate-me na face. As mãos dela escorregam outra vez, uma das mãos solta-se e Christina fica apenas segura por quatro dedos.

– Vamos, Christina – diz Al numa voz surpreendentemente alta. Christina olha para ele. Al bate palmas. – Vamos, agarra-te outra vez. Vais conseguir. Agarra-te.

Seria suficientemente forte para a poder segurar? Valeria a pena tentar ajudá-la se eu soubesse que era demasiado fraca para poder fazer alguma coisa de jeito?

Sei o que são estas dúvidas: desculpas. *O raciocínio humano pode desculpar todos os males; é por isso que é importante não nos basearmos nele.* São palavras do meu pai.

Christina levanta o braço, para tentar agarrar-se ao parapeito. Ninguém puxa por ela, mas Al junta as mãos e grita-lhe, fitando-a. Quem me dera poder fazê-lo. Desejaria poder mexer-me, mas a única coisa que faço é ficar a olhar para ela e a perguntar a mim própria desde quando sou tão desagradavelmente egoísta.

Olho para o relógio de Al. Passaram-se quatro minutos. Al dá-me uma cotovelada forte no braço.

– Vamos – digo. Mas a minha voz é um murmúrio. Pigarreio. – Falta um minuto – afirmo, desta vez mais alto. A outra mão de Christina procura de novo o parapeito. Os braços tremem-lhe tão violentamente que penso que a terra pode estar a tremer debaixo dos meus pés e que é isso que me faz vacilar a visão sem que eu o perceba.

– Vamos, Christina – dizemos Al e eu em uníssono e, ao ouvir assim as nossas vozes, começo a acreditar que poderei ser suficientemente forte para conseguir ajudá-la.

É o que farei. Se escorregar outra vez, vou mesmo ajudá-la.

Bate mais uma onda nas costas de Christina e ela guincha, quando as duas mãos lhe escorregam. Solto um grito. Parece-me que é outra pessoa que grita.

Mas Christina não cai. Conseguiu agarrar-se ao parapeito. Os dedos deslizam outra vez até eu deixar de lhe ver a cabeça. Só lhe vejo as pontas dos dedos.

No relógio de Al os cinco minutos chegam ao fim.

– Acabou o tempo – diz, voltando-se para Eric, como se lhe cuspsse as palavras.

Eric olha para o próprio relógio. Demorando-se a rodar o pulso enquanto o meu estômago se contorce e eu sinto que já nem consigo respirar. Quando pisco os olhos vejo a irmã de Rita estendida na rua, por debaixo da linha do comboio. E Rita a chorar e a gritar. E eu a voltar-lhe as costas.

– Muito bem – diz Eric. – Podes subir, Christina.

Al dirige-se ao parapeito.

– Não – diz Eric. – Ela tem de fazê-lo sozinha.

– Não, não tem – rosna Al. – Ela fez o que lhe mandaste fazer. E não é cobarde. Ela fez o que mandaste.

Eric não responde. Al curva-se por cima do parapeito e a sua estatura permite-lhe chegar ao pulso de Christina. Ela agarra-o pelo antebraço. E Al puxa-a, o rosto vermelho de frustração, enquanto eu me apresso a ir ajudá-los. Sou demasiado baixa para o conseguir, mas agarro Christina por debaixo do ombro assim que ela está mais em cima e depois ajudo Al a levantá-la e a passá-la por cima do parapeito. Christina deixa-se cair, o rosto ainda ensanguentado do combate, as costas encharcadas, o corpo todo a tremer.

Ajoelho-me junto dela. Olha para mim e depois para Al e respiramos fundo, os três ao mesmo tempo.

Capítulo Dez

À noite sonho com Christina pendurada outra vez no parapeito, segura apenas pelos dedos dos pés, enquanto alguém grita que só uma pessoa que seja Divergente a pode ajudar. É por isso que corro para ela, para a puxar para cima, mas alguém me empurra por cima do parapeito... e acordo antes de cair nas rochas.

Suada e ainda a tremer por causa do sonho, vou para a casa de banho das raparigas tomar um duche e vestir-me. E no regresso ao dormitório vejo a palavra «Empata» pintada a vermelho com *spray* por cima dos meus lençóis. Também escreveram a mesma palavra em letras mais pequenas na base da cama e na minha almofada. Olho em redor, furiosa, com o coração a bater com muita força.

Peter está atrás de mim, a assobiar baixinho enquanto ajeita a almofada. É difícil acreditar que consigo odiar alguém que parece tão simpático, com as suas sobranceiras que se erguem tão naturalmente e com um sorriso largo e de dentes brancos.

– A decoração é bonita – diz.

– Por acaso fiz-te algum mal e não reparei? – pergunto-lhe. Agarro um dos lençóis por uma ponta e arranco-o da cama. – Não sei se te deste conta, mas agora fazemos parte da mesma facção.

– Não sei a que te referes – responde Peter, preocupado, antes de olhar diretamente para mim. – E tu e eu *nunca* estaremos na mesma facção.

Abano a cabeça enquanto tiro o pano da almofada. *Não te irrites*. Ele quer aproveitar-se da minha atitude. Mas não tem sorte nenhuma. A cada gesto que faz para ajeitar a almofada só tenho vontade de lhe dar um murro no estômago.

Al entra e nem sequer tenho de pedir-lhe para me ajudar. Aproxima-

se e começa também a tirar a roupa da minha cama. A limpeza do resto da cama vai ter de ficar para mais tarde. Al leva os lençóis para a roupa suja e dirigimo-nos juntos para a sala de treino.

– Ignora-o – recomenda Al. – É um idiota e se não te mostrares irritada vai acabar por parar.

– Pois. – Passo as mãos pelas faces. Ainda estão quentes por ter corado de fúria. Tento pensar noutras coisas. – Já falaste com o Will? – pergunto, baixando a voz. – Depois de... sabes a que me refiro.

– Claro. Ele está bem. Não ficou zangado. – Al suspira. – E eu ficarei a ser sempre recordado como a primeira pessoa que pôs outra a dormir.

– Há coisas piores. Pelo menos, não se vão meter contigo.

– Também há coisas melhores. – Al toca-me com o cotovelo, sorrindo. – Como ser a primeira pessoa a saltar.

Fui eu, fui. Mas suspeito que foi onde começou e vai terminar a minha fama como Intrépida.

Pigarreio.

– Um de vocês tinha de ir ao chão, sabes? Se não tivesse sido ele, terias sido tu.

– Mesmo assim, não quero voltar a fazê-lo. – Al abana a cabeça, várias vezes e energicamente. Funga. – A sério que não.

Paramos à porta da sala de treino e eu digo-lhe:

– Mas vais ter de voltar a fazê-lo.

Al tem um rosto bondoso. E talvez seja demasiado bondoso para pertencer aos Intrépidos.

Olho para o quadro ao entrar. Na véspera não tive de lutar, mas agora vai ter de ser. Mesmo assim, quando vejo o meu nome no quadro fico imóvel.

E Peter vai ser o meu opositor.

– Oh, não – diz Christina, aproximando-se de nós com passos incertos. O rosto está cheio de nódoas negras e parece estar a esforçar-se por não coxear. Quando olha para o quadro, amarrota a embalagem do queque que está a comer. – Isto é a sério? Vão mesmo pôr-te a lutar com *ele*?

Peter é quase trinta centímetros mais alto do que eu e, na véspera, não precisou de cinco minutos para vencer Drew. E o rosto de Drew está hoje transformado numa completa nódoa negra.

– Talvez pudesses apanhar apenas alguns murros e fingir que desmaias – sugere Al. – Ninguém te levaria a mal.

– Pois – respondo. – Talvez.

Olho de novo para o meu nome no quadro. Tenho a cara a arder. Al e Christina estão só a tentar ajudar-me, mas incomoda-me o facto de eles não acreditarem, nem no mais remoto cantinho das suas mentes, que eu tenha a mais pequena hipótese de vencer Peter.

Fico de lado sem dar atenção à conversa entre Al e Christina e a observar Molly a combater com Edward. Ele é muito mais rápido do que ela e isso dá-me a certeza de que Molly não vai vencer.

À medida que o combate continua a minha irritação transforma-se em nervosismo. Quatro disse-nos na véspera que devíamos explorar os pontos fracos do nosso adversário, mas Peter não tem pontos fracos, apesar da sua completa ausência de qualidades que possam fazer com que alguém goste dele. A estatura torna-o mais forte, mas, apesar do tamanho, não o faz mais lento; consegue perceber os pontos fracos dos outros; é maldoso e não me poupará em nada. Gostaria de poder dizer que ele me subestima, mas isso seria uma mentira. E Peter tem razão ao suspeitar de que eu não sou capaz de lutar como ele.

Mas talvez Al tenha razão e eu deva encaixar apenas alguns golpes e fingir que desmaio.

Não posso deixar de tentar, no entanto. Nem tão pouco correr o risco de ficar em último lugar.

Quando Molly consegue finalmente levantar-se, apenas semi-inconsciente por Edward ainda assim a ter poupado, o meu coração está a bater com tanta força que o sinto nas pontas dos dedos. Não me lembro da postura que devo assumir. Nem consigo lembrar-me dos golpes que devo dar. Encaminho-me para o meio da arena e todo o meu ser se retorce quando vejo Peter crescer para mim, mais alto do que eu pensava que ele era e com os músculos dos braços bem em evidência. Dá-me um sorriso. E eu fico a pensar se vomitar para cima dele me faria ficar bem vista.

Mas duvido.

– Tudo bem, Empata? – pergunta-me Peter. – Parece que estás quase a chorar. Posso tornar as coisas mais fáceis se chorares.

Atrás dos ombros de Peter vejo Quatro parado junto à porta, de braços cruzados. Tem a boca retorcida, como se tivesse engolido qualquer coisa amarga. Ao lado dele encontra-se Eric, a tamborilar com o pé com mais força do que bate o meu coração.

De repente, depois de termos estado a fitar-nos, Peter dobra os braços e ergue os punhos à altura do rosto. Também fletiu os joelhos, como se estivesse a preparar-se para saltar.

– Vá, Empata – diz, com os olhos a brilhar. – Só uma lagrimazinha.

E talvez uma pequena súplica...

A ideia de estar a pedir misericórdia a Peter enche-me a boca de um sabor azedo e, num impulso, levanto a perna para o atingir de lado. Ou, pelo menos, para o tentar fazer. Ele agarra o meu pé e puxa-o para a frente, fazendo-me perder o equilíbrio. Bato com as costas no chão, mas consigo libertar-me e levanto-me apressadamente.

Tenho de ficar de pé para ele não me dar pontapés na cabeça – é a única coisa em que consigo pensar

– Para de brincar com ela – ordena Eric num tom brusco. – Não tenho o dia todo para isto.

O olhar malicioso de Peter desaparece. Roda o braço e eu sinto a dor no meu maxilar, que se espalha depois pelo rosto, escurecendo-me a visão nos cantos dos olhos e pondo-me a ouvir campainhas. Pisco os olhos e quase caio para o lado enquanto a sala oscila e parece dissolver-se. Não me lembro de ver o punho dele a vir em direção a mim.

Já me sinto tão em desequilíbrio que a única coisa que consigo fazer é tentar ficar longe dele, tanto quanto o permitem os limites da arena. Mas Peter aparece de repente diante de mim e dá-me um pontapé com força no estômago. O pé dele expulsa-me o ar dos pulmões e a dor que sinto é tão grande que nem consigo respirar. Ou então é a força do golpe que me corta a respiração. Nem sei o que se passa. E vou ao chão.

Tenho de ficar de pé – é a única coisa em que penso. Consigo levantar-me, mas Peter já está outra vez à minha frente. Com uma mão agarra-me pelo cabelo enquanto me dá um murro no nariz com a outra. A dor agora é diferente. Parece menos direta, como se qualquer coisa se tivesse partido mesmo dentro da minha cabeça, e dá origem a pontos de luz de cores diferentes dentro dos meus olhos: azuis, verdes, vermelhos. Bato-lhe com as mãos nos braços para o tentar repelir e ele dá-me outro murro, desta vez pouco abaixo do peito. Sinto o rosto molhado. Tenho sangue a sair-me do nariz. A cor vermelha deve ser agora dominante, mas estou demasiado tonta para conseguir olhar para a minha roupa.

Peter empurra-me e eu torno a cair, raspando as mão no solo, a piscar os olhos, com movimentos muito lentos e a sentir-me cheia de calor. Tusso e ainda consigo levantar-me. Mas quando vejo a sala a andar à roda penso que devia ter ficado deitada. E Peter também está a andar à minha volta. Sou como um planeta que está imóvel. Sinto mais uma pancada de lado e quase volto a cair.

De pé de pé – vejo uma massa bruta à minha frente, um corpo que eu tento esmurrar com muita força e sinto os meus punhos a baterem em qualquer coisa suave. Mas quase nem ouço Peter a resmungar. A palma da mão dele embate-me no ouvido e ainda o consigo ouvir a rir-se baixinho. Depois, ouço o som de campainhas e tento afastar algumas das manchas escuras que tenho diante dos olhos enquanto procuro perceber o que serão.

Com a minha visão periférica consigo ver Quatro a abrir a porta num movimento brusco e a sair. Este combate não deve interessá-lo muito. Ou talvez vá tentar perceber por que motivo é que está tudo a andar à volta. E não o censuro porque eu também gostava de saber.

Os meus joelhos cedem e sinto o frio do chão na minha cara. Qualquer coisa me bate num flanco e eu grito, pela primeira vez. Mas é um grito tão agudo que só pode ter sido dado por outra pessoa. Sinto o mesmo golpe, outra vez, e já não consigo ver nada, nem sequer o que está mesmo encostado aos meus olhos, e depois as luzes apagam-se. Ouço gritar – «Já chega!» E eu só penso que já é de mais e depois deixo mesmo de pensar.

*

Pouco sinto ao acordar. E o pensamento parece bloqueado por bolas de algodão.

Mas sei que perdi e que o que mantém a dor à distância também me impede de pensar.

– Já tem o olho negro? – pergunta uma voz.

Abro um dos olhos – o outro não porque parece estar colado. À minha direita estão sentados Will e Al. Christina está sentada na cama, à minha esquerda, com um saco de gelo no queixo.

– Que aconteceu à tua cara? – pergunto-lhe. Os meus lábios parecem grandes demais e desastrados.

Christina ri-se.

– Olha quem fala! – replica. – Precisarás de uma venda de pirata?

– Bem, eu sei o que aconteceu à *minha* cara – respondo. – Eu estava lá... mais ou menos.

– Disseste uma *piada*, Tris? – inquire Will, a sorrir. – Temos de dar-te analgésicos com mais frequência se isso te faz dizer piadas. Ah, e para responder à tua pergunta: fui eu que dei cabo dela.

– Não posso acreditar que não tenhas conseguido vencer o Will – diz Al, abanando a cabeça.

– O quê? Ele é *bom* – diz Christina, com um encolher de ombros. – Além disso, acho que já aprendi como é que posso parar de perder. Só preciso de evitar que as pessoas me batam no queixo.

– Pensei que já o tivesses percebido – diz Will, piscando-lhe o olho.
– E já sei por que motivo não és uma Erudita. Não és muito inteligente, pois não?

– E tu estás bem, Tris? – pergunta-me Al. Os olhos dele são castanho-escuros, quase da mesma cor da pele de Christina. As faces parecem ásperas, como se não se tivesse barbeado ou se tivesse uma barba muito forte. É difícil acreditar que só tenha dezasseis anos.

– Pois – respondo. – Gostava era de poder ficar aqui o resto do tempo para não ter de voltar a ver o Peter.

Mas não sei onde é que fica este «aqui». Estou num quarto que é mais amplo para os lados, com uma fileira de camas de cada lado da minha. Algumas das camas têm cortinas entre elas. No lado direito está um posto de observação das enfermeiras. É para aqui que devem vir os Intrépidos quando estão doentes ou magoados. A mulher que se encontra no posto observa-nos por cima da prancheta que está a segurar. Nunca vi uma enfermeira com tantos *piercings* numa orelha. Talvez haja Intrépidos que se apresentam como voluntários para fazer os serviços que, por tradição, pertencem a outras fações. Afinal, não faria sentido que os Intrépidos tivessem de pôr-se a caminho do hospital da cidade cada vez que algum deles ficasse magoado.

A primeira vez que estive num hospital foi aos seis anos. A minha mãe caiu no passeio à frente da nossa casa e partiu um braço. Quando a ouvi gritar comecei a chorar, mas Caleb foi a correr chamar o meu pai sem dizer uma palavra. No hospital, uma mulher dos Cordiais, com uma camisa amarela e unhas limpas, mediu a tensão à minha mãe e tratou-lhe do braço.

Lembro-me de Caleb dizer à minha mãe que só demoraria um mês a ficar boa porque a fratura era muito fina. Pensei que estivesse a tranquilizá-la porque é o que as pessoas altruístas fazem. Mas agora interrogo-me se ele não estaria a repetir alguma coisa que tivesse estudado. Era como se todas as características dos Abnegados que mostrava possuir fossem apenas características bem dissimuladas dos Eruditos.

– Não te preocupes com o Peter – diz Will. – Ele vai ser vencido, pelo menos pelo Edward, que anda a estudar técnicas de combate corpo a corpo desde que tínhamos dez anos. E só para se divertir.

– Ótimo – diz Christina. Olha para o relógio. – Acho que nos

arriscamos a ficar sem jantar. Queres que fiquemos aqui, Tris?

Abano a cabeça e respondo:

– Estou bem.

Christina e Will põem-se em pé e Al indica-lhes que devem ir, com um gesto. Tem um cheiro diferente, fresco e doce, que parece de salva e citronela. Quando se mexe na cama, à noite, consigo cheirá-lo e percebo que está a ter um pesadelo.

– Só queria dizer-te que perdeste a comunicação que o Eric fez – diz Al. – Vamos fazer uma viagem de estudo à vedação para vermos o que lá fazem os Intrépidos. Temos de estar no comboio às oito e um quarto.

– Ótimo. Obrigada.

– E não liges à Christina. Não estás assim com tão mau aspeto. – Al esboça um sorriso. – Quer dizer, estás bem. Estás sempre bem. Quer dizer... és corajosa. Ou seja, és Intrépida.

Os olhos dele evitam os meus e, ao mesmo tempo, leva a mão à nuca e coça-a. O silêncio avoluma-se de repente entre nós. Foi simpático da parte dele dizer o que disse, mas parece ter tentado dizer mais alguma coisa. Espero estar enganada. Não poderia sentir-me atraída por Al, que é uma pessoa tão frágil. Sorrio, tanto quanto mo permite a face magoada, esperando que isso alivie a tensão.

– Tenho de deixar-te descansar – diz Al. Levanta-se para se ir embora, mas eu agarro-o pelo pulso.

– Al, estás bem? – pergunto-lhe. Fica a olhar para mim, inexpressivamente. – Quer dizer, as coisas estão mais fáceis?

– Hum... Um pouco. – Encolhe os ombros.

Al solta a mão dele das minhas e mete-a no bolso. A questão deve tê-lo embaraçado porque nunca o vi tão corado. Se eu passasse as noites a chorar para a almofada também me sentiria um pouco embaraçada. Pelo menos sei dissimular os momentos em que choro.

– Perdi com o Drew. Depois do teu combate com o Peter. – Al olha para mim. – Bateu-me algumas vezes, eu caí e deixei-me ficar. Mesmo sem precisar. Calculo... calculo que desde que venci o Will, e mesmo que perca todos os outros combates, nunca ficarei em último lugar. E já não precisarei de magoar ninguém.

– É realmente o que queres fazer?

Al baixa os olhos.

– Não, não consigo. Talvez isso signifique que sou um covarde.

– Mas tu não és covarde só porque não queres ferir as pessoas – contraponho, porque sei que é o que devo dizer, apesar de sentir que

não estou a ser sincera.

Ficamos ambos imóveis durante alguns instantes, a fitar-nos mutuamente. Talvez estivesse mesmo a ser sincera. Se ele é cobarde, não é por não gostar da dor. É porque se recusa a magoar os outros.

Al deita-me um olhar contristado e pergunta-me:

– Achas que as nossas famílias nos visitarão? Dizem que as famílias dos que se transferiram nunca cá vêm no Dia das Visitas.

– Não sei – respondo. – Não sei se será bom ou mau que venham.

– Acho que é mau. – Al acena afirmativamente com a cabeça. – Isto já é tudo suficientemente difícil. – Acena de novo com a cabeça, como se precisasse de confirmar o que acabou de dizer, e vai-se embora.

Falta menos de uma semana para os iniciados da facção dos Abnegados poderem visitar os seus pais, pela primeira vez desde a Cerimónia da Escolha. Irão a casa e sentar-se-ão nas salas de estar e falarão com os pais como adultos pela primeira vez.

Eu costumava ansiar por esse dia. Costumava pensar no que diria à minha mãe e ao meu pai quando era autorizada a fazer-lhes perguntas à mesa.

Falta menos de uma semana para os iniciados-Intrépidos se encontrarem com as suas famílias no Fosso ou no edifício de vidro por cima do quartel-general e farão com certeza o que costumam fazer nestas ocasiões. Talvez se atirem mutuamente facas à cabeça, à vez. Não me surpreenderia.

Quanto às transferências que têm pais capazes de lhes perdoarem, também poderão vê-los em breve. Suspeito que os meus pais não estarão entre eles. Sobretudo depois do grito de ultraje que ouvi ao meu pai, na cerimónia. E depois de os dois filhos terem desertado. Talvez eles tivessem compreendido o meu gesto, se eu lhes tivesse dito que era uma Divergente e que estava confusa a propósito da minha opção. Talvez isso me tivesse ajudado a descobrir o que era ser-se Divergente, qual o seu significado e por que motivo é perigoso sê-lo. Mas não lhes quis confiar o meu segredo e por isso nunca saberei o que poderia ter acontecido.

Comprimo os maxilares ao sentir as lágrimas. Estou farta. Estou farta de chorar e de ser fraca. Mas não há muito que possa fazer para o impedir.

Talvez consiga adormecer ou talvez não. Mas mais tarde, ainda de noite, saio da cama e do quarto e regresso ao dormitório. A única coisa pior do que deixar que Peter me pusesse no hospital seria passar uma noite inteira no hospital por causa dele.

Capítulo Onze

Na manhã seguinte não ouço o despertar nem o movimento dos pés ou as conversas dos outros iniciados enquanto se arranjam. É Christina que me acorda, a sacudir-me pelo ombro com uma mão e a dar-me palmadinhas na face com a outra. Já tem um blusão preto vestido com o fecho puxado até à garganta. As nódoas negras do combate da véspera, se ainda as tem, estão dissimuladas pelo tom escuro da pele.

– Vá – diz-me. – Vamos a isto.

Sonhei que Peter me tinha atado a uma cadeira, perguntando-me se eu fazia parte dos Divergentes. Eu respondi que não e ele espancou-me até eu acabar por dizer que sim. Quando acordei tinha a cara molhada.

Queria dizer qualquer coisa, mas só consigo resmungar. Dói-me tanto o corpo que tenho dificuldade em respirar. E também não ajuda o facto de o meu ataque de choro da noite passada me ter deixado com os olhos inchados. Christina estende-me a mão.

No relógio já são oito horas. Temos de estar na linha do comboio às oito e quinze.

– Vou a correr buscar pequeno-almoço para nós. E tu... apressa-te. Parece que vais precisar de bastante tempo.

Resmungo. Tentando não me curvar, procuro uma camisa lavada na gaveta por debaixo da minha cama. Felizmente que Peter não está cá para ver os meus esforços. O dormitório fica vazio depois de Christina sair. Começo a desabotoar a camisa e olho para o meu flanco, que está coberto de nódoas negras. Por instantes deixo-me hipnotizar pelas cores: verde muito vivo, azul-escuro e castanho. Mudo de roupa o mais depressa que posso e deixo o cabelo solto porque nem consigo levantar os braços para o atar na nuca.

Olho para o meu reflexo no pequeno espelho colocado na parede do fundo e vejo uma pessoa que não conheço. É uma rapariga loura como eu e com um rosto magro parecido com o meu, mas sem mais nada que nos aproxime. De certeza que não tenho um olho todo inchado nem um lábio ferido nem uma nódoa negra enorme no queixo. Nem estou branca como a cal da parede. Não sou de facto eu a pessoa que vejo refletida no espelho apesar de os gestos que ela faz serem os mesmos que eu faço.

Christina regressa nesse momento com um queque na mão e baixa-se à minha frente para me atar os sapatos. Sinto uma onda de gratidão dentro de mim que me aquece e que quase me faz doer. Talvez haja um pouco dos Abnegados em todas as pessoas, mesmo que não o percebam.

Em todas as pessoas... menos no Peter.

– Obrigada – digo-lhe.

– Bem, nunca lá chegaríamos a tempo se tivesses de atá-los tu – replica Christina. – Vá. Podes comer e andar ao mesmo tempo, certo?

Apressamo-nos a caminho do Fosso. O queque sabe a banana e tem nozes. A minha mãe fez pão assim, uma vez, para dar aos sem-faço, mas nunca o provei. Achei que já era suficientemente crescida para petiscos desse género, na altura. Ignoro a picada que sinto no estômago cada vez que penso na minha mãe, enquanto meio a andar meio a correr tento acompanhar Christina, que tem as pernas mais compridas do que as minhas.

Subimos os degraus que vão do Fosso para o edifício de vidro situado por cima de nós, a caminho da saída. Cada passo que dou faz a dor disparar pelo meu corpo acima e até às minhas costelas, mas tenho de ignorá-la. Chegamos à linha no momento em que aparece o comboio a apitar.

– Porque é que se demoraram tanto? – pergunta-nos Will, a tentar fazer-se ouvir.

– Aqui a Pernas Curtas transformou-se numa senhora velhinha da noite para o dia – responde Christina.

– Oh, cala-te! – protesto, sem conseguir achar-lhe muita graça.

Quatro está à frente do grupo, tão perto da linha que se arrisca a que o comboio lhe leve o nariz se avançar um centímetro que seja. Mas recua, depois, para deixar passar os primeiros iniciados. Will iça-se para o vagão com alguma dificuldade, aterrando de barriga e puxando depois as pernas para si. Quatro agarra-se ao puxador da porta do vagão e iça-se tão suavemente que nem parece ter mais um

metro e oitenta de corpo a seguir às mãos.

Sou eu a seguir. Corro para o vagão sem conseguir evitar as caretas provocadas pela dor, comprimindo os maxilares com força e agarrando-me ao puxador do lado. Vai doer-me ainda mais.

Al agarra-me por debaixo dos braços e puxa-me para o interior do vagão. Sinto a dor no meu flanco, mas apenas por segundos. Avisto depois Peter por detrás dele e coro. Al estava a tentar ser simpático e eu sorrio-lhe, mas preferia que as pessoas não fossem tão simpáticas. Peter já tem munições que lhe cheguem para usar contra mim.

– Está tudo bem por aí? – pergunta Peter, com um olhar de simpatia fingida, os lábios revirados, as sobrancelhas unidas num arco. – Ou estás um pouco... *empatada*?

Ri-se com a sua própria piada e Molly e Drew acompanham-no. O riso de Molly é desagradável, com rancos e movimentos de ombros, e o de Drew não tem som, quase como se fosse ele a ter dores.

– Estamos todos espantados com o teu sentido de humor – diz Will.

– Pois, e tu tens a certeza de que não estarias melhor com os Eruditos, Peter? – pergunta Christina. – Consta que não têm objeções a aceitar mariquinhas.

Quatro, ainda à porta, antecipa-se à reação de Peter:

– Vou ter de ouvir as vossas questiúnculas durante a viagem toda até à vedação?

Calamo-nos todos e Quatro volta-se para a porta outra vez. Põe as mãos nos puxadores de cada lado da porta e, de braços bem esticados, firma os pés com força no interior e inclina-se tanto que o corpo fica quase todo fora do comboio. O vento cola-lhe a camisa ao peito. Tento ver para lá dele, os campos que atravessamos, e o que avisto são edifícios em ruínas e abandonados que vão ficando mais pequenos à medida que avançamos.

De vez em quando, porém, os meus olhos desviam-se para Quatro. Não sei o que espero ver ou o que quero ver, se é que quero ver alguma coisa. Mas faço-o sem pensar.

Pergunto a Christina:

– O que achas que existe lá fora? – Aceno com a cabeça para a porta. – Quer dizer, para lá da vedação.

Christina responde, com um encolher de ombros:

– Uma série de quintas, parece-me.

– Sim, mas quero dizer... depois das quintas. Estamos a guardar a cidade de quê?

– Monstros! – responde Christina, agitando os dedos.

Reviro os olhos.

– Nem sequer havia guardas na vedação até há cinco anos – diz Will. – Não se lembram de quando a polícia dos Intrépidos patrulhava o setor dos sem-faço?

– Sim – respondo. E lembro-me também de que o meu pai foi uma das pessoas que votou a favor da saída dos Intrépidos do setor dos sem-faço, na cidade, argumentando que os pobres não precisavam de ser policiados. Precisavam era de ajuda e nós podíamos dar-lha, defendeu. Mas prefiro não falar do assunto, nem aqui nem agora. É uma das coisas que os Eruditos apontam como prova da incompetência dos Abnegados.

– Oh, está bem – diz Will. – Aposto que os vias todos os dias.

– Porque é que dizes isso? – contraponho, um pouco bruscamente. Não quero que me associem muito aos sem-faço.

– Porque tinhas de passar pelo setor dos sem-faço para ir para a escola, não era?

– O que é que fizeste? Memorizaste um mapa da cidade como divertimento? – pergunta Christina.

– Claro – responde Will, com um olhar intrigado. – E tu, não?

Os travões do comboio guincham e somos todos atirados para a frente quando o vagão começa a parar. Fico grata pela oportunidade porque o movimento torna mais fácil ficarmos de pé. Os edifícios em ruínas já não existem nesta zona e foram substituídos por campos amarelos e linhas de caminhos de ferro. O nosso comboio para debaixo de um toldo. Desço para as ervas, segurando-me ao puxador para me manter em equilíbrio.

Diante de mim está uma vedação fechada com correntes e com arame farpado no topo. Aproximo-me e verifico que ela se estende a uma distância que já não consigo ver e que é perpendicular ao horizonte. Para lá da vedação vejo um aglomerado de árvores, algumas já mortas e outras ainda com folhagens verdes. E desse lado estão alguns dos guardas dos Intrépidos a andarem de um lado para o outro com armas de fogo.

– Sigam-me – diz Quatro. Mantenho-me junto de Christina. Não o quero admitir, nem a mim própria, mas sinto-me mais calma perto dela. Se Peter tentar provocar-me, Christina defender-me-á.

Censuro-me em silêncio por estar a ser tão cobarde. Os insultos de Peter não deviam incomodar-me e aquilo em que tenho de concentrar-me é em ser melhor a combater e não nos erros da véspera. E também já devia estar preparada para me defender, ou pelo menos disposta a

isso, em vez de esperar que outras pessoas o façam por mim.

Quatro leva-nos para o portão, que é tão largo como uma casa e que se abre no início da estrada esburacada que conduz à cidade. Quando em miúda vim aqui com os meus pais, viajámos num autocarro que prosseguiu depois a sua viagem até às quintas dos Cordiais, onde passámos o dia a apanhar tomate e a suar até empaparmos a nossa roupa.

Mais uma picada no estômago.

– Se não conseguirem ficar classificados nos cinco primeiros lugares no fim da iniciação o mais provável é virem parar aqui – diz Quatro, ao chegar junto ao portão. – E a possibilidade de progredirem, depois de serem guardas na vedação, é muito reduzida. Poderão ir em patrulha até às quintas dos Cordiais, mas...

– E patrulhar o quê? – pergunta Will.

Quatro encolhe os ombros.

– Acho que descobrirão isso quando estiverem nessa posição. Como estava a dizer, na maior parte dos casos, os que já estão a guardar a vedação quando são novos vão continuar a fazê-lo depois. Se vos servir de consolo, há alguns que dizem que não é tão mau como parece.

– Pois. Mas, pelo menos, não andaremos a conduzir autocarros ou a limpar a porcaria dos outros, como fazem os sem-faço – sussurra-me Christina ao ouvido.

– Em que lugar ficaste tu? – pergunta Peter a Quatro.

Não espero que ele responda, mas Quatro olha inexpressivamente para Peter e responde-lhe:

– No primeiro.

– E decidiste fazer *isto*? – Os olhos de Peter são grandes e redondos e verde-escuros. Se eu não soubesse como ele é maldoso pensaria que tinham uma expressão inocente. – Porque é que não arranjaste um trabalho na administração?

– Porque não quis – responde Quatro, secamente. Lembro-me do que ele disse no primeiro dia, a propósito do trabalho na sala de controlo, onde os Intrépidos monitorizam a segurança da cidade. E tenho dificuldade em imaginá-lo aí, rodeado de computadores. Para mim, o lugar de Quatro é realmente na sala de treino.

Estudámos o trabalho das fações na escola. As opções dos Intrépidos são limitadas. Podemos guardar a vedação ou trabalhar no sistema de segurança da nossa cidade. Podemos trabalhar no quartel-general dos Intrépidos, a fazer tatuagens ou armas ou mesmo a combater entre nós

para estarmos entretidos. Ou podemos trabalhar para os dirigentes dos Intrépidos. E esta parece-me a minha melhor opção.

O único problema é que a minha classificação é muito má. Além disso, posso estar transformada numa sem-faço quando a primeira fase chegar ao fim.

Ficamos parados junto ao portão. São poucos os guardas Intrépidos que olham para nós. Estão demasiado ocupados a abrir as portas – que são duas vezes mais altas e várias vezes mais largas que eles – para deixarem passar um camião.

O motorista tem um chapéu, barba e um sorriso. Para no lado de dentro do portão e sai. O camião é de caixa aberta e lá dentro estão mais alguns membros dos Cordiais entre as pilhas de caixas de madeira. Espreito lá para dentro e vejo... maçãs.

– Beatrice? – pergunta um dos rapazes.

Volto a cabeça de repente ao ouvir o meu nome. Um dos rapazes na caixa do camião levanta-se. Tem cabelo louro encaracolado e um nariz que já conheço, largo à frente e estreito na cana. Robert. Tento lembrar-me dele na Cerimónia da Escolha, mas tudo o que me chega à mente é o bater do coração nos ouvidos. Quem mais se transferiu de fação? Susan? Os Abnegados terão iniciados este ano? Se os Abnegados estão em crise, a culpa é nossa: de Robert e de Caleb e minha. Minha. Afasto o pensamento.

Robert salta do camião. Tem uma t-shirt cinzenta e calças de ganga. Depois de uma hesitação que não demora mais de um segundo, aproxima-se de mim e abraça-me. Sinto-me gelar. Só entre os Cordiais é que as pessoas se abraçam ao cumprimentarem-se. Não movo um único músculo enquanto não me larga.

O sorriso dele esbate-se quando olha outra vez para mim.

– Beatrice, que se passa? Que aconteceu à tua cara?

– Nada – respondo. – É do treino. Não foi nada.

– *Beatrice?* – inquire uma voz nasalada atrás de mim. Molly cruza os braços e dá uma gargalhada. – É esse o teu verdadeiro nome, Empata?

Olho para ela.

– Pensaste que Tris era o diminutivo de quê? – pergunto.

– Oh, não sei... talvez *fraquinha*? – Molly leva a mão ao queixo. Um queixo maior seria uma vantagem para ela porque poderia ser um fator de equilíbrio relativamente ao nariz. Mas é uma proeminência débil que quase lhe desaparece no pescoço. – Oh, espera lá, essa palavra não começa com *tris*... Enganei-me.

– Não é necessário provocá-la – diz-lhe Robert, com suavidade. –

Chamo-me Robert. E tu quem és?

– Uma pessoa que não está interessada em saber o teu nome – replica Molly. – E se regressasses ao camião? Não devemos estar a confraternizar com membros de outras fações.

– E se tu nos deixasses em paz? – contraponho, dirigindo-me a ela.

– Claro. Não quero meter-me entre ti e o teu namorado – diz Molly, afastando-se com um sorriso.

Robert olha-me com uma expressão de tristeza e diz-me:

– Não parecem boa gente.

– Alguns não são.

– Podias ir para casa, sabes? Tenho a certeza de que os Abnegados podiam abrir uma exceção para te acolherem.

– E o que te faz pensar que eu quero ir para casa? – pergunto, corada. – Achas que não consigo dar conta do recado ou algo assim?

– Não é isso. – Robert abana a cabeça. – Não é o que não podes, é o que não tens de fazer. Devias ser feliz.

– Foi isto que escolhi. Foi isto. – Olho por cima do ombro de Robert. O guarda dos Intrépidos parece ter acabado de examinar o camião. O homem de barba regressa à cabina do condutor e fecha a porta. – Além disso, Robert... O objetivo da minha vida não é só... ser feliz.

– E no entanto não seria mais simples para ti se fosse esse o teu objetivo? – contrapõe Robert.

Antes de eu poder responder, Robert toca-me no ombro e regressa ao camião. Uma das raparigas tem um banjo no colo. Começa a dedilhar e Robert iça-se para o camião, que arranca e leva consigo os sons do banjo e os trinados da voz da rapariga.

Robert diz-me adeus e, de novo, imagino outra vida possível para mim. Vejo-me na caixa do camião a cantar com a rapariga, apesar de nunca ter cantado na vida, a rir-me quando desafino e a trepar às árvores para apanhar maçãs, sempre em paz e em segurança.

Os guardas fecham o portão e trancam-no. O fecho de segurança fica do lado de fora. Mordo o lábio. Por que motivo hão de fechar o portão do lado de fora e não por dentro? Quase parece que não querem deixar sair qualquer coisa. E que querem manter-nos no lado de dentro.

Afasto o pensamento da cabeça. É uma coisa que não faz sentido.

Quatro distancia-se da vedação, onde estive a conversar com uma guarda dos Intrépidos que tem uma arma a tiracolo.

– Preocupa-me que tenhas tendência para tomares decisões insensatas – diz-me, quando já está muito perto.

Cruzo os braços e defendo-me:

– Foi uma conversa de dois minutos.

– Não me parece que uma duração mais curta a torne menos insensata. – Quatro franze o sobrolho e toca-me no canto do meu olho magoado com as pontas dos dedos. Tento esquivar-me ao contacto, mas ele não afasta a mão. Em vez disso, inclina a cabeça para o lado e suspira. – Safavas-te melhor se conseguisses aprender a atacar primeiro.

– Atacar primeiro? – pergunto. – Como é que isso me ajudará?

– És rápida. Se puderes assestar alguns golpes valentes na outra pessoa antes de ela dar por isso, consegues vencer. – Quatro encolhe os ombros e baixa a mão.

– Fico admirada por saberes isso – respondo, em voz baixa – porque saíste a meio, no meu único combate.

– Não era uma coisa que eu quisesse ver – replica Quatro.

Que quer ele dizer com isso?!

Quatro pigarreia e avisa:

– Parece que o comboio já chegou. É altura de partirmos, Tris.

Capítulo Doze

Rastejo para a cama e ainda arranjo forças para suspirar. Já passaram dois dias sobre o combate com Peter e as minhas nódoas negras estão agora a ficar arroxeadas. Habituei-me a conviver com a dor a cada movimento que faço e já me mexo melhor apesar de ainda estar longe de me sentir curada.

E hoje, apesar de continuar lesionada, tive de combater outra vez. Com Myra, felizmente, que nem conseguiria dar um murro de jeito mesmo que alguém lhe guiasse o braço. Dei-lhe um bom murro logo nos primeiros dois minutos. Myra foi ao chão, demasiado tonta para se levantar. E eu devia sentir-me triunfante, mas não vejo que haja qualquer tipo de triunfo em bater numa rapariga como ela.

No instante em que ponho a cabeça na almofada abre-se a porta do dormitório e entram várias pessoas com lanternas. Levanto-me de imediato, quase batendo com a cabeça na parte de cima da cama e pisco os olhos, a tentar perceber o que se passa.

– Todos de pé! – grita uma voz. A luz de uma lanterna emoldura-lhe a cabeça e as argolas que tem nas orelhas cintilam. Eric. Rodeiam-no outros Intrépidos, alguns dos quais vi no Fosso e outros que nunca vi. Entre eles está Quatro.

Os olhos dele fixam-se nos meus. Fico a observá-lo e nem reparo que os outros iniciados já estão a sair das respetivas camas.

– Ficaste surda, Empata? – pergunta Eric. Saio bruscamente do meu transe e largo os cobertores. Ainda bem que durmo vestida. Christina está de pé junto à cama, só com uma t-shirt e sem nada a cobrir-lhe as pernas compridas. Cruza os braços e olha para Eric. Eu bem gostaria de estar a olhar assim tão desafiadoramente para alguém com tão pouca roupa. Mas nunca o conseguirei fazer.

– Têm cinco minutos para se vestirem e irem ter connosco à linha do comboio – diz Eric. – Vamos fazer outra visita de estudo.

Meto os pés nos sapatos e apresso-me, pestanejando a cada manifestação de dor e seguindo atrás de Christina em direção à linha do comboio. Sinto uma gota de suor a descer-me pela nuca enquanto subimos pelos trilhos que acompanham as paredes do Fosso, passando por diversos Intrépidos que não parecem surpreendidos por nos verem. Fico a pensar no número de pessoas que veem passar por eles a correr freneticamente todas as semanas.

Chegamos à linha já depois dos iniciados-Intrépidos. Vejo um monte de objetos escuros. São armas de fogo com canos compridos e todas equipadas com guarda-mato.

– Vamos *disparar* contra alguma coisa? – pergunta-me Christina, ao ouvido.

Junto ao monte de armas estão caixas do que parecem ser munições. Aproximo-me mais para ler o que está escrito: bolas de tinta.

Nunca tinha visto a palavra, mas o nome parece-me esclarecedor, o que me faz rir: «bolas de tinta».

– Peguem todos numa arma! – grita Eric.

Corremos para o monte. Estou mais próxima do que os outros e deito a mão à primeira arma que vejo. É pesada, mas consigo pegar nela. Tiro também uma caixa de bolas de tinta, enfiando-a num bolso e pondo depois a arma a tiracolo com a correia presa ao peito.

– Estimativa de tempo? – pergunta Eric, voltando-se para Quatro.

Quatro olha para o relógio.

– A qualquer momento – responde. – De quanto tempo é que ainda precisas para memorizar o horário dos comboios?

– Para quê, se te tenho a ti para me lembrares? – replica Eric, dando uma palmada no ombro de Quatro.

À minha esquerda aparece um círculo de luz, ainda distante. Vai ficando cada vez maior à medida que se aproxima, iluminando uma das faces de Quatro e criando-lhe uma zona de sombra na pequena depressão por debaixo da maçã do rosto.

Quatro é o primeiro a entrar para o comboio e eu corro logo atrás dele, sem esperar por Christina, Will ou Al. Quatro volta-se quando eu começo a acompanhar o movimento do comboio e estende a mão. Agarro-lhe o braço e ele içá-me. Os músculos do seu braço estão tensos, bem definidos.

Largo-o rapidamente e, sem olhar para ele, vou sentar-me no outro

lado do vagão.

Quando já estamos todos no vagão é a vez de Quatro dar as suas instruções:

– Vamos dividir-nos em duas equipas para o jogo da captura da bandeira. Cada equipa terá um número idêntico de elementos, iniciados-Intrépidos e transferências. Uma das equipas parte primeiro e vai encontrar um local para esconder a bandeira. Depois, parte a segunda e vai fazer o mesmo. – O vagão oscila e Quatro agarra-se à porta para manter o equilíbrio. – Esta é uma tradição dos Intrépidos e por isso devem levá-la muito a sério.

– O que é que ganhamos, se vencermos nós? – pergunta uma voz.

– Parece uma pergunta que só pode ser feita por alguém que não pertence aos Intrépidos – responde Quatro, erguendo uma sobrancelha. – O que ganham é uma vitória, claro.

– Quatro e eu seremos os chefes das vossas equipas – diz Eric. Olha depois para Quatro. – Vamos dividir as transferências primeiro?

Inclino a cabeça para o lado. Se vão eles escolher vou ficar para o fim. É de prever.

– Primeiro tu – diz Quatro.

– Edward – diz Eric, com um encolher de ombros.

Encostando-se à porta, Quatro acena com a cabeça. A luz da Lua põe-lhe os olhos a brilhar. Examina brevemente o nosso grupo sem parecer estar a pensar e diz:

– Quero a Empata.

O vagão enche-se de gargalhadas discretas e sussurradas. O calor sobe-me ao rosto. Não sei se hei de ficar irritada com as pessoas que estão a rir-se de mim ou lisonjeada pelo facto de Quatro me ter escolhido em primeiro lugar.

– Queres demonstrar alguma coisa? – pergunta-lhe Eric, com o sorriso de troça que o caracteriza. – Ou estás só a escolher os fracos para depois teres alguém para culpar se perderes?

– Mais ou menos – responde Quatro, com um encolher de ombros.

Irritada – é mesmo como devo sentir-me. Franzo o sobrolho e olho para as minhas mãos. Qualquer que seja a estratégia de Quatro, baseia-se na ideia de que eu sou mais fraca do que os restantes iniciados. E isso enche-me a boca com um sabor amargo. Tenho de demonstrar-lhe o contrário, tenho mesmo de demonstrar-lhe o contrário.

– É a tua vez – diz Quatro.

– Peter.

– Christina.

A escolha de Christina mostra que a estratégia de Quatro não é a que eu julguei adivinhar. Christina não pode ser considerada «fraca». Que está ele a fazer?

– Molly.

– Will – diz Quatro, mordendo uma unha.

– Al.

– Drew.

– A última é a Myra – diz Eric. – Portanto, fica comigo.

– Agora, os iniciados-Intrépidos.

Deixo de os ouvir quando passam aos outros. Se Quatro não está a tentar demonstrar nada, ao escolher os fracos, está a querer fazer o quê? Olho para cada uma das pessoas que ele escolheu. Que temos nós em comum?

Quando já estão a meio caminho no processo de escolha dos iniciados-Intrépidos, começo a perceber o que se passa. Com exceção de Will e de alguns outros, temos todo o mesmo tipo de corpo: ombros estreitos e estaturas baixas. Todas as pessoas que compõem a equipa de Eric são altas e têm ombros largos. Na véspera Quatro disse-me que eu era rápida. Vamos ser todos mais rápidos do que a equipa de Eric, o que provavelmente será bom para a captura da bandeira. Nunca joguei esse jogo, mas sei que tem mais a ver com a velocidade do que com a força bruta. Cubro o meu sorriso com a mão. Eric é implacável, mas Quatro é mais esperto.

Depois de terminada a seleção das equipas, Eric volta-se para Quatro, com um sorriso de troça:

– A tua equipa pode partir em segundo lugar.

– Não me faças favores – contrapõe Quatro. Sorri. – Sabes que eu não preciso de favores para vencer.

– Não, mas sei que vais perder, independentemente de quando partires – diz Eric, mordendo por instantes uma das argolas que tem no lábio. – Leva o teu grupo de magricelas e avança, então.

Levantamo-nos todos. Al sorri-me com uma expressão de desamparo e eu devolvo-lhe o sorriso, esperando transmitir-lhe alguma esperança. Se era necessário que algum de nós os quatro fosse parar à equipa de Eric, com Peter e com Molly, pelo menos que fosse ele. Costumam deixá-lo em paz.

O comboio está prestes a descer para o solo. E eu estou decidida a cair de pé quando saltar.

Mas antes que o possa fazer, batem-me no ombro, e eu quase caio

do vagão. Nem olho para trás para ver quem seria – Molly, Drew ou Peter... não interessa quem seja. E salto antes que mais alguém tente repetir o gesto. Desta vez estou pronta para amortecer a aceleração que o comboio me oferece, corro durante alguns passos e consigo manter o equilíbrio. Invade-me um prazer selvagem e sorrio. É um pequeníssimo feito, mas faz-me sentir mais de acordo com o espírito dos Intrépidos.

Uma das iniciadas-Intrépidas toca no ombro de Quatro e pergunta-lhe:

– Quando a tua equipa venceu onde é que puseram a bandeira?

– Dizer-te estaria fora do espírito do exercício, Marlene – responde Quatro, secamente.

– Vá lá, Quatro – implora a rapariga. Oferece-lhe um sorriso sedutor, mas Quatro sacode-lhe a mão e, por um motivo qualquer, dou por mim a sorrir.

– No Navy Pier – exclama outro dos iniciados-Intrépidos. É alto, de pele castanha e olhos pretos. É bonito. – O meu irmão estava na equipa vencedora. A bandeira estava no carrossel.

– Então vamos para lá – sugere Will.

Ninguém se opõe e, por isso, caminhamos para Leste, pelo pântano que em tempos foi um lago. Quando era criança tentei imaginar como seria o lago, sem uma vedação metida na própria lama para manter a cidade segura. Mas é difícil imaginar tanta água num sítio só.

– Estamos perto do quartel-general dos Eruditos, não estamos? – pergunta Christina, dando um encontrão no ombro de Will com o seu próprio ombro.

– Sim, é a sul daqui – responde Will. Olha por cima do ombro e, por instantes, a expressão dele enche-se de nostalgia. E depois regressa ao normal.

Estou a cerca de quilómetro e meio do meu irmão. Já passou uma semana desde a última vez em que estivemos juntos. Abano a cabeça, tentando libertar-me desse pensamento. Hoje não posso pensar nele e tenho de concentrar-me na necessidade de completar a fase um. Aliás, não posso pensar nele em momento nenhum.

Atravessamos a ponte. Ainda precisamos das pontes porque a lama por debaixo delas está demasiado molhada para lhe podermos passar por cima. Gostaria de saber há quanto tempo o rio começou a secar.

A cidade é diferente, do outro lado da ponte. Atrás de nós, a maioria dos edifícios é habitada e, mesmo que não fosse, parecia bem cuidada. Mas à nossa frente estende-se um mar de blocos de cimento quase sem

formas definidas e de vidro partido. O silêncio é aqui assustador. Parece que estamos a viver um pesadelo. É difícil ver por onde andamos porque já passa da meia-noite e as luzes da cidade estão todas apagadas.

Marlene empunha uma lanterna e ilumina a rua à nossa frente.

– Tens medo do escuro, Mar? – pergunta-lhe, provocante, o iniciado-Intrépido dos olhos pretos.

– Se quiseses pôr os pés em cima dos vidros partidos, está à vontade, Uriah – responde-lhe ela, com brusquidão. Mas depois desliga a lanterna.

Já percebi que uma parte de ser Intrépido é estar-se disposto a fazer as coisas mais difíceis sozinho para se poder ser autossuficiente. Não há nada de especialmente corajoso em andar a passear por ruas sem luz com uma lanterna apagada, mas espera-se que não precisemos de ajuda, nem mesmo de uma luz. Devemos ser capazes de tudo.

É algo que me agrada. Porque pode chegar um dia em que não haja lanternas, armas ou uma mão que nos guie. E eu quero estar pronta quando isso acontecer.

Os edifícios terminam à beira do pântano. Uma tira de terra penetra nele e é aí que se ergue uma gigantesca roda branca com dezenas de pequenos vagões de passageiros pendurados nela a intervalos regulares. É uma roda de um parque de diversões.

– Pensem só: havia pessoas que andavam naquilo só para se divertirem – diz Will, abanando a cabeça.

– Devem ter sido Intrépidos – replico.

– Pois, mas numa versão muito frouxa – diz Christina, a rir-se. – Uma roda destas, se pertencesse aos Intrépidos, não teria vagões de passageiros. As pessoas deviam agarrar-se a ela com as mãos e... boa sorte!

Descemos pelo pontão. Os edifícios à minha esquerda estão vazios, as placas foram arrancadas e as janelas estão fechadas. É um deserto, mas um deserto em certa medida limpo. Quem daqui saiu fê-lo por decisão própria e quando quis. Há locais na cidade que não são assim.

– Não és homem não és nada se não saltares para o pântano – diz Christina a Will.

– Primeiro as senhoras – responde Will.

Chegamos ao carrossel. Alguns dos cavalos estão riscados e estragados pelo tempo, com as caudas partidas e as selas sem alguns pedaços. Quatro tira a bandeira do bolso.

– A outra equipa vai escolher a sua localização dentro de dez

minutos – diz-nos. – Sugiro-vos que utilizem esse tempo para definirem uma estratégia. Podemos não ser os Eruditos, mas a preparação mental faz parte do vosso treino como Intrépidos. Até há quem diga que é o elemento mais importante.

Quatro tem razão no que diz. De que vale um corpo bem preparado se a mente se dispersar?

Will recebe a bandeira das mãos de Quatro e diz-nos:

– Alguns de nós devem ficar aqui de guarda, enquanto os outros devem ir à procura da localização da outra equipa.

– Ah, sim? Achas? – Marlene arranca a bandeira das mãos de Will. – Quem é que te pôs como chefe, transferido?

– Ninguém – responde Will. – Mas alguém tem de o fazer.

– Talvez devêssemos aplicar uma estratégia mais defensiva – sugere Christina. – Esperar que nos encontrem e depois eliminá-los.

– Essa é a solução dos mariquinhas – diz Uriah. – Voto a favor de irmos todos. E de escondermos bem a bandeira para eles não a poderem encontrar.

Começam todos a falar ao mesmo tempo com as vozes a subirem de tom a cada momento. Christina defende o plano de Will; os iniciados-Intrépidos votam pela ofensiva; toda a gente discute sobre quem deve tomar a decisão. Quatro senta-se na beira do carrossel, encostado à pata de um cavalo de plástico. Olha para o céu, onde não se veem estrelas, mas só uma lua redonda que espreita por entre uma camada fina de nuvens. Os músculos dos braços estão descontraídos, as mãos descansam na nuca. Quase parece sentir-se confortável com a arma encostada ao ombro.

Fecho os olhos por um instante. O que é que nele me distrai tão facilmente? Preciso de concentrar-me.

E que poderia eu dizer se a minha voz conseguisse impor-se à discussão que continua, atrás de mim? Não podemos agir até sabermos onde se encontra a outra equipa. Podem estar em qualquer ponto, num raio de três quilómetros, embora seja possível excluir a hipótese de se encontrarem no pântano. E a melhor maneira de os encontrar não é discutir a maneira de os encontrar ou quantas pessoas é que devemos mandar como batedores.

A solução é subir tão alto quanto possível.

Olho por cima do ombro, para ter a certeza de que ninguém está a ver o que faço, e dirijo-me à roda gigante com passos ligeiros e silenciosos, com a arma contra as costas para evitar que faça barulho.

Quando olho para a roda sinto um aperto na garganta. É mais alta

do que eu pensava, tão alta que nem consigo ver os pequenos vagões a oscilarem no topo. A única coisa boa que tem, relativamente à sua altura, é o facto de ter sido construída para aguentar peso. Se eu a escalar, não irá desmoronar.

O meu coração começa a bater mais depressa. Estarei realmente disposta a arriscar a minha vida por isto? Por um jogo de que os Intrépidos gostam?

Está tão escuro que eu já mal os vejo, mas na estrutura ferrugenta de ferro da roda consigo avistar os degraus de uma escada vertical. A largura de cada degrau não é maior do que a dos meus ombros e não há um corrimão a que eu possa agarrar-me, mas subir pela escada é melhor do que trepar pelos raios da roda.

Agarro-me a um degrau. É muito fino e está ferrugento e receio que se desfaça ao toque. Ponho o peso no que está mais em baixo e salto, para ter a certeza de que me aguentará. O movimento magoa-me nas costelas e pisco os olhos.

– Tris – diz uma voz baixa, atrás de mim. Nem sei por que motivo não me assustei ao ouvi-la. Talvez por já estar a tornar-me uma Intrépida e a preparação mental ser algo que nós devemos desenvolver. Ou talvez por a voz dele ser rouca mas suave. Seja qual for o motivo, olho para trás. E deparo-me com Quatro, parado atrás de mim com a arma a tiracolo como eu.

– Sim? – pergunto.

– Estou a ver se percebo o que andas a fazer.

– Estou à procura de um ponto mais elevado – respondo. – Não acho que esteja a *fazer* nada.

Vejo-lhe o sorriso no escuro antes de o ouvir responder:

– Está bem. Também vou.

Faço uma pausa. A atitude dele não me parece igual à que Christina, Will e Al têm às vezes para comigo, quando pensam que eu talvez seja demasiado baixa e fraca para poder ter utilidade e até têm pena de mim. Mas se ele insiste em acompanhar-me, deve ser por duvidar de mim.

– Estou bem – digo.

– Obviamente – contrapõe Quatro. Não percebo que esteja a ser sarcástico, mas sei que é o que pensa. Só pode.

Começo a subir e ele segue-me quando já estou a dois metros do chão. Os seus movimentos são mais rápidos do que os meus e não tarda que as mãos dele comecem a chegar aos degraus de onde vou tirando os pés.

– Diz-me, portanto... – começa Quatro, enquanto continuamos a subir. Parece ofegante. – Qual é que achas que seja o propósito deste exercício? O jogo, não esta escalada.

Olho para o solo. Já parece estar muito longe, mas eu ainda nem cheguei a um terço da escada. Há uma plataforma acima de mim, pouco abaixo do centro da roda. É esse o meu objetivo. E não estou ainda a pensar na descida. A brisa que há pouco sentia no rosto já me pressiona agora o corpo. Está a tornar-se mais forte à medida que subimos. Tenho de estar muito atenta.

– Aprender estratégia – respondo. – E a trabalharmos em equipa, talvez.

– Trabalho de equipa – repete Quatro. Parece-me estar com vontade de rir. Ou talvez a respiração tenha sido influenciada por qualquer temor.

– Ou talvez não – continuo. – Não me parece que o trabalho de equipa seja uma prioridade para os Intrépidos.

O vento já se tornou mais forte. Agarro-me melhor à estrutura branca da roda para não cair, o que torna a subida mais difícil. Lá em baixo o carrossel já parece mais pequeno. Mal vejo o meu grupo debaixo da cobertura. Agora já são em menor número. Alguns devem ter partido em missão de reconhecimento.

– O trabalho de equipa é tido como prioridade. Costumava ser – diz Quatro.

Mas já não estou verdadeiramente a ouvi-lo porque a altura me põe tonta. As mãos doem-me devido ao esforço que faço para me agarrar aos degraus e as minhas pernas já tremem sem que eu perceba porquê. Porque não é a altitude que me assusta – a altitude até me faz sentir mais viva e cheia de energia, como se cada órgão, veia e músculo do meu corpo cantassem em harmonia.

E só depois percebo o que se passa. É ele. Há qualquer coisa em Quatro que me faz sentir que estou prestes a cair. Ou a desfazer-me em líquido. Ou a explodir em chamas.

A minha mão quase falha o degrau seguinte.

– Agora diz-me... – recomeça Quatro, a respirar mais agitadamente – ... qual a relação entre aprender estratégia e coragem?

A pergunta faz-me recordar que ele é meu instrutor e que deve estar à espera de que eu aprenda alguma coisa com isto. Uma nuvem cobre a lua e a luz move-se por cima das minhas mãos.

– É uma coisa que... nos prepara para agirmos – digo, finalmente. – Aprendemos estratégia para a podermos utilizar. – Ouço-o a respirar

com movimentos agitados, mais audíveis. – Quatro, estás bem?

– És *humana*, Tris? Estar assim a esta altura... – Quatro abre a boca, para absorver mais ar – ... não te assusta?

Olho para o solo, por cima do ombro. Se cair agora, morro. Mas acho que não vou cair.

Uma rajada de vento embate no meu lado esquerdo, empurrando-me o peso do corpo para a direita. Ofegando, agarro-me mais aos degraus e sinto que estou a perder o equilíbrio. A mão fria de Quatro agarra-me pela anca, com força, e um dos seus dedos toca-me na pele que ficou exposta debaixo da batinha da minha t-shirt. Faz pressão, segurando-me e empurrando-me delicadamente para a esquerda, restaurando-me o equilíbrio.

Agora sou eu que não consigo respirar. Fico imóvel, a olhar para as minhas mãos e a sentir a boca seca. Ainda tenho bem presente o fantasma da mão dele e dos seus dedos compridos e estreitos.

– Estás bem? – pergunta-me Quatro, com uma voz tranquila.

– Sim – respondo, muito tensa.

Recomeço a subir e só paro quando chego à plataforma. A julgar pelas extremidades irregulares dos varões de metal, devia ter havido um corrimão, mas não se veem os seus vestígios. Sento-me e deslizo para o outro lado, para Quatro ter onde se sentar. Sem pensar, deixo ficar as pernas penduradas. Mas Quatro agacha-se e apoia as costas à estrutura de metal enquanto respira pesadamente.

– Tens medo das alturas – digo-lhe. – Como é que sobrevives, no quartel-general dos Intrépidos?

– Não ligo ao meu medo. Quando tomo decisões, faço de conta que ele não existe.

Olho para ele por instantes. Não consigo deixar de o fazer. Para mim há uma diferença entre não ter medo e agir apesar do medo, como ele faz.

Noto que estou a olhar para ele há demasiado tempo.

– O que é? – pergunta, em voz baixa.

– Nada.

Desvio o olhar e contemplo a cidade. Preciso de me concentrar no motivo que aqui me trouxe.

A cidade está mergulhada na escuridão, mas não conseguiria ver a uma grande distância, mesmo que assim não fosse. Há um edifício que me tapa a vista.

– Esta altura ainda não é suficiente – digo. Olho para cima. Vejo um emaranhado de traves brancas, que são os andaimes que suportam a

roda. Se for cuidadosa a subir, posso enfiar os pés entre as várias traves e ficar segura. Ou relativamente segura.

– Vou subir – digo, pondo-me em pé. Agarro uma das traves que está por cima da minha cabeça e iço-me. Sinto a dor que me assalta os flancos magoados, mas ignoro-a.

– Por amor de Deus, Empata! – exclama Quatro.

– Não tens de vir atrás de mim – digo-lhe, olhando para a rede de traves por cima de mim. Levo o pé ao ponto onde se cruzam duas delas e iço-me, agarrando-me a outra trave pelo caminho. Fico a oscilar, por instantes, com o coração a bater tanto que não consigo sentir mais nada. Cada pensamento que me ocorre fica preso nos batimentos do meu coração e move-se a esse ritmo.

– Claro que tenho – contrapõe Quatro.

Isto é uma loucura e eu percebo-o. Basta um erro milimétrico ou uma hesitação de meio segundo para a minha vida terminar. Sinto um calor que me dilacera o peito e sorrio ao agarrar-me à trave seguinte. Puxo-me para cima com os braços a tremer e obrigo a minha perna a mover-se, por debaixo de mim, enquanto me ponho em pé noutra trave. Quando me sinto em segurança olho para baixo à procura de Quatro. Mas só vejo o solo.

Não consigo respirar.

Imagino o meu corpo a cair vertiginosamente, a embater nas traves enquanto desce e depois os meus braços e as minhas pernas a fazerem ângulos estranhos no solo, como aconteceu à irmã de Rita quando não conseguiu alcançar o telhado. Só então é que avisto Quatro, que está a agarrar-se a uma trave com as duas mãos e a içar-se, sem esforço, como se estivesse a sentar-se na cama. Mas percebo que não se sente confortável nem a agir naturalmente nesta circunstância – tem os músculos dos braços retesados e tensos. É uma coisa estúpida para pensar, a trinta metros acima do solo.

Agarro-me a outra trave e encontro outro ponto para apoiar o pé. Quando olho de novo para a cidade o edifício já não está à minha frente. Subi o suficiente para poder avistar a linha do horizonte. A maioria dos edifícios forma uma linha negra sobre o céu azul-escuro, mas as luzes vermelhas no topo do Centro estão acesas. E piscam com a mesma rapidez com que bate o meu coração.

Para lá dos edifícios, as ruas parecem túneis. Durante alguns segundos vejo o que se assemelha a um cobertor escuro que abafa a superfície à minha frente, sem que haja diferenças sensíveis entre os edifícios, o céu, as ruas e o solo. E depois avisto uma minúscula luz

vermelha a pulsar, ao nível do solo.

– Estás a ver? – pergunto, apontando para esse sinal.

Quatro para de subir quando atinge o meu nível, olhando por cima do meu ombro com o queixo muito próximo da minha cabeça. A respiração dele flutua junto ao meu ouvido e eu sinto-me outra vez trémula, como quando estava a subir a escada.

– Sim – responde, com um sorriso a espalhar-se-lhe pelo rosto. – Vem do parque, no outro lado do pontão. Faz sentido. É uma zona a céu aberto, embora as árvores garantam alguma camuflagem. Que não é suficiente, como é óbvio.

– Muito bem – digo. Olho para ele por cima do ombro. Estamos tão próximos que me esqueço de onde estou. No que reparo é nos cantos da boca dele, que apontam naturalmente para baixo, como os meus, e que tem uma cicatriz no queixo. – Hmm... – Pigarreio. – Começa a descer. Eu sigo-te.

Quatro acena afirmativamente com a cabeça e desce um degrau. Tem a perna tão comprida que encontra facilmente um ponto de apoio para o pé, guiando depois o corpo por entre as traves. Mesmo no escuro vejo que tem as mãos avermelhadas e trémulas.

Começo por baixar primeiro um pé, apoiando o meu peso numa das traves horizontais. A superfície range sob o meu pé e a trave solta-se e vai embater na queda em várias outras, acabando por ressaltar no pavimento. Fico pendurada na estrutura de ferro da própria roda com os meus pés completamente desamparados e a sentir um aperto na garganta.

– Quatro! – grito.

Tento encontrar outro ponto de apoio para o pé, mas o mais próximo está a cerca de um metro de distância, mais longe do que consigo alcançar. Sinto as mãos a encherem-se de suor. Lembro-me de as limpar às calças antes da Cerimónia da Escolha, antes da prova de aptidão e antes de cada momento importante da minha vida, e reprimo um grito. Vou escorregar. Vou escorregar.

– Aguenta-te! – ouço Quatro gritar. – Aguenta-te que tenho uma ideia!

Quatro continua a descer. Está, no entanto, a mover-se na direção errada. Devia estar a vir ter comigo e não a afastar-se. Olho para as mãos, agarradas à trave com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos. Mas os meus dedos estão escuros, quase roxos. Já não vão aguentar muito mais.

Nem eu.

Fecho os olhos. É melhor nem olhar. É melhor fingir que nada disto existe. Ouço os ténis de Quatro a rangerem no metal e passos rápidos nos degraus da escada.

– Quatro! – grito. Talvez se tenha ido embora. Talvez me tenha abandonado. Talvez isto seja um teste à minha força e à minha coragem. Respiro compassadamente, inspirando pelo nariz e expirando pela boca. Conto os meus movimentos respiratórios para me acalmar. Um, dois. Para dentro, para fora. *Vá, Quatro* – é a única coisa em que consigo pensar. *Vá, faz qualquer coisa.*

Ouço o ruído de uma coisa a vergar-se e a dar de si. A trave a que me agarro estremece e eu não consigo deixar de gritar, apesar dos dentes cerrados, enquanto tento manter-me onde estou.

A roda começa a mover-se.

O vento agarra-se aos meus tornozelos e aos meus pulsos, agitando-se como se viesse cuspidor por um géiser. Abro os olhos. Estou em movimento – a caminho do chão. Começo a rir-me, histericamente tonta, à medida que o chão está cada vez mais perto. A velocidade aumenta. Se eu não me soltar no momento certo, os vagões e a armação de ferro vão arrastar o meu corpo e é nessa altura que vou morrer.

Todos os músculos do meu corpo ficam tensos à medida que estou mais perto do solo. Ao ver as rachas do passeio, solto-me e embato no chão, caindo de pé. Mas as pernas cedem e eu encolho os braços, rolando para o lado o mais depressa que consigo. O cimento arranha-me o rosto e volto-me, a tempo de ver um dos vagões a vir na minha direção, como se fosse um sapato gigante disposto a esmagar-me. Continuo a rolar e o fundo do vagão ainda me raspa o ombro.

Estou salva.

Levo as mãos ao rosto. Nem tento levantar-me. Se o fizesse tenho a certeza de que cairia. Ouço passos e a mão de Quatro rodeia-me os pulsos. Deixo-o tirar-me as mãos do rosto.

Quatro envolve uma das minhas mãos com as dele, transmitindo-me uma sensação de calor perfeito, em que a sua pele se sobrepõe à dor que ainda tenho nos dedos, de quando me agarrei às traves.

– Estás bem? – pergunta, ainda a segurar-me na mão.

– Estou, pois.

Quatro começa a rir-se.

E eu também, instantes depois. Apoio-me na minha mão livre e sento-me. O espaço entre nós quase desapareceu e parece estar reduzido a uns dez ou doze centímetros. Mas tão cheio de eletricidade

que é como se fosse ainda mais pequeno.

Quatro põe-se em pé, puxando por mim. A roda ainda está a mover-se, gerando um vento que me empurra o cabelo para trás.

– Podias ter-me dito que a roda ainda funcionava – digo-lhe, tentando mostrar-me descontraída. – Nem teríamos precisado de a escalar.

– Tê-lo-ia dito se soubesse – diz Quatro. – Mas não podia deixar-te pendurada lá em cima e por isso decidi correr o risco. Vamos, está na altura de ir caçar-lhes a bandeira.

Depois de uma hesitação, Quatro pega-me pelo braço, deixando as pontas dos dedos na parte de dentro do meu cotovelo. Noutra façção, ter-me-ia dado tempo para recuperar, mas pertencemos aos Intrépidos e por isso limita-se a sorrir para mim e encaminha-se para o carrossel. E eu sigo-o, meio a correr meio a coxear. Sinto-me fraca, mas tenho a mente bem desperta, sobretudo devido à lembrança da mão dele na minha.

Christina está empoleirada num dos cavalos, com as pernas compridas cruzadas e a mão no varão de plástico que mantém a figura em pé. Tem a nossa bandeira atrás dela, num triângulo de luz brilhante. Três iniciados-Intrépidos estão junto dos outros cavalos sujos e partidos. Um tem a mão na cabeça de um cavalo e os olhos arranhados do animal observam-me por entre os dedos dele. Na borda do carrossel está uma Intrépida mais velha, a coçar com o dedo polegar o sobrolho onde tem quatro *piercings*.

– Onde foram os outros? – pergunta Quatro.

Parece tão excitado como eu fiquei, com os olhos brilhantes de energia.

– Foram vocês que puseram a roda a girar? – pergunta a rapariga mais velha. – Que raio vos passou pela cabeça? Mais valia terem gritado: «Estamos aqui! Venham buscar-vos!» – Abana a cabeça. – Se eu perder outra vez este ano, a vergonha será intolerável. Três anos seguidos?

– A roda não interessa – diz Quatro. – Nós já sabemos onde eles estão.

– Nós? – pergunta Christina, a olhar de Quatro para mim.

– Sim, enquanto vocês estavam aqui a brincar com os dedos, a Tris subiu à roda para procurar a outra equipa – responde Quatro.

– E o que vamos fazer agora? – pergunta um dos iniciados-Intrépidos, com um bocejo.

Quatro olha para mim. Os olhos dos outros iniciados, incluindo os

de Christina, desviam-se lentamente de Quatro para mim. Sinto os ombros tensos, prontos a encolher-se quando eu disser que não sei e depois lembro-me da imagem do pontão a alongar-se lá em baixo. E tenho uma ideia.

– Dividimo-nos em dois grupos – proponho. – Quatro de nós vão pelo lado direito do pontão e três vão pela esquerda. Eles estão no parque que fica na extremidade do pontão e o grupo de quatro pode atacar enquanto o grupo de três os contorna para apanhar a bandeira.

Christina olha para mim como se já não me reconhecesse. Não a posso censurar por isso.

– Parece-me bem – diz a rapariga mais velha, batendo as palmas. – Vamos pôr fim a esta noite, pode ser?

Christina junta-se a mim no grupo que vai avançar pela direita e que inclui Uriah, cujo sorriso parece brilhar no contraste com a sua pele de bronze. Não tinha ainda dado por isso, mas tem a tatuagem de uma cobra por detrás da orelha. Olho por momentos para a cauda da cobra, que parece enrolar-se em torno do lóbulo, mas Christina começa a correr e eu tenho de segui-la.

Preciso de correr duas vezes mais depressa do que ela para as minhas pernas, mais curtas, poderem acompanhar as suas pernas compridas. E enquanto corro percebo que só um de nós vai conseguir tocar na bandeira e que não interessará que tenham sido o meu plano e as informações que recolhi a levarem-nos até ela se não for eu a deitar-lhe a mão. Apesar de quase nem conseguir respirar devido ao esforço que estou a fazer, corro ainda mais depressa e acabo colada a Christina. Baixo a arma para poder colocar o dedo no gatilho.

Chegamos ao fim do pontão e obrigo-me a fechar a boca para não me ouvirem a respiração apressada. Abrandamos também para os nossos passos não se ouvirem tanto e eu volto a procurar a luz que tinha visto a piscar. Agora que estou no solo, verifico que já se vê melhor. Aponto e Christina acena afirmativamente com a cabeça, avançando na sua direção.

Ouçõ então, de repente, um coro de gritos, tão barulhentos que me fazem saltar. Ouçõ as explosões de ar à medida que as bolas de tinta são disparadas e rebentam quando atingem os alvos. A nossa equipa atacou e a equipa adversária vai defrontá-la e a bandeira está quase desprotegida. Uriah faz pontaria e acerta no guarda que está junto da bandeira, apanhando-o na coxa. É uma rapariga baixa, de cabelo roxo, que atira a arma para o chão com uma birra.

Corro para junto de Christina. A bandeira está pendurada no ramo

de uma árvore, mesmo por cima da minha cabeça. Salto para apanhar, imitando Christina.

– Vá lá, Tris – diz Christina. – Já és a heroína do dia. E sabes que nem sequer consegues chegar-lhe.

Christina deita-me um olhar condescendente, como o que os adultos por vezes deitam às crianças quando elas parecem querer mostrar-se muito crescidas, e arranca a bandeira do ramo. Sem sequer olhar para mim, volta-se e dá um grito de vitória. Uriah grita também, em coro, e ouço outros gritos à distância.

Uriah bate-me amigavelmente no ombro e eu tento esquecer-me do olhar de Christina. Talvez tivesse razão: hoje já mostrara do que era capaz. Não quero ser ambiciosa; e também não quero ter medo da força dos outros, como Eric.

Os gritos de triunfo alastram e contagiam toda a gente e eu junto-me a eles, correndo para os meus companheiros de equipa. Christina ergue bem alto a bandeira e eles rodeiam-na, amparando-lhe o braço para levantar a bandeira ainda mais alto. Eu não consigo chegar-lhe e, por isso, fico de lado, a sorrir.

Uma mão toca-me no ombro.

– Muito bem – diz Quatro, em voz baixa.

*

– Nem acredito que isso me tenha passado ao lado! – repete Will, a abanar a cabeça. O cabelo esvoaça-lhe em todas as direções, devido ao vento que entra pela porta aberta do vagão.

– Tu estavas a desempenhar a tarefa importantíssima de não nos estares a atrapalhar – replica Christina, com uma expressão de orgulho.

– E porque é que eu tinha de pertencer à outra equipa? – resmunga Al.

– Porque a vida não é justa, Albert. E o mundo anda a conspirar contra ti – responde Will. – Posso ver a bandeira outra vez?

Peter, Molly e Drew estão sentados no fundo do vagão. Têm um ar abatido e estão cobertos de tinta azul e cor-de-rosa no peito e nas costas. Conversam baixinho, deitando-nos olhares furtivos, muito em especial a Christina. Não ter a bandeira, nesta altura, é para mim uma vantagem – não sou um alvo para ninguém. Ou, pelo menos, não mais do que já é habitual.

– Portanto, subiste à roda, não foi? – diz Uriah, atravessando o

vagão e sentando-se ao meu lado. Marlene, a rapariga do sorriso sedutor, segue-o.

– Pois – respondo.

– Foi inteligente da tua parte. Tipo... inteligente como os Eruditos – diz Marlene, apresentando-se.

– Sou a Tris – digo-lhe. Na minha fação seria um insulto ser-se comparado com os Eruditos, mas na boca dela é como um cumprimento.

– Sim, eu sei quem és – replica Marlene. – Temos tendência a lembrar-nos da primeira pessoa que dá o salto.

Parecem ter passado anos desde que saltei do alto de um edifício com o meu uniforme de Abnegada. Não, é mais como se fossem décadas.

Uriah tira uma das bolas de tinta da arma e aperta-a com o dedo indicador e o polegar. De repente o comboio dá uma guinada para a esquerda, Uriah cai para cima de mim e os dedos dele apertam a bola, fazendo com que um esguicho de tinta cor-de-rosa malcheirosa me borrfie o rosto.

Marlene agacha-se, a rir em pequenas gargalhadas. Eu limpo devagar a tinta do rosto e espalho-a depois numa das faces de Uriah. O cheiro a óleo de peixe invade o vagão.

– Que nojo! – exclama Uriah, apertando mais uma vez a bola e voltando-a para mim, sem reparar que a abertura está no outro lado, o que faz com que a tinta lhe esguiche diretamente para a boca. Tosse e finge que vai vomitar, exagerando nos sons.

E eu, ainda a limpar a cara com a manga, começo a rir às gargalhadas até o estômago me doer.

Se a minha vida for toda assim – com gargalhadas, ações ousadas e o tipo de cansaço que se pode sentir depois de um dia duro mas satisfatório –, ficarei satisfeita. Enquanto Uriah esfrega a língua com as pontas dos dedos, percebo que a única coisa que preciso de fazer é sobreviver à iniciação para que essa vida seja minha.

Capítulo Treze

Quando chego à sala de treino na manhã seguinte, ainda a abrir a boca de sono, vejo um alvo muito grande no fundo da sala e uma mesa com punhais perto da porta. Tiro ao alvo, mais uma vez. Pelo menos ninguém se vai magoar.

Eric está no centro da sala, com uma postura tão rígida que parece que alguém lhe substituiu a coluna vertebral por um varão de ferro. Ao vê-lo sinto o ar mais pesado, como se fosse sufocar-me. Quando ele está encostado a uma parede posso, pelo menos, fingir que não está presente. Mas assim não.

– Amanhã será o último dia da fase um – anuncia Eric. – Voltarão a combater nessa altura. Hoje vão aprender a fazer pontaria. Cada pessoa pega em três punhais. – A voz está mais rouca do que é habitual. – E prestem atenção enquanto o Quatro vos exemplifica a técnica correta de os atirar.

De início ninguém se mexe.

– Agora!

Corremos para os punhais. São mais leves do que as pistolas, mas eu ainda os sinto como objetos estranhos nas minhas mãos, como se não estivesse autorizada a pegar neles.

– Ele hoje está bastante mal disposto – murmura Christina.

– E quando é que não está? – contraponho.

Mas eu sei o que ela quer dizer. A avaliar pelo olhar venenoso que Eric deita a Quatro quando ele não está a prestar-lhe atenção, a derrota da noite anterior deve tê-lo incomodado mais do que é capaz de admitir. Vencer no jogo da captura da bandeira é uma questão de orgulho e o orgulho é importante para os Intrépidos. Mais importante do que a razão ou o bom senso.

Observo o braço de Quatro enquanto ele atira o punhal. Na vez seguinte observo-lhe a postura. Acerta sempre no alvo, só expelindo o ar quando atira o punhal.

– Alinhem-se! – ordena Eric.

Ter pressa não ajuda, penso. Era o que a minha mãe me dizia quando eu estava a aprender a tricotar. Tenho de pensar nisto como se fosse um exercício mental e não físico. Por isso passo os primeiros minutos a praticar sem atirar o punhal, à procura da postura adequada e a procurar o movimento do braço que é mais correto.

Eric começa a andar de um lado para o outro, muito depressa, atrás de nós.

– Acho que a Empata apanhou pancada a mais na cabeça! – exclama Peter, que está separado de mim por algumas pessoas. – Eh, Empata, sabes para que serve um punhal?

Ignoro-o e ensaio mais um arremesso, sem largar o punhal que tenho na mão. Alheio-me dos passos de Eric, do gozo de Peter e da sensação perturbadora que me provoca o olhar fixo de Quatro e atiro o punhal. Roda no ar e embate no alvo. A lâmina não fica cravada, mas sou a primeira a acertar no alvo.

Quando Peter volta a falhar eu faço um sorriso de troça. Não consigo evitá-lo.

– Eh, Peter! – chamo-o. – Sabes para que serve um alvo?

Ao meu lado Christina ri-se entredentes e já atinge o alvo quando volta a atirar o punhal.

Meia hora mais tarde, Al é o único iniciado que ainda não conseguiu acertar. Os punhais vão parar ao chão ou batem na parede. E enquanto nós nos dirigimos ao alvo para recolher as nossas armas, é ao chão que ele vai recolher os punhais que atirou.

Na vez seguinte em que Al volta a falhar Eric pergunta-lhe directamente:

– Porque é que és tão lento, Cândido? Precisas de óculos? Queres que te ponha o alvo mais perto?

Al cora. Atira mais um punhal e desta vez a arma vai parar a mais de um metro do alvo. Rodopia e embate na parede.

– Que é que fizeste, iniciado? – pergunta Eric, calmamente, aproximando-se ainda mais de Al.

Mordo o lábio. Isto não é nada bom.

– Escapou-me... da mão... – balbucia Al.

– Bem, acho que devias ir apanhar o punhal – diz Eric. Observa os rostos dos outros iniciados, que pararam todos de atirar os punhais. –

Disse-vos para pararem?

Os punhais voltam a ser atirados para o alvo. Já vimos todos como Eric pode ficar encolerizado, mas agora é diferente. O olhar dele é quase de raiva.

– Vou lá buscá-lo? – pergunta Al, de olhos esbugalhados. – É que eles continuam todos a atirar os punhais.

– E depois?

– Não quero que me atinjam.

– Acho que podes confiar na pontaria dos teus colegas iniciados, que é melhor do que a tua. – Eric esboça um sorriso, mas a crueldade não lhe abandona o olhar. – Vai apanhar o teu punhal.

Al não costuma levantar objeções ao que os Intrépidos nos dizem para fazermos. E não me parece que seja por ter medo, mas porque sabe que é inútil fazê-lo. Desta vez, porém, fica de boca aberta. Já atingiu o limite do que pode aceitar.

– Não – diz Al.

– E porque não? – Os olhos de Eric, pequenos como contas, fixam-se no rosto de Al. – Tens medo?

– De ser ferido por um punhal voador? – pergunta Al. – Claro!

A sinceridade é o maior erro que Al comete. Se se tivesse recusado a responder, talvez Eric o aceitasse.

– Parem todos! – ordena Eric.

Os punhais ficam imóveis, as conversas desaparecem. Agarro o meu punhal com mais força.

– Afastem-se. – Eric olha para Al. – Mas tu não.

Deixo cair o punhal, que bate no chão com um som seco. Sigo os outros iniciados para o fundo da sala e eles acotovelam-se à minha frente, ansiosos por verem o que já está a dar-me volta ao estômago: Al a enfrentar a fúria de Eric.

– Põe-te à frente do alvo – ordena Eric.

As mãos grandes de Al estremecem. Recua para junto do alvo.

– Eh, Quatro. – Eric olha por cima do ombro. – Dá-me aqui uma ajuda.

Quatro coça uma das sobrelhas com a ponta de um punhal e aproxima-se de Eric. Tem olheiras escuras e os lábios formam uma linha tensa. Está tão cansado como nós.

– Vais ficar aí enquanto o Quatro atira os punhais – diz Eric a Al – até deixares de te retrair.

– Isso é mesmo necessário? – pergunta Quatro. A voz é de alguém que já está farto, mas a expressão não. O rosto e o corpo estão tensos e

em alerta.

Fecho os punhos. Por mais desinteressado que Quatro possa parecer, a pergunta que faz é um desafio. E Quatro não desafia muitas vezes Eric diretamente.

De início, Eric olha para Quatro em silêncio. Este sustém-lhe o olhar. O tempo passa e sinto as minhas unhas a cravarem-se nas palmas das mãos.

– Quem manda aqui sou eu, como sabes – diz Eric, numa voz tão baixa que mal consigo ouvi-lo. – Aqui e no resto.

As faces de Quatro ficam vermelhas embora a expressão do rosto não se altere. As mãos agarram nos punhais com mais força e os nós dos dedos ficam brancos quando se volta de frente para Al.

O meu olhar salta dos olhos escuros muito abertos de Al para as suas mãos trémulas e depois para a expressão determinada no rosto de Quatro. Sinto a cólera a borbulhar-me no peito e a sair de rajada pela minha boca:

– Parem com isso!

Quatro dá uma volta ao punhal que tem na mão, passando os dedos vagarosamente pela lâmina. Deita-me um olhar tão severo que me sinto transformada em pedra. E eu sei porquê. Estou a ser estúpida por falar enquanto Eric está entre nós. Estúpida por falar, muito simplesmente.

– Qualquer idiota pode ficar à frente de um alvo – digo. – Não prova nada a não ser que estás a tentar intimidar-nos. O que, se bem me lembro, é um sinal de cobardia.

– Então talvez te seja fácil tomares o lugar dele – diz Eric.

A última coisa que quero fazer é ficar à frente do alvo, mas agora já não posso recuar. Não me garanti essa oportunidade. Passo por entre os outros iniciados e alguém me empurra, batendo-me no ombro.

– Lá se vai a tua cara bonita – silva Peter. – Não, espera... Bonita é que ela não é.

Recupero o equilíbrio e vou ter com Al, que me faz um aceno de cabeça. Tento oferecer-lhe um sorriso encorajador, mas não consigo. Fico diante do alvo. A minha cabeça não chega sequer ao centro, mas isso não importa. Olho para os punhais de Quatro: tem um na mão direita e dois na esquerda.

Sinto a garganta seca. Tento engolir e depois olho para ele. Quatro nunca é desastrado. Não vai atingir-me. Eu ficarei bem.

Levanto o queixo. Não vou retrair-me. Se o fizer, provarei a Eric que isto não é tão fácil como lhe disse que era. E provarei que sou

cobarde.

– Se te retraíres, se te mexeres... – diz Quatro, lentamente, pesando as palavras – o Al toma o teu lugar. Percebeste?

Aceno afirmativamente com a cabeça.

Os olhos de Quatro estão fixos nos meus quando levanta a mão, recua o cotovelo e atira o punhal. O que vejo é só um clarão no ar antes de ouvir um som seco. O punhal fica cravado no alvo, a quinze centímetros da minha face. Fecho os olhos. Graças a Deus.

– Já está bem assim, Empata? – pergunta Quatro.

Lembro-me dos olhos muito abertos de Al e dos soluços durante a noite, que mal se ouvem, e abano a cabeça.

– Não – respondo, abanando a cabeça.

– Abre os olhos, então. – E leva o dedo ao ponto entre as sobrancelhas dele.

Olho para Quatro e aperto as mãos contra as coxas para ninguém ver como estão trémulas. Quatro passa um punhal da mão esquerda para a direita e não vejo mais nada a não ser os olhos dele quando o punhal atinge o alvo por cima da minha cabeça. Desta vez mais perto – consigo sentir a lâmina a pairar rente ao meu crânio.

– Vá, Empata – diz Quatro. – Deixa que mais alguém vá para aí, para tomar o teu lugar.

Por que motivo está a querer convencer-me a desistir? Quer que eu falhe?

– Cala-te, Quatro!

Sustenho a respiração enquanto ele revira o último punhal. Vejo-lhe os olhos a brilhar, enquanto recua o braço e faz voar a faca. Vem em linha reta na minha direção, a rodar, a lâmina a voltar-se para mim. O meu corpo fica rígido. Desta vez, quando atinge o alvo, sinto uma picada na orelha e sangue a cair-me no pescoço. Toco na orelha. Ele cortou-ma.

E, avaliar pelo olhar que me deita, fê-lo de propósito.

– Gostaria muito de ficar para ver se vocês são tão ousados como ela – diz Eric, suavemente –, mas acho que já chega por hoje.

Aperta-me o ombro. Os dedos parecem secos e frios e o olhar que me deita parece reivindicar o que aconteceu, como se estivesse a apropriar-se do que eu fiz. Não lhe devolvo o sorriso. O que eu fiz não foi por ele.

– Devia prestar-te mais atenção – diz ainda.

Sinto um arrepio de medo no peito e depois na cabeça e nas mãos. É como se tivesse a palavra «DIVERGENTE» gravada a fogo na minha

testa e ele a pudesse ler se olhasse para mim durante bastante tempo. Mas depois tira a mão do meu ombro e vai-se embora.

Quatro e eu ficamos para trás. Espero até a sala estar deserta e a porta fechada antes de olhar outra vez para ele. Aproxima-se de mim.

– A tua... – começa.

– Fizeste-o *de propósito*! – grito-lhe.

– Pois fiz – responde, tranquilamente. – E devias agradecer-me por te dar uma ajuda.

Ranjo os dentes.

– *Agradecer-te*? Quase me espetaste o punhal na orelha e passaste o tempo todo a provocar-me. Porque é que havia de agradecer-te?

– Sabes uma coisa? Estou a ficar um pouco cansado por demorares tanto tempo a perceber!

Quatro olha severamente para mim, mas, apesar da intensidade do olhar, parece estar a pensar. O tom azul dos olhos dele é estranho, tão escuro que é quase preto, com uma zona mais clara na íris esquerda já muito perto do canto do olho.

– Perceber? Perceber o quê? Que querias mostrar a Eric que és um duro? Ou que és um sádico como ele?

– Não sou sádico. – Quatro não grita. Mas eu preferia que ele gritasse. Assustar-me-ia menos. Encosta o rosto ao meu, o que me faz recordar o perto que estive dos dentes ameaçadores do cão durante a minha prova. – Se quisesse magoar-te, não achas que já o podia ter feito?

E com isto atravessa a sala e crava a ponta do punhal em cima da mesa com tanta força que ele fica ereto, com o cabo apontado ao teto.

– Eu... – Ainda tento gritar-lhe, mas ele já se foi embora. Dou um berro de frustração e limpo o sangue da orelha

Capítulo Catorze

Amanhã é o Dia das Visitas. Penso nesse dia da mesma maneira que poderia pensar no fim do mundo: nada mais importará depois dele. É nesse dia que vai culminar tudo o que fiz. Poderei ver outra vez os meus pais. Ou não. E o que é pior? Não sei.

Tento puxar a perna das calças para a coxa e ela não me passa do joelho. Franzo o sobrolho e olho para a minha perna. É a espessura do músculo que está a travar o tecido. Deixo cair a perna das calças e olho por cima do ombro para a parte de trás da minha coxa. Mais músculos.

Dou um passo para o lado e vejo-me ao espelho. Nos meus braços, nas minhas pernas e no estômago descubro agora músculos que nunca antes vi. Aperto a pele na cintura, onde havia uma camada de gordura que me prenunciava algumas curvas para o meu futuro. Nada. A iniciação dos Intrépidos roubou a suavidade ao meu corpo. Não sei se isso é bom ou mau.

Estou, pelo menos, mais forte do que era. Embrulho-me na toalha e saio da casa de banho das raparigas. Espero que não esteja ninguém no dormitório que me possa ver a andar assim embrulhada na toalha, mas o certo é que não posso vestir as calças.

Ao abrir a porta do dormitório cai-me um peso no estômago. Peter, Molly e Drew e alguns dos outros iniciados estão num canto e riem-se. Olham para mim quando entro e começam a rir-se em voz mais baixa e num tom de troça. As risadas desagradáveis de Molly são as que melhor se ouvem.

Dirijo-me para a cama, tentando fazer de conta que eles nem sequer estão no dormitório e revisto o gavetão, à procura do vestido que Christina me convenceu a usar. Mas uma mão agarra-se à toalha e

outra ao vestido e quando me levanto dou com Peter mesmo atrás de mim.

Dou um pulo para trás e quase bato com a cabeça na cama de Christina. Tento desviar-me, mas Peter bloqueia-me a passagem com a mão. Era fácil de perceber que não ia deixar-me escapar.

– Nunca tinha percebido que eras tão magricela, Empata.

– Afasta-te. – A voz sai-me estranhamente firme.

– Aqui não é o Centro, sabes? Ninguém é aqui obrigado a obedecer às ordens dos Empatas. – Os olhos dele percorrem-me o corpo, não da maneira cobiçosa como um homem olha para uma mulher, mas com a expressão cruel de quem deseja encontrar uma falha. Os outros começam a aproximar-se e eu ouço o coração a bater-me nos ouvidos quando os vejo rodearem Peter, como se fossem um bando de animais com fome.

Isto não vai ser mesmo nada bom.

Tenho de sair daqui.

Pelo canto do olho vejo que o caminho para a porta está livre. Se conseguir esgueirar-me por debaixo do braço de Peter e alcançar a porta, ficarei livre.

– Olhem para ela – diz Molly, cruzando os braços, com um sorriso sarcástico. – É praticamente uma criança.

– Oh, não sei – diz Drew. – Ela pode ter alguma coisa escondida por debaixo da toalha. E se víssemos o que é?

Agora! Baixo-me, passo sob o braço de Peter e corro para a porta. Alguma coisa agarra e puxa a toalha quando avanço e depois arranca-a bruscamente – foi a mão de Peter que a agarrou. Largo a toalha e sinto o ar frio no meu corpo quase nu, arrepiando-me e eriçando-me os cabelos na nuca.

Ouçoo-os a rirem-se às gargalhadas enquanto corro para a porta o mais depressa que posso, segurando o vestido bem junto ao corpo para me cobrir. Vou pelo corredor fora a toda a velocidade, enfio-me na casa de banho e fico encostada à porta a respirar pesadamente. Fecho os olhos.

Mas não interessa. Não me importo.

Sinto vontade de chorar e ponho a mão na boca para travar os soluços. Não me interessa o que tenham visto. Abano a cabeça como se bastasse o movimento para os meus pensamentos se tornarem verdadeiros.

Visto-me com as mãos a tremer. O vestido é todo preto e chega-me aos joelhos, com um decote em V que mostra as tatuagens da minha

clavícula.

Já vestida e afastada a vontade de chorar, apercebo-me de uma sensação ardente e violenta no estômago. É a vontade de fazer-lhes mal.

Observo os meus olhos refletidos no espelho. Quero magoá-los e vou mesmo fazê-lo.

*

Não posso combater de vestido e por isso vou buscar outra roupa ao Fosso, antes de ir para a sala de treino para o meu último combate. E espero que seja com Peter.

– Eh, por onde tens andado hoje? – pergunta-me Christina quando me vê entrar. Pisco os olhos enquanto observo o quadro no outro lado da sala. O espaço à frente do meu nome está em branco: ainda não tenho adversário.

– Atrasei-me – respondo-lhe.

Quatro está junto ao quadro e escreve um nome à frente do meu.
Por favor que seja o Peter, por favor, por favor...

– Estás bem, Tris? – pergunta Al. – Pareces um pouco...

– Um pouco quê?

Quatro afasta-se do quadro. O nome que está à frente do meu é o de Molly. Não é o Peter, mas está bem assim.

– Tensa – responde Al.

Vou ser a última a combater, o que significa que tenho ainda de esperar por três outros combates antes de a enfrentar. Edward e Peter são os penúltimos. Isso é bom. Edward é o único que pode vencer Peter. E Christina vai combater com Al, o que significa que Al perderá rapidamente, como tem estado a acontecer durante toda a semana.

– Vê se não exageras comigo, está bem? – diz Al a Christina.

– Não prometo nada – responde Christina.

Os dois primeiros – Will e Myra – ficam frente a frente na arena. Andam por instantes para trás e para a frente, um a atirar um murro e depois a retraindo-se, o outro a tentar dar um pontapé e a falhar. Quatro está no outro lado da sala, encostado à parede, e boceja.

Olho para o quadro e tento prever o resultado de cada combate. Não preciso de muito tempo. Mordo uma unha e penso em Molly. Christina perdeu com ela, o que significa que Molly é boa. Sabe dar murros com força, mas não mexe os pés. Se não conseguir atingir-me não poderá magoar-me.

Como era de esperar, a luta entre Christina e Al é rápida e indolor. Al tomba depois de alguns murros fortes no rosto e já não se levanta, o que põe Eric a abanar a cabeça.

Edward e Peter precisam de mais tempo. Apesar de serem os dois melhores lutadores, a disparidade entre eles é visível. O punho de Edward choca com o queixo de Peter e eu lembro-me do que Will disse a respeito dele – que tem andado a estudar luta corpo a corpo desde os dez anos. É muito óbvio. É mais rápido e mais esperto do que Peter.

Quando o último combate chega ao fim já tenho as unhas todas roídas e estou esfomeada, a pensar no almoço. Dirijo-me para a arena sem olhar para lado nenhum nem para ninguém, concentrada apenas no centro da sala. Parte da minha fúria atenuou-se, mas não tenho dificuldade em reavivá-la. Só preciso de me lembrar de como o ar estava frio e do som das gargalhadas. *Olhem para ela. É praticamente uma criança.*

Molly já está à minha frente.

– Era uma marca de nascença o que vi na bochecha do teu rabo? – pergunta Molly com a sua expressão de troça. – Meu Deus, és tão branca, Empata.

Ela vai atacar primeiro. É o que faz sempre.

Avança na minha direção e põe o peso todo no primeiro murro. Quando o corpo dela se move na minha direção eu baixo-me e enfio o meu punho mesmo por cima do umbigo dela. E desvio-me antes de ela conseguir pôr as mãos em mim, erguendo os punhos, já preparada para o seu próximo ataque.

Molly perdeu o ar de troça. Corre para mim, como se quisesse agarrar-me, e eu desvio-me de repente. Ouço a voz de Quatro dentro da minha cabeça a dizer-me que a minha arma mais poderosa é o meu cotovelo. Só preciso é de aprender a usá-lo.

Bloqueio o golpe dela com o antebraço. Dói-me, mas mal o sinto. Molly range os dentes e deixa escapar um rugido de frustração que parece mais de um animal do que de um ser humano. Tenta pontapear-me de lado, desastradamente, mas eu esquivo-me e, aproveitando-lhe o desequilíbrio, ataco e levanto o meu cotovelo em direção ao rosto dela. Molly consegue levantar a cabeça no último momento e o meu cotovelo só lhe arranha o queixo.

Depois acerta-me nas costelas e eu cambaleio para o lado, a tentar recuperar o fôlego. Sei que há qualquer ponto que ela está a deixar desprotegida. Quero esmurrá-la na cara, mas talvez isso não seja uma

boa ideia. Observo-a durante alguns segundos. Tem as mãos muito levantadas. Protegem-lhe o nariz e o rosto, mas deixam-lhe desprotegidas a barriga e a zona abaixo do peito. Molly e eu temos o mesmo problema quando combatemos.

Os nossos olhares cruzam-se.

Faço pontaria e dou-lhe um murro de baixo para cima que a atinge acima do umbigo. Sinto o punho a enfiar-se-lhe na carne, obrigando-a a expelir pesadamente o ar; ouço a sua respiração contra a minha orelha. Quando tenta recuperar o fôlego, varro-lhe as pernas com um pontapé e ela cai violentamente no chão, levantando uma nuvem de pó. Recuo a perna e pontapeio-a de seguida nas costelas com toda a minha força.

A minha mãe e o meu pai não aprovariam que eu estivesse a dar pontapés numa pessoa caída.

Mas não quero saber.

Molly enrola-se, a tentar proteger os flancos, e agora atinjo-a no estômago. *Uma criança...* Dou-lhe mais um pontapé, desta vez em pleno rosto. Salta-lhe sangue do nariz que lhe cobre a cara. *Olhem para ela.* E mais outro pontapé – desta vez no peito.

Recuo o pé uma terceira vez, mas as mãos de Quatro agarram-me os braços e depois afastam-me dela com uma força a que não consigo opor-me. Respiro de dentes cerrados, olhando para o rosto coberto de sangue de Molly, de uma cor bem viva e saturada e bela, de certa maneira.

Molly geme e ouço o som borbulhante que lhe sai da garganta antes de começar a correr-lhe um fio de sangue da boca.

– Ganhaste – murmura Quatro. – Para.

Limpo o suor da testa. Quatro olha para mim. Tem os olhos muito abertos, como se estivesse assustado.

– Acho que devias sair – diz. – Vai dar uma volta.

– Eu estou bem. Agora estou bem – repito, desta vez para mim própria.

Gostaria de dizer que me sinto culpada pelo mal que fiz com tanta violência.

Mas não sinto.

Capítulo Quinze

O Dia das Visitas é hoje. Lembro-me logo disso ao abrir os olhos. Sinto o meu coração a saltar e depois a afundar-se assim que vejo Molly a coxear pelo dormitório fora, o nariz roxo e quase tapado por tiras de adesivo médico. Ao vê-la sair, procuro Peter e Drew. Nenhum deles está no dormitório e por isso visto-me rapidamente. E desde que eles não estejam já não me interessa quem mais possa ver-me em roupa interior.

Vestimo-nos todos em silêncio. Nem Christina sorri. Sabemos que podemos ir ao Fosso, olhar para todas as pessoas que aí se encontram e não encontrar ninguém da nossa família.

Faço a cama, puxando bem os lençóis para os cantos como o meu pai me ensinou. Tiro um cabelo solto da almofada e vejo Eric a entrar no dormitório.

– Atenção! – anuncia, afastando um caracol preto do olho. – Quero dar-vos alguns conselhos a respeito do dia de hoje. Se, por milagre, alguns dos vossos pais vieram visitar-vos – e examina as nossas expressões com um sorriso de troça –, do que duvido, é preferível que não se mostrem muito ligados a eles. Assim será mais fácil para vocês e para eles. Além disso, nós aqui levamos muito a sério a frase «A fação antes do sangue.» Mostrarem-se agarrados às vossas famílias sugerirá que não estão inteiramente satisfeitos com a fação que escolheram, o que seria *vergonhoso*. Compreendem o que eu estou a dizer?

Por mim compreendo. Ouvi bem a ameaça contida na voz severa de Eric. A única parte significativa do que ele disse foi o fim: nós somos os Intrépidos e precisamos de agir de acordo com isso.

Eric trava-me o passo quando estou a sair do dormitório e diz-me:

– Talvez te tenha subestimado, Empata. Ontem estiveste bem.

Olho frontalmente para ele. É a primeira vez desde que venci Molly que sinto uma impressão aguda de ter agido mal, o que me faz sentir culpada.

E se Eric acha que eu fiz bem então devo ter feito mesmo mal.

– Obrigada – digo-lhe. E apresso-me a sair do dormitório.

Avisto Christina e Will à minha frente quando os meus olhos se ajustam à luz ténue do corredor. Will está a rir-se, provavelmente devido a alguma piada que Christina possa ter dito. Não tento apanhá-los. Sinto, sem saber porquê, que seria um erro interrompê-los.

Não vejo Al em lado nenhum. Já não o tinha visto no dormitório. E não o vejo agora a dirigir-se para o Fosso. Talvez já lá esteja.

Passo os dedos pelo cabelo e enrolo-o num carrapito. Verifico a roupa – estarei bem tapada? As minhas calças são justas e parte da minha clavícula está à vista. Os meus pais não vão gostar.

Mas quem se importa com isso? Cerro os dentes. A minha facção agora é esta. E a roupa que visto é a que usa a minha facção.

Paro quando chego ao fim do corredor.

Há famílias inteiras no Fosso e a maioria é de Intrépidos que estão com os iniciados-Intrépidos. Continuam a ter uma aparência estranha para mim: uma mãe com um *piercing* num sobrolho, um pai com tatuagens num braço e um iniciado de cabelo roxo. Mas constituem uma família. Vejo Drew e Molly sozinhos de pé num dos cantos da sala e reprimo um sorriso. Pelo menos, as famílias deles não vieram.

Mas a de Peter veio. Junto dele está um homem alto de sobranceiras espessas e uma mulher baixa e de ar humilde com cabelo ruivo. Nem a mãe nem o pai se parecem com ele. Usam ambos calças pretas e camisas brancas, que é o vestuário característico dos Cândidos, e o pai fala tão alto que quase o posso ouvir. Saberão que tipo de pessoa é o filho?

E depois... saberá alguém o tipo de pessoa em que me transformei?

Will está no outro lado da sala com uma mulher que tem um vestido azul. Não parece ter idade para ser mãe dele, mas tem a mesma ruga entre as sobranceiras e o mesmo cabelo dourado. Will referiu-se em tempos a uma irmã. Pode ser ela.

Perto dele, Christina abraça uma mulher de pele escura que veste de preto e branco como os Cândidos. Atrás de Christina está uma rapariga mais nova, também dos Cândidos. É a sua irmã mais nova.

Valerá mesmo a pena pôr-me à procura dos meus pais no meio da multidão? Talvez possa voltar costas a isto tudo e regressar ao

dormitório.

Mas vejo-a. É a minha mãe. Está só e perto do parapeito, com as mãos unidas diante dela. Nunca me pareceu tão deslocada como aqui, com as calças cinzentas e o casaco cinzento abotoado até ao pescoço, o cabelo com um carrapito simples e uma expressão plácida. Dirijo-me a ela, a sentir as lágrimas nos olhos. Ela veio mesmo. Veio ter comigo.

Caminho mais depressa. Ela vê-me, mas a expressão não se altera, como se não soubesse quem eu sou. Depois os olhos brilham e ela abre os braços. Cheira a sabonete e a detergente de lavar roupa.

– Beatrice – murmura. Passa a mão pelo meu cabelo.

Não chores, ordeno a mim própria. Abraço-a até me desaparecerem as lágrimas dos olhos e depois largo-a, a olhar outra vez para ela. Sorrio com os lábios fechados, tal como a minha mãe faz. E ela toca-me no rosto.

– Bem, vejamos só. Estás mais cheinha. – Passa-me a mão pelo braço. – Diz-me como tens passado.

– Tu primeiro. – Regressaram os velhos hábitos. Tenho de deixá-la falar em primeiro lugar. E não devo deixar a conversa concentrar-se em mim durante tempo de mais. Devo assegurar-me de que ela não precisa de nada.

– Hoje é uma ocasião especial – diz a minha mãe. – Vim ver-te e por isso vamos falar principalmente de ti. É esse o presente que te dou.

A minha mãe altruísta. Ela nem devia pensar em presentes, em especial depois de a ter deixado e ao meu pai. Vou com ela até à barreira que nos separa do abismo, satisfeita por estar junto dela. A semana e meia que já passou foi mais desprovida de afeto do que eu poderia pensar. Em casa não nos tocávamos e o máximo que eu vi os meus pais fazerem foi darem as mãos à mesa do jantar, mas até isso era mais do que aquilo que aqui encontrei.

– Só uma pergunta. – Sinto um aperto na garganta. – Onde está o pai? Foi visitar o Caleb?

– Ah. – A minha mãe abana a cabeça. – O teu pai teve de ficar a trabalhar.

Baixo os olhos.

– Podes dizer-me se ele não quis mesmo vir.

Os olhos da minha mãe examinam-me o rosto.

– O teu pai tem sido egoísta ultimamente. Mas isso não significa que ele não te ame, garanto-te.

Olho para ela, estupefacta. O meu pai... egoísta? Mais surpreendente do que a acusação é o facto de ter sido ela a dizê-lo.

Não consigo perceber pela expressão dela se está irritada com o meu pai. Não espero conseguir percebê-lo. Mas deve estar, para lhe chamar *egoísta*. Deve estar mesmo irritada.

– E Caleb? – pergunto. – Vais visitá-lo depois?

– Bem gostaria – responde a minha mãe – mas os Eruditos proibiram a entrada de visitantes dos Abnegados no quartel-general deles. Se eu tentasse, afastar-me-iam pela força.

– O quê? – pergunto. – Mas isso é horrível. Porque é que o fizeram?

– Os problemas entre as nossas facções nunca foram tão grandes como neste momento. Gostaria que não fosse assim, mas pouco posso fazer.

Penso em Caleb entre os iniciados dos Eruditos, a procurar a nossa mãe entre a multidão de visitantes, e sinto uma picada no estômago. Uma parte de mim ainda está zangada com ele por manter tantos segredos entre nós, mas não queria vê-lo magoado.

– É horrível – repito. Olho para o abismo.

E vejo Quatro sozinho encostado ao parapeito. Embora já não seja um iniciado, pode usar o Dia das Visitas para se reunir com a sua família, como faz a maioria dos Intrépidos. Neste caso, no entanto, os pais não gostam de vir visitá-lo ou ele não pertencia aos Intrépidos. De que facção poderia ter vindo?

– É um dos meus instrutores – digo à minha mãe, aproximando-me mais dela. – E é um pouco intimidante.

– Mas é *bonito*... – contrapõe a minha mãe.

Dou por mim a acenar afirmativamente com a cabeça, sem pensar. Ela ri-se e tira o braço dos meus ombros. Quero afastá-la de Quatro, mas quando estou prestes a sugerir que vamos para outro local vejo-o a olhar por cima do ombro. E a abrir muito os olhos ao ver a minha mãe, que lhe estende a mão:

– Olá. Chamo-me Natalie. Sou a mãe de Beatrice.

Nunca vi a minha mãe apertar a mão a alguém. Quatro obriga a mão dele ao ir ao encontro da mão dela e sacode-a duas vezes. O gesto não parece adequado a nenhum deles. Não, Quatro não pode ter vindo dos Intrépidos se não é capaz de um aperto de mãos descontraído.

– Quatro – apresenta-se. – Tenho muito gosto em conhecê-la.

– Quatro – repete a minha mãe, com um sorriso. – É uma alcunha?

– Sim – responde Quatro, sem mais pormenores. Qual será o verdadeiro nome dele, afinal? – A sua filha tem estado bem cá. Tenho estado a orientar os treinos dela.

Desde quando é que «orientar» inclui atirar-me punhais e

repreender-me sempre que a oportunidade se proporciona?

– É bom sabê-lo – diz a minha mãe. – Ouvi algumas coisas sobre a iniciação dos Intrépidos e andava preocupada com ela.

Quatro olha para mim e os olhos percorrem-me o rosto, do nariz à boca e da boca ao queixo. E depois comenta:

– Mas não devia estar preocupada.

Não consigo evitar a onda de calor que me sobe à cara. Espero que mais ninguém note.

Estará ele apenas a tranquilizá-la por ela ser minha mãe ou acreditará realmente que eu sou assim tão capaz? E qual o significado do olhar que me lançou?

A minha mãe inclina a cabeça para o lado.

– O seu rosto parece-me familiar, Quatro, não sei porquê – diz.

– Não consigo imaginar qual possa ser o motivo – replica Quatro, com uma voz de repente hostil. – Eu não costumo dar-me com os Abnegados.

A minha mãe ri-se. Tem um riso ligeiro que parece feito não apenas de som mas também de ar.

– Poucas pessoas se dão com os Abnegados atualmente. Não encaro isso como uma questão pessoal.

Quatro parece descontrair-se um pouco.

– Bem, deixo-vos sozinhas – diz.

A minha mãe e eu ficamos a vê-lo afastar-se. O rugido do rio subterrâneo invade-me os ouvidos. Talvez Quatro pertencesse aos Eruditos, o que explicaria o ódio que tem aos Abnegados. Ou talvez acredite nas coisas que os Eruditos põem a circular sobre nós – sobre *elas*, corrijo-me. De qualquer modo foi simpático da parte dele dizer à minha mãe que eu estou a ir bem, mesmo quando sei que ele próprio não acredita nisso.

– Ele é sempre assim? – pergunta a minha mãe.

– Não, é pior.

– Já tens amigos?

– Alguns – respondo. Olho por cima do ombro para Will e para Christina e para as suas famílias. Quando Christina dá pelo meu olhar acena-me, a sorrir, e a minha mãe e eu atravessamos o Fosso na direção dela.

Mas antes de conseguirmos aproximar-nos, uma mulher baixa e gorda numa camisa de riscas pretas e brancas toca-me no braço. Estremeço, resistindo à vontade de lhe afastar a mão com um gesto brusco.

– Desculpe – diz-me ela. – Conhece o meu filho? Albert?
– Albert? – repito. – Ah, o Al? Sim, conheço-o.
– Sabe onde podemos encontrá-lo? – pergunta ela, com um gesto para o homem que a segue. É alto e grande como um rochedo. É obviamente o pai de Al.

– Desculpem, mas não o vi esta manhã. Talvez devam procurá-lo lá em cima – sugiro, apontando para o telhado de vidro acima de nós.

– Oh, meu Deus – diz a mãe de Al, abanando o rosto com a mão. – Acho que prefiro não tentar subir outra vez. Quase tive um ataque de pânico quando vinha a descer. Porque é que não há corrimões nestes caminhos? São todos doidos aqui?

Esboço um sorriso. Algumas semanas antes poderia ter considerado a pergunta ofensiva, mas já passei tempo suficiente com os iniciados-Cândidos para poder surpreender-me com a falta de tato deles.

– Doidos, não – respondo. – Intrépidos, sim. Se o vir, digo-lhe que andam à procura dele.

Vejo que a minha mãe apresenta o mesmo sorriso que eu. E não está a reagir como as mães e os pais de outras transferências – olhando de cabeça voltada para as paredes do Fosso, para o teto, para o abismo por onde corre o rio. Claro que não está curiosa. É uma Abnegada e a curiosidade é-lhe alheia.

Apresento-a a Will e a Christina e esta apresenta-me à mãe e à irmã. Mas quando Will me apresenta à irmã mais velha, Cara, esta deita-me o tipo de olhar que pode fazer murchar uma planta e nem sequer me estende a mão. Depois olha com hostilidade para a minha mãe.

– Nem consigo acreditar que te dêes com um *deles*, Will – diz ao irmão.

A minha mãe não fala e comprime os lábios.

– Cara – diz Will, franzindo o sobrolho –, não é preciso seres malcriada.

– Pois, claro que não. Sabes quem ela é? – Cara aponta para a minha mãe. – É mulher de um membro do Conselho. Dirige a «agência dos voluntários», que parece ajudar os sem-faço. Mas julgam que eu não sei que estão só a açambarcar produtos alimentares para distribuírem pela vossa fação, enquanto nós não conseguimos ter alimentos frescos há um mês? Hem? Comida para os sem-faço, o tanas!

– Desculpe – diz gentilmente a minha mãe –, mas creio que está enganada.

– Enganada? Ora! – replica Cara. – Tenho a certeza de que são

exatamente aquilo que parecem ser. Uma facção de benfeitores despreocupados que não têm uma ponta de egoísmo no corpo? Pois, pois.

– Não fales com a minha mãe dessa maneira – intervenho, já muito corada e a fechar os punhos. – Não lhe digas nem mais uma palavra ou juro que te parto o pescoço.

– Calma, Tris – diz Will. – Não vais bater na minha irmã.

– Não? – desafio, erguendo as sobrancelhas. – Achas que não?

– Não, não vais. – A minha mãe toca-me no ombro. – Vamos embora, Beatrice. Não queremos incomodar a irmã do teu amigo.

Diz estas palavras com suavidade, mas a mão aperta-me o braço de tal maneira que eu quase grito de dor enquanto ela me leva consigo. Acelera o passo na direção do refeitório. Antes de lá chegar, porém, volta de repente à esquerda e segue por um dos corredores escuros que eu ainda não explorei.

– Mãe, como é que sabes por onde vais? – pergunto-lhe.

A minha mãe para junto a uma porta fechada e põe-se em bicos dos pés a olhar para a base da lâmpada azul que está pendurada do teto. Segundos depois, acena afirmativamente com a cabeça e volta-se para mim.

– Eu disse que não havia perguntas sobre mim. E estava a falar a sério. Como é que tens de facto passado, Beatrice? E os combates? Em que lugar estás na classificação?

– Classificação? – inquirio. – Sabes que tenho andado a lutar com os outros? Sabes que vou ser classificada?

– As informações sobre o processo de iniciação dos Intrépidos não são confidenciais.

Não imagino se será difícil saber o que fazem as outras facções durante o processo de iniciação, mas suspeito que não seja assim *tão* fácil. Respondo-lhe, lentamente:

– Estou muito no fundo da lista, mãe.

– Ótimo. – A minha mãe acena afirmativamente com a cabeça. – Ninguém olha com muita atenção para o fundo. Agora, Beatrice, há aqui uma coisa muito importante: qual foi o resultado da tua prova de aptidão?

O aviso de Tori pulsa na minha cabeça. *Não deves contar a ninguém, nunca.* Devia dizer-lhe que o meu resultado indicava os Abnegados, que foi o que Tori registou no sistema.

Observo os olhos verde-pálidos da minha mãe, emoldurados por pestanas espessas e escuras. Tem rugas à volta da boca, mas, fora isso,

é como se não parecesse ter a idade que tem. As rugas ficam mais acentuadas quando ela trauteia. E costumava trautear quando lavava a louça.

É a minha mãe que está comigo.

Posso confiar nela.

– O resultado foi inconclusivo – confesso, baixando a voz.

– Foi o que pensei – replica, com um suspiro. – Muitas crianças que crescem entre os Abnegados obtêm esse tipo de resultado. Não sabemos porquê. Mas tens de ser muito cautelosa durante a próxima fase da tua iniciação, Beatrice. Mantém-te no meio do grupo, haja o que houver. Não atraias a atenção dos outros para ti. Compreendes o que eu estou a dizer-te?

– Mãe... Que se passa?

– Não me interessa a fação que tenhas escolhido porque eu sou a tua mãe – diz-me, acariciando-me o rosto com as duas mãos – e só quero que sejas feliz.

– Isso é só porque sou uma... – começo, mas ela tapa-me a boca com uma mão.

– Não digas essa palavra – avisa, num tom sibilino. – Nunca!

Tori tinha razão, portanto. É muito perigoso ser-se Divergente. Mas eu continuo sem saber porquê ou o seu verdadeiro significado.

– Porquê? – pergunto.

A minha mãe abana a cabeça:

– Não posso dizer.

Depois olha por cima do ombro, para onde já mal se vê a luz que vem do Fosso. Ouço gritos e conversas, gargalhadas e passos arrastados. O cheiro que vem do refeitório flutua em redor de mim e chega-me ao nariz, doce e fermentado: estão a fazer pão. Quando a minha mãe se volta, a expressão com que me olha é de determinação.

– Há uma coisa que quero que tu faças – diz-me. – Não posso ir visitar o teu irmão, mas tu podes, quando a iniciação estiver terminada. Gostaria que fosses ter com ele e que lhe disseses para fazer uma pesquisa sobre o soro da simulação. Está bem? Podes fazer isso por mim?

– Não, a não ser que me *expliques* alguma coisa, mãe! – Cruzo os braços. – Se queres que eu vá ao quartel-general dos Eruditos durante um dia inteiro tens de dar-me uma boa razão para isso.

– Não posso. Desculpa. – A minha mãe beija-me na face e prende-me atrás da orelha um caracol que me caiu do carrapito. – Agora tenho de ir. Pensarão melhor a teu respeito se tu e eu não parecermos

muito próximas.

– Não estou interessada no que possam pensar – contraponho.

– Mas devias – insiste a minha mãe. – Acredito que andem a vigiar os teus movimentos.

A minha mãe afasta-se e eu fico para trás, demasiado estupefacta para ir com ela. No final do corredor, volta-se e diz-me:

– Come uma fatia de bolo por mim, pode ser? É de chocolate. E é delicioso. – Oferece-me um sorriso estranho, quase perverso. – Amo-te muito, sabes?

E depois desaparece.

Fico sozinha sob a luz azul que vem da lâmpada por cima da minha cabeça e compreendo.

Ela já aqui esteve, no quartel-general. Lembrava-se deste corredor. Está familiarizada com o processo de iniciação.

A minha mãe tinha sido uma Intrépida.

Capítulo Dezasseis

Regresso ao dormitório nessa tarde, enquanto os outros iniciados ainda estão com os seus familiares, e deparo-me com Al sentado na cama, a olhar para o espaço da parede onde costuma estar o quadro a giz. Quatro levou-o na véspera para poder calcular as nossas classificações do final da fase um.

– Então estás aqui! – exclamo. – Os teus pais andavam à tua procura. Encontraram-te? Al abana a cabeça.

Sento-me na cama ao lado dele. A minha perna não chega a metade da perna dele, apesar de estar muito mais musculosa do que era. Al está de calções pretos. Tem o joelho azul-arroxeadado, com uma nódoa negra e uma cicatriz.

– Não querias vê-los? – pergunto.

– Não queria que eles me perguntassem o que tenho feito – responde. – Teria de responder-lhes e eles perceberiam que eu estava a mentir.

– Bem... – Esforço-me por arranjar qualquer coisa para dizer. – Que há de errado no que tens andado a fazer?

Al dá uma gargalhada desagradável.

– Fui vencido em todas as lutas desde aquela que travei com o Will. Não estou a fazer progressos.

– Porque não queres. Não podes dizer-lhes isso?

Al abana a cabeça.

– O meu pai quis sempre que eu viesse para aqui – explica. – Quer dizer, queriam que eu permanecesse com os Cândidos, mas só porque é o que devem dizer. O meu pai e a minha mãe sempre admiraram os Intrépidos. E não compreenderiam se eu tentasse dizer-lhes o que se passa.

– Ah. – Tamborilo com os dedos no meu joelho. Depois olho para ele. – Foi por isso que escolheste os Intrépidos? Por causa dos teus pais?

Al abana a cabeça.

– Não. Acho que foi porque... Penso que é importante proteger as pessoas. Lutar por elas. Como tu fizeste por mim. – Sorri-me. – É o que os Intrépidos devem fazer, não é? É o que significa ser-se corajoso. Não magoar as pessoas quando... não há motivo para isso.

Lembro-me do que Quatro me disse, de que o trabalho de equipa costumava ser uma prioridade para os Intrépidos. Como seriam eles, nessa altura? Que teria eu aprendido se cá estivesse estado quando a minha mãe fazia parte dos Intrépidos? Talvez não tivesse partido o nariz a Molly. Ou ameaçado a irmã de Will.

A sensação de culpa não me deixa em paz.

– Talvez as coisas fiquem melhores quando a iniciação tiver terminado – comento.

– Mas é pena que eu apareça no fim da lista – diz Al. – Mas acho que esta noite já saberemos.

Ficamos lado a lado por mais algum tempo. É melhor estar aqui, em silêncio, do que no Fosso, a ver toda a gente a rir-se com as respetivas famílias.

O meu pai costumava dizer que a melhor maneira de ajudar uma pessoa é, por vezes, ficar apenas perto dela. Sinto-me bem quando faço alguma coisa que poderia deixá-lo orgulhoso, como se isso compensasse todas as coisas que fiz e de que ele não poderá orgulhar-se.

– Sinto-me mais corajoso quando estou contigo, sabes? – diz Al. – Como se pudesse realmente fazer parte disto, como tu.

Estou prestes a responder, quando ele me passa o braço por cima dos ombros. Fico gelada de repente e sinto a cara a arder.

Não queria ter razão quanto aos sentimentos que Al nutre por mim. Mas tinha.

Não me encosto a ele, no entanto. Em vez disso, inclino-me para a frente e deixo o braço dele deslizar. Depois aperto as mãos no meu colo.

– Tris, eu... – começa Al. A voz está tensa. Olho para ele. Tem a cara tão vermelha como eu, mas não está a chorar. Parece embaraçado. – Hmm... desculpa. Eu não estava a tentar... Hmm... Desculpa.

Gostaria de poder dizer-lhe que não deve tomar a minha atitude

como algo pessoal. Podia dizer-lhe que os meus pais raramente se davam as mãos, mesmo em nossa casa, e que por isso eu aprendi a retrain-me perante todos os gestos de afeto, porque foi assim que eles me ensinaram para que eu pudesse encará-los com seriedade. Talvez se eu lhe dissesse isso não houvesse nele uma camada de dor por debaixo do embaraço, que o faz corar.

Mas claro que é uma questão pessoal. Ele é meu amigo... e chega. Que pode haver de mais pessoal do que isso?

Inspiro e quando deito o ar fora obrigo-me a sorrir.

– Desculpa... porquê? – pergunto, tentando parecer descontraída. Passo as mãos pelas minhas calças de ganga, apesar de não estarem sujas, e levanto-me. – Tenho de ir.

Al acena com a cabeça e não olha para mim.

– Ficas bem? – pergunto. – Quer dizer... quanto aos teus pais. Não porque... – A minha voz perde-se. Não sei o que haveria de dizer se continuasse a falar.

– Sim. Claro. – Al acena novamente com a cabeça, desta vez com bastante mais força. – Até logo, Tris.

Tento não sair do dormitório depressa de mais. Quando a porta se fecha atrás de mim, levo uma mão à testa e sorrio. Apesar da estranheza que isto tudo me causa, é agradável saber que há alguém que gosta de mim.

*

Falar nas visitas dos nossos familiares poderia ser demasiado doloroso e é também por isso que as nossas classificações da fase um são o assunto de que toda a gente fala à noite. Sempre que alguém fala nisso perto de mim, concentro-me num ponto qualquer à minha frente e ignoro essa pessoa.

O meu lugar não pode ser tão mau como era, em especial depois de ter vencido Molly, mas pode não ser suficientemente bom para me levar à lista dos dez melhores do final da iniciação, sobretudo se forem contabilizados os iniciados-Intrépidos.

Ao jantar sento-me na companhia de Christina, Will e Al numa mesa num canto do refeitório. Estamos demasiado perto de Peter, Drew e Molly, que se sentaram numa mesa ao lado, para nos sentirmos confortáveis. Quando a conversa na nossa mesa se acalma consigo ouvir tudo o que eles dizem. Estão a especular relativamente às classificações. Que surpresa.

– Não foste autorizado a ter *animais de estimação*? – pergunta Christina, batendo na mesa com a mão aberta. – Porquê?

– Porque são ilógicos – responde Will, prosaicamente. – Que sentido tem estar a acolher e a dar comida a um animal que nos suja os móveis, que nos põe a casa a cheirar mal e que acaba por morrer?

Al e eu entreolhamo-nos, como às vezes fazemos quando Will e Christina começam a discutir. Mas desta vez desviamos o olhar com a mesma rapidez com que os nossos olhos se cruzaram. Espero que esta situação estranha entre nós não se prolongue. Quero o meu amigo de volta.

– A *questão é que...* – Christina não acaba a frase e inclina a cabeça. – Mas é giro ter animais de estimação. Eu tive um buldogue chamado Chunker. Uma vez deixámos um frango saído do forno a arrefecer na bancada e ele, enquanto a minha mãe foi à casa de banho, agarrou nele e comeu-o, com peles e ossos e tudo. Rimo-nos tanto.

– Pois, isso de facto faz-me mudar de ideias... É claro que quero mesmo viver com um animal que devora toda a minha comida e que me destrói a cozinha. – Will abana a cabeça. – Porque é que não arranjas um cão depois da iniciação, já que te sentes assim tão nostálgica?

– Porque... – O sorriso de Christina desvanece-se e ela espeta uma batata que ainda tem no prato. – Os cães ficaram mais ou menos postos de parte, para mim. Depois da... prova de aptidão, sabes?

Os nossos olhares cruzam-se. Sabemos todos que não devemos falar das provas, nem agora que as escolhas estão feitas, mas pode acontecer que essa regra não seja tão impositiva para eles como para nós. O meu coração começa a bater irregularmente dentro do meu peito. A regra protege-me. Impede-me de mentir aos meus amigos sobre o meu resultado. Cada vez que penso na palavra *Divergente* ouço o aviso de Tori: *Não debes contar a ninguém... é extremamente perigoso.*

– Estás a falar da questão de matar o cão, não é? – pergunta Will.

Quase me tinha esquecido. Os que têm aptidão para se juntarem aos Intrépidos pegam na faca durante a simulação e espetam-na no cão quando ele ataca. Não admira que Christina já não queira ter um. Ajeito as mangas em torno dos pulsos e começo a torcer os dedos.

– Claro – responde Christina. – Quer dizer, todos vocês tiveram de o fazer, certo?

Christina olha em primeiro lugar para Al e depois para mim. E, semicerrando os olhos, observa:

– Mas *tu* não o fizeste.

– Hem?

– Estás a esconder qualquer coisa – diz-me Christina. – Estás a mexer-te...

– O quê?

– Os Cándidos ensinam-nos a ler a linguagem do corpo – começa Al. Dá-me um pequeno encontrão com o ombro. Pronto. Já parece estar normal. – É para sabermos quando alguém está a mentir ou a guardar algum segredo.

– Oh. – Coço a nunca. – Bem...

– Estão a ver? Cá está, outra vez! – exclama Christina, a apontar para a minha mão.

Sinto o coração atravessado na garganta. Como é que posso mentir sobre o meu resultado se eles conseguem saber quando o faço? Tenho de controlar a minha linguagem corporal. Baixo a mão e prendo-a à outra, no meu colo. É o que faz uma pessoa honesta?

Pelo menos não terei de mentir a respeito do cão.

– Não, não matei o cão – esclareço.

– Como é que chegaste aos Intrépidos sem usares a faca? – pergunta Will, voltando-se para mim e semicerrando os olhos.

Sustenho-lhe o olhar e respondo calmamente:

– Não tive de chegar. Fui dada como apta para os Abnegados.

É uma meia-verdade. Tori deu os Abnegados como meu resultado e é o que está no sistema. Quem quer que tenha acesso aos resultados pode vê-lo. Continuo a olhar para ele por mais alguns segundos. Desviar os olhos poderia parecer suspeito. Depois encolho os ombros e espeto o meu garfo num pedaço de carne. Espero que acreditem em mim. Aliás, vão ter mesmo de acreditar.

– Mas escolheste os Intrépidos, de qualquer modo – diz Christina. – Porquê?

– Já te disse – respondo, com um sorriso de troça. – Pela comida.

Christina ri-se.

– Sabiam que Tris nunca tinha comido um hambúrguer na vida antes de vir para cá?

Christina começa depois a contar a história do nosso primeiro dia e o meu corpo descontrai-se. Apesar disso ainda me sinto tensa. Não devia mentir aos meus amigos. É uma coisa que cria barreiras entre nós e já as temos a mais. Christina a apoderar-se da bandeira. Eu a rejeitar Al.

Depois do jantar regressamos ao dormitório e tenho dificuldade em não me pôr a correr, sabendo que as classificações já estarão afixadas

quando lá chegar. Quero esclarecer isto e rapidamente. À porta do dormitório Drew empurra-me contra a parede para conseguir passar à minha frente. Raspo o ombro na parede, mas continuo.

Sou demasiado baixa para ver por cima do grupo de iniciados apinhados ao fundo do dormitório e, ao arranjar um espaço entre as cabeças para espreitar, vejo que o quadro está no chão, encostado às pernas de Quatro e de costas para nós. Quatro ainda tem um giz na mão.

– Para os que acabaram de chegar, estou a explicar como é determinada a classificação – diz. – Depois da primeira ronda de combates, vocês foram classificados de acordo com o vosso nível de capacidades. O número de pontos que ganham depende do vosso nível de capacidades e do nível da pessoa que venceram. Ganham mais pontos se melhorarem e mais pontos se vencerem alguém de um nível superior. Não premeio os que se aproveitam dos fracos. Isso é cobardia.

Parece-me que os olhos dele se demoram durante mais tempo nos de Peter ao pronunciar as últimas palavras, mas depois movem-se tão depressa que fico sem ter a certeza.

– Quando já se tem um nível elevado, perdem-se pontos quando se é derrotado por um adversário de um nível inferior.

Da boca de Molly sai um ruído desagradável, parecido com um resmungo ou um rosnido.

– A fase dois dos treinos pesa mais na avaliação do que a fase um porque está mais estreitamente associada à superação da cobardia – prossegue Quatro. – No entanto, é extremamente difícil obter uma classificação elevada no fim da iniciação se a classificação for mais baixa na fase um.

Transfiro o peso de um pé para o outro, tentando vê-lo melhor. E quando o faço acabo por desviar o olhar. Os olhos dele já estão pousados em mim, possivelmente atraídos pelo meu movimento nervoso.

– Anunciaremos as exclusões amanhã – diz Quatro. – O facto de serem transferências de outras fações e de os iniciados-Intrépidos não o serem não será tomado em consideração. Quatro de vocês poderão passar a fazer parte dos sem-fação e nenhum deles. Ou quatro entre eles poderão passar a pertencer aos sem-fação e nenhum de vocês. Ou haverá qualquer outra combinação. Bom, eis as vossas classificações...

Quatro pendura o quadro na parede e recua para nós podermos ver a lista:

1. Edward
2. Peter
3. Will
4. Christina
5. Molly
6. Tris

Estou em sexto lugar? Não pode ser. Vencer Molly deve ter empurrado a minha classificação para cima mais do que eu pensava que pudesse acontecer. E ser derrotada por mim parece ter afundado a dela.

Salto para o fim da lista:

7. Drew
8. Al
9. Myra

Al não é o último de todos, mas já está a caminho de se tornar um sem-faço, se os iniciados-Intrépidos não falharem por completo a fase um.

Olho de relance para Christina. De cabeça inclinada para o lado está a observar o quadro de sobrolho carregado. Mas não é a única pessoa a fazê-lo. O silêncio que reina no dormitório é um silêncio intranquilo, como se toda a sala estivesse a ser empurrada para trás e para a frente precariamente equilibrada num parapeito.

Para depois começar a tombar. E com o protesto de Molly, que aponta para Christina:

– O quê? Eu venci-a! Eu venci-a em *minutos* e ela... está à *minha frente*?

– Pois – diz Christina, cruzando os braços. Mostra um sorriso convencido. – E depois?

– Se queres garantir uma boa classificação para ti, sugiro-te que não te habitues a perder com adversários situados abaixo de ti – diz Quarto, com uma voz que atravessa os murmúrios e os resmungos dos outros iniciados. Mete o giz no bolso e passa por mim sem sequer me lançar um olhar. As palavras dele incomodam-me e fazem-me lembrar que eu sou o adversário de Molly a que ele se referia.

E, pelos vistos, Molly também o percebe.

– Tu – diz, concentrando os olhos semicerrados em mim. – Vais pagar por isto.

Espero que se atire a mim, ou que me bata, mas Molly volta-me as

costas e sai desabridamente do dormitório, o que é pior. Se ela tivesse explodido, a cólera que a movia ter-se-ia esvaído rapidamente depois de um murro ou dois. Ir-se embora significa que tenciona planear alguma coisa. E que tenho de estar de sobreaviso.

Peter não disse nada quando as classificações foram afixadas, o que é surpreendente dada a sua tendência para se queixar das coisas que não o satisfazem. A sua única reação é dirigir-se à cama e sentar-se para desapertar os sapatos. É uma coisa que me torna ainda mais inquieta. Não é possível que ele tenha ficado satisfeito com o segundo lugar. Não é próprio dele.

Will e Christina batem as mãos e depois Will dá-me uma palmada nas costas com uma mão que é maior do que a minha omoplata.

- Olha, vê só: número seis – diz, a sorrir.
- Pode não ser suficientemente bom, ainda – recordo-lhe.
- Vai ser, não te preocupes – replica Will. – Devíamos comemorar.
- Então vamos – diz Christina, agarrando-me a mim e a Al pelo braço. – Vamos, Al. Não sabes quais foram os resultados dos iniciados-Intrépidos. Ainda não há certezas.

- Não, vou para a cama – resmungo Al, libertando-se.

No corredor já me é fácil esquecer-me de Al, da vingança de Molly e da calma suspeita de Peter e fazer de conta que o que nos separa como amigos não é nada. Mas pesa-me a impressão de que Christina e Will são meus concorrentes. Se quero abrir caminho para chegar aos «dez mais» vou ter de começar por derrotá-los.

Só espero não ter de os atraiçoar.

*

Custa-me a adormecer. O dormitório pareceu-me demasiado barulhento, com o ruído de toda a gente a respirar, mas agora está demasiado sossegado. E o silêncio faz-me pensar na minha família. Graças a Deus que o quartel-general dos Intrépidos é habitualmente barulhento.

Se a minha mãe pertencia aos Intrépidos, por que motivo escolheu os Abnegados? Gostou assim tanto da calma, da rotina, da bondade... de todas as coisas de que eu agora sinto a falta quando começo a pensar nelas?

Ponho-me a pensar se haverá por aqui alguém que a tivesse conhecido quando era nova e que me possa dizer como ela era. Mas mesmo que alguém o pudesse fazer, provavelmente não quereria falar

dela. As transferências não devem realmente falar das suas anteriores fações quando se tornam membros da que escolheram. Parece ser mais fácil desse modo transferir a sua obediência da família para a fação – é o princípio expresso no lema «A fação antes do sangue».

Enterro o rosto na almofada. Ela pediu-me para eu dizer a Caleb que ele deveria fazer uma pesquisa sobre o soro da simulação. Mas porquê? Terá isso alguma coisa a ver com o facto de eu ser Divergente ou de correr perigo, ou haverá mais alguma coisa? Suspiro. Tenho mil perguntas para fazer e a minha mãe foi-se embora antes que eu pudesse perguntar-lhe qualquer coisa. Agora todas essas perguntas andam às voltas dentro da minha cabeça e já duvido que venha a conseguir adormecer se não encontrar respostas.

Ouçó um movimento no meio do dormitório e levanto a cabeça. Os meus olhos ainda não estão adaptados ao escuro e o que vejo é escuridão, pura e simples escuridão, como se estivesse a olhar para o interior das minhas próprias pálpebras. Ouço o que me parecem passos e talvez um sapato a ranger. E qualquer coisa a cair.

De repente, um grito que me faz gelar o sangue e me põe os cabelos em pé. Atiro os cobertores para trás e fico de pé no chão de pedra, descalça. Ainda não consigo ver suficientemente bem para perceber de onde veio o grito, mas já vejo uma sombra no chão à distância de algumas camas. E ouço outro grito penetrante.

– Acendam a luz! – grita alguém.

Avanço devagar em direção ao som para não tropeçar em qualquer obstáculo. Sinto-me como, estivesse em transe. Não quero ver de onde veio o som. Um grito como o que ouvi só pode significar sangue, ossos e dor – é um grito que vem do fundo estômago e que alastra pelo corpo todo.

A luz acende-se.

Edward está no chão junto da sua própria cama, com as mãos no rosto. À volta da cabeça está um halo de sangue e, por entre os dedos enclavinados, vejo o cabo prateado de uma faca. O meu coração bate-me nos ouvidos. É uma faca de manteiga, trazida do refeitório. Com a lâmina enfiada no olho de Edward.

Myra, aos pés dele, começa a gritar. Há outra pessoa que também já está a gritar enquanto uma terceira pede socorro e Edward se remexe no chão, a uivar de dor. Baixo-me perto da cabeça dele e os meus joelhos mergulham na poça de sangue enquanto lhe ponho as mãos nos ombros.

– Fica quieto – digo-lhe. Sinto-me calma apesar de não conseguir

ouvir nada, como se tivesse a cabeça metida dentro de água. Edward remexe-se e dá pontapés no vazio e eu levanto a voz, à procura de um tom autoritário. – Disse-te para ficares quieto. Respira!

– O meu olho! – grita Edward.

Cheira-me a qualquer coisa azeda. Alguém vomitou.

– Tira! – berra Edward. – Tira-me isto, tira-me isto, tira-me isto!

Abano a cabeça e lembro-me depois de que ele não me pode ver. Sinto uma gargalhada a borbulhar-me no estômago. Estou a ficar histérica. Mas isso não pode acontecer, se quero ajudá-lo. Tenho de esquecer-me de mim própria.

– Não – respondo-lhe. – Tens de deixar que seja o médico a tirá-lo. Estás a ouvir-me? Deixa que seja o médico a tirá-lo. E respira.

– Mas dói! – protesta Edward, com um soluço.

– Eu sei que dói. – E em vez da minha voz ouço a da minha mãe. Vejo-a ajoelhada à minha frente, no passeio da nossa casa, a limpar-me as lágrimas do rosto depois de eu ter esfolado o joelho. Eu tinha cinco anos nessa altura.

– Vai correr tudo bem – continuo, tentando que a minha voz lhe soe firme como se conseguisse estar a fazer mais do que apenas tranquilizá-lo. Mas é o que estou a fazer. E nem sei se vai correr tudo bem. Suspeito que não.

Chega a enfermeira, manda-me afastar e eu obedeco. Tenho as mãos e os joelhos cheios de sangue. Quando olho em redor vejo que só faltam duas pessoas.

Drew é uma delas.

E Peter é a outra.

*

Depois de levarem Edward vou com uma muda de roupa para a casa de banho e lavo as mãos. Christina acompanha-me e fica à porta, sem falar, e eu fico satisfeita. Não há muito para dizer.

Esfrego bem as linhas das minhas mãos e passo uma unha por debaixo de todas as outras para me livrar do sangue. Visto as calças que trouxe e atiro as que estão sujas para o lixo. Depois levo comigo o máximo de toalhas de papel a que consigo deitar mão. Alguém vai ter de limpar o sangue que ficou no dormitório e como duvido que consiga adormecer outra vez, mais vale ficar entretida.

Quando deito a mão à porta, Christina pergunta-me:

– Sabes quem foi, não sabes?

– Sei.
– Devemos dizer a alguém?
– Achas realmente que os Intrépidos farão alguma coisa? – contraponho. – Depois de te terem pendurado sobre o abismo? Depois de nos terem feito espancar-nos uns aos outros quase até nos matarmos?

Christina não responde.

Depois, durante cerca de meia hora ajoelho-me no chão do dormitório e limpo o sangue de Edward. Christina vai deitando fora as toalhas sujas e trazendo outras. Myra desapareceu. Deve ter ido com Edward para o hospital.

Quase ninguém consegue pregar olho.

*

– Isto vai parecer estranho – diz Will –, mas preferia que não estivéssemos um dia sem fazer nada, como vai acontecer hoje.

Aceno afirmativamente com a cabeça. Percebo o que ele quer dizer. Se tivéssemos qualquer coisa para fazer estaríamos distraídos. E, por mim, sei que gostaria de ter alguma coisa que hoje me pudesse distrair.

Não tenho passado muito tempo a sós com Will, mas Christina e Al foram para o dormitório deitar-se e nenhum de nós quer estar nessa divisão mais tempo do que o necessário. Will não mo disse. Mas eu sei.

Passo com uma unha por debaixo de outra. Lavei cuidadosamente as mãos depois de estar a limpar o sangue de Edward, mas ainda sinto que o tenho nas mãos. Will e eu vamos caminhando sem um objetivo preciso. Não há sítio nenhum para onde possamos ir.

– Podíamos ir visitá-lo – sugere Will. – Mas que poderíamos dizer? «Não nos conhecíamos muito bem, mas tenho pena que te tenham ferido no olho»?

Sei que não tem graça. Percebo-o assim que ele o diz, mas sobe-me uma gargalhada pela garganta e eu não posso deixar de a dar porque me seria difícil contê-la. Will olha para mim por instantes com ar severo e depois também se ri. Chorar ou rir são às vezes as melhores opções e rir é o que nos faz sentir melhor nesta altura.

– Desculpa – digo-lhe. – Mas isto é ridículo.

Não quero chorar por Edward, pelo menos da maneira profunda e pessoal como choramos por um amigo ou uma pessoa que amamos.

Mas quero chorar porque aconteceu uma coisa terrível e eu vi e não sei como é que ela poderá ser resolvida. Nenhuma das pessoas que gostaria de castigar Peter tem autoridade para o fazer e ninguém com essa autoridade o quererá castigar. Os Intrépidos têm regras que condenam quem ataca assim uma pessoa, mas com Eric a tomar conta de nós suponho que essas regras não serão aplicadas.

Digo a Will, num tom mais sério:

– O mais ridículo disto é que seria uma atitude corajosa da nossa parte dizer a alguém o que aconteceu, se estivéssemos noutra fação. Mas aqui, com os Intrépidos, a coragem não nos servirá de nada.

– Já alguma vez leste os manifestos das fações?

Os manifestos foram escritos depois de as fações se terem formado. Soube na escola que eles existem, mas nunca os li.

– E tu leste? – pergunto-lhe, franzindo o sobrolho. Depois lembro-me de que Will memorizou um mapa da cidade, como divertimento. – Oh, claro que leste... Mas deixa.

– Uma das frases de que me recordo do manifesto dos Intrépidos é esta: «Acreditamos nos gestos simples de coragem, na coragem que leva uma pessoa a defender outra.» – E Will suspira.

Não precisa de dizer mais. Sei o que quer dizer. Talvez a fação dos Intrépidos tivesse sido formada com boas intenções e com os propósitos mais corretos. Mas acabou por se afastar das intenções iniciais. E o mesmo se passa com os Eruditos, segundo percebo. Há muito tempo os Eruditos procuravam o conhecimento e a competência em nome do bem comum. Agora procuram o conhecimento e a competência para satisfazerem a sua própria cobiça. Pergunto a mim própria se as outras fações sofrem do mesmo mal. É uma coisa em que ainda não tinha pensado.

Apesar da depravação que vejo nos Intrépidos não os poderei abandonar. E não é apenas por a ideia de viver como sem-fação, em completo isolamento, me parecer um destino pior do que a morte. É porque encontrei uma fação que merece ser salva, nos poucos momentos em que adorei aqui estar. Talvez possamos voltar a ser corajosos e honrados.

– Vamos ao refeitório comer bolo – propõe Will.

– Vamos – respondo, com um sorriso.

Enquanto nos dirigimos para o Fosso, repito mentalmente a frase que Will me citou, para não me esquecer dela.

Acreditamos nos gestos simples de coragem, na coragem que leva uma pessoa a defender outra.

É um pensamento maravilhoso.

*

Quando mais tarde regresso ao dormitório, vejo que a cama de Edward está desfeita e que as gavetas estão todas abertas e vazias. O mesmo se passa com a cama de Myra, no outro lado do dormitório.

Quando pergunto a Christina onde estão, ela responde-me:

– Desistiram.

– Myra também?

– Disse que não queria ficar cá sem ele. Mas ela ia ser expulsa, de qualquer modo. – Christina encolhe os ombros, como se não pudesse pensar em mais nada. E se é verdade, percebo como ela se sente. – Pelo menos não expulsaram o Al.

Al devia ser excluído, mas o afastamento de Edward salvou-o. Os Intrépidos ainda decidiram poupá-lo até à fase seguinte.

– Quem mais foi expulso? – pergunto.

Christina encolhe os ombros outra vez e responde:

– Dois dos iniciados-Intrépidos. Não me lembro dos nomes deles.

Aceno com a cabeça e olho para o quarto. Alguém passou uma linha por cima dos nomes de Edward e de Myra no quadro e mudou a numeração dos outros nomes. Peter é agora o primeiro enquanto Will é o segundo e eu passei para a quinta posição.

Começámos a fase um com nove pessoas.

Agora somos sete.

Capítulo Dezassete

É meio-dia. Hora de almoçar.

Estou sentada num corredor que não reconheço. Vim ter aqui por precisar de me afastar do dormitório. Talvez nem precise de lá voltar se puder trazer a roupa da minha cama para aqui. Pode ser da minha imaginação, mas o dormitório ainda cheira a sangue, apesar de eu ter esfregado o chão até as mãos me doerem e de alguém ter lavado o local com lixívia.

Aperto a cana do nariz. Esfregar o chão quando mais ninguém o quer fazer é o que a minha mãe teria feito. E se eu não posso estar com ela, o mínimo que posso fazer é agir às vezes como ela.

Ouçó o som de pessoas que se aproximam, com os passos a ecoarem no chão de pedra, e baixo os olhos para os meus sapatos. Troquei os ténis cinzentos por ténis pretos há uma semana, mas os cinzentos ainda estão metidos numa das minhas gavetas. Não consigo deitá-los fora apesar de saber que é uma parvoíce ligar-me assim a ténis, como se eles pudessem conduzir-me a casa.

– Tris?

Levanto a cabeça. Uriah está parado diante de mim. Faz um gesto para os iniciados-Intrépidos, com quem vinha, continuarem a andar. Eles entreolham-se mas continuam.

– Estás bem? – pergunta-me.

– Tive uma noite difícil.

– Pois, eu ouvi falar no tipo, no Edward. – Uriah olha para o fundo do corredor. Os iniciados-Intrépidos já desapareceram depois de contornarem uma esquina. Faz-me um sorriso. – Queres sair daqui?

– Sim. Onde é que vais?

– A um pequeno ritual iniciático – responde ele. – Anda. Temos de

apressar-nos.

Penso nas minhas opções, por instantes. Posso ficar onde estou. Ou posso sair do quartel-general dos Intrépidos.

Ponho-me em pé de um salto e acompanho Uriah em passo apressado para apanharmos os outros iniciados-Intrépidos.

– Os únicos iniciados que eles costumam aceitar neste exercício são os que têm irmãos mais velhos nos Intrépidos – explica Uriah. – Mas pode ser que nem reparem. Age como se fizesses parte do grupo.

– O que é que vamos fazer?

– Uma coisa perigosa. – Por instantes brilha-lhe nos olhos uma expressão que eu só poderia descrever como espelho do comportamento maníaco dos Intrépidos, mas, em vez de me encolher ao percebê-lo, absorvo-o, como se pudesse contagiar-me. A excitação substitui a sensação pesada que ainda persiste dentro de mim.

Quando chegamos junto dos outros iniciados-Intrépidos abrandamos.

– O que está a Empata a fazer aqui? – pergunta um rapaz com um anel metálico no meio das narinas.

– Foi ela que deu com o tipo que foi apunhalado no olho, Gabe – responde Uriah. – Deixa-a em paz, está bem?

Gabe encolhe os ombros e volta-se. Mais ninguém fala, apesar de alguns deles me deitarem olhares de relance, como se estivessem a verificar as minhas capacidades. Os iniciados-Intrépidos são como uma alcatéia. Se fizer alguma coisa errada já não os posso acompanhar. Mas por enquanto estou bem.

Voltamos outra esquina e encontramos um grupo de Intrépidos no fim do corredor seguinte. São demasiados para poderem ser todos familiares dos iniciados-Intrépidos, mas vejo que há semelhanças entre alguns.

– Vamos – diz um deles. Volta-se e desaparece por uma passagem escura. Os outros seguem-no e nós vamos logo atrás. Mantenho-me atrás de Uriah ao entrar na escuridão e o meu pé encontra um degrau. Seguro-me para não ir ao chão e começo a subir.

– É a escada das traseiras – explica Uriah, num murmúrio que mal se ouve. – Normalmente está fechada à chave.

Aceno com a cabeça, apesar de ele não me poder ver, e subo até deixar de sentir degraus. Já há uma porta aberta no alto das escadas a deixar passar a luz do dia. Emergimos do solo a uns dez metros do edifício de vidro que existe por cima do Fosso, junto à linha do comboio.

Sinto que já fiz isto umas mil vezes. Ouço o apito do comboio. Sinto o solo a vibrar. Vejo a luz que jorra do farol da frente. Faço estalar os nós dos dedos e saltito sobre as pontas dos pés.

Deslocamo-nos apressadamente numa fila única ao longo dos vagões e, em ondas, os membros e os iniciados saltam e amontoam-se num dos vagões. Uriah entra à minha frente e atrás de mim já há mais pessoas a empurrarem-me. Não posso cometer erros. Atiro-me para o lado, agarrando-me à pega no exterior do vagão e iço-me para o interior. Uriah agarra-me pelo braço para me equilibrar.

O comboio acelera. Uriah e eu sentamo-nos encostados a uma das paredes.

Grito para me fazer ouvir através do vento:

– Onde vamos?

Uriah encolhe os ombros e responde:

– O Zeke não me disse.

– Quem é o Zeke?

– O meu irmão mais velho – responde, apontando para o outro lado do vagão, para um rapaz que está sentado à porta com as pernas penduradas para fora. É baixo e franzino e não se parece nada com Uriah, além da cor da pele.

– Não se pode saber. Deixa de ser surpresa – grita a rapariga que está à minha esquerda. Estende-me a mão. – Sou a Shauna.

Aperto-lhe a mão, mas com pouca força e muito rapidamente. Duvido que alguma vez consiga melhorar o meu aperto de mão. Parece-me pouco natural estar a apertar as mãos a desconhecidos.

– Eu sou... – começo.

– Sei quem és – diz a rapariga. – És a Empata. O Quatro falou-me de ti.

Espero que o vermelho das minhas faces não se note.

– Ah, sim? E que disse ele?

– Que eras uma Empata – responde Shauna com um sorriso trocista.
– Porquê?

– Se o meu instrutor está a falar de mim, quero saber o que ele diz – respondo, o mais firmemente que consigo. Espero que a minha mentira seja convincente. – Ele também vem?

– Não. Ele nunca vem a estas coisas. Já não lhes deve achar graça. Poucas coisas o assustam, sabes?

Ele não vem, portanto. Há qualquer coisa dentro de mim que se esvazia como um balão furado. Ignoro a sensação e aceno afirmativamente com a cabeça. Eu sei que Quatro não é cobarde. Mas

também sei que há pelo menos uma coisa que o assusta: a altitude. E o que quer que vamos fazer deve ser a uma altura suficiente para que ele o evite. Shauna não deve estar a par desse pormenor já que fala dele com uma voz tão reverente.

– Conhece-lo bem? – pergunto. Sou demasiado curiosa. Sempre fui.

– Toda a gente conhece o Quatro – responde Shauna. – Fomos iniciados juntos. Eu não era grande coisa a lutar e ele todas as noites me ensinava quando os outros já estavam a dormir. – Shauna coça a nuca, com uma expressão subitamente grave. – Foi simpático da parte dele.

Depois levanta-se e fica atrás dos outros membros que estão sentados à porta. Ainda me sinto desconcertada pelo que lhe ouvi, em parte confundida pela noção de Quatro como pessoa «simpática» e em parte desejosa de lhe pregar um murro sem saber bem porquê.

– Aqui está! – exclama Shauna. O comboio não abranda, mas ela salta para o exterior. Os outros membros seguem-na. É uma correnteza de pessoas vestidas de preto, com *piercings*, pouco mais velhas do que eu. Fico junto à porta ao lado de Uriah. O comboio vai muito mais depressa do que ia nas outras vezes em que saltei, mas agora não posso perder a coragem à frente desta gente toda. Por isso salto, embatendo no chão com força e cambaleando durante alguns passos antes de recuperar o equilíbrio.

Uriah e eu corremos para nos juntarmos aos Intrépidos, juntamente com os outros iniciados, que mal olham para mim.

Olho em redor enquanto caminhamos. O Centro fica para trás de nós. É uma silhueta escura enquadrada pelas nuvens, mas os edifícios que nos rodeiam estão às escuras e em silêncio. O que significa que devemos estar a norte da ponte, onde a cidade foi abandonada.

Voltamos uma esquina e espalhamo-nos enquanto descemos a Michigan Avenue. No lado sul da ponte, a Michigan Avenue é uma rua movimentada, cheia de gente, mas aqui está deserta.

Quando levanto os olhos, para ver melhor os edifícios, percebo qual é o nosso objetivo: o edifício Hancock, que está deserto, um pilar negro com a sua estrutura de vigas entrecruzadas que é a construção mais alta a norte da ponte.

E o que vamos nós fazer? Escalá-lo?

Quando estamos mais perto, os Intrépidos começam a correr e Uriah e eu apressamo-nos a acompanhá-los. Acotovelando-se, entram pelas portas duplas do átrio. O vidro de uma delas está partido e só resta a estrutura circundante. Passo por ela, em vez de a abrir, e sigo os

Intrépidos por um corredor escuro e ameaçador, esmagando os vidros partidos que estão debaixo dos meus pés.

Penso que vamos subir pelas escadas, mas ficamos parados junto à entrada dos elevadores.

– Estão a funcionar? – pergunto a Uriah no tom de voz mais baixo que consigo arranjar.

– Claro que estão – responde Zeke, revirando os olhos. – Achas que eu seria tão estúpido que não viesse aqui mais cedo para ligar o gerador de emergência?

– Claro – responde Uriah. – Acho que sim.

Zeke olha de perto para o irmão e depois rodeia-lhe o pescoço com um braço, imobilizando-o e batendo-lhe com os nós dos dedos no crânio. Zeke pode ser mais pequeno do que ele, mas é mais forte. Ou mais rápido. Uriah dá-lhe um murro de lado e Zeke larga-o.

Sorrio à visão do cabelo despenteado de Uriah e a porta do elevador abre-se. Entramos e amontoamo-nos no interior, os iniciados num dos elevadores e os membros no outro. Uma rapariga de cabeça rapada pisa-me os dedos dos pés ao entrar e nem me pede desculpa. Agarro-me ao pé, a piscar os olhos de dor, pensando em dar-lhe um pontapé nas canelas. Uriah olha para o seu próprio reflexo nas portas do elevador e alisa o cabelo.

– Para que andar? – pergunta a rapariga da cabeça rapada.

– Centésimo – respondo.

– Como é que *tu* sabes?

– Lynn, vá lá... – diz Uriah. – Sê simpática.

– Entrámos com alguns Intrépidos num edifício abandonado que tem cem andares – digo. – Como é que *tu* não sabes?

A rapariga não responde. Limita-se e enfiar o polegar no respetivo botão.

O elevador sobe tão rapidamente que o meu estômago parece ficar para trás e os ouvidos estalam. Agarro-me a um varão lateral e vejo os números a passar. Vinte, depois trinta. O cabelo de Uriah já está alisado. Cinquenta, sessenta e o meu pé já não lateja. Noventa e oito, noventa e nove e, aos cem, o elevador para. Ainda bem que não subimos pelas escadas.

– Gostava de saber como é que chegamos ao telhado... – começa Uriah.

Um vento muito forte atinge-me e espalha-me o cabelo pelo rosto. No teto do centésimo andar há um buraco enorme. Zeke encosta uma escada de alumínio à abertura e começa a subir. A escada range e

oscila debaixo dos seus pés, mas ele não para, assobiando à medida que sobe. Ao chegar ao telhado, volta-se e segura na parte de cima da escada para a pessoa que se segue.

Pergunto a mim própria se estarei numa missão suicida disfarçada de jogo.

Não é a primeira vez, aliás, que ponho esta hipótese desde a Cerimónia da Escolha.

Subo a escada a seguir a Uriah. Faz-me lembrar a escalada da roda gigante com Quatro nos meus calcanhares. Lembro-me dos dedos dele na minha anca e de como ele me impediu de cair e quase falho um degrau. *Que estúpida.*

Mordo o lábio inferior. Consigo chegar ao cimo e fico em pé no topo do edifício Hancock.

O vento é tão poderoso que não consigo ouvir nem ver mais nada. Tenho de encostar-me a Uriah para não cair. De início só vejo o pântano extenso e acastanhado, que parece cobrir o horizonte com uma mancha sem vida. No outro lado está a cidade e, em certa medida, é quase a mesma coisa: sem vida e com limites que eu desconheço.

Uriah aponta para qualquer coisa que eu não percebo o que seja. Ligado a um dos mastros no topo da torre está um cabo de aço tão grosso como o meu pulso. No solo está um monte de cintas pretas, feitas de um material rijo e suficientemente largas para suportarem o peso de um ser humano. Zeke pega numa delas e prende-a a uma roldana pendurada no cabo de aço.

Sigo o cabo com o olhar, até aos edifícios lá em baixo e ao longo do Lake Shore Drive. Não sei onde vai parar. Mas uma coisa é certa, no entanto: se conseguir chegar ao fim, hei de descobrir.

Porque já percebi que vamos deslizar pelo cabo de aço numa cinta preta a partir de uma altitude de mais de trezentos metros.

– Oh meu Deus – murmura Uriah.

Só consigo fazer que sim com a cabeça.

Shauna é a primeira pessoa a entrar numa das cintas. Entra de barriga, a retorcer-se, até ficar com a maior parte do corpo apoiada pelo tecido preto. Depois Zeke prende-lhe uma correia aos ombros, aos rins e à zona superior das coxas. Empurra-a até à beira do edifício, começando uma contagem decrescente a partir de cinco. Shauna levanta um polegar quando Zeke a atira para a frente, em direção ao nada.

Lynn abre a boca de espanto ao ver Shauna desaparecer em direção

ao solo, de cabeça para baixo. Afasto-a para ver melhor. Shauna mantém-se ainda na cinta tanto quanto a consigo ver e rapidamente fica longe de mais, transformada numa mancha escura por cima de Lake Shore Drive.

Os Intrépidos gritam e aplaudem e erguem os punhos, alinhados ao longo da beira do edifício, a acotovelarem-se para verem melhor. Percebo então que sou a primeira pessoa do grupo dos iniciados na fila, mesmo antes de Uriah. Só há sete pessoas entre mim e o cabo de aço.

Mesmo assim, há uma parte de mim que protesta. *Mas tenho mesmo de esperar por sete pessoas?* É uma mistura estranha de terror e de avidez com que ainda não estou familiarizada.

O membro dos Intrépidos que se segue é um rapaz que parece ainda muito novo com cabelo pelos ombros e que entra na cinta deitado de costas e não de borco. Estende os braços quando Zeke o empurra.

Ninguém parece ter medo. Agem como se já tivessem feito isto um milhar de vezes e até talvez seja esse o caso. Mas com os iniciados é diferente. Quando olho para eles por cima do ombro vejo que estão pálidos e preocupados, apesar de estarem a falar uns com os outros no meio de grande excitação. O que fará com que o pânico se transforme em deleite, algures entre o processo de iniciação e a aceitação como membro da facção? Ou são as pessoas que aprendem a esconder melhor o medo?

Já só faltam três. Está pronta para partir mais uma cinta onde entra uma rapariga com os pés para a frente, de braços cruzados sobre o peito. Faltam duas pessoas. A seguir é um rapaz gordo que se põe aos pulos como uma criança antes de subir para a cinta, e que solta um grito agudo ao desaparecer, pondo a rir a rapariga que está à minha frente. É a única pessoa que falta.

Salta para a cinta e estende as mãos à frente dela enquanto Zeke ata as correias. E chega a minha vez.

Estremeço quando Zeke pendura a minha cinta ao cabo. Tento entrar, mas tenho um problema: as minhas mãos tremem descontroladamente.

– Não te preocupes – diz-me Zeke ao ouvido. Pega-me no braço e ajuda-me a entrar de barriga.

As correias são apertadas à volta do meu corpo e Zeke empurra-me para a frente, para a beira do edifício. Olho para as vigas de aço e para as janelas negras que vão até ao passeio esburacado. É uma loucura o que estou a fazer. E estou louca por gostar tanto de estar a

sentir o meu coração a bater contra o esterno e o suor a acumular-se nas palmas das mãos.

– Estás pronta, Empata? – pergunta-me Zeke, trocista. – Tenho de dizer-te que fico impressionado por não estares a gritar e a chorar.

– Bem te disse – intervém Uriah. – É uma Intrépida dos pés à cabeça. Vá, despacha-te.

– Cuidado, mano, ou posso não atar bem as tuas correias – replica Zeke, batendo-lhe no joelho. – E depois... pumba!

– Pois, pois – diz Uriah. – E depois a nossa mãe cozia-te vivo.

Sinto uma picada dolorosa no coração, por segundos, ao ouvi-lo falar na mãe e na sua família tão sólida.

– Só se descobrisse. – Zeke puxa a cinta que já está presa ao cabo de aço. Aguenta-se, o que é uma felicidade, porque se se partir a minha morte está assegurada e será rápida. Zeke olha para mim. – Pronta e...

E antes de terminar a frase, solta a cinta e desaparece-me do pensamento. Com ele, Uriah, a minha família e todas as coisas que poderão funcionar mal e conduzir-me à morte. Ouço metal a deslizar sobre metal e sinto um vento tão intenso que me arranca lágrimas enquanto voou para o chão.

Sinto-me vazia, sem peso. À minha frente o pântano é enorme, com as suas manchas castanhas já bem visíveis, a expandirem-se a uma distância que eu nem consigo perceber. O ar é tão frio e fustiga-me com uma velocidade tão grande que me magoa no rosto. Ganho velocidade e sinto dentro de mim um grito de alegria esfuziante, só interrompido pelo vento que me enche a boca no momento em que a abro.

Bem segura pelas correias, abro muito os braços e imagino que estou a voar. Mergulho em direção à rua que circunda o pântano e que tem buracos e fendas e remendos de cores diferentes. Posso imaginar, aqui de cima, como era o pântano quando só tinha água, como se fosse uma superfície de aço líquido que pudesse refletir a cor do céu.

O meu coração bate tanto que me dói e sinto-me incapaz de gritar e até de respirar. Sinto também que, dentro de mim, tudo está vivo e a mexer, como se o meu corpo estivesse a ser carregado com eletricidade: todas as veias e todas as fibras, todos os ossos e todos os nervos. Sou a adrenalina em estado puro.

O pavimento está cada vez mais próximo e a aumentar de tamanho e eu já consigo ver as pessoas minúsculas que aí se encontram. Devia pôr-me a gritar, como qualquer ser humano racional, mas quando abro outra vez a boca só consigo emitir alguns grasnidos de alegria.

Depois já consigo gritar mais alto e as figuras que estão lá em baixo erguem os punhos e gritam-me também, mas estão tão longe que mal as ouço.

Olho para baixo e o chão transforma-se num conjunto de manchas, cinzentas, brancas e pretas, vidro e asfalto e aço. Correntes de vento, suaves como cabelos, totem-me os dedos e puxam-me os braços para cima. Tento prender os braços junto ao peito, mas não tenho força para o fazer. O solo está cada vez mais perto e a preencher todo o meu campo de visão.

Só começo a abrandar um minuto depois. Por enquanto ainda estou a deslizar, paralela ao solo, como uma ave em voo.

Quando a velocidade diminui levo os dedos à cabeça e passo-os pelo cabelo. O vento enrolou-o e transformou-o num amontoado de caracóis. Estou a cerca de seis metros do chão, mas a altura já não me parece importante. Levo as mãos acima de mim para desprender as correias. Os dedos tremem-me, mas consigo fazê-lo. O grupo dos Intrépidos está por baixo de mim. Uniram os braços para formarem uma rede.

Para poder descer, tenho de confiar que me apanharão. Tenho de aceitar que esta é a minha gente e que o meu lugar é com eles. É um ato que requer mais coragem do que deslizar pelo cabo de aço.

Extraio-me da cinta e deixo-me cair. Aterro com força nos braços deles. Sinto os ossos dos punhos e dos antebraços contra as minhas costas e depois as palmas das mãos que me rodeiam os braços e me endireitam, ajudando-me a pôr os pés no chão. Não sei quais são as mãos que estão a agarrar-me e quais são as que não estão. Vejo sorrisos e ouço gargalhadas.

– O que é que achas? – pergunta-me Shauna, batendo-me no ombro.

– Hmm...

Estão todos a olhar para mim. Parecem tão abalados como eu, ainda sob efeito do frenesim da adrenalina a revelar-se nos olhos excitados e nos cabelos em pé. Percebo o motivo que levava o meu pai a dizer que os Intrépidos eram um bando de doidos. Ele não compreendia, e não se esforçava por compreender, o tipo de camaradagem que só se estabelece depois de se arriscar a vida com outras pessoas.

– Quando é que posso repetir?

O meu sorriso vai de orelha a orelha e quando eles começam a rir-se eu também me rio. Penso na subida das escadas com os Abnegados, nos nossos pés que procuram um ritmo comum, todos em uníssono. Isto não é a mesma coisa. Não somos iguais a eles. Mas acabamos por

ser um organismo vivo, quase sem o percebermos.

Olho para o edifício Hancock e nem consigo ver as pessoas que ainda se encontram no topo porque já estamos muito longe.

– Olhem! – diz alguém. – Lá está ele! – E um dedo aponta por cima do meu ombro. Sigo-o com o olhar e vejo uma pequena silhueta escura a descer pelo cabo de aço. E segundos depois ouço um grito de fazer gelar o sangue.

– Aposto que ele vai chorar.

– O irmão do Zeke? Chorar? Nem nada que se pareça. Levava tantas...

– Está a agitar os braços!

– Parece um gato preso pela garganta – digo. Toda a gente se ri outra vez. Sinto uma picada de culpa por estar a troçar de Uriah quando ele nem sequer me pode ouvir. Mas teria dito o mesmo se ele estivesse junto de mim. Acho eu.

Quando Uriah finalmente para, acompanho os Intrépidos que o vão receber. Reunimo-nos debaixo dele e estendemos os braços para o espaço livre entre nós. Shauna agarra-me o cotovelo com força. Eu agarro noutro braço – não sei de quem seja porque há demasiadas mãos metidas pelo meio – e olho para ela.

– Já não podemos mesmo chamar-te «Empata» – diz Shauna, com um aceno de cabeça –, Tris.

*

Ainda cheiro a vento quando entro no refeitório ao fim da tarde. Durante alguns momentos fico no meio de um grupo de Intrépidos e já me sinto como se fizesse parte dele. Depois Shauna acena-me e o grupo divide-se e eu dirijo-me à mesa onde Christina, Al e Will estão sentados, a olhar para mim de boca aberta.

Não pensei neles quando aceitei o convite de Uriah. Em parte satisfaz-me ver as expressões de estupefação nos seus semblantes. Mas também não quero que se preocupem comigo.

– Onde estiveste? – pergunta-me Christina. – O que é que andaste a fazer com eles?

– O Uriah... sabes quem é, o iniciado-Intrépido que estava na nossa equipa na captura da bandeira? Ele estava de partida com alguns dos membros e pediu-lhes para me deixarem ir. Não me queriam com eles, na realidade. E uma rapariga chamada Lynn pisou-me com força.

– Podem não ter querido que fosses com eles – diz Will, em voz

baixa –, mas agora parecem gostar de ti.

– Pois – respondo. Não o posso negar. – Mas agrada-me estar de volta, no entanto.

Espero que não consigam perceber que estou a mentir, mas suspeito que conseguem. Vi o meu reflexo numa janela no regresso ao quartel-general e reparei que as minhas faces e os meus olhos estavam brilhantes de excitação e o meu cabelo estava todo emaranhado. Pareço ter vivido algo bastante intenso.

– Bem, perdeste a oportunidade de ver a Christina a bater num Erudito – diz Al. A voz denota a sua ansiedade. É a pessoa ideal para quebrar a tensão. – Ele esteve aqui a recolher opiniões sobre a liderança dos Abnegados e a Christina disse-lhe que havia coisas mais importantes que ele podia estar a fazer.

– O que era inteiramente verdade – acrescenta Will. – E o tipo começou a irritar-se com ela. Foi um grande erro.

– Enorme – declaro, com um aceno de cabeça. Se lhes sorrir muito talvez os possa levar a esquecerem-se do ciúme ou da mágoa que parece estar à espreita nos olhos de Christina.

– Pois – diz Christina. – Enquanto andaste a divertir-te estava eu a fazer o trabalho sujo de defender a tua antiga facção e de eliminar o conflito interfacções...

– Vá lá, sabes que até gostaste – diz Will, empurrando-a com o cotovelo. – Se não contas tu a história, conto-a eu. Ele estava...

Will lança-se no seu relato e eu vou acenando com a cabeça, como se estivesse a ouvi-lo, mas a única coisa em que consigo pensar é na visão do pântano cheio de água, restaurado na sua gloriosa condição de outrora, visto do alto do edifício Hancock. Olho para os membros dos Intrépidos, que consigo ver por detrás de Will e que estão agora a atirar comida uns aos outros com os garfos.

É a primeira vez que me sinto realmente ansiosa por ser um deles.

O que significa que tenho de sobreviver à próxima fase da iniciação.

Capítulo Dezoito

Tanto quanto sei, a fase dois da iniciação obriga-nos a estarmos sentados num corredor escuro com os outros iniciados, a tentar perceber o que acontecerá por detrás de uma porta fechada.

Uriah senta-se à minha frente com Marlene à sua esquerda e Lynn à direita. Os iniciados-Intrépidos e as transferências foram separados durante a fase um, mas já começamos a treinar todos juntos a partir deste momento. Foi o que Quatro nos disse antes de desaparecer do outro lado da porta.

– Portanto – diz Lynn, a esfregar o chão com o sapato –, qual de vocês ficou em primeiro lugar?

A pergunta dela é de início recebida em silêncio, mas depois Peter pigarreia e responde:

– Fui eu.

– Aposto que te conseguia vencer – replica Lynn. A observação é feita descontraidamente enquanto roda com a ponta dos dedos a argola que tem na sobrancelha. – Eu fiquei em segundo lugar, mas aposto que qualquer um de nós te pode vencer, ó transferido.

Quase dou uma gargalhada. Se eu ainda estivesse entre os Abnegados consideraria o comentário dela deselegante e despropositado, mas os desafios desta natureza parecem ser comuns entre os Intrépidos. E eu quase que já os espero.

– Se fosse a ti, não teria grandes certezas – diz Peter, com os olhos a cintilar. – Quem é que ficou em primeiro?

– O Uriah – responde Lynn. – E eu tenho a certeza. Sabes há quantos anos é que andamos a preparar-nos para isto?

Se a ideia era intimidar-nos, deu resultado. Já começo a sentir-me arrepiada.

Mas antes que Peter possa responder, Quatro abre a porta e chama:

– Lynn.

Faz-lhe um sinal e Lynn segue pelo corredor fora, a cabeça rapada a brilhar por influência da luz azul ao fundo.

– Foste o primeiro, portanto – diz Will a Uriah.

– Fui. E depois? – Uriah encolhe os ombros.

– E não achas que é um pouco injusto que vocês tenham passado toda a vossa vida a prepararem-se para isto e que se espere de nós que aprendamos tudo em algumas semanas? – pergunta Will, semicerrando os olhos.

– Não verdadeiramente. A fase um tinha a ver com a capacidade, é certo, mas ninguém se pode preparar para a fase dois – diz Uriah. – É o que me dizem, pelo menos.

Ninguém reage à informação. Ficamos sentados em silêncio por mais vinte minutos. Vou contando cada minuto que passa pelo meu relógio. Depois a porta abre-se e Quatro chama mais um:

– Peter.

Cada minuto é como uma lixa que me vai desgastando vagarosamente. O grupo fica mais pequeno e, no fim, já só resto eu, além de Uriah e de Drew. Drew vai levantando e baixando uma perna, enquanto Uriah tamborila com os dedos no joelho e eu tento manter-me perfeitamente imóvel. Só ouço os murmúrios provenientes do outro lado da porta fechada no fundo do corredor e suspeito de que isto seja mais uma parte do jogo que gostam de jogar connosco: aterrorizar-nos a cada oportunidade.

A porta abre-se e Quatro chama-me:

– Vamos, Tris.

Ponho-me em pé, sentindo as costas doridas por ter estado tanto tempo encostada à parede e passo pelos outros iniciados. Drew estende a perna para me pregar uma rasteira, mas eu salto por cima dela no último instante.

Quatro toca-me no ombro, impelindo-me para o interior e fechando a porta atrás de mim.

Quando vejo o que está dentro do gabinete encolho-me de imediato, de tal modo que até choco com o peito de Quatro.

É uma cadeira reclinável de ferro, parecida com aquela em que me sentei durante a prova de aptidão. Ao lado está uma máquina que também me é familiar. Não há espelhos nesta sala, que está quase às escuras. Numa secretária a um canto está um ecrã de computador.

– Senta-te – diz Quatro, apertando-me o braço e empurrando-me

para a cadeira.

– Isto é para simular o quê? – pergunto, tentando manter a voz firme. Mas não consigo.

– Já alguma vez ouviste a frase «Enfrenta os teus medos»? – pergunta Quatro. – Aqui levamo-la à letra. Esta simulação vai ensinar-te a controlar as emoções durante uma situação assustadora.

Levo uma mão trémula à testa. As simulações não são reais. Não são uma ameaça real e eu não devia, logicamente, ter medo delas, mas a reação que tenho é visceral. E preciso de toda a minha força de vontade para me obrigar a aproximar da cadeira e a sentar-me nela outra vez, encostando a cabeça para trás. E sentindo de imediato o frio do metal a atravessar-me a roupa.

– Alguma vez orientaste as provas de aptidão? – pergunto. Quatro parece-me habilitado para as fazer.

– Não – responde. – Tento evitar os Empatas o mais possível.

Não sei por que motivo alguém há de querer evitar os Abnegados. Os Intrépidos ou os Cândidos talvez, porque a coragem e a sinceridade levam as pessoas a fazer coisas estranhas. Mas os Abnegados...

– Porquê?

– Estás a fazer-me essa pergunta porque pensas que eu vou realmente responder?

– Porque é que dizes coisas tão vagas se não queres ouvir perguntas a respeito delas?

Os dedos dele roçam-me o pescoço. Sinto o corpo a ficar tenso. Foi um gesto de afeto? Não... Ele precisou de afastar-me o cabelo. Dá uma pancadinha em qualquer coisa e eu inclino a cabeça para trás para ver o que é. Quatro tem na mão uma seringa com uma agulha comprida e o polegar já está a pressionar o êmbolo. O líquido da seringa é vagamente alaranjado.

– Uma injeção? – Fico com a boca seca. As agulhas não me causam uma grande impressão, normalmente, mas esta é enorme.

– Nós aqui utilizamos uma versão mais avançada para fazermos a simulação – explica Quatro –, com um soro diferente e sem vos aplicarmos fios ou elétrodos.

– E como é que funciona, sem fios?

– Bem, eu tenho fios, para perceber melhor o que se passa – responde Quatro. – Mas para vocês há um transmissor minúsculo no soro, que envia os dados para o computador.

Quatro volta-me o braço e encosta a ponta da agulha à zona mais suave do meu pescoço. Sinto uma dor aguda que se espalha pela

minha garganta. Pestanejo e tento concentrar-me na expressão tranquila do rosto dele.

– O soro fará efeito dentro de sessenta segundos – acrescenta Quatro. – Esta simulação é diferente da prova de aptidão. Além de conter o transmissor, o soro estimula a amígdala, que é a parte do cérebro implicada no processamento das emoções negativas, como o medo, e depois provoca uma alucinação. A atividade elétrica do cérebro é em seguida transmitida para o nosso computador que, por sua vez, traduz a tua alucinação para uma imagem simulada que eu consigo ver no monitor. Envio-o daí para os gestores das provas dos Intrépidos. E tu manténs-te nessa alucinação até te acalmares, ou seja, até os teus batimentos cardíacos abrandarem e a tua respiração estar controlada.

Tento acompanhar as palavras dele, mas os meus pensamentos estão a dispersar-se. Já sinto os sintomas característicos do medo: suor nas palmas das mãos, o coração a bater muito, um aperto no peito, a boca seca, a sensação de ter a garganta bloqueada. Quatro coloca as mãos nos dois lados da minha cabeça e inclina-se para mim.

– Coragem, Tris – murmura. – A primeira vez é sempre a mais difícil.

Os olhos dele são a última coisa que vejo.

*

Estou num campo de ervas secas que me dão pela cintura. Há um cheiro a fumo no ar que me queima as narinas. Por cima de mim, o céu está amarelado, o que me enche de ansiedade e me faz encolher.

Ouçõ um som de qualquer coisa que parece esvoaçar e que só pode ser feito pelas páginas de um livro agitadas pelo vento, apesar eu não sentir que haja vento. O ar está calmo e, além desse som, nada mais se ouve. Não está quente nem frio, como se não existisse ar de todo, mas, no entanto, consigo respirar. Vejo uma sombra a passar sobre mim.

Há qualquer coisa que me cai no ombro. Sinto-lhe o peso e depois a pressão de garras e levanto o braço para sacudir essa coisa, tentando afastá-la com a mão, que encontra uma superfície suave e frágil. Penas. Mordo o lábio e olho para o lado. Um pássaro negro do tamanho do meu antebraço volta a cabeça e crava em mim um olho que parece uma conta.

Ranjo os dentes e bato no corvo com a minha mão. Mas o pássaro fixa melhor as garras no meu ombro e não se mexe. Eu dou um grito,

mais de frustração do que de dor, batendo no corvo com as duas mãos sem que o animal desista da sua posição, onde se mantém resoluto, com o olho cravado em mim e as penas a brilharem à luz amarela. Ouço trovejar e a chuva a bater no solo, mas não a vejo nem a sinto cair.

O céu fica muito escuro, como se uma nuvem ocultasse o sol. Olho para cima, ainda encolhida por causa do corvo. Um bando compacto de corvos voa na minha direção, transformado numa guarda avançada de garras bem esticadas e de bicos abertos, cada um deles a crocitar e a encher o ar de barulho. É sobre mim que eles se abatem, transformados numa massa uniforme de centenas de olhos negros penetrantes.

Tento fugir, mas os meus pés parecem agarrados ao chão e recusam-se a fazer qualquer movimento, e o mesmo se passa com o corvo que continua no meu ombro. Começo a gritar enquanto eles me cercam, as asas a baterem-me nos ouvidos, os bicos a cravarem-se-me nos ombros e as garras a prenderem-se-me às roupas. As minhas mãos chocam com corpos sólidos, mas nada acontece – eles são muitos e eu estou sozinha. Picam-me os dedos e pressionam o meu corpo enquanto as asas deslizam pelo meu pescoço e as garras me arrancam o cabelo.

Reviro-me e debato-me e caio no chão, cobrindo a cabeça com os braços, sem que eles se caleem. Sinto qualquer coisa a remexer-se na erva e vejo que é um dos animais a querer forçar o caminho por debaixo do meu braço. Abro os olhos e ele começa a picar-me no rosto, concentrando-se depois no meu nariz. Sinto o sangue a pingar para a erva e começo a chorar enquanto o tento afastar com as mãos. Mas mais um corvo se mete por debaixo do meu outro braço, cravando as garras na parte da frente da minha camisa.

Começo a gritar e a chorar ao mesmo tempo.

– Socorro! – berro. – Socorro!

Os corvos estão a bater as asas com mais força, num ruído de tempestade que me penetra nos ouvidos. O meu corpo arde e eles estão por todo o lado e eu já não consigo pensar nem respirar. Abro a boca, faminta de ar, e são penas que a encham, que depois me escorregam pela garganta e me penetram nos pulmões, substituindo-me o sangue por um peso sem vida.

– Socorro! – Berro e choro, sem já quase sentir nada, apesar de tudo me parecer absolutamente ilógico. Estou a morrer, a morrer, a morrer.

A minha pele rasga-se e começa a sangrar e o barulho dos corvos já ecoa por dentro dos meus ouvidos. Mas eu *não* estou a morrer e

lembro-me de que isto tudo não é a sério, apesar de parecer tão real. *Coragem.* A voz de Quatro ressoa na minha memória. Grito por ele, sentindo em vez disso as penas a entrarem-me no nariz e conseguindo ainda emitir um «Socorro!»... a que ninguém responde. Estou só.

Manténs-te nessa alucinação até te acalmares, diz a voz dele. Tusso e o meu rosto está molhado das lágrimas e já está outro corvo a meter-se por debaixo do meu braço e eu sinto-lhe o bico duro na minha boca. Que me afasta os lábios e me raspa os dentes. O corvo enfia a cabeça na minha boca e eu mordo com força, sentindo um sabor que me enoja. Cuspo e cerro os dentes para criar uma barreira, mas já um quarto corvo me ataca os pés e um quinto se lança ao meu estômago.

Calma. Mas não consigo, não consigo. Sinto a cabeça a latejar.

Respira. Mantenho a boca fechada e inalo o ar pelo nariz. Já passaram horas desde que estive sozinha no campo. Já passaram dias. Expulso o ar pelo nariz. Tenho o coração a bater com muita força. Preciso de o acalmar. Respiro mais uma vez, sentindo as lágrimas que me escorrem pela cara.

Deixo sair um novo soluço e obrigo-me a deitar-me, esticando-me por cima da erva que me pica a pele. Estendo os braços e respiro fundo. Os corvos fazem pressão e dão-me bicadas nos flancos, forçando a passagem por debaixo do meu corpo. Deixo-os avançar. Deixo-os continuar a baterem as asas, a crocitarem, a picarem-me e a empurrarem-me com o peso dos seus corpos, enquanto eu descontraio os músculos, um de cada vez, resignando-me a ser transformada numa carcaça esburacada.

Sinto uma dor que me envolve.

Abro os olhos e dou por mim ainda sentada na cadeira metálica. Grito e começo a bater nos braços, na cabeça e nas pernas para afastar os pássaros, mas eles já desapareceram, apesar de eu ainda lhes sentir as penas na nuca e as garras no ombro e a pele a arder. Gemo e puxo os joelhos para o peito, enfiando neles o rosto.

Uma mão toca-me no ombro e eu reajo com um murro, que atinge um alvo sólido, mas ao mesmo tempo suave.

– Não me toquem! – grito, no meio de um soluço.

– Já acabou – diz Quatro. A mão dele passa-me pela cabeça num movimento hesitante e eu recordo-me de quando o meu pai me fazia uma festa na cabeça e me beijava antes eu me deitar e do toque da minha mãe, quando me cortava o cabelo com a tesoura. Ainda passo as mãos pelos braços, a limpar-me das penas, apesar de saber que elas não existem.

– Tris.

Oscilo na cadeira metálica, para trás e para a frente.

– Tris, vou levar-te para o dormitório, está bem?

– Não! – contraponho, bruscamente. Levanto a cabeça, a olhar desafiadoramente para ele apesar de as lágrimas me impedirem de o ver com clareza. – Eles não podem ver-me... como estou...

– Oh, acalma-te – diz Quatro, revirando os olhos. – Eu levo-te pela porta das traseiras.

– Mas eu não preciso de ti para... – Abano a cabeça. Tenho o corpo a tremer e sinto-me tão enfraquecida que nem sei se conseguirei aguentar-me em pé. Não sou decerto a única a precisar de ajuda para regressar ao dormitório. Mesmo que não me vejam vão descobrir e vão falar de mim...

– Que parvoíce.

Quatro segura-me pelo braço e puxa-me para fora cadeira. Pisco os olhos, para fazer desaparecer as lágrimas, e limpo as faces com a mão, deixando-o guiar-me para a porta que está por detrás do ecrã do computador.

Seguimos pelo corredor em silêncio. Quando já estamos a duzentos ou trezentos metros do gabinete, solto o braço e paro.

– Porque é que me fizeram isto? – pergunto. – Que utilidade é que isto teve? Quando escolhi os Intrépidos não sabia que estava a candidatar-me a semanas de tortura!

– Pensavas que seria fácil vencer a cobardia? – pergunta Quatro, calmamente.

– Isto nada a tem a ver com vencer a cobardia! A cobardia tem a ver com a decisão que se toma relativamente à vida real, Quatro, e na vida real não sou picada até à morte por corvos! – Enfio o rosto nas mãos e começo a chorar.

Quatro fica em silêncio, a observar-me enquanto choro. E só preciso de alguns segundos para parar e para limpar o rosto.

– Quero ir para casa – digo, numa voz débil.

Mas voltar para casa já deixou de ser uma opção. Só posso escolher entre permanecer aqui ou ir viver com os sem-faço.

Não há nenhuma simpatia no olhar que Quatro crava em mim. No corredor mal iluminado os olhos dele parecem pretos e os lábios formam uma linha reta hostil.

– Aprender a pensar no meio do medo é uma lição de que toda a gente necessita – diz Quatro –, incluindo a tua família de Empatas. É o que estamos a tentar ensinar-vos. Se não consegues aprendê-la, então

vai-te embora porque nós não te queremos.

– Estou a *tentar*. – Sinto o lábio inferior a tremer. – Mas falhei. Estou a falhar.

Quatro suspira.

– Quanto tempo é que achas que passaste naquela alucinação, Tris?

– Não sei. – Abano a cabeça. – Meia hora?

– Três minutos – responde. – Saíste dela três minutos mais depressa do que os outros iniciados. Podes ser muita coisa, mas não és um falhanço.

Três minutos?

Quatro esboça um sorriso.

– Amanhã vais fazer isto melhor. Vais ver.

– Amanhã?

Quatro toca-me nas costas e conduz-me ao dormitório. Sinto-lhe os dedos através da camisa. A pressão gentil que aplica faz-me esquecer os corvos por instantes.

– O que foi a tua primeira alucinação? – pergunto-lhe, olhando-o de relance.

– Não foi tanto um *que*, foi mais um *quem* – responde Quatro, com um encolher de ombros. – Mas isso não é importante.

– Já superaste esse medo, agora?

– Ainda não. – Chegamos à porta do dormitório e ele fica encostado à parede, de mãos nos bolsos. – E posso nunca vir a superar.

– Os medos não desaparecem?

– Às vezes. Outras vezes há novos medos que substituem os velhos. – Enfia os dedos nas presilhas das calças. – Mas o essencial não é não ter medo. Isso é uma impossibilidade. O essencial é aprender a controlar o medo que temos e conseguirmos depois libertar-nos dele. A questão é essa.

Aceno afirmativamente com a cabeça. Costumava pensar que os Intrépidos eram pessoas que não tinham medo. Era o que me parecia, pelo menos. Mas talvez o que eu visse como ausência de medo fosse na realidade o medo controlado.

– De qualquer modo, os nossos medos raramente são o que nos parecem ser durante a simulação – acrescenta Quatro.

– Que queres dizer com isso?

– Bem... Tens realmente medo de corvos? – pergunta, com um ligeiro sorriso. Os olhos parecem brilhar e eu esqueço-me de que ele é meu instrutor. Não passa de um rapaz, a conversar descontraidamente enquanto me acompanha até à porta. – Quando vês um corvo

costumas fugir e gritar?

– Não, acho que não. – E penso em aproximar-me mais dele, não por qualquer motivo de ordem prática, mas só porque gostaria de saber como seria estar mais próxima dele. E porque me apetece.

Que parvoíce, diz uma voz dentro da minha cabeça.

Aproximo-me mais e encosto-me à parede, inclinando a cabeça para o lado para olhar para ele. Como aconteceu na roda gigante, sei precisamente qual é o espaço livre que nos separa. Quinze centímetros. Aproximo-me mais. Já são menos de quinze centímetros. Sinto-me mais quente, como se ele estivesse a irradiar qualquer tipo de energia de que só agora me apercebo por me encontrar mais perto.

– Então de que é que tenho medo? – pergunto.

– Não sei – responde Quatro. – Só tu é que podes saber.

Aceno lentamente com a cabeça. Pode haver uma boa dúzia de motivos, mas não tenho a certeza de qual possa ser nem mesmo se algum o é.

– Não sabia que seria tão difícil tornar-me uma Intrépida – digo e, um segundo depois, surpreendo-me por tê-lo dito e por tê-lo confessado assim. Mordo o interior da boca e observo Quatro cuidadosamente. Terá sido um erro dizer-lhe isto?

– Consta que nem sempre foi assim – diz Quatro, erguendo um ombro. A minha confissão não parece tê-lo incomodado. – Para se ser Intrépido, quero eu dizer.

– O que é que mudou?

– A nossa chefia – responde. – A pessoa que controla o processo de treino estabelece os padrões para o comportamento dos Intrépidos. Há seis anos, Max e os outros líderes alteraram os métodos de treino para os tornar mais competitivos e mais violentos, argumentando que isso serviria para testar a força das pessoas. E isso alterou totalmente as prioridades dos Intrépidos. Aposto que não consegues adivinhar quem é o novo favorito dos chefes.

A resposta é óbvia: Eric. Treinaram-no para ser cruel e agora ele vai treinar-nos para também sermos cruéis como ele.

Olho para Quatro. O treino deles não o condicionou.

– Se ficaste classificado em primeiro lugar na tua classe de iniciados, em que lugar ficou Eric? – pergunto-lhe.

– Em segundo.

– Portanto, ele foi a segunda escolha deles para a chefia – digo, acenando lentamente com a cabeça.

– Porque dizes isso?

– O modo como Eric estava a portar-se à hora do jantar na primeira noite que cá passámos. Parecia estar com ciúmes, apesar de já ter o que queria.

Quatro não me contradiz. Devo ter razão. Quero perguntar-lhe por que motivo ele não aceitou a posição que os chefes lhe propuseram. E por que motivo é tão resistente a um lugar de liderança, quando parece ser um líder natural. Mas já sei como Quatro encara as perguntas pessoais.

Fungo e limpo o rosto mais uma vez, enquanto aliso o cabelo.

– Pareço ter estado a chorar? – pergunto.

– Hum – responde Quatro, semicerrando os olhos como se estivesse a inspecionar o meu rosto. Um sorriso baila-lhe ao canto da boca. Ainda mais perto, o que faria com que estivéssemos a respirar o mesmo ar... se eu ainda me conseguisse lembrar de como é que se respira.

– Não, Tris – acaba por dizer. Um olhar mais sério substitui-lhe o sorriso. – Estás rija.

Capítulo Dezanove

Quando entro no dormitório vejo a maioria dos outros iniciados – os iniciados-Intrépidos e as transferências – amontoados junto às camas com Peter no centro. Este tem um papel na mão, de onde lê em voz alta:

«O êxodo em massa dos filhos dos líderes dos Abnegados não pode ser ignorado ou atribuído a uma coincidência. A recente transferência de Beatrice e de Caleb Prior, os filhos de Andrew Prior, levanta dúvidas sobre a solidez dos valores e dos ensinamentos dos Abnegados.»

Sinto um arrepio de frio pelas costas abaixo. Christina, que está mais distanciada de Peter, olha por cima do ombro e vê-me. Deita-me um olhar preocupado. Não consigo mexer-me. Trata-se do meu pai. Os Eruditos estão a atacar agora o meu pai.

«Que outro motivo haveria para os filhos de um homem tão importante decidirem que o estilo de vida que ele lhes impôs não é o melhor de todos?», continua Peter a ler. *«Molly Atwood, uma outra transferência para os Intrépidos, sugere que uma educação perturbadora e abusiva pode estar na origem deste fenómeno. “Ouvi-a uma vez falar enquanto dormia”, diz Molly. “Estava a dizer ao pai para parar. Não sei o que era, mas estava a causar-lhe pesadelos.”»*

Esta é a vingança de Molly, portanto. Deve ter falado com o repórter dos Eruditos com quem Christina protestou.

Molly sorri. Tem os dentes tortos. Se eu lhos partisse até lhe fazia um favor.

– O que é isso? – pergunto. Ou tento perguntar. Porque a minha voz sai estrangulada e arranha-me a garganta e tenho de pigarrear para me conseguir ouvir. – *O que é isso?*

Peter para de ler e algumas pessoas voltam-se. Há quem, como

Christina, me deite um olhar de piedade, com as sobrelanceiras unidas e os lábios revirados. Mas a maioria atira-me sorrisos de troça e quase todos se entreolham sugestivamente. Peter olha para mim, por último, com um grande sorriso.

– Dá-me isso – digo-lhe, estendendo a mão. Tenho a cara a arder.

– Mas eu ainda não acabei – replica Peter, a rir-se. Volta a olhar para o papel. – *«No entanto, talvez a resposta não resida num homem moralmente duvidoso, mas nos ideais corruptos de toda uma facção. Talvez a resposta resida no facto de termos confiado a nossa cidade a um grupo de tiranos sectários que não sabem como hão de tirar-nos da pobreza e conduzir-nos à prosperidade.»*

Lanço-me a ele e tento arrancar-lhe o papel das mãos, mas segura-o bem alto, por cima da minha cabeça, e eu não consigo chegar-lhe a não ser que me ponha aos saltos, mas essa é uma coisa que não tenciono fazer. Em vez disso, levanto o pé e piso-o, com toda a minha força, no ponto onde os ossos do pé se ligam aos dedos. Ele cerra os maxilares para travar um gemido.

Depois atiro-me a Molly, na esperança de que a força do impacto a surpreenda e a atire ao chão, mas sou agarrada por mãos frias na cintura antes de poder causar-lhe algum dano.

– É o meu pai! – grito. – É o *meu pai*, seus cobardes!

Will puxa-me para trás, levantando-me do chão. A respirar aceleradamente, esforço-me por deitar a mão ao papel antes de alguém poder ler mais alguma palavra. Tenho de queimá-lo e de destruí-lo, tenho de...

Will arrasta-me para fora do dormitório, para o corredor, e eu sinto-lhe as unhas cravadas na pele. Só me larga quando a porta se fecha atrás dele e, nessa altura, consigo empurrá-lo com toda a minha força.

– O que é? Pensaste que eu não podia defender-me contra esse lixo humano dos Cándidos?

– Não foi isso – responde Will. Fica parado frente à porta. – Pensei foi em impedir-te de começares uma rixa no dormitório. Vê se te acalmas.

Dou uma pequena gargalhada.

– Acalmar-me? Acalmar-me, *eu*? É da *minha* família que estão a falar, da *minha* facção!

– Não, não é. – Will tem olheiras muito escuras por debaixo dos olhos. Está exausto. – É da tua antiga facção e não há nada que possas fazer quanto ao que dizem e por isso é melhor que o ignores.

– Estavas a ouvir, ao menos? – Já não sinto a cara a arder e estou a

respirar mais calmamente. – Os estúpidos da tua ex-faço já não estão só a insultar os Abnegados. O que estão a fazer é a pedir o derrube do Governo.

Will ri-se.

– Não, não estão. São arrogantes e imbecis e foi por isso que os deixei, mas não são revolucionários. Só que querem ter mais influência e estão ressentidos com os Abnegados por estes não lhes darem ouvidos.

– Eles não querem que as pessoas os ouçam, querem é que lhes digam que sim – contraponho. – E vocês não deviam forçar os outros a concordarem convosco. – Levo as palmas das mãos às faces. – Nem acredito que o meu irmão os tenha escolhido!

– Eh, não são todos assim maus – diz Will, com ar severo.

Aceno afirmativamente com a cabeça, mas não consigo acreditar no que ele diz. Não consigo imaginar que alguém possa deixar os Eruditos ileso, apesar de Will me parecer correto.

A porta abre-se e saem Christina e Al.

– É a minha vez de fazer uma tatuagem – diz Christina. – Queres vir connosco?

Aliso o cabelo. Não posso regressar já ao dormitório. Mesmo que Will me deixe passar, estarei em minoria. A minha única opção é ir com eles e tentar pôr de parte o que está a acontecer fora do quartel-general dos Intrépidos. Já tenho bastante com que me preocupar sem ficar ansiosa por causa dos meus pais.

*

À minha frente, Al deixa que Christina lhe suba para as cavalitas e parte a correr. Christina grita enquanto Al atravessa a multidão, onde se abrem algumas clareiras para eles passarem.

O meu ombro ainda arde. Christina convenceu-me a acompanhá-la na tatuagem da marca dos Intrépidos. É um círculo com uma chama no interior. A minha mãe nem sequer reagiu à tatuagem que tenho na clavícula e por isso já não tenho tantas reservas perante as tatuagens. São um elemento da vida que aqui se vive e têm o mesmo papel na minha iniciação que aprender a lutar.

Christina também me convenceu a trazer uma camisa que me deixa os ombros e a clavícula à vista e a realçar outra vez os meus olhos com lápis preto. E já não tento objetar mais às tentativas que faz de me mudar o visual. Em especial desde que comecei a gostar.

Will e eu seguimos Al e Christina.

– Até me custa a crer que tenhas feito outra tatuagem – comenta Will, abanando a cabeça.

– Porquê? Porque sou uma Empata?

– Não. Porque és... sensível. – Will sorri. Os dentes são brancos e regulares. – Qual foi o teu medo hoje, Tris?

– Corvos a mais – respondo. – E o teu?

Will ri-se antes de responder:

– Ácido a mais.

Nem pergunto o que isso significa.

– É realmente fascinante como a coisa funciona – comenta Will. – É basicamente um conflito entre o nosso tálamo, que produz a sensação de medo, e o nosso lobo frontal, que toma as decisões. Mas a simulação desenrola-se toda na nossa cabeça e, embora possamos sentir que alguém nos está a fazer alguma coisa, somos nós que o estamos a fazer a nós próprios e... – Will cala-se. – Desculpa, agora estou a parecer um Erudito. É o hábito.

Encolho os ombros.

– Pareceu-me interessante.

Al quase deixa cair Christina e ela atira as mãos à primeira coisa que consegue encontrar que, por acaso, é a cara de Al. Ele encolhe-se e agarra-lhe melhor as pernas. Parece estar feliz, mas há qualquer coisa que parece pesar-lhe, mesmo quando sorri. E isso preocupa-me.

Avisto Quatro junto ao abismo com algumas pessoas à volta dele. Está a rir-se às gargalhadas com tanta força que se agarra ao parapeito para não se desequilibrar. A avaliar pela garrafa que tem na mão e pelo brilho do rosto, está embriagado, ou prestes a ficar. Eu tinha começado a pensar em Quatro como uma pessoa muito rígida, como um soldado, esquecendo-me de que só tem dezoito anos.

– Oh-oh... – diz Will. – Perigo: instrutor!

– Pelo menos não é o Eric – replico. – Havia de arranjar qualquer coisa para nos humilhar.

– Claro. Mas o Quatro é assustador. Lembras-te de quando encostou a pistola à cabeça do Peter? Acho que o Peter se mijou pelas pernas abaixo...

– Ele merecia-o – declaro, com firmeza.

Will não me contradiz. Talvez o pudesse ter feito há algumas semanas, mas agora já todos vimos aquilo de que Peter é capaz.

– Tris! – chama Quatro. Will e eu entreolhamo-nos, com surpresa, mas também com apreensão. Quatro afasta-se do parapeito e vem ter

comigo. À nossa frente Al detém-se e Christina desce para o chão. Não os censuro por ficarem a olhar. Somos quatro e é só para mim que ele está a olhar.

– Pareces diferente – diz-me Quatro. As palavras, normalmente bem nítidas, saem-lhe agora arrastadas.

– Também tu – respondo-lhe. E é verdade: parece mais descontraído, mais novo. – Que estás a fazer?

– A namorar a morte – diz Quatro, com uma gargalhada. – A beber à beira do abismo. Talvez não seja uma boa ideia.

– Não, não é. – Não tenho a certeza de gostar de Quatro ao vê-lo assim. Há nele qualquer coisa de perturbador.

– Não sabia que tinhas uma tatuagem – diz ele, a olhar-me para a clavícula. Leva a garrafa à boca. O hálito parece espesso e pungente. Como o do sem-faço. – Certo. Os corvos. – Olha por cima do ombro para os amigos que estavam com ele e que continuam a conversar, apesar da sua ausência e ao contrário dos meus amigos. – Eu convidava-te a vires connosco, mas não deves ver-me neste estado.

Estou tentada a perguntar-lhe por que motivo quer que eu vá com ele, mas suspeito de que a resposta tenha alguma coisa a ver com a garrafa que tem na mão.

– Que estado? – inquirio. – Bêbedo?

– Pois... bem, não. – A voz de Quatro fica mais suave. – Bem, é verdade, acho eu.

– Vou fazer de conta que não vi.

– É simpático da tua parte. – Quatro encosta os lábios ao meu ouvido. – Estás bonita, Tris – murmura.

As palavras dele apanham-me de surpresa e o meu coração dá um salto. Mas teria preferido que isso não acontecesse porque, atendendo ao modo como os olhos dele deslizam pelos meus, Quatro não parece estar ciente do que diz. Isso provoca-me uma gargalhada e leva-me a dizer-lhe:

– Faz-me um favor e mantém-te longe do abismo, está bem?

– Claro – responde, piscando-me o olho.

Não consigo deixar de sorrir. Will pigarreia, mas eu não quero desviar as minhas atenções de Quatro nem mesmo quando ele volta para junto dos amigos.

Nesse instante Al aproxima-se de mim com o ímpeto de um rocha em queda livre, levanta-me e põe-me sobre o ombro. Dou um berro, de repente muito corada.

– Vamos, menina – diz-me. – Vou levar-te a jantar.

Apoio o cotovelo nas costas de Al e, deixando-me transportar, aceno a Quatro.

– Achei que era melhor salvar-te – diz Al enquanto nos afastamos. Depois pouso-me. – O que era *aquilo* ali atrás?

Al está a fingir que o assunto não é importante para ele, mas faz-me a pergunta num tom triste. Ainda gosta muito de mim.

– Pois, eu também penso que todos nós gostávamos de conhecer a resposta a esta pergunta – diz Christina numa voz quase cantada. – Que te disse ele?

– Nada. – Abano a cabeça. – Estava bêbedo. Nem ele próprio sabia o que dizia. – Pigarreio. – Era por isso que eu estava a sorrir. Foi engraçado... vê-lo assim.

– Claro – diz Will. – Mas não seria por ele...

Enfio um cotovelo nas costelas de Will antes de ele poder acabar a frase. Encontrava-se suficientemente perto de nós para ouvir o que Quatro me disse – que eu estava bonita. Não preciso de tê-lo a contar isso a toda a gente e muito especialmente a Al. Não quero que ele se sinta ainda pior.

Em casa eu costumava passar noites calmas e agradáveis com a minha família. A minha mãe fazia cachecóis para os miúdos da vizinhança. O meu pai ajudava Caleb nos trabalhos de casa. A lareira estava acesa e eu sentia-me em paz porque estava a fazer precisamente o que era esperado que eu fizesse num ambiente sossegado.

Nunca nenhum rapaz tão grande me transportou ao ombro nem me ri à mesa ao ponto de me doer o estômago ou fiquei a ouvir o barulho de centenas de pessoas a falarem todas ao mesmo tempo. A paz é uma restrição. E aqui estou em liberdade.

Capítulo Vinte

Respiro pelo nariz. Inspiro, expiro. Inspiro.

– É só uma simulação, Triz – diz Quatro numa voz suave.

Ele engana-se. A simulação anterior dominou-me, tanto acordada como a dormir. Com pesadelos que já não envolviam apenas os corvos, mas com as sensações que tive durante a simulação – terror e impotência. Coisas que começo a suspeitar serem o que realmente me mete medo. Momentos súbitos de terror no banho, ao pequeno-almoço, no caminho para aqui. Unhas tão roídas que me doem os dedos. Não sou a única pessoa a sentir-se assim. Tenho a certeza disso.

Apesar disso, aceno afirmativamente com a cabeça e fecho os olhos.

*

Estou mergulhada numa escuridão completa. A última coisa de que me lembro é da cadeira metálica e da agulha espetada no braço. Desta vez não vejo campo. Nem os corvos. Mas o meu coração já está a bater por antecipação. Que monstros vão sair da escuridão para me roubarem a racionalidade? E quanto tempo vou ter de esperar por eles?

Um globo azul acende-se a alguns metros de mim e depois mais outro, inundando de luz o espaço em que me encontro. Estou no chão do Fosso, junto do abismo, e os outros iniciados estão de pé e rodeiam-me, de braços cruzadas e expressões vazias. Procuro Christina e vejo-a entre eles. Ninguém se mexe. A imobilidade deles cria-me uma sensação de aperto na garganta.

Vejo qualquer coisa à minha frente – é o meu reflexo, de contornos esbatidos. Toco-lhe e os meus dedos encontram uma superfície de vidro, fria e suave ao tato. Olho para o alto. Há um painel por cima da

minha cabeça – estou numa caixa de vidro. Empurro o painel para tentar abrir a caixa. Mas a superfície não se move. Estou trancada aqui dentro.

O meu coração começa a bater mais depressa. Não quero ficar encurralada. Há alguém que bate na parede à minha frente. É Quatro. Que aponta para os meus pés com um sorriso de troça.

Tinha os pés secos há poucos segundos, mas agora tenho uma superfície de água debaixo de mim, já com a altura de um centímetro, e as minhas meias estão a ficar ensopadas. Agacho-me para ver de onde vem a água, mas parece não vir de lado nenhum, apesar de encher o fundo de vidro da caixa. Olho para Quatro, que encolhe os ombros. E que se junta depois ao grupo dos iniciados.

A água começa a subir mais depressa. Já me cobre os tornozelos. Bato no vidro com o punho.

– Ajudem-me! – grito. – Deixem-me sair daqui!

A água já me molha a pele nua das barrigas das pernas. É um toque frio mas suave. Bato com mais força no vidro.

– Tirem-me daqui!

Olho para Christina. E ela inclina-se para Peter, que está a seu lado, sussurrando-lhe alguma coisa ao ouvido. Ambos se riem.

A água cobre-me as coxas. Bato com as duas mãos fechadas no vidro. Já não estou a tentar atrair-lhes a atenção; quero é partir o vidro e sair. Bato no vidro freneticamente, com toda a força que encontro em mim. Recuo e atiro o meu ombro contra a parede, uma, duas, três, quatro vezes. Continuo a bater com o ombro no vidro e a pedir socorro, vendo a água a subir-me à cintura, a meio do corpo, ao peito.

– Socorro! – grito. – Por favor! Por favor, ajudem-me!

Bato mais uma vez no vidro. Vou morrer neste tanque. Passo as mãos trémulas pelo cabelo.

Avisto Will entre os iniciados e sinto qualquer coisa na minha mente. Foi qualquer coisa que ele disse. *Vá, pensa.* Paro de tentar partir o vidro. Tenho dificuldade em respirar, mas preciso de tentar. Vou precisar de todo o ar possível nos segundos que se seguem.

O meu corpo ergue-se na água, desprovido de peso. Flutuo até perto do teto e inclino a cabeça para trás, quando a água me cobre o queixo. A tentar respirar, encosto o rosto ao vidro que está por cima de mim, absorvendo o máximo de ar que consigo. E depois a água cobre-me por inteiro, fechando-me dentro da caixa.

Não entres em pânico. Mas é inútil. O meu coração bate

terrivelmente e os pensamentos dispersam-se. Debato-me na água, a bater nas paredes. Dou pontapés no vidro com toda a minha força, mas a água torna os meus movimentos mais lentos. *A simulação desenrola-se toda na nossa cabeça.*

Grito e a água enche-me a boca. Se é na minha cabeça que isto está a acontecer eu consigo controlar a situação. A água faz-me arder os olhos. Os olhos impassíveis dos iniciados observam-me. Não se importam.

Volto a gritar e empurro a parede com a palma da mão. Ouço um ruído. O som de qualquer coisa a partir-se. Retiro a mão e vejo uma linha no vidro. Bato com a outra mão no mesmo ponto e aparece mais uma linha que se expande em linhas mais pequenas a partir da minha mão. O peito arde-me, como se eu tivesse engolido fogo. Dou pontapés na parede. Já me doem os dedos dos pés devido ao impacto e ouço um gemido rouco e prolongado.

O painel de vidro parte-se e o peso da água nas minhas costas atira-me para a frente. Já tenho ar outra vez.

Abro a boca e sento-me, a arfar. Engulo em seco e abano as mãos. Quatro está à minha direita, mas, em vez de me ajudar, observa-me apenas.

- Que foi? – pergunto-lhe.
- Como é que fizeste?
- O quê?
- Para partires o vidro.
- Não sei.

Quatro estende-me a mão, finalmente. Passo as pernas para o outro lado da cadeira e sinto-me calma e firme quando fico de pé.

Quatro suspira e pega-me pelo cotovelo, conduzindo-me e empurrando-me ao mesmo tempo para fora do gabinete. Caminhamos apressadamente pelo corredor fora até que eu paro, puxando o braço para trás. Ele observa-me em silêncio. Não me vai dizer nada se eu não insistir.

- Que foi? – pergunto outra vez.
- És Divergente – responde.

Fico a olhar para ele, sentindo o medo a percorrer-me, como se fosse uma corrente elétrica. Ele sabe. E como é que sabe? Devo ter-me descaído. E dito qualquer coisa que não devia.

Tenho de mostrar-me descontraída. Endireito-me e encosto os ombros à parede e pergunto-lhe:

- O que é isso, «Divergente»?

– Não te faças de parva – responde Quatro. – Tive uma suspeita, na vez anterior, mas agora é óbvio. Manipulaste a simulação e isso significa que és Divergente. Vou destruir as imagens, mas se não quiseres ir parar morta ao fundo do abismo é bom que arranjes maneira de o esconder durante as simulações. Agora, se me dás licença...

Quatro regressa ao gabinete e bate com a porta. Sinto o coração a bater-me na garganta. Eu manipulei a simulação; eu parti o vidro. Não sabia que isso era uma Divergência.

E como é que ele soube?

Desencosto-me da parede e continuo pelo corredor. Preciso de respostas e sei quem as tem.

*

Entro no espaço das tatuagens, onde vi Tori pela última vez.

Não há muita gente cá fora porque estamos a meio da tarde e a maioria está a trabalhar ou na escola. Nas tatuagens estão três pessoas: o que faz as tatuagens e que está a desenhar um leão no braço de outro homem, e Tori, a mexer em papéis ao balcão. Levanta a cabeça quando eu entro.

– Olá, Tris – diz-me. Olha para o tatuador, que está tão concentrado no seu trabalho que nem dá por nós. – Vamos lá para trás.

Sigo-a até ao outro lado da cortina que divide os dois espaços. A sala tem algumas cadeiras, agulhas de tatuagem sobresselentes, tinta, folhas de papel e desenhos e gravuras emolduradas. Sento-me junto dela, batendo com o pé no chão para ter alguma coisa para fazer.

– Como vai isso? – pergunta. – Como estão a correr as simulações?

– Bastante bem – respondo, acenando várias vezes com a cabeça. – Parece-me que demasiado bem.

– Ah.

– Ajude-me a perceber – digo-lhe, baixando a voz. – O que significa ser-se... – Hesito. Não devia pronunciar a palavra «Divergente» aqui. – Que raio sou eu? Que tem isto a ver com as simulações?

A atitude de Tori altera-se. Encosta-se para trás e cruza os braços. Parece mais reservada.

– Entre outras coisas... tu és uma pessoa que quando está numa simulação sabe que está a viver uma situação que não é real – explica. – Uma pessoa que pode, portanto, manipular a simulação ou mesmo acabar com ela. E também... – inclina-se para a frente, olhando-me

diretamente nos olhos – uma pessoa que, porque também é Intrépida... costuma acabar morta.

Sinto um peso no peito, como se cada palavra que ele diz me caísse em cima do coração. Sinto a tensão a crescer dentro de mim até não a conseguir suportar mais. Tenho de chorar ou de gritar ou...

Deixo sair uma pequena gargalhada que morre logo à nasçença.

– Portanto vou morrer? É isso? – pergunto.

– Não necessariamente – responde Tori. – A chefia dos Intrépidos ainda não sabe que tu existes. Apaguei de imediato os resultados da tua prova de aptidão do sistema e introduzi manualmente resultados que te indicavam como Abnegada. Mas não faças confusão: se eles descobrirem o que és... vão mesmo matar-te.

Fico a olhar para ela em silêncio. Tori não parece louca. Parece uma pessoa calma e firme, embora talvez um pouco acelerada, e nunca suspeitei de que fosse desequilibrada. Mas só pode ser. Não há um assassinio na nossa cidade pelo menos desde que nasci. Mesmo que os indivíduos sejam capazes disso, os líderes das fações decerto que não o são.

– Isso é paranoia – declaro. – Os chefes dos Intrépidos não vão matar-me. As pessoas não fazem isso. São coisas que já não acontecem. Foi o que estive na origem de tudo isto... das fações.

– Achas que sim? – Tori assenta as mãos nos joelhos e encara-me, com uma expressão tensa e feroz. – Apanharam o meu irmão. Porque é que não te vão fazer o mesmo? O que te torna tão especial?

– O seu irmão? – pergunto, semicerrando os olhos.

– Sim, o meu irmão. Ele e eu fomos transferências dos Eruditos, mas a prova de aptidão dele foi inconclusiva. No último dia das simulações encontraram o corpo do meu irmão no abismo. Disseram que tinha sido um suicídio. Só que ele estava a ir bem nos treinos, estava a namorar com outra iniciada e era... mesmo feliz. – Tori abana a cabeça. – Tens um irmão, não tens? Não achas que perceberias se ele se matasse?

Tento imaginar Caleb a suicidar-se. A ideia, só por si, parece-me ridícula. Mesmo que Caleb se sentisse infeliz não seria essa a opção dele.

Tori tem as mangas arregaçadas e vejo-lhe a tatuagem de um rio no braço direito. Tê-la-á feito depois da morte do irmão? O rio terá sido outro medo que ela conseguiu vencer?

Tori baixa a voz e continua:

– Na segunda fase dos treinos, o Georgie começou a mostrar-se

muito bom e muito rápido. E disse que as simulações nem lhe metiam medo e que eram... como um jogo. Os instrutores mostraram-se por isso muito interessados nele. Amontoavam-se no gabinete quando ele entrava numa simulação, em vez de deixarem o instrutor encarregar dele comunicar os resultados. Andavam sempre a falar nele. No último dia das simulações veio vê-lo um dos líderes dos Intrépidos. Georgie apareceu morto no dia seguinte.

Eu podia ser boa nas simulações se controlasse a força que me ajudou a partir o vidro. Podia ser tão boa que todos os instrutores acabariam por notar. Podia. Mas será que o farei?

– É tudo? – pergunto. – É só o problema de alterar as simulações?

– Duvido, mas é tudo o que sei.

– Quantas pessoas sabem disto? – pergunto, a pensar em Quatro. – Sobre a manipulação das simulações.

– Dois tipos de pessoas – responde Tori. – Quem te quer ver morta. Ou pessoas que já tiveram essa experiência. Diretamente. Ou indiretamente, como eu.

Quatro disse-me que apagaria o registo das imagens em que eu quebro o vidro. Não quer que eu morra. Será um Divergente? Ou será alguém da sua família? Um amigo? Ou uma namorada?

Afasto o pensamento. Não posso deixar que ele me distraia.

– Não compreendo – digo, lentamente – por que motivo é que os líderes dos Intrépidos se não de preocupar por eu manipular uma simulação.

– Se eu soubesse já to teria dito. – Tori comprime os lábios. – A única coisa que consegui perceber é que eles não se preocupam muito com a alteração da simulação. Isso é um sintoma de qualquer outra coisa. E é essa coisa que os preocupa.

Tori pega-me na mão e aperta-a entre as dela.

– Pensa nisto – diz. – Estas pessoas ensinaram-te a usar uma arma de fogo. Ensinaram-te a combater. Achas que não conseguem magoarte? Ou matar-te?

Tori solta-me a mão e põe-se em pé.

– Tenho de ir, ou o Bud vai começar a fazer perguntas. Tem cuidado, Tris.

Capítulo Vinte e Um

A porta que dá para o Fosso fecha-se atrás de mim e eu fico sozinha. Desde o dia da Cerimónia da Escolha que não passo por este túnel. Lembro-me agora de como o percorri, com passos inseguros, à procura da luz. Mas já o percorro com passos firmes. E sem precisar de luz.

Passaram-se quatro dias desde que falei com Tori. Os Eruditos publicaram dois artigos sobre os Abnegados. O primeiro acusa os Abnegados de estarem a açambarcar luxos como carros e fruta fresca, em prejuízo das outras fações, para conseguirem impor a sua fé no espírito de sacrifício a todas as outras pessoas. Quando o li, pensei na irmã de Will, Cara, que acusou a minha mãe de estar a esconder produtos e bens.

O segundo artigo questiona o método de escolha de dirigentes governamentais com base na fação a que pertencem, perguntando por que motivo só quem se define como altruísta pode estar no Governo. Defende também um regresso aos sistemas de eleição política do passado. É uma posição que parece ter lógica e que me leva a suspeitar de que há nesta atitude um apelo à revolução a pretexto da racionalidade.

Chego ao fim do túnel. A rede mantém-se na abertura, tal como na última vez em que a vi. Subo as escadas até à plataforma de madeira para onde Quatro me puxou, para me permitir pôr os pés em terreno firme, e agarro-me à barra a que a rede está presa. Quando aqui cheguei não seria capaz de içar o meu corpo só pela força dos braços, mas agora faço-o quase sem pensar, rebolando depois até ao centro da rede.

Por cima de mim estão o céu e os edifícios vazios que rodeiam a abertura. O céu é azul-escuro e não tem estrelas. E a Lua desapareceu.

Os artigos incomodaram-me, mas nesse momento tinha comigo os amigos que me podiam animar e isso já foi alguma coisa. Quando apareceu o primeiro, Christina convenceu um dos cozinheiros dos Intrépidos a dar-nos a provar massa de bolo. Com o segundo, Uriah e Marlene ensinaram-me um jogo de cartas e estivemos a jogar durante duas horas no refeitório.

Mas esta noite quero estar sozinha. Mais do que isso, quero lembrar-me do motivo que aqui me trouxe, da minha determinação em permanecer aqui e do que me levou a atirar-me de um edifício para o conseguir, antes de perceber o que significa ser-se um Intrépido. Enfio os dedos pelas malhas da rede que suporta o meu peso.

Queria ser como os Intrépidos que via na escola. Queria poder fazer barulho e ser ousada e livre como eles. Mas esses ainda não eram verdadeiramente membros da facção. Estavam só a agir como se já o fossem. Tal como eu, quando saltei do topo do edifício. Não sabia nessa altura o que era o medo.

Nos últimos quatro dias enfrentei quatro medos em quatro situações. Numa delas estava atada a uma estaca e Peter acendia uma fogueira por debaixo dos meus pés. Noutra estava de novo a afogar-me, desta vez num mar de águas revoltas. Na terceira tive de ver a minha família a esvair-se em sangue até morrer. Na quarta fui forçada a disparar sobre os meus familiares, quando me apontaram uma arma e me ameaçaram matar se eu não os matasse a eles. Agora já sei o que é o medo.

Sinto o vento a passar pela abertura e a envolver-me e fecho os olhos. Vejo-me na beira do edifício mais uma vez. Desabotoo a minha camisa cinzenta dos Abnegados e mostro os braços, revelando mais do meu corpo do que alguma vez aconteceu. Enrolo a camisa e atiro-a contra o peito de Peter.

Abro os olhos. Não, enganei-me. Não saltei do telhado do edifício porque queria ser como os Intrépidos. Saltei porque já era como eles e queria demonstrá-lo a mim própria. Queria reconhecer uma parte de mim que os Abnegados me obrigavam a esconder.

Estendo os braços por cima da cabeça e agarro-me novamente à rede. Estico as pernas e levo os pés até a uma das suas extremidades. O céu noturno está vazio e silencioso e, pela primeira vez em quatro dias, é assim que também sinto a minha mente.

Apoio a cabeça nas mãos e respiro fundo. A simulação de hoje foi a mesma de ontem. Uma pessoa apontou-me uma pistola e ordenou-me que matasse a tiro a minha família. Ao levantar a cabeça vejo que Quatro está a observar-me.

– Eu sei que tudo isto é uma simulação e que portanto não é real – digo-lhe.

– Não tens de explicar-me nada – replica Quatro. – Amas a tua família. Não queres matá-los a tiro. Não é a coisa mais irracional do mundo.

– Além disso, a simulação é o único momento de que disponho para os ver – continuo. Apesar de ele dizer que não é necessário, sinto que tenho de explicar-lhe por que motivo me é tão difícil encarar este medo. Reviro os dedos e afasto as mãos. Tenho as unhas roídas até ao osso porque tenho andado a mordê-las enquanto durmo. E acordo de manhã com sangue nos dedos. – Tenho saudades deles. Tu nunca sentes... a falta da tua família?

Quatro baixa os olhos. Mas acaba por responder:

– Não, não sinto. Mas sei que não é normal.

Não é nada normal e isso distrai-me da recordação de estar a apontar uma pistola ao peito de Caleb. Como é que será a família de Quatro para que ele não queira ter nada a ver com ela?

Faço uma pausa já com a mão na maçaneta da porta e olho outra vez para Quatro.

És como eu?, pergunto-lhe, em silêncio. Também és Divergente?

Basta-me pensar na palavra para lhe sentir o perigo. Os olhos dele não se desviam dos meus e vejo neles menos severidade à medida que passam os segundos de silêncio. Ouço dentro de mim o meu coração a bater. Tenho andado a olhar para ele durante tempo de mais, mas Quatro não o tem evitado e sinto que andamos ambos a tentar dizer qualquer coisa que o outro não pode ouvir, embora isto possa estar a acontecer apenas na minha imaginação. Mas dura tempo de mais e torna-se ainda mais intenso, com o meu coração a fazer-se ouvir com mais força e sem que os olhos tranquilos dele o impeçam.

Empurro a porta e dirijo-me apressadamente para o corredor.

Não devia deixar-me distrair por ele tão facilmente. Não devia permitir-me outros pensamentos senão os que têm a ver com a iniciação. As simulações deviam perturbar-me ainda mais. Deviam subjugar a minha mente, como tem estado a acontecer com outros iniciados. Drew não consegue dormir e fica a olhar para a parede, todo enrolado sobre si mesmo. Al grita todas as noites devido aos

pesadelos que o assolam e continua a esconder o choro na almofada. Os meus pesadelos e as minhas unhas roídas são coisas menores em comparação com os problemas deles.

Os gritos de Al conseguem sempre acordar-me e acabo por ficar a olhar para as molas da cama de cima a pensar no que poderá estar a acontecer-me e por que motivo ainda me sinto com forças quando toda a gente está a ir-se abaixo. Será que o facto de ser Divergente me dá mais firmeza ou será outra coisa qualquer?

Quando regresso ao dormitório estou à espera de ver o mesmo cenário da véspera, com alguns dos iniciados já a dormir e outros a olhar para o vazio. Em vez disso, porém, vejo-os agrupados ao fundo da sala e Eric diante deles com um quadro na mão. O quadro está voltado para o outro lado, o que me impede de ver o que está escrito nele. paro junto a Will.

– Que se passa? – pergunto-lhe num murmúrio. Espero que não seja mais um artigo sobre os Abnegados, porque não tenho a certeza de conseguir suportar uma nova vaga de hostilidade.

– São as classificações da fase dois – responde ele.

– Pensei que não houvesse exclusões depois da fase dois – digo baixinho.

– E não há. É só uma espécie de relatório de progresso ou algo parecido.

Aceno com a cabeça.

Ver o quadro inquieta-me, como se houvesse qualquer coisa a nadar dentro do meu estômago. Eric ergue o quadro acima da cabeça e pendura-o no prego existente na parede. Quando se desvia ficam todos em silêncio e eu tenho de esticar-me para conseguir ver o que lá está.

O meu nome está em primeiro lugar.

Todas as cabeças se voltam na minha direção. Continuo a ler a lista. Christina e Will estão, respetivamente, nas posições sete e nove. Peter está em segundo lugar, mas, ao ver o tempo registado junto ao nome dele, percebo que a margem entre nós é claramente muito grande.

O tempo médio das simulações de Peter está nos oito minutos. O meu tempo está nos dois minutos e quarenta e cinco segundos.

– Bom trabalho, Tris – sussurra-me Will.

Aceno afirmativamente com a cabeça, ainda a olhar para o quadro. Devia sentir-me satisfeita por estar em primeiro lugar, mas já sei o que isso significa. Peter e os amigos já me odiavam antes e agora vão passar a desprezar-me e tudo vai ser pior. Assumo o papel de Edward. Para a próxima vez pode ser o meu olho. Ou pior.

Procuro o nome de Al e encontro-o em último lugar. O grupo dos iniciados começa a dissolver-se vagarosamente, deixando-me só a mim, Peter, Will e Al junto ao quadro. Gostaria de consolar Al. E de dizer-lhe que o único motivo que me leva a estar tão bem colocada é o facto de eu ter uma coisa diferente no meu cérebro.

Peter volta-se lentamente, com a tensão a manifestar-se em cada movimento do seu corpo. Um olhar de cólera teria sido menos ameaçador do que o modo como está agora a observar-me – é uma expressão de ódio absoluto. Encaminha-se para a cama, mas volta-se no último momento e, dirigindo-se a mim, empurra-me contra a parede e imobiliza-me os ombros com as mãos.

– Eu não vou ser ultrapassado por uma Empata – silva-me, o rosto tão próximo do meu que consigo cheirar-lhe o mau hálito. – Como foi que o fizeste? Hã? Como raio o fizeste?

Puxa-me para ele e depois empurra-me novamente contra a parede. Cerro bem os dentes para não gritar, devido à dor que me percorre toda a coluna. Mas Will agarra-o pelo colarinho e afasta-o de mim, dizendo-lhe:

– Deixa-a em paz. Só um covarde é que ataca assim uma miúda.

– Uma miúda? – escarnece Peter, afastando a mão de Will com um safanão. – És cego ou és só estúpido? Ela vai afastar-te das classificações e dos próprios Intrépidos e tu vais ficar *de mãos a abanar* e tudo porque ela sabe manipular as pessoas e tu não sabes. Avisa-me depois quando perceberes como ela nos vai prejudicar a todos!

Peter sai furioso do dormitório e Molly e Drew vão atrás dele, com expressões de repugnância no rosto.

– Obrigada – digo a Will, com um aceno de cabeça.

– Ele terá razão? – pergunta Will, calmamente. – Estás mesmo a tentar manipular-nos?

– Como é que eu o conseguiria? – Olho para ele de sobrolho franzido. – Estou a fazer o melhor que posso, como toda a gente.

– Não sei – diz Will, encolhendo os ombros. – E se te fazes de fraca só para termos pena de ti? E se estás a representar? Para depois nos controlares?

– Controlar-vos? – repito. – Eu sou vossa *amiga*. Não ia fazer uma coisa dessas.

Will cala-se. Percebo que não está a acreditar em mim. Não totalmente, pelo menos.

– Não sejas idiota, Will – diz Christina, saltando da cama. Olha para mim sem qualquer expressão de simpatia. – Ela não está a representar.

Depois volta-se e sai, mas sem bater com a porta. Will vai atrás dela. Fico sozinha no dormitório com Al. A primeira e o último.

Al nunca pareceu ser uma pessoa pequena, mas agora é o que parece, com os seus ombros descaídos e um corpo que parece amarrotado como uma folha de papel. Senta-se na beira da cama.

– Estás bem? – pergunto-lhe.

– Claro.

Tem o rosto vermelho. Desvio o olhar. Perguntar-lhe se estava bem não passa de uma formalidade. Qualquer pessoa mais atenta pode ver que ele não está nada bem.

– Isto ainda não acabou – digo-lhe. – Podes melhorar a tua classificação se...

Calo-me quando ele olha fixamente para mim. Nem sei o que lhe diria se acabasse a frase. Não há nenhuma estratégia para a fase dois. Esta fase tem diretamente a ver com a pessoa que somos e testa a coragem que pode existir em nós.

– Estás a ver? – pergunta Al. – Não é assim tão simples.

– Eu sei que não é.

– Não me parece que saibas. – Al abana a cabeça. O queixo treme-lhe. – É fácil para ti. É tudo muito fácil para ti.

– Isso não é verdade.

– É, sim. – Al fecha os olhos. – Não me ajudas quando te pões a fingir que não é fácil. Eu não... não acho que me possas ajudar. De modo algum.

Sinto-me como se tivesse caído em cima de mim uma carga de água, que me ensopasse a roupa toda, tolhido os movimentos e transformado num ser estranho e inútil. Não percebo se o que ele está a dizer é que ninguém o pode ajudar ou, especificamente, se sou eu que não o posso ajudar. Mas nenhuma das hipóteses me agrada. Quero realmente ajudá-lo, mas vejo que não tenho nenhuma possibilidade de o fazer.

– Eu... – começo, pensando em pedir-lhe desculpa. Mas de quê? Por ser mais intrépida do que ele? Por não saber o que hei de dizer?

– Eu só... – começa ele, interrompendo-se quando as lágrimas que estavam a acumular-se nos olhos lhe escorrem pelo rosto – ... só quero estar sozinho.

Aceno afirmativamente com a cabeça e volto-lhe as costas. Deixá-lo assim não é boa ideia, mas é o que devo fazer. A porta fecha-se atrás de mim e eu continuo a andar.

Passo pelo bebedouro existente no corredor e percorro os túneis

que, quando aqui cheguei, me pareciam não ter fim e a que agora mal dou atenção. Não é a primeira vez que penso ter deixado mal a minha família desde que aqui estou, mas não consigo evitá-lo. De todas as outras vezes sabia o que havia de fazer, mas optava por não o fazer. Desta vez, porém, não sei o que poderia ter feito relativamente a Al. Terei perdido a capacidade de perceber as necessidades dos outros? Terei perdido uma parte de mim?

Continuo a andar.

*

Vou ter ao corredor onde me sentei no dia em que Edward se foi embora. Não quero estar só, mas não sinto que possa escolher. Fecho os olhos e concentro-me na superfície de pedra fria em que estou sentada e no ar bafiento do subsolo que respiro.

– Tris! – ouço alguém a chamar, no fundo do corredor. Uriah vem a correr até junto de mim. Atrás dele estão Lynn e Marlene. E Lynn tem um queque na mão.

– Calculei que te encontraria aqui. – Uriah agacha-se junto dos meus pés. – Ouvi dizer que ficaste classificada em primeiro lugar.

– Querias dar-me os parabéns, era? – pergunto, com um sorriso irónico. – Bem, agradeço-te.

– Alguém tinha de o fazer – diz ele. – E calculei que os teus amigos não estariam muito nessa disposição porque as classificações deles não são tão boas. Portanto deixa-te de tristezas e vem connosco. Vou fazer tiro ao alvo a um queque na cabeça de Marlene.

A ideia é tão ridícula que não consigo deixar de me rir. Levanto-me e sigo Uriah até ao fundo do corredor, onde Marlene e Lynn o esperam. Lynn semicerra os olhos ao ver-me, mas Marlene oferece-me um sorriso.

– Porque é que não estás a festejar? – pergunta ela. – Tens praticamente garantido um lugar nos dez mais se continuares assim.

– Ela é demasiado intrépida para as outras transferências – diz Uriah.

– E demasiado abnegada para festejar – comenta Lynn.

Ignoro-a e pergunto a Uriah:

– Porque é que queres fazer tiro ao alvo a um queque na cabeça de Marlene?

– Ela desafiou-me, dizendo que eu não conseguia fazer pontaria de modo a atingir um pequeno objeto a trinta metros de distância –

explica Uriah. – E eu também a desafiei, dizendo-lhe que ela não tinha coragem para ficar quieta se eu o tentasse fazer na cabeça dela. Mas consigo, sabes?

A sala de treino onde disparei uma pistola pela primeira vez não fica longe deste corredor, que é pouco frequentado. Chegamos lá em menos de um minuto e Uriah acende a luz. A sala parece estar na mesma: alvos de um lado e uma mesa com pistolas no outro.

– Cá mantêm-nas assim? – pergunto.

– Sim, mas sem estarem carregadas. – Uriah levanta a camisa. Tem uma pistola entalada na cintura das calças, logo abaixo de uma tatuagem. Olho para ela, a tentar perceber o que representa, mas ele baixa rapidamente a camisa. – Pronto – diz a Marlene. – Vai pôr-te à frente de um alvo.

Marlene afasta-se com passos ligeiros.

– Não vais mesmo disparar, pois não? – pergunto a Uriah.

– Não é uma arma a sério – diz Lynn, numa voz tranquila. – Está carregada com balas de plástico e o pior que pode fazer é picar-lhe a cara, ou deixar-lhe uma marca. Pensas que somos estúpidos ou quê?

Marlene fica de pé diante de um dos alvos e põe o queque na cabeça. Uriah fecha um olho e faz pontaria com o outro.

– Espera! – grita Marlene. Tira um fragmento do queque e mete-o na boca. – *Pronto!* – grita, a palavra misturada com a comida, enquanto levanta o polegar.

– Presumo que as vossas classificações sejam mesmo boas – digo a Lynn.

– Uriah ficou em segundo lugar. Eu fiquei em primeiro. E Marlene em quarto – responde, acenando afirmativamente com a cabeça.

– Ficaste em primeiro por uma unha negra! – exclama Uriah, a fazer pontaria. Aperta suavemente o gatilho. O queque cai da cabeça de Marlene. Ela nem sequer pestanejou.

– Tens saudades da tua antiga fação? – pergunta-me Lynn.

– Às vezes – respondo. – As coisas eram mais calmas. E menos cansativas.

Marlene apanha o queque do chão e dá-lhe uma dentada.

– Que nojo! – exclama Uriah.

– O processo de iniciação deve reduzir-nos ao que realmente somos. É, de qualquer modo, o que diz o Eric – afirma Lynn. Levanta uma sobrancelha.

– O Quatro diz que é para estarmos bem preparados.

– Bem, eles raramente estão de acordo.

Aceno afirmativamente com a cabeça. Quatro disse-me que a ideia de Eric para os Intrépidos não era a que devia ser, mas eu gostaria que ele dissesse exatamente o que pensa que deve ser a visão correta. Fiquei com algumas impressões – os Intrépidos a aplaudirem-me quando saltei do edifício, a rede de braços que me amparou quando desci pelo cabo –, mas não são suficientes. Quatro terá lido o manifesto dos Intrépidos? E é nisso que ele acredita? Em vulgares atos de coragem?

A porta da sala de treino abre-se e entram Shauna, Zeke e Quatro no momento em que Uriah torna a disparar. A bala de plástico ressalta no centro do alvo e vai parar ao chão.

– Bem me parecia que tinha ouvido qualquer coisa – comenta Quatro.

– E claro que é o idiota do meu irmão – acrescenta Zeke. – Vocês não podem estar aqui depois dos treinos. Tenham cuidado ou o Quatro vai dizer ao Eric e vocês ficarão mesmo em maus lençóis.

Uriah franze o nariz ao olhar para o irmão e pousa a arma. Marlene atravessa a sala, mordiscando o queque, e Quatro desvia-se para nos deixar sair.

– Não vais dizer ao Eric, pois não? – pergunta-lhe Lynn, com ar desconfiado.

– Não – responde Quatro. Quando passo por ele põe-me a mão nas costas para me apressar a saída e sinto a pressão da palma da mão entre as omoplatas. Estremeço. E espero que ele não o tenha percebido.

Os outros seguem pelo corredor, com Zeke e Uriah a empurrarem-se mutuamente, enquanto Marlene divide o que resta do queque com Shauna e Lynn vai à frente. Começo a segui-los.

– Espera um momento – diz Quatro.

Volto-me para ele, perguntando a mim própria qual será a versão de Quatro que vou agora ver – a que me repreende ou a que escalou a roda gigante comigo. Quatro está a sorrir, mas o sorriso não lhe chega aos olhos, que se mostram tensos e preocupados.

– O teu lugar é aqui. Sabes disso, não sabes? – pergunta-me. – Conosco. Isto já não vai demorar muito, por isso vê se te agentas, está bem?

Coça uma orelha e desvia o olhar, como se tivesse ficado envergonhado pelas suas próprias palavras.

Fico a olhar para ele. Ouço o meu coração a bater em todos os recantos do meu organismo, até mesmo nos dedos dos pés. Sinto-me

capaz de um gesto de coragem, mas também tenho vontade de fugir. E não consigo perceber qual é a opção mais inteligente ou a melhor. E não tenho a certeza de estar suficientemente preocupada com isso.

Estendo o braço e pego-lhe na mão. Os dedos dele deslizam por entre os meus. Nem consigo respirar.

Levanto os olhos para ele e os nossos olhares encontram-se. Ficamos assim durante algum tempo. Depois eu retiro a mão e vou a correr atrás de Uriah, Lynn e Marlene. Talvez ele agora pense que eu sou estúpida ou mesmo estranha. Mas talvez tenha valido a pena.

*

Chego ao dormitório antes dos outros e meto-me na cama, fingindo já que estou a dormir quando eles começam a chegar. Não preciso dos outros iniciados, de nenhum deles, se vão reagir como reagiram por eu estar a fazer as coisas como têm de ser feitas. Se conseguir chegar ao fim do processo de iniciação serei uma Intrépida e não terei de voltar a vê-los.

Não preciso deles, mas ... será que não os quero como amigos? Cada tatuagem que fiz na companhia deles é um sinal da amizade que nos liga e quase sempre que me ri neste local tão sombrio foi graças a estes meus amigos. Não os quero perder. Mas sinto que talvez já os tenha perdido.

Depois de quase meia hora de pensamentos que não consigo controlar, volto-me e fico deitada de costas e de olhos abertos. O dormitório já está às escuras e todos se deitaram. *Devem estar cansados de tantos ressentimentos que têm contra mim*, penso, a sorrir com a minha própria piada. Já não me chega vir da facção mais odiada de todas. Também estou agora a ficar ressentida.

Saio da cama para ir beber água. Não tenho sede, mas preciso de me ocupar com qualquer coisa. Os meus pés fazem sons pegajosos no chão enquanto vou tateando pela parede, orientando-me pela luz azul da lâmpada que existe por cima do bebedouro.

Ajeito o cabelo atrás da orelha e curvo-me. Assim que a água me toca os lábios, ouço vozes ao fundo do corredor. Colo-me à parede, confiando que a escuridão me oculte.

– Até agora não houve sinais – diz a voz de Eric. Sinais de quê?

– Mas na posição em que se encontra também não terá tido muitas oportunidades de os ver – replica a outra pessoa. É uma voz feminina, fria e não inteiramente desconhecida, que só associa a um sonho e não

a uma pessoa de carne e osso que possa conhecer. – O treino de combate não mostra nada. Mas as simulações revelam quem são os rebeldes Divergentes, se é que há algum, e por isso vamos ter de examinar as gravações várias vezes para podermos ter a certeza.

Sinto um arrepio de frio ao ouvir a palavra «Divergente». Inclino-me, as costas mais juntas à pedra, para ver a quem pertence a voz que continua a parecer-me familiar.

– Não se esqueça do motivo que me levou a fazer com que Max o nomeasse – continua a voz. – A sua primeira prioridade continua a ser identificá-los. Como sempre tem sido.

– Não estou esquecido.

Avanço mais alguns centímetros, esperando que continuem sem me ver. É óbvio que a pessoa a quem pertence a voz é que manda e foi ela que puxou os cordelinhos para dar a Eric a sua posição de chefia. E é ela que me quer ver morta. Inclino a cabeça para a frente, esforçando-me por vê-los antes que se vão embora.

E é nesse momento que alguém me agarra pelas costas.

Começo a gritar, mas uma mão tapa-me a boca. Cheira a sabonete e é suficientemente grande para cobrir a metade inferior da minha cara. Debato-me, mas os braços que me prendem são também muito fortes e a única coisa que consigo fazer é morder um dos dedos.

Ouçó uma voz rouca gritar:

– Ai!

– Cala-te e mantém-lhe a boca tapada – diz outra voz, mais forte do que uma voz normal de rapaz e mais nítida. É o Peter.

Um pano escuro cobre-me os olhos e um outro par de mãos ata o pano atrás da minha cabeça. Esforço-me por conseguir respirar. Os meus braços estão imobilizados pelo menos por duas mãos, que puxam por mim ao mesmo tempo que uma mão assente nas minhas costas me empurra para a frente e outra me tapa a boca para me impedir de gritar. São três pessoas. E o peito dói-me. Não consigo resistir a três pessoas.

– Como será uma Empata a pedir que a poupem? – pergunta a voz de Peter, com uma risada. – Despachem-se.

Tento concentrar-me na mão que está na minha boca. Deve haver nela qualquer coia que a torne fácil de identificar. A identidade desse meu agressor é um problema que eu posso resolver e preciso de resolver de imediato um dos meus problemas ou então vou entrar em pânico.

A palma da mão é macia e está suada. Cerro bem os dentes e respiro

pelo nariz. O cheiro a sabonete é-me familiar: salva e citronela. É o mesmo cheiro que rodeia a cama de Al. Sinto um peso no estômago.

Ouço o barulho da água a bater nas rochas. Estamos perto do abismo – aliás, devemos estar acima dele, atendendo ao volume do som. Comprimo os lábios para não gritar. Se estamos por cima do abismo já sei o que tencionam fazer.

– Levantem-na, vá.

Debato-me e a pele áspera deles roça na minha. Mas é inútil. Também grito, mas não há ninguém que me possa ouvir.

Tenho de sobreviver. Hei de ver o dia de amanhã.

As mãos empurram-me para a frente e endireitam-me e a minha coluna embate numa superfície rija e fria. A julgar pela largura e pelo rebordo estou encostada a um parapeito. É o parapeito de ferro por cima do abismo. Já estou a respirar com dificuldade e a sentir a humidade na nuca. As mãos que me subjugam obrigam as minhas costas a curvar-se por cima do parapeito. Os meus pés deixam de estar em contacto com o chão e os meus atacantes já são a única coisa que me impede de cair à água.

Uma mão pesada apalpa-me o peito.

– Tens a certeza que tens dezasseis anos, Empata? Não me parece que tenhas mais de doze – diz uma voz, acompanhada pelas gargalhadas dos outros rapazes.

Sinto na boca o sabor amargo da bÍlis.

– Esperem! Acho que encontrei qualquer coisa! – A mão dele aperta-me o peito. E eu mordo a língua para não gritar. Ouço novas gargalhadas.

A mão de Al solta-se da minha boca.

– Parem com isso! – diz outra voz, de repente. Reconheço-a: é rouca e bem nítida.

Debato-me assim que Al me larga e caio no chão. E desta vez mordo com toda a minha força o primeiro braço que encontro. Ouço um grito e cerro os dentes ainda com mais força e o sabor do sangue enche-me a boca. Sinto um golpe violento no rosto e uma onda de calor que me sobe à cabeça e me deixa paralisada. Seria dor o que sentiria se a adrenalina não estivesse a agitar-me as veias como se fosse ácido.

O rapaz arranca o braço da minha boca e atira-me de novo para o chão. Bato com o cotovelo na pedra e levo as mãos à cabeça para tirar a venda. Um pontapé apanha-me de lado e o ar foge-me dos pulmões. Ofegante, tusso e levo a mão à nuca. Um dos atacantes agarra-me pelo cabelo e faz a minha cabeça chocar contra uma superfície rija. Da

boca sai-me um grito de dor e sinto-me tonta.

Com gestos desajeitados levo a mão à cabeça para tentar encontrar a venda. A mão pesa-me toneladas, mas consigo empurrá-la para cima e com ela a venda. Pisco os olhos. A cena que se desenrola à minha frente está distorcida e parece oscilar para cima e para baixo. Vejo uma pessoa a correr para nós e outra que se afasta a correr – uma silhueta muito grande, de alguém que só pode ser Al. Agarro-me ao parapeito e obrigo-me a pôr-me em pé.

Peter agarra-me o pescoço com uma mão e levanta-me, com o polegar enfiado por debaixo do meu queixo. O cabelo dele, normalmente brilhante e suave, está revoltado e parece colar-se-lhe à cabeça. A expressão do rosto pálido está contorcida e os dentes rangem uns nos outros, mas pouco mais consigo ver do que os pontos luminosos verdes, cor-de-rosa e azuis que começam a aparecer-me diante dos olhos enquanto ele me puxa para o abismo. Peter não emite um único som. Tento dar-lhe pontapés, mas as minhas pernas são curtas de mais. Sinto os pulmões a ansiar por ar.

E depois ouço um grito e ele larga-me.

Estendo os braços quando já me sinto a cair, sem conseguir respirar, e as minhas axilas embatem no parapeito. Baixo os cotovelos e seguro-me melhor, com um gemido. Sinto a humidade nos tornozelos. O mundo à minha volta parece ceder e começar a oscilar e ouço um grito vindo do Fosso – Drew, talvez – e depois pancadas secas. Pontapés. Gemidos.

Pestanejo várias vezes e concentro-me o melhor que posso no único rosto que vejo, na fúria que revela e nos olhos azuis-escuros que me observam.

– Quatro. – O som que me sai da garganta é parecido com o crocitar de um corvo.

Fecho os olhos e sinto as mãos que me envolvem os braços, no ponto onde estes se ligam aos ombros. Quatro içá-me por cima do parapeito e puxa-me para ele, de encontro ao peito, antes de pegar em mim com os seus braços firmes e de passar uma mão por debaixo dos meus joelhos. Encosto o rosto ao ombro dele e é absoluto o silêncio que de repente nos envolve.

Capítulo Vinte e Dois

Abro os olhos e o que primeiro vejo são as palavras pintadas numa parede branca lisa: «Teme só a Deus». Ouço de novo o barulho de água a correr, mas, desta vez, é de uma torneira e não do rio subterrâneo. Passam ainda alguns segundos até eu conseguir ver os contornos das formas que me rodeiam, as linhas direitas de uma porta, uma bancada e um teto.

A dor é um latejar constante na minha cabeça, numa face e nas costelas. Não devia mexer-me. Cada movimento que faço torna tudo pior. Vejo uma manta feita de retalhos azuis por debaixo da minha cabeça e não consigo deixar de fazer caretas de dor à medida que vou rodando a cabeça, para ver de onde vem o som da água.

Quatro está na casa de banho com as mãos no lavatório. O sangue que lhe escorre dos nós dos dedos torna a água cor-de-rosa. Tem um pequeno golpe no canto de um lábio, mas, fora isso, parece estar ileso. A expressão de placidez do seu rosto mantém-se enquanto examina os golpes, fecha a torneira e limpa as mãos a uma toalha.

Só me lembro de uma coisa antes de aqui chegar: círculos concêntricos de tinta preta num pescoço, uma parte de uma tatuagem e os movimentos gentis dele a transportar-me.

Quatro apaga a luz da casa de banho e tira um saco de gelo do frigorífico que tem a um canto. Quando se aproxima, ainda penso em fechar os olhos e fazer de conta que estou inconsciente, mas os nossos olhares cruzam-se e já é tarde de mais.

– As tuas mãos... – digo. O som da minha voz parece de novo o crocitar de um corvo.

– As minhas mãos não são da tua conta – replica Quatro. Apoia um joelho no colchão e estica-se por cima de mim para pôr o saco de gelo

sob a minha cabeça. Antes de se afastar, ainda estendo a mão para lhe tocar no golpe que tem no lábio, mas hesito quando percebo o significado do que vou fazer e a minha mão fica a pairar no ar.

O que tens a perder?, pergunto a mim própria. E toco-lhe na boca com as pontas dos dedos.

– Tris – diz Quatro, sem afastar os meus dedos dos lábios –, estou bem.

– Porque é que apareceste? – pergunto, baixando a mão.

– Estava a regressar da sala de controlo. Ouvi gritos.

– Que foi que lhes fizeste?

– Larguei o Drew na enfermaria há cerca de meia hora. O Peter e o Al fugiram. O Drew insistiu que estavam apenas a querer pregar-te um susto. Pelo menos foi o que me pareceu que ele estava a tentar dizer.

– Ficou em mau estado?

– Sobreviverá. Mas – acrescenta Quatro com um toque de azedume – não sei em que condições.

Não está certo desejar que outra pessoa sofra só porque me magoou primeiro. Mas o que sinto é uma sensação ardente de triunfo ao pensar que Drew está na enfermaria e aperto o braço de Quatro.

– Ótimo – digo. A minha voz tem um timbre de contenção e de ferocidade. Sinto uma onda de cólera a crescer dentro de mim, substituindo-me o sangue por uma água azeda que me sacia, mas que também me consome. Quero destruir qualquer coisa ou bater em alguém, mas receio mexer-me e, por isso, começo a chorar.

Quatro agacha-se ao lado da cama e observa-me. Não lhe vejo simpatia no olhar. Mas também me teria sentido dececionada se visse. Libertando o pulso, pousa a mão na minha face, o que me surpreende, e deixa-a aí ficar enquanto acaricia a minha maçã do rosto com o polegar em movimentos cautelosos.

– Eu podia contar o que aconteceu – diz-me.

– Não – contraponho. – Não quero que pensem que estou com medo.

Quatro acena afirmativamente com a cabeça. Continua distraidamente a acariciar a minha maçã do rosto com o polegar e comenta:

– Calculei que fosses dizer isso.

– Seria má ideia sentar-me?

– Eu ajudo-te.

Quatro agarra-me o ombro com uma mão e segura com firmeza na minha mão enquanto eu me endireito. Sinto as dores a percorrerem-

me o corpo, como se fossem rajadas, mas tento ignorá-las e sufoco um gemido.

Quatro passa-me o saco de gelo.

– Podes permitir-te teres dores – diz-me. – Só estou eu aqui.

Mordo o lábio. Tenho lágrimas no rosto, mas nem ele nem eu nos referimos a elas.

– Sugiro-te que confies nas transferências que são teus amigos para te protegerem a partir de agora – recomenda Quatro.

– Pensava que eles me protegiam – replico. Mas sinto de novo a mão de Al na minha boca e a vontade de chorar agita-me o corpo todo. Levo a mão à testa e baloiço-me para trás e para a frente. – Mas o Al...

– Ele queria que tu fosses a rapariga pequena e sossegada dos Abnegados – diz Quatro, suavemente. – E magoou-te porque a tua força o fazia sentir-se fraco. Não foi por nenhum outro motivo.

Aceno afirmativamente com a cabeça e esforço-me por acreditar nele.

– Os outros não ficarão tão ciumentos se lhes mostrares que és vulnerável. Mesmo que não o sejas.

– Achas que eu tenho de *fingir* que sou vulnerável? – pergunto-lhe, incrédula.

– Sim, acho. – Quatro tira-me o saco de gelo, deixando os dedos dele roçar pelos meus, e encosta-mo à cabeça. Baixo a mão, ansiosa por descansar o braço e por contrariar o que ele está a dizer. Mas Quatro levanta-se. E eu fico a olhar para a bainha da t-shirt dele.

Por vezes vejo-o apenas como mais outra pessoa, mas há situações em que é como se sentisse a sua imagem diretamente no meu estômago, quase como uma dor intensa.

– De manhã vais chegar ao pequeno-almoço e mostrar que os teus atacantes não conseguiram qualquer efeito em ti – acrescenta –, mas vais deixar que se veja bem a nódoa negra que tens na face, e manter a cabeça baixa.

A ideia dá-me vômitos.

– Acho que não consigo – replico, sentindo um vazio dentro de mim.

– Tem de ser.

– Não me parece que estejas a *perceber*. – Começo a corar. – Eles *tocaram-me*!

O corpo dele fica hirto ao ouvir-me, a mão enclavinhada no saco de gelo.

– Tocaram-te – repete, com os olhos escuros de repente muito frios.

– Não... como estás a pensar. – Pigarreio. Não imaginei, quando o

disse, que seria tão estranho estar assim a falar do assunto. – Mas... quase.

Desvio o olhar.

Quatro fica em silêncio e tão quieto durante tanto tempo que eu me sinto obrigada a dizer qualquer coisa.

– Que se passa?

– Não queria ter de contar – responde –, mas sinto que devo fazê-lo. Por enquanto é mais importante para ti estares em segurança do que afirmares a tua razão. Compreendes o que eu estou a dizer?

As sobrancelhas horizontais quase lhe escondem os olhos. O meu estômago revolve-se, em parte porque sei que ele tem razão embora não o queira admitir, mas também porque quero uma coisa que não sei expressar: fazer pressão sobre o espaço que existe entre nós e fazê-lo desaparecer.

Aceno afirmativamente com a cabeça.

– Mas, por favor, quando tiveres uma oportunidade... – Quatro leva a mão, forte e gelada, à minha face e volta-me a cabeça para eu olhar para ele. Tem os olhos a brilhar. Parecem quase os de um predador. – Destrói-os.

Dou uma pequena gargalhada com voz trémula.

– És um bocadinho assustador, Quatro.

– Faz-me um favor – diz – e não me chames isso.

– Que devo chamar-te, então?

– Nada. – Tira a mão do meu rosto. – Por enquanto.

Capítulo Vinte e Três

Nessa noite não regresso ao dormitório. Seria uma estupidez dormir no mesmo local em que estão as pessoas que me atacaram só para me mostrar corajosa. Quatro fica a dormir no chão e eu durmo na cama dele, por cima da manta, inspirando o odor que se desprende da sua almofada. Cheira a detergente e a mais qualquer coisa forte, adocicada e distintivamente masculina.

Quando o ritmo da respiração dele abranda, levanto-me um pouco para ver se já está a dormir. Está deitado de barriga para baixo, com uma mão à volta da cabeça. Tem os olhos fechados e os lábios entreabertos. É a primeira vez que me parece ser tão novo como a idade que realmente tem e ponho-me a pensar em quem ele poderá ser, na realidade. Quem será quando não é um Intrépido, quando não é um instrutor, quando não é Quatro, quando não é ninguém em especial?

Mas eu gosto dele, seja ele quem for. É-me agora mais fácil admitilo no escuro, depois de tudo o que aconteceu. Quatro não é terno, nem gentil nem especialmente simpático. Mas é inteligente e corajoso e, apesar de me ter salvado e tratado, lidou comigo como se eu fosse forte. É tudo o que preciso de saber.

Observo-lhe os músculos das costas, que se expandem e se contraem, até os meus olhos se fecharem.

Quando acordo dou por mim num universo de dores e de sofrimento. Retraio-me ao sentar-me, agarrada às costelas, e dirijo-me ao pequeno espelho pendurado na parede oposta. Sou quase demasiado pequena para me ver nele, mas quando me ponho em bicos dos pés já consigo ver o meu rosto. Tenho, como esperava, uma nódoa negra azulada na minha face. Detesto a ideia de me arrastar para o

refeitório neste estado, mas aceito as instruções de Quatro. Tenho de restabelecer as minhas amizades. E preciso da proteção que terei se me apresentar como uma pessoa fraca diante deles.

Ato o cabelo na nuca e faço um carrapito. A porta abre-se e Quatro entra no quarto, com uma toalha na mão e o cabelo ainda a brilhar da água do banho. Sinto um tremor no estômago quando lhe vejo a pele por cima da cintura exposta pelo gesto que faz de levantar o braço para secar a cabeça e obrigo os meus olhos a deslocarem-se para o rosto dele.

– Olá – digo-lhe. Sinto na voz um timbre nervoso que bem desejaria não sentir.

Quatro toca-me na face magoada só com as pontas dos dedos.

– Não está mal – diz. – E a cabeça?

– Está ótima – respondo. Mas estou a mentir. Sinto a cabeça a latejar. Passo os dedos por cima do galo que entretanto se formou e sinto a dor a percorrer-me o couro cabeludo. Podia ser pior. Se estivesse a flutuar no rio, por exemplo.

Sinto todos os músculos do meu corpo retesados quando a mão de Quatro pousa no meu flanco, onde me deram pontapés. Ele fá-lo descontraidamente, mas fico incapaz de me mexer.

– E aqui? – pergunta, em voz baixa.

– Só me dói quando respiro.

Quatro sorri.

– Esse é um problema que não podes resolver.

– O Peter daria provavelmente uma festa se eu parasse de respirar.

– Bem – diz Quatro –, eu só iria a essa festa se houvesse bolo.

Rio-me e depois faço uma careta, cobrindo-lhe a mão com a minha para manter imóveis as costelas imobilizadas. Quatro desvia lentamente a mão, deixando as pontas dos dedos roçarem a minha pele. E quando os retira, sinto uma dor no peito. Quando o momento termina, sinto-me obrigada a lembrar-me do que aconteceu na noite anterior. E de que desejo ficar aqui com ele.

Quatro acena com a cabeça e encaminha-se para a porta.

– Eu entro primeiro – diz ao chegarmos à porta do refeitório. – Até já, Tris.

Ele entra e eu fico sozinha. Ontem tinha-me dito que eu teria de fingir ser fraca, mas estava enganado. Eu já sou fraca. Encosto-me à parede e levo as mãos à cabeça. É-me difícil respirar fundo e, por isso, respiro mais rapidamente e com movimentos mais curtos. Não posso deixar que isto aconteça. Eles atacaram-me para eu me sentir fraca.

Posso fingir que o ataque deu resultado só para me proteger, mas não posso deixar que isto se torne verdade.

Afasto-me da parede e entro no refeitório sem me perder em mais pensamentos. Quando já andei alguns passos, lembro-me de que devo fazer como se estivesse a encolher-me e por isso ando mais devagar, apoiada à parede e de cabeça baixa. Uriah, sentado numa mesa junto de Will e de Christina, levanta a mão para me acenar. E depois baixa-a.

Sento-me ao lado de Will.

Al não está junto deles... nem em mais sítio nenhum.

Uriah desliza para o lugar ao lado do meu, deixando na outra mesa um queque já com marcas de dentadas e um copo de água. Ficam todos a olhar para mim, por instantes.

– O que aconteceu? – pergunta Will, baixando a voz.

Olho por cima do ombro para a mesa atrás da nossa. Peter está aí sentado, a comer uma torrada e a falar baixinho com Molly. A minha mão agarra-se à borda da mesa. Quero magoá-lo. Mas agora não é oportuno.

Drew não está, o que significa que continua na enfermaria. Um prazer maldoso percorre-me o corpo todo ao pensar nisso.

– O Peter, o Drew... – começo, em voz baixa. Levo a mão às costelas enquanto me estico para pegar numa torrada. Estender a mão faz-me doer e por isso faço uma careta e dobro-me. – E... – engulo em seco – ... o Al.

– Oh, Deus – diz Christina, abrindo muito os olhos.

– Estás bem? – pergunta Uriah.

Os olhos de Peter procuram os meus e eu forço-me a voltar a cabeça. Mostrar-lhe que me intimida traz-me à boca um sabor amargo, mas é o que tenho de fazer. Quatro tinha razão. Tenho de fazer tudo o que está ao meu alcance para garantir que não serei atacada outra vez.

– Não, de facto não estou – respondo a Uriah.

Ardem-me os olhos e não estou a fingir, ao contrário do piscar de olhos e das caretas. Encolho os ombros. Já acredito no aviso de Tori. Se Peter, Drew e Al estavam dispostos a atirarem-me para o abismo só por ciúme, será assim tão difícil acreditar que os líderes dos Intrépidos cometeram um homicídio?

Sinto-me desconfortável como se estivesse na pele de outra pessoa. Se não for cuidadosa posso morrer. Nem sequer posso confiar na chefia da minha facção. Na minha nova família.

– Mas tu... – Uriah comprime os lábios. – Não é justo. Três contra

um?

– Sim. E o Peter nada tem de justo. Foi por isso que se atirou ao Edward enquanto ele estava a dormir para lhe espetar a faca no olho.

– Christina funga e abana a cabeça. – Mas o Al? Tens a certeza, Tris?

Olho para o prato. Sou o próximo Edward. Mas, ao contrário dele, não me irei embora.

– Sim – respondo. – Tenho a certeza.

– Tem de ser desespero – diz Will. – Ele tem andado... nem sei. Como se fosse outra pessoa. Desde que começou a fase dois.

Drew entra nessa altura no refeitório, a arrastar os pés. Deixo cair a torrada e fico de boca aberta.

Dá-lo como «lesionado» seria um eufemismo. Tem o rosto inchado e arroxado. Tem um lábio aberto e um corte no sobrolho. Vai de cabeça baixa até à mesa e nem sequer olha para mim. Eu olho de relance para Quatro, que está no outro lado do refeitório. Exibe um sorriso de contentamento que eu também gostava de poder mostrar.

– Foste *tu*? – pergunta-me Will num sussurro.

Abano a cabeça.

– Não. Alguém, e eu não vi quem foi, que me encontrou antes de me atirarem... – Engulo em seco. Dizê-lo em voz alta torna tudo bem real.

– Antes... de me atirarem para o abismo.

– Iam *matar-te*? – pergunta Christina, em voz baixa.

– Talvez. Também podiam ter planeado deixar-me lá pendurada, só para me assustarem. – Encolho os ombros. – E deu resultado.

Christina deita-me um olhar triste. Will olha para a mesa.

– Temos de fazer qualquer coisa relativamente a isto – diz Uriah, também em voz baixa.

– O quê, dar-lhes uma tarefa? – Christina sorri. – Parece que isso já aconteceu.

– Não. Essa é uma dor que eles podem suportar – responde Uriah. – Temos de tirá-los da tabela das classificações. Isso vai prejudicar-lhes o futuro. Permanentemente.

Quatro levanta-se, ficando parado no meio das mesas. As conversas terminam de repente.

– Atenção, transferências – avisa. – Hoje vamos fazer uma coisa diferente. Sigam-me.

Levantamo-nos e Uriah olha para nós de sobrolho franzido.

– Tem cuidado – diz-me.

– Não te preocupes – responde Will. – Nós protegemo-la.

Quatro vai à nossa frente, levando-nos aos trilhos que rodeiam o Fosso. Will caminha à minha esquerda e Christina à minha direita.

– Não cheguei a pedir-te desculpa – diz-me Christina, suavemente. – Por ter apanhado eu a bandeira quando tinhas sido tu a merecê-la. Não sei o que me deu.

Não tenho a certeza de que seja inteligente desculpá-la. Ou desculpá-los, aliás, depois da atitude que tiveram na véspera quando foram conhecidas as classificações. Mas a minha mãe dir-me-ia que todas as pessoas têm falhas e que eu devia ser tolerante para com os outros. E Quatro recomendou-me que confiasse nos meus amigos.

Mas não sei em quem mais possa confiar, porque não tenho a certeza de quem sejam os meus verdadeiros amigos. Uriah e Marlene, que estiveram a meu lado mesmo quando eu parecia ser forte, ou Christina e Will, que sempre me protegeram quando mostrei ser fraca?

Os meus olhos cruzam-se com os grandes olhos castanhos dela e eu respondo:

– Não se fala mais nisso.

Ainda me apetece estar zangada, mas tenho de ultrapassar esta situação.

Subimos mais do que até agora tínhamos subido, até Will ficar lívido de cada vez que olha para baixo. Eu gosto quase sempre das alturas e, por isso, agarro-me ao braço de Will como se precisasse do apoio dele quando, na realidade, sou eu que estou a apoiá-lo. E ele sorri-me com um olhar de gratidão.

Quatro volta-se e desce alguns passos, recuando com desenvoltura num caminho escarpado, sem corrimão. Como é que ele conhece isto tão bem?

Olha para Drew, que se arrasta no fim do grupo, e ordena-lhe:

– Mantém o ritmo, Drew!

É uma piada cruel e eu tenho dificuldade em reprimir um sorriso. Até ao momento em que vejo os olhos de Quatro pousarem no meu braço, que enfiei no de Will, e perderem todo o bom humor. A expressão do rosto dele gela-me. Estará... com ciúmes?

Aproximamo-nos mais do teto de vidro e, pela primeira vez em vários dias, vejo a luz do sol. Quatro sobe os degraus de ferro que conduzem a uma abertura no teto. Os degraus rangem sob os meus pés e eu olho para baixo e vejo o Fosso e o abismo debaixo de nós.

Caminhamos agora sobre a superfície de vidro, que é mais um chão

do que um teto, atravessando uma sala em forma de cilindro com paredes de vidro. Os edifícios que nos rodeiam estão parcialmente destruídos e parecem ter sido abandonados e deve ter sido por isso que eu nunca reparei no quartel-general dos Intrépidos. Além disso, o setor dos Abnegados também fica longe.

Os Intrépidos estão por todo o lado, em grupos. Junto a uma das paredes, dois Intrépidos combatem entre si com paus, rindo-se cada um à vez quando o adversário falha o alvo e só atinge ar. Por cima da minha cabeça há duas cordas esticadas a todo o comprimento, estando uma delas um pouco mais alta do que a outra. Talvez tenham alguma coisa a ver com as proezas ousadas que tornaram famosos os Intrépidos.

Quatro conduz-nos por outra porta. Do outro lado existe um enorme espaço húmido com paredes cobertas de escritos e canos por todo o lado. A sala é iluminada por uma série de tubos fluorescentes que já não se usam e com coberturas de plástico. Deve ser tudo muito antigo.

– Isto – diz Quatro, com os olhos a brilhar devido à débil iluminação – é uma simulação diferente, conhecida como «paisagem dos medos». Esta sala não é usada para nós a podermos utilizar nos treinos, e estará diferente quando voltarem a vê-la.

Na parede de cimento atrás dele vejo a palavra «Intrépidos» pintada a *spray* vermelho em letras artisticamente desenhadas.

– Graças às vossas simulações pudemos acumular informações sobre os vossos piores medos. A paisagem dos medos utiliza essas informações e apresenta-vos uma série de obstáculos virtuais. Alguns desses obstáculos serão medos que já anteriormente enfrentaram nas vossas simulações. Outros serão medos com que ainda não tiveram de se confrontar. A diferença, aqui, é que se manterão conscientes de que a paisagem dos medos é uma simulação e, por isso, estarão na posse plena das vossas capacidades durante o exercício.

Isto significa que todos seremos Divergentes enquanto estivermos na paisagem dos medos. Não sei se para mim será um alívio, por não poderem identificar-me, ou um problema por ter essa vantagem sobre os outros.

E Quatro continua:

– O número de medos que vão encontrar na vossa própria paisagem vai variar de acordo com os medos que já têm.

E quantos tenho eu? Penso que posso ter de enfrentar os corvos outra vez e tenho um arrepio de frio, apesar de o ar estar quente.

– Já vos disse que a terceira fase do processo de iniciação tem a ver

com a preparação mental – acrescenta Quatro. Lembro-me de o ouvir dizer isso. No primeiro dia. Antes de ele encostar uma pistola à cabeça de Peter. Teria sido bom ter disparado.

– É assim porque isso vai exigir-vos que controlem tanto as vossas emoções como o vosso corpo, combinando as capacidades físicas que aprenderam na fase um com o domínio emocional que aprenderam na fase dois. Para manterem a cabeça fria. – Uma das lâmpadas fluorescentes por cima de Quatro começa a piscar. Quatro volta a sua atenção para mim. – Na próxima semana vão experimentar a vossa própria paisagem do medo diante de um painel constituído por dirigentes dos Intrépidos. Será essa a prova final para determinar a vossa classificação na fase três. Tal como a fase dois do processo de iniciação é mais valorizada do que a fase um, também a fase três será a mais valorizada das três fases. Entendido?

Acenamos todos com a cabeça. Inclusive Drew, apesar da dor que isso parece provocar-lhe.

Se eu tiver um bom resultado na minha prova final, terei uma boa oportunidade de chegar aos dez mais e uma boa oportunidade de me tornar um membro da facção dos Intrépidos. Serei uma Intrépida. A ideia quase me põe tonta.

– Poderão ultrapassar cada obstáculo de duas maneiras. Ou encontram uma forma de se acalmarem o suficiente para que a simulação registe um ritmo normal e constante de batimentos cardíacos ou arranjam forma de enfrentarem o medo, o que pode fazer com a que simulação avance. Uma maneira de enfrentar o medo de se afogarem, por exemplo, é nadarem a uma maior profundidade. – Quatro encolhe os ombros. – Sugiro portanto que usem a próxima semana para pensarem nos vossos medos e para desenvolverem estratégias que vos permitam enfrentá-los.

– Isso não parece justo – diz Peter. – E se uma pessoa só tiver sete medos e outra tiver vinte? A culpa não será dela.

Quatro observa-o durante alguns segundos e depois dá uma gargalhada.

– Queres realmente falar comigo sobre o que é justo?

O grupo de iniciados divide-se em dois quando Quatro se dirige para Peter, cruzando os braços e dizendo-lhe, numa voz mortífera:

– Percebo que estejas preocupado, Peter. O que aconteceu esta noite só mostra bem que és um miserável covarde.

Peter devolve-lhe o olhar, impassível.

– Porque ficámos todos a saber – continua Quatro, suavemente –

que um dos teus medos é uma rapariga baixa e magricela que veio dos Abnegados. – E faz um pequeno sorriso.

Will põe-me o braço por cima do ombro. Christina estremece, reprimindo a vontade de rir. E eu, bem dentro de mim, também sorrio.

*

Al está no dormitório quando lá regressamos nessa tarde.

Will fica parado atrás de mim, com uma mão no meu ombro – sem fazer pressão, como se quisesse apenas lembrar-me de que está comigo. E Christina aproxima-se mais de nós.

Os olhos de Al estão ensombrados e o rosto está inchado, devido ao choro. Sinto uma picada no estômago ao vê-lo e nem consigo mexer-me. O cheiro a salva e a citronela era-me agradável, mas agora torna-se azedo.

– Tris – começa Al, com uma voz alquebrada. – Posso falar contigo?

– Estás a brincar? – Will aperta-me o ombro. – Nunca mais te aproximas dela.

– Não vou fazer-te mal. Nunca quis... – Al cobre o rosto com as mãos. – Só quero dizer que lamento, que lamento muito e que te peço desculpa. Não sei... não sei o que se passa comigo. Por favor, perdoa-me, *por favor...*

Al estende a mão, como se me fosse tocar no ombro ou no rosto. As lágrimas escorrem-lhe pelas faces.

Em qualquer sítio dentro de mim habita uma pessoa misericordiosa e capaz de perdoar. Uma rapariga que tenta compreender o que acontece às outras pessoas e que aceita que os outros fazem coisas que não deviam fazer e que o desespero as empurra para locais mais sombrios onde nunca pensaram encontrar-se. Juro que essa rapariga existe e que sofre pelo rapaz arrependido que vê à sua frente.

Mas se eu a visse não a reconheceria.

– Mantém-te longe de mim – digo a Al, numa voz tranquila. Sinto o corpo rígido e frio e não estou zangada, nem magoada. Nem sinto mais nada. – Nunca mais te aproximes de mim – remato, em voz baixa.

Os nossos olhos cruzam-se, os dele vidrados e escuros, os meus sem nada revelarem.

– Se o fizeres, juro por Deus que te mato – acrescento. – Cobarde.

Capítulo Vinte e Quatro

– Tris.

No meu sonho é a minha mãe a chamar-me. Acena-me e eu atravesso a cozinha e paro junto dela. Depois aponta para a panela que está ao lume e eu levanto a tampa e espreito lá para dentro. O que vejo é o olho muito redondo de um corvo, mergulhado na água a ferver e com as penas apertadas contra os lados da panela.

– É o jantar – diz a minha mãe.

– Tris! – Outra vez. Abro os olhos e vejo Christina junto da minha cama, as faces com sinais de lágrimas que lhe mascarraram a pintura.

– É o Al – diz. – Anda.

Alguns iniciados já estão acordados mas outros não. Christina puxa-me pela mão e leva-me do dormitório. Corro descalça pelo chão de pedra, a afastar as nuvens que me obscurecem a visão, as pernas ainda pesadas de sono. Aconteceu uma coisa horrível. Sinto-o a cada movimento do meu coração. *É o Al.*

Atravessamos o Fosso a correr e Christina para. Há uma multidão aglomerada perto da barreira, mas está suficientemente dispersa para eu conseguir passar à frente de Christina, contornar um homem de meia idade e chegar à frente de todos.

Estão dois homens junto da barreira e puxam com cordas qualquer coisa pesada. Gemem devido ao esforço, inclinando-se para trás com todo o seu peso para poderem puxá-las por cima do parapeito e avançando em seguida para as puxarem outra vez. Uma forma grande e escura aparece sobre a barreira e alguns dos Intrépidos apressam-se a ir ajudar os dois homens a trazê-la para cima.

A forma cai com um peso seco no chão. Do conjunto desprende-se um braço pálido inchado pela água. Um corpo. Morto. Christina

aproxima-se de mim e agarra-se ao meu braço. Volta a cabeça e começa a chorar sobre o meu ombro. Não consigo desviar o olhar. Os homens voltam o cadáver e a cabeça roda molemente para o lado.

Os olhos estão abertos, sem expressão. Escuros. São olhos de boneca. E o nariz é comprido, estreito e achatado. Os lábios estão azuis. O rosto já não é humano, a meio caminho entre um cadáver e um animal estranho. Sinto os pulmões a arder e a minha respiração a fazer barulho. *Al!*

– É um dos iniciados – diz alguém atrás de mim. – O que aconteceu?

– O mesmo que acontece todos os anos – responde um homem. – Atirou-se lá para baixo.

– Não seas tão mórbido! Pode ter um sido um acidente.

– Encontraram-no no fundo do abismo. Achas que ele tropeçou nos atacadores e... upa, *caiu*... durante cinco metros, por aí abaixo?

A mão de Christina aperta-me o braço cada vez com mais força. Devia dizer-lhe para me largar, porque está a magoar-me. Uma pessoa ajoelha-se junto do rosto de Al e fecha-lhe as pálpebras. Talvez a tentar fazer com que ele pareça estar a dormir. Que estupidez. Por que motivo é que as pessoas tentam fazer de conta que a morte é como o sono? Não é, não pode ser.

Sinto que qualquer coisa se desmorona dentro de mim. Tenho um aperto no peito que me sufoca e me impede de respirar. Caio no chão, arrastando Christina. Sinto a aspereza da pedra nos meus joelhos. Ouço qualquer coisa, talvez um som que toma a forma de uma recordação. O choro de Al, os gritos dele durante a noite. Devia ter percebido. Não consigo mesmo respirar. Ponho as duas mãos no peito e oscilo para trás e para a frente para libertar a tensão que se acumulou no meu peito.

Quando pestanejo lembro-me de ver a parte de cima da cabeça de Al enquanto ele me levava às cavalitas para o refeitório. Sinto a vibração causada pelos pés dele no chão. É grande, afetuoso e desastrado. Não, *era*. É a mudança que traz a morte: de *é* para *era*.

Continuo a ter dificuldade em respirar. Vejo que trouxeram um saco preto muito grande para meterem o corpo lá dentro. E consigo perceber de imediato que é demasiado pequeno. Sinto uma gargalhada a subir-me pela garganta e depois a sair-me, frouxa e borbulhante, dos lábios. Al é demasiado grande para um saco daqueles. Que tragédia... A meio da gargalhada, levo a mão à boca para a sufocar e o que ouço é um gemido. Liberto o braço e ponho-me em pé, deixando Christina no chão. E largo a fugir.

– Aqui está – diz Tori, dando-me uma caneca fumegante que cheira a hortelã-pimenta. Pego nela com ambas as mãos, sentindo o calor a picar-me os dedos.

Tori senta-se à minha frente. Quando se trata de funerais os Intrépidos não perdem tempo. Tori explica-me que eles gostam de aceitar a morte assim que ela se verifica. Hoje não há pessoas para fazer tatuagens, mas o Fosso está cheio de gente e a maioria está bêbeda. Nem sei por que motivo isso me surpreende.

Na minha antiga facção os funerais são momentos sombrios e tristes. Toda a gente se reúne para apoiar a família da pessoa que morreu e ninguém fica sem fazer nada. E não há gargalhadas, gritos ou brincadeiras. E, como os Abnegados não bebem álcool, toda a gente está sóbria. Faz sentido que aqui os funerais sejam o oposto.

– Bebe – diz-me Tori. – Garanto-te que te fará sentir melhor.

– Não acho que o chá seja uma solução – digo lentamente. Mas bebo-o. Aquece-me a boca e a garganta e faz-me sentir um formigueiro enquanto desliza para o estômago. Só quando a sensação de frio desaparece é que percebo que me sentia mesmo enregelada.

– Eu disse *melhor*. Não disse *bem*. – Tori sorri-me, mas os cantos dos olhos não se mexem como é seu costume. –Acho que não estaremos *bem* durante algum tempo.

Mordo o lábio.

– Quanto tempo... – Tento encontrar as palavras mais apropriadas.

– De quanto tempo precisou para estar... melhor, depois de o seu irmão...

– Não sei. – Tori abana a cabeça. – Há dias em que me sinto como se não estivesse bem. Noutros sinto-me ótima. Até feliz. Mas precisei de anos para deixar de pensar em vingar-me, no entanto.

– E porque é que parou de pensar?

Os olhos de Tori parecem ficar vazios enquanto ela olha para a parede que está atrás de mim. Tamborila com os dedos na perna durante alguns segundos, antes de responder:

– Não penso que tenha parado. É mais como se estivesse... à espera da minha oportunidade.

Liberta-se da expressão absorta que tinha e olha para o relógio, dizendo:

– É altura de irmos.

Despejo o resto do chá no lavatório. E quando pouso a caneca e

olho para a minha mão percebo que estou a tremer. Não é bom. Normalmente as minhas mãos tremem quando vou começar a chorar e eu não posso pôr-me a chorar à frente desta gente toda.

Saio da zona das tatuagens atrás de Tori e desço até ao Fosso. Todas as pessoas que andavam por ali estão agora reunidas junto à barreira e o ar cheira intensamente a álcool. A mulher que está à minha frente desequilibra-se e quase cai para o lado antes de começar a dar pequenas gargalhadas, agarrada ao homem que está mais próximo dela. Tori agarra-me pelo braço e desvia-me.

Uriah, Will e Christina estão junto aos restantes iniciados. Christina tem os olhos inchados. Uriah ergue um pequeno frasco prateado e oferece-mo. Abano a cabeça.

– Que surpresa – diz Molly nas minhas costas. – Empata uma vez, Empata para sempre.

Devia ignorá-la. O que ela diz não devia importar-me.

– Li um artigo interessante hoje – continua Molly, mais perto do meu ouvido. – Era qualquer coisa sobre o teu pai e o verdadeiro motivo que te fez abandonar a tua antiga facção.

Defender-me não é a coisa mais importante que tenho em mente. Mas é a mais simples de executar.

Volto-me e encaixo o meu punho no queixo dela. O impacto faz-me doer os nós dos dedos. Não me lembro de ter decidido bater-lhe. Nem de a minha mão se transformar num punho fechado.

Molly atira-se a mim, de braços estendidos, mas não vai longe. Will agarra-a pela gola e puxa-a para trás. Olha para mim e depois para ela e ordena:

– Parem com isso. As duas.

Quase preferia que ele não a tivesse travado. Lutar seria uma distração bem recebida, em especial neste momento em que Eric está a subir para uma espécie de tribuna de pedra junto ao parapeito. Volto-me para lá, cruzando os braços para me manter firme. Quero saber o que ele poderá dizer.

Entre os Abnegados ninguém se suicidou nos últimos anos, mas a posição da facção quanto ao assunto é clara: o suicídio é para eles um gesto de egoísmo. Alguém que seja suficientemente altruísta não pensa tantas vezes em si próprio para desejar a morte. Ninguém o diria em voz alta, se acontecesse, mas toda a gente o pensaria.

– Silêncio, todos! – grita Eric. Alguém faz soar o que parece ser um gongo e os gritos vão-se calando. Mas os murmúrios não. – Obrigado! – agradece Eric. – Como sabem, estamos aqui porque na noite passada

o Albert, um iniciado, se atirou para o abismo.

Os murmúrios cessam e já só se ouve o ruído da água no fundo do abismo.

– Não sabemos porquê – continua Eric –, e seria fácil lamentar a perda dele esta noite. Mas nós não escolhemos uma vida de facilidades quando nos tornámos Intrépidos. E a verdade é que... – Eric sorri. Se eu não o conhecesse podia pensar que o sorriso era genuíno. Mas conheço. – A verdade é que o Albert está agora a explorar um mundo desconhecido e cheio de incertezas. Saltou para a água violenta para lá chegar. Quem de entre nós é suficientemente corajoso para se aventurar nessa escuridão sem saber o que existe para lá dela? O Albert ainda não era um dos nossos membros, mas podemos ter a certeza de que era um dos mais corajosos entre nós!

Do centro da multidão ergue-se um grito e depois exclamações ululantes. As saudações dos Intrépidos fazem-se ouvir em tons variados, altos e baixos, esganiçados e roucos. O rugido das suas vozes parece imitar o rugido do rio subterrâneo. Christina tira o frasco a Uriah e leva-o aos lábios. Will põe-lhe o braço pelos ombros e puxa-a para si. Os meus ouvidos enchem-se de vozes.

– Vamos festejá-lo agora e recordá-lo para sempre! – grita Eric. Alguém lhe passa uma garrafa escura e ele levanta-a. – Ao Albert, o *Corajoso*!

– Ao Albert! – grita a multidão. À minha volta erguem-se braços e os Intrépidos começam a gritar o nome dele. – Albert! *Al-bert! Al-bert!* – E gritam em coro até o nome dele deixar de soar como nome. Parece o grito mais primário de uma raça antiga.

Afasto-me do parapeito. Já não consigo aguentar isto.

Não sei para onde vou. Suspeito que não vou para sítio nenhum. Que vou só tentar distanciar-me do que está a acontecer. Percorro um corredor escuro. No fim está um bebedouro, que brilha sob a luz azul que vem de cima.

Abano a cabeça. Corajoso, ele? Corajoso teria sido confessar a sua fraqueza e abandonar os Intrépidos, ignorando a vergonha associada à renúncia. Foi o orgulho que matou Al e é o orgulho que habita como falha no coração de todos os Intrépidos. Mas não no meu.

– Tris.

Sobressalto-me e rodopio. Quatro está parado atrás de mim, dentro de um círculo de luz azul, que lhe dá um aspeto fantasmagórico e ensombra os olhos, criando-lhe sombras por debaixo das maçãs do rosto.

– Que estás tu aqui a fazer? – pergunto-lhe. – Não devias estar a prestar-lhe homenagem?

Digo-o como se as palavras me soubessem mal e eu tivesse de as cuspir.

– E tu? – inquire Quatro. Dá um passo na minha direção e consigo ver-lhe os olhos. Parecem pretos, agora.

– Não se pode homenagear uma pessoa quando ela não o merece – respondo. Sinto uma picada de culpa e abano a cabeça. – Não era isto que eu queria dizer.

– Ah. – A avaliar pelo olhar que me deita, Quatro não acredita em mim. Não posso censurá-lo.

– Isto é ridículo – acrescento, sentindo-me corar. – Ele atira-se da barreira abaixo e o Eric diz que ele é corajoso? Eric, que quis que lhe atirasses punhais à cabeça? – Sinto a boca azeda. Os sorrisos falsos de Eric, as suas palavras artificiais, os seus ideais perversos... São tudo coisas que me enojam. – Ele não era corajoso! Estava deprimido e era um cobarde e quase me matou! É a esse tipo de coisas que nós devemos homenagear aqui?

– Que queres tu que eles façam? – contrapõe Quatro. – Que o condenem? O Al já está morto. Não pode ouvir o que se diz dele e já é tarde de mais.

– Não se trata do Al – replico, num movimento brusco. – Trata-se de toda a gente que está a ver. De todos quantos acham que atirarem-se de cabeça para o abismo é uma opção viável. Quer dizer, se o fizerem vão ter os outros todos a chamarem-lhes heróis? Porque não fazê-lo se depois toda a gente recordará o nome deles? É... Eu não consigo.

Abano a cabeça. Sinto o rosto a arder e o coração aos pulos e tento controlar-me, mas já não posso.

– Isto não teria acontecido nos Abnegados! – Já estou quase a gritar. – Nada disto. Nunca! Este local deu-lhe cabo da cabeça e destruiu-o e não me importo que o facto de o dizer faça de mim uma Empata. Não me importo, *não me importo!*

Os olhos de Quatro desviam-se para a parede por cima do bebedouro.

– Tem cuidado, Tris – avisa-me, ainda a olhar para a parede.

– É só isso que consegues dizer? – pergunto-lhe, com um olhar de censura. – Que devo ter *cuidado*? É só isso?

– És tão tonta como os Cândidos, sabes? – Quatro agarra-me pelo braço e arrasta-me para longe do bebedouro. A mão dele magoa-me, mas não sou suficientemente forte para poder libertar-me.

O rosto dele aproxima-se tanto do meu que lhe consigo ver algumas sardas no nariz.

– Não vou dizer isto outra vez e por isso escuta-me bem – diz, pondo-me as mãos nos ombros, com os dedos a apertarem-me, fazendo-me sentir mais pequena. – Eles andam a observar-vos. E *a ti* em especial.

– Larga-me – protesto debilmente.

Os dedos afastam-se de repente e Quatro endireita as costas. Sinto que parte do peso existente no meu peito se liberta quando ele deixa de me tocar. Tenho medo das suas mudanças de humor. Revelam-me que há qualquer coisa instável dentro dele e a instabilidade é perigosa.

– Também andam a observar-te? – pergunto, numa voz tão baixa que ele só ouve por estar muito perto de mim.

Mas Quatro não me responde.

– Tenho tentado ajudar-te – diz –, mas recusas-te a ser ajudada.

– Oh, pois. A *tua* ajuda – replico. – Cortando-me a orelha com um punhal, gritando comigo e tratando-me pior do que tratas qualquer outra pessoa... isso é de facto uma ajuda.

– Tratar-te mal? Estás a falar de quando te atirei os punhais? Eu não estava a provocar-te! – contrapõe. – Estava a lembrar-te de que se falhasses alguém teria de ir substituir-te.

Levo a mão à nuca e recordo o incidente com o punhal. Cada vez que ele falava era para me lembrar de que Al teria de tomar o meu lugar à frente do alvo se eu desistisse.

– Porquê? – pergunto.

– Porque vieste dos Abnegados – responde Quatro – e é quando ages de forma altruísta que te mostras mais corajosa.

Compreendo agora. Ele não estava a tentar convencer-me a desistir. Estava a recordar-me do motivo pelo qual eu não devia desistir – porque eu tinha de proteger Al. É uma noção dolorosa, agora.

Proteger Al. O meu amigo. O meu atacante.

Não consigo odiar Al tanto quanto gostaria.

Nem consigo perdoar-lhe.

– Se fosse a ti, esforçar-me-ia por fingir melhor que esse impulso altruísta está a desaparecer – diz Quatro –, porque as pessoas erradas percebem-no como se fosse... bem, não será bom para ti.

– Mas porquê? Porque é que se interessam pelas minhas intenções?

– As intenções são as únicas coisas que lhes interessam. Tentam fazer-te pensar que se preocupam com o que tu andas a fazer, mas não é isso que acontece. Não querem que ajas de uma determinada

maneira. Querem é que *penses* de uma determinada maneira. Assim é mais fácil de compreender. E não serás uma ameaça para eles. – Quatro apoia uma mão na parede perto da minha cabeça e aproxima-se mais. A camisa que usa está-lhe tão apertada que consigo ver-lhe a clavícula e o pequeno desnível entre o músculo do ombro e o bíceps.

Quem me dera ser mais alta. Se assim fosse, a minha estrutura de pessoa magra seria descrita como «graciosa» e não como «infantil» e ele não precisaria de ver-me como uma irmã mais nova que se sente obrigado a proteger.

Não quero que Quatro me veja como irmã dele.

– Não compreendo – digo – porque se importam com o que penso, desde que eu faça como eles querem.

– Estás a fazer o que eles querem que tu faças, neste momento – responde Quatro –, mas o que acontece quando o teu cérebro influenciado pelos Abnegados te disser para fazeres outra coisa qualquer que eles não querem que tu faças?

Não tenho resposta e nem sei se ele tem razão. Estou influenciada pelos Abnegados ou pelos Intrépidos?

Talvez a resposta seja: por nenhum deles. Talvez eu esteja influenciada pelos Divergentes.

– Até posso não precisar da tua ajuda. Já pensaste nisso? – pergunto-lhe. – Eu não sou fraca, sabes? Consigo fazer isto sozinha.

Quatro abana a cabeça.

– Achas que o meu primeiro impulso é proteger-te. Porque és baixa ou porque és rapariga ou porque és uma Empata. Mas enganas-te.

Quatro aproxima mais o rosto do meu e pega-me no queixo. A mão dele cheira a ferro. Quando foi a última vez que ele pegou numa arma de fogo ou num punhal? A minha pele enche-se de formigueiros onde ele me toca, como se estivesse a carregar-me de eletricidade através da pele dele.

– O meu primeiro impulso é pressionar-vos até se vergarem, só para ver que força devo empregar – esclarece, com os dedos a fazerem força para sublinharem a palavra *vergarem*. O meu corpo fica tenso com a agressividade que se desprende da voz de Quatro, sinto-me enrolada como uma mola de aço e esqueço-me de respirar.

Levantando os olhos escuros para os meus, acrescenta:

– Mas eu resisto...

– Porquê? – Engulo em seco. – Porque é que é esse o teu primeiro impulso?

– O medo não nos bloqueia. Desperta-nos, abre-nos. Já vi como é e é

fascinante. – Quatro solta-me, mas não se afasta e a mão roça-me pelo queixo e depois pelo pescoço. – Por vezes só quero... ver tudo outra vez. Quero ver-te despertar.

Ponho-lhe as mãos na cintura. Não consigo lembrar-me de o ter decidido fazer. Mas também não posso afastar-me. Encosto-me ao peito dele, envolvendo-o com os meus braços. Os meus dedos deslizam-lhe pelos músculos das costas.

Passado um instante, Quatro toca-me nas costas e depois na cintura, apertando-me contra ele e passando a outra mão pelo meu cabelo. Sinto-me outra vez mais pequena, mas desta vez não tenho medo. Fecho os olhos com muita força. Já não me mete medo.

– Devia chorar? – pergunto-lhe, a voz quase sufocada pela camisa dele. – Haverá alguma coisa errada em mim?

As simulações abriram em Al uma fratura tão grande que ele não a conseguiu consertar. Não poderão ter-me feito o mesmo? Porque é que não sou como ele e por que motivo este pensamento me inquieta tanto, como se eu própria andasse a caminhar pelo parapeito?

– Achas que eu sei alguma coisa sobre lágrimas? – pergunta Quatro, suavemente.

Fecho os olhos. Não espero que Quatro me tranquilize e ele não faz nenhum esforço nesse sentido. Mas a verdade é que me sinto melhor aqui com ele do que com as pessoas que são as minhas amigas e que pertencem à minha fação. Encosto a testa ao ombro dele.

– Se eu o tivesse perdoado, achas que ele estaria vivo?

– Não sei – responde Quatro. Encosta a mão à minha face e eu volto-me, em busca da mão dele, de olhos fechados.

– Sinto-me como se a culpa fosse minha.

– Mas não é – diz Quatro, encostando a testa dele à minha.

– Mas era o que eu devia ter feito: perdoar-lhe.

– Talvez. Talvez todos nós pudéssemos ter feito mais alguma coisa. Mas agora só podemos deixar que a culpa nos leve a fazer melhor da próxima vez.

Franzo o sobrolho e recuo. Esta é uma lição ensinada aos Abnegados: a culpa como ferramenta, mais do que como uma arma contra nós próprios. É uma frase tirada de uma das palestras do meu pai numa das nossas reuniões semanais.

– De que fação vieste tu, Quatro?

– Isso não interessa – responde, baixando os olhos. – É aqui que estou agora. Era bom que tu também te lembrasses disso, de vez em quando.

Olha para mim com uma expressão de incerteza e apoia os lábios na minha testa, no ponto entre as sobrancelhas. Fecho os olhos. Não sei o que é isto nem o que está a acontecer. Mas é algo que não quero estragar e, por isso, calo-me. Quatro não se mexe. Fica onde está, com os lábios colados à minha pele, e eu também me deixo ficar imóvel durante muito tempo, com as mãos na cintura dele.

Capítulo Vinte e Cinco

Fico com Will e Christina junto ao parapeito por cima do abismo, já depois de a maioria dos Intrépidos ter ido dormir. Doem-me os dois ombros devido às picadelas da agulha das tatuagens. Fomos todos fazer novas tatuagens há cerca de meia hora.

Era Tori quem lá estava e por isso eu senti-me suficientemente à vontade para lhe pedir uma tatuagem com o símbolo dos Abnegados no ombro direito: um par de mãos abertas voltadas para cima, num gesto de quem ajuda outra pessoa a estar de pé, rodeadas por um círculo. Sei que é um risco, em especial depois de tudo o que aconteceu. Mas o símbolo faz parte da minha identidade e achei que era importante tê-lo sobre a minha pele.

Apoio um pé numa das traves da barreira, encostando a cintura ao parapeito para manter o equilíbrio. Foi aqui que Al se empoleirou antes de se atirar. Olho para baixo, para o abismo, para a água negra e para as rochas escarpadas. A água bate na pedra e faz a espuma ressaltar, atingindo-me no rosto. Teria ele tido medo quando se equilibrou aqui? Ou estava tão decidido a saltar que achou tudo muito fácil?

Christina dá-me um maço de papéis. São as cópias de todas as notícias que os Eruditos divulgaram nos últimos seis meses. Atirá-las para o abismo não fará com que desapareçam definitivamente, mas servirá para me sentir melhor.

Olho para o primeiro papel. Tem uma fotografia de Jeanine, a representante dos Eruditos no Conselho. Os olhos penetrantes, mas bonitos, parecem devolver-me o olhar.

– Já alguma vez a encontrei pessoalmente? – pergunto a Will. Christine amarrota o primeiro texto e transforma-o numa bola de

papel antes de o atirar para a água.

– À Jeanine? Uma vez – responde Will.

Pega na notícia seguinte e rasga-o em tiras. Os fragmentos de papel caem muito devagar. O gesto dele não tem o propósito deliberado do gesto de Christina. Tenho a sensação de que só está a participar nisto para me demonstrar que não concorda com as táticas da sua anterior facção. Não é muito claro para mim se ele concorda com o que dizem, mas receio perguntar-lhe.

– Antes de chegar à liderança trabalhou com a minha irmã. Estavam a desenvolver um soro de longa duração para as simulações – responde Will. – Jeanine é tão inteligente que nos podemos aperceber disso antes mesmo de ela começar a falar. Como se fosse... um computador falante e ambulante.

– O que é que... – Atiro uma das páginas para o outro lado do parapeito, comprimindo os lábios. Tinha de perguntar. – Que achas tu do que ela diz?

Will encolhe os ombros antes de responder.

– Não sei. Talvez seja uma boa ideia haver mais do que uma facção a controlar o Governo. E talvez fosse simpático termos mais carros... e fruta fresca e...

– Compreendes que não há nenhum armazém secreto onde todas essas coisas estejam guardadas? – pergunto, começando a corar.

– Sim, compreendo – diz Will. – Só que acho que o conforto e a prosperidade não são uma prioridade para os Abnegados e talvez pudessem ser se as outras facções se envolvessem no processo de decisão política.

– Porque dar a um rapaz Erudito um carro é mais importante do que dar comida aos sem-facção? – atalho.

– Eh... – diz Christina, esfregando o ombro de Will com os dedos. – Esta era para ser uma sessão despreocupada de destruição simbólica de documentos e não um debate político.

Reprimo abruptamente o que ia dizer e olho para o monte de papéis que tenho nas mãos. Will e Christina andam a tocar-se descontraidamente muitas vezes. Eu já o notei. E eles?

– No entanto, tudo o que ela disse a respeito do teu pai – prossegue Will – faz com que, de certo modo, a deteste. Não consigo imaginar qual seja a vantagem de dizer coisas tão horríveis.

Mas eu consigo. Se Jeanine levar as pessoas a acreditar que o meu pai e todos os outros líderes dos Abnegados são maus e corruptos, terá o apoio necessário para desencadear qualquer revolução, se for

realmente esse o plano dela. Mas não quero estar de novo a discutir e atiro as folhas que restam para o abismo. Flutuam para um lado e para o outro durante algum tempo antes de tocarem na água. Aí dispersar-se-ão contra as paredes do abismo e desaparecerão.

– É hora de ir para a cama – diz Christina, com um sorriso. – Estão prontos para regressar? Apetece-me ir pôr a mão do Peter numa tigela de água quente para o fazer mijar na cama esta noite.

Volto as costas ao abismo e vejo um movimento no lado direito do Fosso. Uma silhueta sobe até ao teto de vidro e, a julgar pela maneira suave como caminha, como se os pés mal tocassem no solo, sei que é Quatro.

– Tens a certeza de que queres ficar aqui sozinha à noite? – pergunta-me Christina.

– Não estarei sozinha, mas com o Quatro. – Mordo o lábio.

Christina e Will entreolham-se. Nenhum deles me está realmente a dar atenção.

– Está bem – diz Christina, secamente. – Então até depois.

Christina e Will afastam-se em direção ao dormitório, com Christina a despenteá-lo e Will a dar-lhe pequenos murros nas costelas. Observo-os, por instantes. Sinto que estou a assistir ao começo de qualquer coisa, mas não estou certa do que poderá ser.

Corro depois até ao trilho situado no lado direito do Fosso e começo a subir. Tento que os meus passos sejam o mais silenciosos possível. Ao contrário de Christina, não acho que mentir seja difícil. Não tenciono falar com Quatro... pelo menos até descobrir onde é que ele vai durante a noite no edifício de vidro por cima de nós.

Corro em silêncio, já sem fôlego ao chegar às escadas, e fico parada num dos cantos da sala de vidro enquanto Quatro está parado no lado oposto. Vejo as luzes da cidade pela janela, ainda a brilharem, mas com menos intensidade. À meia-noite têm de estar desligadas.

No outro lado da sala, Quatro para diante da porta da paisagem dos medos. Tem uma caixa preta numa mão e uma seringa na outra. Sem olhar para mim, diz-me:

– Já que aqui estás, podes entrar comigo.

Mordo o lábio. E pergunto:

– Na tua paisagem dos medos?

– Sim.

Aproximo-me dele, inquirindo-o:

– E eu posso fazê-lo?

– O soro liga-nos ao programa – explica –, mas o programa

determina de quem é a paisagem que encontramos. E neste momento está pré-determinado que é na minha que devemos entrar.

– E vais deixar que eu a veja?

– Se não fosse isso de que me serviria lá entrar? – pergunta Quatro em voz baixa, sem levantar os olhos. – Quero mostrar-te algumas coisas.

Quatro empunha a seringa e eu inclino a cabeça para expor melhor o meu pescoço. Sinto uma dor aguda quando a agulha me penetra, mas já me habituei. Quando termina, estende-me a caixa preta, onde se encontra outra seringa.

– Nunca fiz isto – digo-lhe, tirando-a da caixa. Não quero magoá-lo.

– Aqui – diz Quatro, tocando num ponto do pescoço com a unha. Ponho-me em bicos dos pés e espeto a seringa, empurrando depois o êmbolo e sentindo a mão a tremer um pouco. Quatro nem sequer pestaneja, mantendo os olhos cravados em mim.

Quando termino, coloca as duas seringas na caixa e pousa-a junto da porta. Ele sabia que eu iria segui-lo até aqui. Sabia ou esperava. E qualquer das perspetivas me satisfaz.

Quatro oferece-me a mão dele e eu dou-lhe a minha. Tem os dedos frios e parecem-me frágeis. Sinto que devia dizer qualquer coisa, mas estou demasiado surpreendida para pensar no que hei de dizer. Quatro abre a porta com a outra mão e eu sigo-o através do escuro. Já estou habituada a entrar sem hesitar em locais que não conheço. Faço por respirar equilibradamente e agarro-me com firmeza à mão dele.

– Vê se percebes porque me chamam «Quatro» – diz-me.

A porta fecha-se atrás de nós com um estalido, extinguindo o que restava da claridade. O ar é mais frio no corredor e eu sinto cada partícula a penetrar-me nos pulmões. Aproximo-me ainda mais de Quatro, o meu braço cola-se ao dele e o meu queixo fica também encostado ao ombro dele.

– Qual é o teu verdadeiro nome? – pergunto.

– Vê se também consegues descobrir isso.

A simulação apodera-se de nós. O solo que piso já não é feito de cimento. Range como se fosse feito de metal. Estamos rodeados de luz e muito acima da cidade que se abre à nossa frente, com os seus edifícios de vidro e o arco das linhas de comboio. Já há muito tempo que não vejo o céu azul e quando o avisto por cima de mim sinto-me quase incapaz de respirar e até entontecida.

Levanta-se vento. Sopra com tanta força que tenho de encostar-me a Quatro para me manter em pé. Quatro solta-me a mão e rodeia-me os

ombros com o braço. De início ainda penso que a ideia dele é proteger-me, mas não é o que se passa – o problema é que ele está com dificuldade em respirar e precisa de mim para se acalmar. Está a respirar com esforço pela boca aberta e através de dentes cerrados.

Para mim, a altitude torna tudo mais bonito, mas, para ele, é um dos piores pesadelos que pode ter.

– Temos de saltar, certo? – grito-lhe, sobrepondo a minha voz ao vento.

Quatro responde-me afirmativamente com um aceno de cabeça.

– Vou contar até três, sim?

Outro aceno de cabeça.

– Um... dois... *três!* – Agarro-o e puxo por ele quando começo a correr. Depois de darmos o primeiro passo o resto é fácil. Saltamos ambos ao mesmo tempo da beira do edifício. E caímos como se fôssemos pedras, a grande velocidade, com o ar a empurrar-nos para cima e o solo a ficar cada vez mais perto. Mas depois a paisagem desaparece e eu dou por mim de mãos e joelhos no solo, a sorrir. Gostei muito do impulso que senti no dia em que escolhi os Intrépidos e continuo a gostar.

Ouço Quatro a meu lado, ofegante, e vejo-o levar uma mão ao peito.

– O que se segue? – pergunto-lhe, levantando-me e ajudando-o a pôr-se em pé.

– É...

Sinto um choque nas minhas costas, onde me atinge qualquer coisa muito sólida. Embato em Quatro e a minha cabeça bate-lhe na clavícula. Aparecem-me paredes à esquerda e à direita. O espaço é tão apertado que Quatro tem de colar os braços ao peito para conseguir adaptar-se ao espaço reduzido. O teto cai sobre as paredes por cima de nós com um ruído seco e Quatro curva-se, com um gemido. O espaço que temos mal dá para o acolher.

– Enclausuramento – murmuro.

Quatro faz um ruído gutural. Inclino a cabeça para o lado e tento recuar, para o ver melhor. Mal lhe consigo ver o rosto porque está muito escuro. O ar está a ficar rarefeito e já partilhamos os nossos hálitos. Quatro faz uma careta, como se estivesse afetado por alguma dor.

– Olha... – digo-lhe. – Está tudo bem. Anda cá...

Guio-lhe os braços à volta do meu corpo para ele ter mais espaço. Agarra-se às minhas costas e encosta o rosto ao meu, ainda curvado. O corpo dele está quente, mas só lhe sinto os ossos e os músculos que os

rodeiam. São obstáculos que não cedem ao meu toque. Sobe-me o calor à cara. Será que ele se apercebe de que tenho uma silhueta de criança?

– Esta é a primeira vez em que me sinto feliz por ser tão pequena – afirmo, a rir-me. Se conseguir dizer uma coisa com graça poderei acalmá-lo. E distrair-me desta situação.

– Hmmm – murmura Quatro. A voz está tensa.

– Não conseguimos escapar-nos daqui – digo. – E é mais fácil enfrentar o medo de caras, não é? – Nem espero por uma resposta. – O que precisas de fazer, portanto, é tornar o espaço mais pequeno. Tornar isto pior para que depois melhore, não é?

– É. – Uma palavra pequena, dita num tom tenso e contido.

– Muito bem. Vamos ter de agachar-nos. Estás pronto?

Agarro-o pela cintura para o puxar para baixo quando me agachar. Sinto a superfície firme da caixa torácica dele na minha mão e depois o ranger de uma tábua contra outra quando o teto começa a descer, acompanhando os nossos movimentos. Percebo que não vamos caber neste espaço enquanto ainda existir algum espaço livre entre nós e por isso volto-me, enrolando-me como uma bola, com a coluna contra o peito dele. Um dos joelhos de Quatro fica junto à minha cabeça e o outro está curvado debaixo de mim, o que faz com que fique sentada sobre um dos tornozelos dele. Transformámo-nos os dois num novelo de pernas e de braços. Sinto-lhe a respiração acelerada mesmo junto ao meu ouvido.

– Ah – diz Quatro com um tom de aspereza na voz. – Isto é pior. Isto é definitivamente muito...

– Chiu – digo-lhe. – Põe os teus braços à minha volta.

Quatro rodeia-me a cintura com os braços, obedientemente. Sorrio para a parede. Não estou a gostar disto. Não estou, não. Nem um bocadinho. Nada, mesmo.

– A simulação mede a nossa reação ao medo – começo, de mansinho. Estou só a repetir o que nos disse, mas lembrar-lhe isso pode ajudá-lo. – Por isso, se puderes fazer com que os teus batimentos se acalmem, poderemos passar à fase seguinte. Lembras-te? Tenta esquecer-te de que aqui estamos, portanto.

– Ah é? – Sinto os lábios dele a mexerem-se na minha orelha e o calor a invadir-me. – É assim tão fácil?

– Não sei se sabes, mas a maioria dos rapazes gostaria muito de estar assim preso num espaço tão apertado com uma rapariga – comento, revirando os olhos.

– Mas não quem sofre de claustrofobia, Tris! – contrapõe Quatro, com uma voz desesperada.

– Está bem, está bem. – Pouso a minha mão na dele e guio-a até ao meu peito, mesmo sobre o meu coração. – Sente os meus batimentos. Consegues senti-los?

– Sim.

– Reparas como são tão regulares?

– Mas são rápidos.

– Sim, pois, mas isso não tem nada a ver com a caixa. – Estremeço assim que ouço o que disse. Acabei de confessar uma coisa. Espero que ele não repare. – Cada vez que me sentires respirar, respira também. Concentra-te nisso.

– Está bem.

Respiro fundo e o peito dele dilata-se e contrai-se ao mesmo tempo que o meu. Depois de alguns segundos, digo-lhe, calmamente:

– E se me contasses de onde vem esse medo? Talvez nos ajude... se tu falares no assunto.

Não sei porque será, mas parece-me adequado dizê-lo.

– Hmm... Está bem. – A respiração de Quatro volta a harmonizar-se com a minha. – Isto tem a ver com a minha infância maravilhosa. Com castigos que sofri nessa altura. Com o pequeno armário do andar de cima.

Comprimo os lábios. Lembro-me de ser castigada – era enviada para o meu quarto sem jantar, privada disto ou daquilo, objeto de reprimendas firmes. Mas nunca fui fechada num armário. A crueldade magoa-me e sinto um aperto no coração por ele. Não sei o que hei de dizer e por isso tento manter uma atitude de descontracção.

– A minha mãe guardava os nossos casacos de inverno no armário.

– Eu não... – Quatro cala-se, como se estivesse com falta de ar. – Não quero falar mais nisso, na realidade.

– Está bem. Mas então... falo eu. Pergunta-me o que quiseres.

– Pronto. – Quatro dá uma pequena gargalhada que me parece trémula. – Porque é que o teu coração está a bater tanto, Tris?

Encolho-me e respondo:

– Bem, eu... – Ponho-me à procura de uma desculpa que não tenha nada a ver com ter os braços dele à minha volta. – Mal te conheço. – *Não foi uma grande ideia.* – Mal te conheço e já estou metida numa caixa apertada contigo, Quatro. O que é que achas disto?

– Se estivéssemos na tua paisagem dos medos, eu também estaria contigo? – pergunta.

– Não tenho medo de ti.

– Claro que não. Mas não é isso que eu estou a dizer.

Quatro ri-se outra vez e, ao ouvi-lo, vejo que as paredes se afastam com um estalido, desaparecendo e deixando-nos no meio de um círculo de luz. Quatro suspira e afasta os braços do meu corpo. Ponho-me em pé rapidamente e sacudo-me, apesar de perceber que não me sujei muito. Limpo as palmas das mãos às calças de ganga. Sinto um frio nas costas que só pode ser causado pela ausência do corpo dele.

Quatro fica parado diante de mim. Está a sorrir e não estou a gostar da expressão que lhe vejo nos olhos.

– Talvez estivesses melhor nos Cãdidos – diz – porque mentes muito mal.

– Parece-me que a minha prova de aptidão excluiu essa possibilidade muito claramente.

– As provas de aptidão não servem para nada – replica Quatro, abanando a cabeça.

Semicerro os olhos.

– O que é que estás a tentar dizer-me? Não foi a tua prova que te fez vir para os Intrépidos?

Sinto a excitação a invadir-me com a força do sangue que circula nas minhas veias, desencadeada pela esperança de que ele possa confirmar que é Divergente, que é como eu e que podemos descobrir em conjunto o que isso significa.

– Não exatamente, não... – responde Quatro. – Eu...

Olha por cima do ombro e cala-se. À distância de alguns metros está uma mulher, que nos aponta uma pistola. Está completamente imóvel e a sua fisionomia nada tem de especial. Se nos fôssemos embora neste momento nunca mais me lembraria dela. À minha direita aparece uma mesa. Onde estão uma pistola e uma única bala. Por que motivo é que ela não dispara sobre nós?

Oh, penso. O medo não está relacionado com a ameaça à vida dele. Tem a ver com a arma que está em cima da mesa.

– Tens de a matar – digo-lhe, com suavidade.

– Sempre.

– Ela não é real.

– Mas parece real. – Quatro morde o lábio. – E eu sinto-a como sendo real.

– Se ela fosse real já te tinha matado.

– Está tudo bem. – Quatro acena afirmativamente com a cabeça. – Eu vou... fazê-lo. Esta simulação já não é tão má. Já não me causa

tanto pânico.

O pânico será menor, mas o horror parece maior. Vejo-o nos olhos dele enquanto pega na arma e abre a câmara como se já o tivesse feito milhares de vezes – e se calhar fê-lo. Mete a bala na câmara e pega na pistola com as duas mãos, de braços esticados. Fecha um olho e inspira lentamente.

Depois dispara, ao expelir o ar, e a cabeça da mulher é empurrada para trás. Vejo um clarão vermelho e desvio o olhar. E ouço-a cair no chão.

Quatro larga a arma, que tomba ruidosamente. Olhamos para o corpo caído. O que ele disse é verdade: isto parece mesmo real. *Não sejas ridícula.* Agarro-o pelo braço.

– Vamos – digo. – Vamos embora. Continua a andar.

Só depois de puxar por ele com mais força é que o arranco à sua estupefação e o convenço a seguir-me. Quando passamos pela mesa, o cadáver da mulher desaparece e dela só fica a recordação na minha memória e na dele. Como é que será matar alguém de cada vez que se entra na nossa paisagem dos medos? Hei de vir a saber, possivelmente.

Mas há uma coisa que me intriga. Estas situações com que nos deparamos terão de ser os piores medos de Quatro. E apesar de ele ter ficado em pânico na caixa em que estivemos metidos e também no telhado, matou a mulher sem grande dificuldade. Parece que a simulação se agarra aos medos que consegue encontrar nele e que foram poucos os que encontrou.

– Aqui vamos nós – murmura Quatro.

À nossa frente move-se uma silhueta escura, que se fica pelo limite do círculo de luz e que parece estar à espera de mais um passo nosso. Quem é? Quem é que frequenta os pesadelos de Quatro?

O homem que emerge da escuridão é alto e magro, de cabelo cortado curto. Tem as mãos atrás das costas. E veste a roupa cinzenta dos Abnegados.

– Marcus – murmuro.

– É nesta altura – diz Quatro com a voz a tremer – que descobres como me chamo.

– Ele... – Desvio o olhar de Marcus, que caminha lentamente na nossa direção, para Quatro, que recua vagarosamente, e tudo se esclarece. Marcus tem um filho que se juntou aos Intrépidos. E o nome dele é... – Tobias!

Marcus mostra-nos as mãos. Num dos punhos tem um cinto.

Desenrola-o lentamente.

– É só para teu bem – diz. A voz dele ecoa uma dezena de vezes.

Uma dezena de Marcus rodeia o círculo de luz, agora mais pequeno, todos eles empunhando o mesmo cinto com a mesma expressão vazia. E quando os vários Marcus pestanejam outra vez, vejo-lhes buracos negros e vazios em vez dos olhos. Os cintos rastejam pelo solo, que é agora feito de azulejos brancos. Sinto um arrepio pelas costas abaixo. Os Eruditos acusaram Marcus de crueldade. E nisso tinham razão.

Olho para Quatro – Tobias – e vejo-o paralisado. Os ombros descaíram-lhe. Parece ter envelhecido vários anos; mas, ao mesmo tempo, também parece mais novo. O primeiro Marcus retrai o braço e o cinto passa-lhe por cima do ombro enquanto ele se prepara para desferir a chicotada. Tobias encolhe-se, levantando os braços para proteger o rosto.

Apresso-me a pôr-me à frente dele e o cinto embate no meu pulso e enrola-se à volta do antebraço. A dor dilacera-me o braço e alastra ao cotovelo. Ranjo os dentes e puxo com toda a minha força. Marcus não consegue segurar o cinto e eu, apoderando-me dele, desenrolo-o e empunho-o pela fivela.

Faço girar o braço o mais rapidamente que consigo, a sentir a articulação do ombro a arder devido ao movimento, e o cinto atinge o ombro de Marcus. Ele dá um grito e atira-se a mim com os braços esticados, os dedos das mãos transformados em garras. Tobias puxa por mim e põe-me atrás dele e é quem faz frente a Marcus. Já não parece estar com medo, mas sim encolerizado.

E com isso os Marcus desaparecem. As luzes acendem-se, relevando uma sala comprida e estreita com paredes de tijolo e chão de cimento.

– É isto? – pergunto. – Eram estes os teus piores medos? Só tens quatro... – Calo-me. Só tem quatro medos. – Oh. – Olho para ele por cima do ombro. – É por isso que te chamam...

Fico sem fala quando lhe vejo a expressão do rosto. Os olhos estão muito abertos e parecem vulneráveis sob as luzes da sala. Os lábios estão entreabertos. Se não estivéssemos onde estamos, descreveria a expressão dele como sendo de espanto. Mas não compreendo por que motivo há de estar a olhar para mim assim.

Pega-me no cotovelo, com o polegar assente na pele macia do meu antebraço, e puxa-me para ele. Ainda sinto picadas no pulso, como se o cinto fosse real, mas a pele está tão branca aí como no resto do corpo. Os lábios dele percorrem lentamente a minha face e depois os braços envolvem-me os ombros e ele enterra o rosto no meu pescoço,

respirando na minha clavícula.

Fico imóvel durante alguns segundos e depois ponho os meus braços à volta dele e suspiro.

– Pronto – digo-lhe, suavemente. – Conseguimos.

Ele levanta a cabeça e passa-me os dedos pelo cabelo, ajeitando-o por detrás da orelha. Olhamo-nos em silêncio enquanto ele revolve um dos meus caracóis com uma expressão absorta.

– Foste tu que me fizeste conseguir – diz, finalmente.

– Bem... – Sinto a garganta seca. Tento ignorar a descarga elétrica que me percorre o corpo cada vez que ele me toca. – É fácil uma pessoa ser corajosa quando não se trata dos seus medos.

Deixo cair as mãos e limpo-as às calças, disfarçadamente, esperando que ele não dê por isso.

Mas se dá não o diz. Entrelaça os dedos nos meus.

– Vem – diz. – Tenho outra coisa para te mostrar.

Capítulo Vinte e Seis

É de mãos dadas que regressamos ao Fosso. Comigo a monitorizar cautelosamente a pressão da minha mão. Num momento sinto que não estou a apertar com força suficiente e logo a seguir que estou a apertar de mais. Nunca percebi por que motivo as pessoas se preocupam em dar as mãos quando caminham, mas quando ele me passa um dedo pela palma da mão eu estremeço e compreendo de imediato.

– Portanto... – Agarro-me ao mais recente pensamento lógico de que me lembro. – Quatro medos.

– Quatro medos nessa altura, quatro medos agora – diz ele, acenando afirmativamente com a cabeça. – Não mudaram e por isso continuo a ir lá mas... Ainda não fiz progressos.

– Mas não podes deixar de ter medo de certas coisas, como sabes – contraponho. – Porque ainda te preocupas com as coisas. Com a tua vida.

– Eu sei.

Caminhamos por uma zona lateral do Fosso, por um trilho estreito que conduz às pedras existentes no fundo do abismo. Nunca tinha dado por ele até agora, por ficar dissimulado na parede rochosa. Mas Tobias parece conhecê-lo bem.

Não me apetece estragar o momento, mas tenho de saber como foi a prova de aptidão dele. E preciso de saber se ele é Divergente.

– Ias contar-me o resultado da tua prova de aptidão – recordo-lhe.

– Ah. – Tobias coça a nuca com a mão livre. – Isso é importante?

– Sim. Quero saber.

– És muito exigente – comenta, com um sorriso.

Chegamos ao fim do trilho e ficamos parados no fundo do abismo, onde as pedras formam uma superfície instável e se erguem em

ângulos abruptos na água que corre com muita força. Tobias guia-me por um caminho feito de pequenas aberturas e de cristas angulares. Os meus sapatos colam-se ao solo rochoso. E deixam em cada pedra uma pegada molhada.

Tobias indica uma rocha relativamente plana, num dos pontos onde a corrente não é tão forte, e senta-se com os pés pendurados sobre o vazio. Parece sentir-se confortável aqui, a centímetros do perigoso rio.

Solta depois a minha mão e eu fico a olhar para a borda escarpada da rocha.

– Há coisas de que não falo – diz-me. – Nem aos meus amigos.

Entrelaço os dedos com força. Estamos no local perfeito para ele me contar que é Divergente, se na realidade o é. O rugido das águas no abismo garante que ninguém nos ouvirá. Mas não sei por que motivo esta ideia me põe tão nervosa.

– O meu resultado foi o esperado – diz Tobias. – Os Abnegados.

– Oh. – Há qualquer coisa em mim que se esvazia. Enganei-me a respeito dele.

Mas... eu tinha partido do princípio de que se não era Divergente devia ter tido um resultado que lhe indicaria os Intrépidos. Tecnicamente, eu também tive os Abnegados como resultado. De acordo com o sistema, claro. Ter-lhe-á acontecido o mesmo? E se foi o caso, por que motivo é que ele não me diz a verdade?

– Mas acabaste por escolher os Intrépidos – contraponho.

– Por necessidade.

– E tinhas de deixar os Abnegados porquê?

Os olhos dele desviam-se dos meus e procuram o espaço à nossa frente como se Tobias aí quisesse encontrar uma resposta. Mas o certo é que ele não precisa de me responder. Ainda sinto no meu pulso a impressão deixada pelo cinto do pai dele, como se fosse um fantasma com a capacidade de provocar dor física.

– Tinhas de te afastar do teu pai – digo-lhe. – Foi por isso que não quiseste ser um dos chefes dos Intrépidos? Porque se fosses poderias ter de encontrá-lo outra vez?

Tobias levanta um ombro.

– Isso e o facto de sentir que não é bem aos Intrépidos que pertença. Pelo menos da maneira como agora são, de qualquer modo.

– Mas tu és... incrível – contraponho. Faço uma pausa e pigarreio. – Quer dizer, pelos padrões dos Intrépidos. Quatro medos é uma coisa de que nunca se ouviu falar. Como é que o teu lugar pode não ser aqui?

Tobias encolhe os ombros. Não parece dar grande atenção ao talento que tem ou ao estatuto de que beneficia entre os Intrépidos e eu vejo isso como natural num Abnegado. Mas não sei que conclusão devo tirar.

– Tenho a teoria de que o altruísmo e a coragem não são muito diferentes – diz-me Tobias. – Durante toda a nossa vida somos treinados para nos esquecermos de nós próprios e por isso, quando corremos perigo, essa tendência torna-se o nosso primeiro instinto. Portanto, também podia pertencer facilmente aos Abnegados.

Sinto-me triste de repente. Uma vida inteira de formação não foi suficiente para mim. O meu primeiro instinto continua a ser a autopreservação.

– Pois... – digo-lhe. – Eu deixei os Abnegados porque não era suficientemente altruísta, por mais que o tentasse.

– Isso não é inteiramente verdade – diz-me ele com um sorriso. – A rapariga que deixou alguém alvejá-la com punhais para poupar um amigo e que chicoteou o meu pai com um cinto para me proteger... essa rapariga altruísta não és tu?

Ele já sabe mais sobre mim do que eu. E apesar de me parecer impossível que sinta alguma coisa por mim, atendendo a tudo o que não sou... talvez não seja bem assim. Franzo o sobrolho e pergunto-lhe:

– Tens andado muito atento, não tens?

– Gosto de observar as pessoas.

– Talvez estivesse melhor com os Cândidos, Quatro, porque mentes muito mal.

Tobias pousa a mão na rocha perto dele, alinhando os dedos com os meus. Olho para as nossas mãos. Ele tem dedos compridos e finos. Mãos feitas para movimentos de precisão. Não são mãos de um Intrépido, que deve ter dedos grossos e rijos, capazes de partir coisas.

– Está bem – diz Tobias, aproximando o rosto do meu, os olhos a procurarem o meu queixo, os meus lábios e o meu nariz. – Observei-te porque gosto de ti. – É uma afirmação direta, ousada, com o olhar a prender-se ao meu. – E não me chames «Quatro», pode ser? É bom ouvir o meu nome outra vez.

E é assim que finalmente ele se declara e eu não sei o que hei de dizer. De faces coradas, a única coisa que consigo dizer é:

– Mas tu és mais velho do que eu... Tobias.

Ele sorri-me e responde-me:

– Pois, essa surpreendente diferença de dois anos é realmente...

inultrapassável. Não é?

– Não estou a tentar depreciar-me – respondo. – Só que... não compreendo. Sou mais nova do que tu. Não sou bonita. E...

Tobias ri-se, com uma gargalhada que parece vir do mais fundo dele, e encosta os lábios à minha testa.

– Não finjas – digo-lhe, num sopro. – Sabes que não sou. Não sou feia, mas também não sou nada bonita.

– Está bem. Não és bonita. E então? – Tobias beija-me a face. – Eu gosto da tua aparência. És muito inteligente. És corajosa. E apesar de teres ficado a saber da existência de Marcus... – a voz dele suaviza-se.

– Não estás a olhar para mim como se eu fosse um cãozinho maltratado ou algo parecido.

– Bem... E não és.

Os olhos escuros dele pousam nos meus por instantes e Tobias fica em silêncio. Depois toca-me no rosto e aproxima-se mais, roçando os lábios dele nos meus. O rio ruge e eu sinto a espuma nos tornozelos. Tobias sorri e encosta a boca dele à minha.

Fico muito tensa de início, sem saber o que fazer, e quando ele se afasta penso que fiz qualquer coisa de errado ou ao contrário do que devia. Mas ele rodeia-me o rosto com as mãos, os dedos bem colados à minha pele, e beija-me novamente, com mais firmeza e maior certeza. Passo-lhe um braço à volta do pescoço, deixando a mão subir-lhe para a nuca e revolvendo-lhe o cabelo curto.

Beijamo-nos durante alguns minutos, no fundo do abismo, com o rugido da água a envolver-nos. E quando nos levantamos, de mãos dadas, compreendo que, se ambos tivéssemos feito escolhas diferentes, poderíamos ter acabado a fazer a mesma coisa, só que num local mais seguro e vestidos com roupa cinzenta em vez de preta.

Capítulo Vinte e Sete

Na manhã seguinte sinto-me tonta e aérea. De cada vez que tiro o sorriso do meu rosto ele esforça-se por reaparecer. E eu acabo por desistir de tentar eliminá-lo. Solto o cabelo e ponho de lado o meu uniforme de camisas folgadas por uma camisola que me deixa os ombros livres e que revela as minhas tatuagens.

– O que se passa contigo hoje? – pergunta Christina enquanto nos dirigimos para o pequeno-almoço. Ainda tem os olhos inchados de sono e o cabelo emaranhado forma-lhe um halo nebuloso em torno do rosto.

– Oh, sabes como é – respondo. – O sol a brilhar. Os passarinhos a chilrear.

Christina olha para mim com uma sobrancelha erguida, como se quisesse lembrar-me de que nos encontramos num túnel no subsolo.

– Deixa-a estar bem disposta – intervém Will. – Não sabes se voltas a vê-la assim.

Dou um murro amigável no braço de Will e corro para o refeitório. Sinto o coração aos pulos porque sei que vou ver Tobias dentro da próxima meia hora. Sento-me no meu lugar habitual, ao lado de Uriah, com Will e Christina à nossa frente. O lugar à minha esquerda fica vazio. Pergunto-me se Tobias se sentará aqui; se me sorrirá durante o pequeno-almoço; se olhará para mim da maneira secreta e fugidia que eu me imagino a olhar para ele.

Tiro uma fatia de pão torrado do prato que está no meio da mesa e começo a pôr-lhe manteiga com algum excesso de entusiasmo. Sinto-me uma lunática, mas não consigo parar. Seria como recusar-me a respirar.

É essa altura que ele entra. Tem o cabelo mais curto, o que o torna

mais escuro, quase preto. Lembro-me de que é o corte curto dos Abnegados. Sorrio-lhe e levanto a mão para o convidar a juntar-se a nós, mas ele senta-se junto de Zeke sem sequer olhar para onde estou e eu deixo cair a mão.

Fico a olhar para a torrada. Agora já me é fácil não sorrir.

– Algum problema? – pergunta Uriah, a boca cheia de fragmentos de torradas.

Abano a cabeça e dou também uma dentada na minha fatia de pão. O que é que eu esperava? O facto de nos termos beijado não fez com que as coisas mudassem. E talvez ele tenha mudado de ideias relativamente a gostar de mim. Talvez pense que beijar-me foi uma má ideia.

– Hoje é o dia da paisagem dos medos – diz Will. – Acham que teremos oportunidade de vermos as nossas próprias paisagens?

– Não – responde Uriah, abanando a cabeça. – Vamos atravessar as paisagens de um dos instrutores. Foi o que me disse o meu irmão.

– Ooh... e que instrutor? – pergunta Christina, subitamente alerta.

– Sabes que não é justo que vocês tenham informação privilegiada e nós não – declara Will, deitando um olhar de censura a Uriah.

– Como se tu não usasses uma vantagem, se a tivesses – riposta Uriah.

Christina ignora-os e diz:

– Espero que seja a paisagem do Quatro.

– Porquê? – pergunto. A minha interrogação sai num tom demasiado incrédulo. Mordo o lábio e fico a pensar que bem gostaria de voltar atrás.

– Parece que alguém teve uma mudança de disposição – comenta Christina, revirando os olhos. – Como se não quisesses saber quais são os medos dele. Mas o Quatro parece tão duro que provavelmente tem medo de gomas ou do nascer do sol ou de alguma coisa assim. Só para compensar.

Abano a cabeça.

– Não vai ser ele – declaro.

– E como é que sabes?

– É só um pressentimento.

Lembro-me do pai de Tobias na sua paisagem dos medos. Ele não deixará que as pessoas vejam esse quadro. Olho de relance para ele. Por um segundo, os olhos dele encontram os meus. E revelam uma expressão inflexível. Antes de se desviarem.

Lauren, a instrutora dos iniciados-Intrépidos, detém-se à porta da sala da paisagem dos medos com as mãos na cintura.

– Há dois anos – começa – eu tinha medo de aranhas, de sufocar, de paredes que se contraem lentamente e nos encurralam, de ser expulsa dos Intrépidos, de hemorragias incontroláveis, de ser apanhada por um comboio, da morte do meu pai, de ser publicamente humilhada e de ser raptada por homens sem cara.

Todos olham para ela sem expressão.

– A maior parte de vocês terá dez a quinze medos na vossa paisagem dos medos. É o número médio – explica.

– Qual é o número mais baixo que encontraram? – pergunta Lynn.

– Nos anos mais recentes – responde Lynn –, quatro.

Não olhei uma única vez para Tobias desde que saímos do refeitório, mas não consigo deixar de o fazer agora. Ele mantém o olhar cravado no chão. Eu sei que quatro é um número suficientemente baixo para dar origem a uma alcunha, mas não imaginava que fosse menos de metade da média.

Olho para os meus pés. Ele é realmente excecional. E agora nem sequer olha para mim.

– Não é hoje que vão conhecer o vosso número – prossegue Lauren.

– A simulação está sintonizada com o meu programa da paisagem dos medos e, por isso, vocês vão viver os meus medos em vez dos vossos.

Deito um olhar penetrante a Christina: eu tinha razão, não vamos entrar na paisagem de Quatro.

– Para o propósito deste exercício, no entanto, cada um de vocês só enfrentará um dos meus medos para perceber como funciona a simulação.

Lauren seleciona-nos aleatoriamente e atribui um medo a cada um de nós. Como eu estava no fim da fila, fico para última. E o medo que me é atribuído é o de ser raptada.

Como não estou ligada ao computador enquanto espero, não posso observar as simulações, mas apenas as reações dos outros iniciados. É a melhor maneira de desviar a atenção da preocupação que sinto relativamente a Tobias: fechando os punhos com força enquanto Will sacode da roupa aranhas que eu não consigo ver e Uriah faz força com as mãos contra paredes que me são invisíveis, e sorrindo de troça ao ver Peter corar violentamente sempre que experimenta a «humilhação em público». E chega depois a minha vez.

O obstáculo vai ser desconfortável, mas, tendo sido capaz de manipular cada simulação e não apenas esta, e por já ter passado pela paisagem de Tobias, não me sinto tão apreensiva quando Lauren insere a agulha no meu pescoço.

O cenário muda de repente e o rapto já está em curso. O chão transforma-se em relva debaixo dos meus pés e sinto mãos que me agarram os braços e se colam à minha boca. E está demasiado escuro para conseguir ver alguma coisa.

Sinto que estou junto ao abismo. Ouço o rugido da água. Grito para a mão que me cobre a boca e debato-me para me libertar, mas os braços são demasiado fortes – os meus raptos são demasiado fortes. Vejo-me, por instantes, a tombar na escuridão e é a mesma imagem com que agora vivo nos meus pesadelos. Volto a gritar. Grito até a garganta me doer e sentir as lágrimas quentes que me saltam dos olhos que fechei com muita força.

Eu sabia que eles regressariam para me agarrarem. A primeira vez não foi suficiente. Volto a gritar – e não é a pedir socorro porque ninguém me ajudará, mas porque é o que fazemos quando estamos prestes a morrer e não o podemos evitar.

– Alto – diz uma voz severa.

A mão desaparece e as luzes acendem-se. Estou no chão de cimento da sala das paisagens dos medos. O corpo treme-me e eu caio de joelhos, escondendo o rosto nas mãos. Falhei. Perdi toda a lógica. Toda a capacidade de raciocinar. O medo de Lauren transformou-se num dos meus medos.

Toda a gente viu o que aconteceu. Tobias viu o que aconteceu.

Ouçó passos. Tobias aproxima-se e puxa por mim para eu me pôr de pé.

– Que raio foi isso, Empata?

– Eu... – Respiro aos soluços. – Eu não...

– Compõe-te! Que coisa tão triste!

Qualquer coisa se parte dentro de mim. As lágrimas secam-se-me. Sinto o calor que flui pelo meu corpo, expulsando a fraqueza que me dominava, e bato-lhe com tanta força que os nós dos meus dedos ficam a doer com o impacto. Ele olha para mim, com uma das faces vermelhíssima, e eu sustenho-lhe o olhar.

– Cala-te! – digo-lhe, arrancando o braço às mãos dele e saindo da sala.

Capítulo Vinte e Oito

Ajeito o blusão aos ombros. Há muito tempo que não saio à rua. O sol ilumina-me o rosto sem me aquecer e a minha respiração forma nuvens no ar.

Já consegui uma coisa: convenci Peter e os seus amigos de que já não sou uma ameaça. Só tenho de ter a certeza de que amanhã, quando percorrer a minha própria paisagem dos medos, conseguirei demonstrar que eles estão enganados. O falhanço, ontem, parecia ser impossível. Mas hoje a minha certeza diminuiu.

Passo as mãos pelo cabelo. Perdi a vontade que tinha de chorar. Apanho o cabelo e ato-o com o elástico que tenho no pulso. Assim sinto-me mais eu. É tudo aquilo de que necessito: lembrar-me de quem sou. Uma pessoa que não deixa as coisas triviais, como os rapazes e as experiências de quase-morte, travarem o seu progresso.

Dou uma gargalhada e abano a cabeça. Mas serei mesmo essa pessoa?

Ouç o apito do comboio. A linha circunda o quartel-general dos Intrépidos e perde-se na distância. Onde é que começa? E onde é que acaba? Como é o mundo para lá dela? Aproximo-me.

Quero ir para casa, mas não posso. Eric avisou-nos para não nos mostrarmos muito ligados aos nossos pais no Dia das Visitas e ir a casa seria visto como uma traição aos Intrépidos; não posso fazê-lo. Eric não nos disse que não podíamos visitar pessoas de outras fações, no entanto, e a minha mãe pediu-me que fosse visitar Caleb.

Sei que não estou autorizada a ausentar-me sozinha, mas não consigo evitá-lo. Começo a andar cada vez mais depressa até começar a correr. Mexendo os braços ao ritmo da corrida, acompanho o último vagão até conseguir esticar o braço e agarrar-me à pega e içar-me

depois para o interior, piscando os olhos ao sentir os dardos de cor que me perfuram o corpo dorido.

Já no vagão deito-me junto à porta e observo o quartel-general dos Intrépidos enquanto desaparece na distância. Não quero regressar, mas optar por desistir e por passar a ser uma sem-faço seria a coisa mais corajosa que eu poderia fazer, e hoje sinto-me uma cobarde completa.

O vento rodeia-me e agarra-se-me aos dedos. Ponho a mão de fora e deixo-a receber o impacto do ar em movimento. Não posso ir para casa, mas posso reencontrar uma parte da minha vida passada. Caleb está presente em cada uma das recordações da minha infância e faz parte de quem eu sou.

O comboio abranda ao chegar ao centro da cidade e eu sento-me, vendo os edifícios ficarem cada vez maiores. Os Eruditos vivem em grandes edifícios de pedra com vista para o pântano. Agarro-me à pega e debruço-me para ver até onde vai a linha. Desce até ao nível da rua e depois volta para Leste. Inalo o cheiro das ruas molhadas e do ar do pântano.

O comboio começa a descer, agora mais devagar, e já posso saltar. As pernas estremecem com o impacto e dou alguns passos rápidos para recuperar o equilíbrio. Sigo depois pelo meio da rua, para Sul, em direção ao pântano. A rua deserta estende-se à minha frente, transformada numa linha castanha que vai chocar com o horizonte.

Volto à esquerda. Os edifícios dos Eruditos já estão à minha frente, escuros e nada familiares. Como é que conseguirei encontrar Caleb?

Os Eruditos têm registos; está-lhes no sangue. Por isso, terão certamente os registos dos seus iniciados. Alguém há de ter acesso a essa lista e só preciso de encontrar quem lá possa chegar. Observo os edifícios. O edifício central deve logicamente ser o mais importante e é por ele que devo começar.

Os membros da facção andam atarefados por todo o lado. As normas dos Eruditos ditam que os seus membros devem usar sempre, pelo menos, uma peça de roupa azul, porque esta cor faz com que o corpo liberte hormonas que têm efeitos calmantes e «uma mente calma é uma mente esclarecida». A cor passou também a representar a facção. Mas agora parece-me demasiado berrante. Habituei-me a uma iluminação difusa e a roupas de cores escuras.

Pensava que ia precisar de furar pelo meio da multidão à custa de muitas cotoveladas e muitos «com licença», como sempre faço, mas não é necessário. Ao tornar-me Intrépida tornei-me notada. As pessoas

deixam-me passar e ficam a olhar para mim. Tiro o elástico do cabelo e abano a cabeça, libertando-o do nó que dei antes de entrar.

Fico imóvel no átrio e inclino a cabeça para trás. Estou num espaço enorme e silencioso que cheira a papel coberto de pó. O chão de madeira range sob os meus pés. Há estantes que cobrem as paredes de um lado e do outro, mas que parecem ter um efeito sobretudo decorativo porque há computadores nas mesas situadas no centro da sala e toda a gente está concentrada nos pequenos ecrãs, com olhos tensos e muito fixos.

Devia ter imaginado que o edifício principal dos Eruditos seria uma biblioteca. Um quadro na parede oposta chama-me a atenção. Tem duas vezes a minha altura e quatro vezes a minha largura e mostra uma mulher atraente de olhos cinzentos-claros e óculos – é Jeanine. Sinto a garganta quente ao vê-la. Porque é ela a representante dos Eruditos e foi ela quem divulgou o relatório sobre o meu pai. Detestei-a desde que comecei a ouvir o meu pai queixar-se dela à hora do jantar, mas agora já a odeio.

Debaixo do retrato de Jeanine está uma grande placa onde se pode ler: «O conhecimento conduz à prosperidade.»

Prosperidade. A palavra, para mim, tem uma conotação negativa. Os Abnegados usam-na para descrever a autoindulgência.

Como é que Caleb pode ter optado por ser uma pessoa assim? O que eles fazem, o que eles querem... é tudo errado. Mas acredito que ele também pense o mesmo a respeito dos Intrépidos.

Dirijo-me à secretária que está junto do retrato. O jovem que aí se encontra nem levanta a cabeça quando me pergunta:

– Em que posso ajudá-la?

– Estou à procura de um rapaz – respondo. – Chama-se Caleb. Sabe onde posso encontrá-lo?

– Não estou autorizado a dar informações pessoais – responde o meu interlocutor calmamente, tocando com os dedos no monitor que tem diante dele.

– É meu irmão.

– Não estou autoriz...

Bato com a palma da mão no tampo da secretária, arrancando-o ao estado de sonolência em que parece encontrar-se e obrigando-o a olhar para mim por cima dos óculos. As pessoas que estão por perto voltam-se, tentando perceber o que se passa.

– Eu disse que estava à procura de um rapaz – insisto, com severidade. – É um iniciado. Pode ao menos dizer-me onde posso

encontrar os iniciados?

– Beatrice? – pergunta uma voz atrás de mim.

Volto-me e dou com Caleb. Tem um livro na mão. O cabelo cresceu-lhe e já lhe passa por cima das orelhas. Tem uma t-shirt azul e usa óculos de lentes retangulares. Apesar de parecer diferente e de eu já não estar autorizada a gostar dele, corro para Caleb o mais rapidamente que consigo e abraço-o.

– Tens uma tatuagem – diz o meu irmão, baixando a voz.

– E tu tens óculos – contraponho, largando-o e semicerrando os olhos. – Mas a tua visão é perfeita, Caleb. O que se passa?

– Hmm... – Caleb olha para as mesas à nossas volta. – Vem comigo. Vamos sair daqui.

Sáímos do edifício e atravessamos a rua. Quase tenho de correr para acompanhar os passos dele. Do outro lado da rua, diante do quartel-general dos Eruditos, existe o que costumava ser um parque, a que agora só chamamos «Milénio» e que é uma extensão vazia com estruturas de metal enferrujado – uma é um mamute estilizado e há outra que parece uma ervilha gigante, tão grande que me faz sentir ainda mais pequena.

Paramos na superfície de cimento que rodeia a ervilha de ferro, onde os Eruditos estão sentados em pequenos grupos com jornais ou livros na mão. Caleb tira os óculos e mete-os no bolso, passando depois a mão pelo cabelo e olhando para mim com olhos inquietos. Como se estivesse envergonhado. Talvez também me devesse sentir envergonhada devido às minhas tatuagens, ao meu cabelo solto e à roupa justa que vesti. Mas não sinto.

– Que fazes aqui? – pergunta-me Caleb.

– Tive vontade de ir para casa... e lembrei-me de que tu estavas mais perto.

Caleb comprime os lábios.

– Mas não pareces muito satisfeito por me veres – acrescento.

– Olha... – diz Caleb, pousando as mãos nos meus ombros. – Fico encantado por te ver, está bem? Só que isto não é permitido. Há regras e temos de cumpri-las.

– Isso não me interessa – replico. – Não me interessa, está bem?

– Mas talvez devesse interessar-te. – A voz de Caleb é gentil. Mas o olhar expressa a sua desaprovação. – Se estivesse no teu lugar, não queria entrar em choque com a tua facção.

– Que queres dizer com isso? – interrogo, apesar de perceber a sua intenção. Para ele, a minha facção é a mais cruel das cinco facções, e

isso deve ser suficiente.

– Não quero que te aconteça mal nenhum. Não tens de ficar tão zangada comigo. – Caleb inclina a cabeça para o lado. – Que foi que te aconteceu *lá*?

– Nada. Não me aconteceu nada. – Fecho os olhos e esfrego a nuca. Mesmo que pudesse explicar-lhe tudo... não o queria fazer. Aliás, nem consigo ter forças para considerar essa hipótese.

– Tu achas... – Caleb baixa os olhos. – Achas que fizeste a escolha certa?

– Não me parece que houvesse uma escolha certa – respondo. – E tu?

Caleb olha em redor. As pessoas que passam olham para nós. Os olhos dele saltam de rosto em rosto. Ainda está nervoso, mas talvez não seja devido à aparência dele ou à minha. Talvez tenha a ver com os outros. Agarro-o pelo braço e puxo-o para debaixo do arco da ervilha metálica. Damos alguns passos no interior oco da estrutura. Vejo o meu reflexo por todo o lado, distorcido pela curvatura das paredes e interrompido por manchas de ferrugem e de sujidade.

– Que se passa? – pergunto, cruzando os braços. Ainda não tinha reparado nas olheiras escuras que ele tem. – Há algum problema?

Caleb apoia uma mão na parede metálica. A sua imagem refletida faz-lhe a cabeça mais pequena e achatada num lado e o braço parece dobrado para trás. Mas o meu reflexo torna-me mais pequena, como se me tivesse agachado.

– Está qualquer coisa a acontecer, Beatrice, e em grande escala. Há qualquer coisa de errado no ar. – Os olhos de Caleb estão muito abertos e parecem vidrados. – Não sei o que se passa, mas as pessoas andam muito atarefadas, a falarem em segredo e a Jeanine discursa quase todos os dias sobre os Abnegados, que acusa de serem corruptos.

– E tu acreditas nela?

– Não. Talvez. Eu não... – Caleb abana a cabeça. – Não sei em que hei de acreditar.

– Sabes, sim – contraponho, com firmeza. – Tu sabes quem são os nossos pais. Sabes quem são os nossos amigos. O pai da Susan... achas que ele é corrupto?

– Que sei eu? O que é que eles me deixavam saber? Nós não tínhamos autorização para fazer perguntas, Beatrice. Não tínhamos autorização para saber coisas! E aqui... – Caleb levanta a cabeça e eu vejo as nossas figuras minúsculas, pequenas como unhas, refletidas na

superfície côncava que nos cobre. Talvez esse reflexo nos mostre o que realmente somos: minúsculos. – Aqui a informação é livre está sempre à nossa disposição.

– Mas não são os Cândidos. Há gente mentirosa aqui, Caleb. Há aqui pessoas que são tão inteligentes que sabem como podem manipular-vos.

– Não achas que eu saberia se estivesse a ser manipulado?

– Se são tão inteligentes como tu pensas... não. Não penso que o percebesses.

– Não sabes do que estás a falar – remata Caleb, abanando a cabeça.

– Pois. Como é que eu poderia saber o que é uma facção corrupta? Só estou a ser treinada para me transformar numa Intrépida, graças a Deus! – contraponho. – Mas pelo menos conheço aquilo de que faço parte, Caleb. E tu estás a optar por ignorar o que nós soubemos durante toda a nossa vida: que esta gente é arrogante e ambiciosa e que não vai levar-nos a lado nenhum.

– Acho que te devias ir embora, Beatrice – diz Caleb, endurecendo o tom de voz.

– Com muito prazer – replico. – E já agora, embora isso não te deva interessar muito, a Mãe disse-me para te pedir que investigasses o soro das simulações.

– Estiveste com ela? – Caleb parece ficar sentido, de repente. – Mas porque é que ela...

– Porque os Eruditos já não deixam os Abnegados entrar no quartel-general deles – respondo. – Essa informação não está à tua disposição?

Afasto-o e ponho-me a andar, saindo da caverna de espelhos, deixando a escultura para trás e caminhando pelo passeio. Não devia ter vindo. O quartel-general dos Intrépidos parece-me agora a minha casa – aí, pelo menos, sei o que me espera, e já sei onde ponho os pés: em terreno instável.

O grupo de pessoas que está no passeio torna-se mais rarefeito e levanto a cabeça para tentar perceber o que se passa. Uns metros à minha frente estão dois homens dos Eruditos, de braços cruzados.

– Desculpe – diz-me um deles –, tem de nos acompanhar.

*

Um dos homens caminha tão perto de mim que lhe sinto a respiração em cima do pescoço. O outro segue à minha frente a caminho da biblioteca onde, depois de percorrermos três corredores,

entramos num elevador. Depois do salão da biblioteca, o piso deixa de ser de madeira e passa a ser feito de ladrilhos brancos e as paredes cintilam como o teto do gabinete da prova de aptidão. O brilho reflete-se nas portas metálicas do elevador e tenho de pestanejar várias vezes antes de conseguir ver o que me rodeia.

Tento manter-me calma. Faço a mim próprias as perguntas dos treinos dos Intrépidos a que temos de saber responder. *O que fazem se alguém vos atacar pelas costas?* Imagino-me a enfiar o cotovelo num estômago ou no baixo-ventre de alguém. Imagino-me a fugir. Desejaria ter uma arma comigo. Estes são os pensamentos dos Intrépidos e passaram também a ser os meus.

O que fazem se duas pessoas vos atacarem ao mesmo tempo? Sigo o homem por um corredor vazio e luminoso até chegarmos a um gabinete. As paredes são feitas de vidro e percebo que foi esta a fação que projetou a minha escola.

Está uma mulher sentada por detrás de uma secretária metálica. Observo-a. É o rosto que domina a biblioteca dos Eruditos e que está em todos os documentos que eles divulgam. Odeio-a há tanto tempo que nem me lembro.

– Sente-se – diz-me Jeanine. A voz dela parece-me familiar, especialmente com o seu tom de irritação. Os olhos que parecem de um cinzento líquido fixam-se nos meus.

– Prefiro não me sentar.

– *Sente-se!* – ordena Jeanine, novamente. Já ouvi de facto a voz dela.

No corredor, a falar com Eric. Antes de me atacarem. Ouvi-a falar nos Divergentes. E antes disso... ouvi-a...

– Era a sua voz, na simulação – afirmo. – Na prova de aptidão, quero eu dizer.

Ela é o perigo contra o qual me alertaram a minha mãe e Tori. O perigo que me ameaça por eu ser Divergente. Sentada à minha frente.

– Correto. A prova de aptidão é, de longe, a minha maior proeza como cientista – diz Jeanine. – Estive a ver os resultados da sua prova, Beatrice. Aparentemente houve um problema. Não ficou registada e os resultados foram introduzidos manualmente. Sabia disso?

– Não.

– Sabe que é uma das duas únicas pessoas cujas provas indicaram que devia escolher os Abnegados e que se transferiram para os Intrépidos?

– Não – respondo, reprimindo a minha surpresa. Eu e Tobias somos

os únicos? Mas o resultado dele foi genuíno e o meu foi uma mentira. Então foi só ele.

O meu estômago revolve-se quando penso em Tobias. Neste momento não quero saber do seu carácter único. Chamou-me «triste».

– O que a fez optar pelos Intrépidos? – pergunta Jeanine.

– O que tem isso a ver com o resto? – Tento suavizar a minha voz, mas não dá resultado. – Não vai repreender-me por eu ter abandonado a minha facção e procurado o meu irmão? «A facção antes do sangue», não é? – Faço uma pausa. – E já agora: o que estou a fazer no seu gabinete? Não é uma pessoa importante ou algo assim?

Pode ser que isto a faça recuar.

Jeanine comprime os lábios, por instantes.

– Deixarei a reprimenda para os Intrépidos – responde depois, recostando-se na cadeira.

Ponho as mãos nas costas da cadeira em que me recusei a sentar e faço força com os dedos. Por detrás dela há uma janela com vista para a cidade. Muito ao fundo vejo um comboio a fazer uma curva vagarosa.

– Quanto ao motivo por que está aqui... A minha facção tem uma qualidade que é a vontade de conhecer – diz Jeanine – e quando estive a examinar os seus registos vi que houve outro caso parecido noutra das suas simulações. Que mais uma vez não ficou registado. Sabia?

– Mas como é que chegou aos meus registos? Só os Intrépidos é que têm acesso a eles.

– Foram os Eruditos que desenvolveram as simulações e temos por isso um acordo com os Intrépidos, Beatrice. – Jeanine inclina a cabeça para o lado e sorri-me. – A única coisa que me preocupa é a capacidade da nossa tecnologia. Se ela falha na sua presença, tenho de me certificar de que isso não volta a acontecer, percebe?

Só percebo uma coisa: que ela me está a mentir. Jeanine não se preocupa com a tecnologia – suspeita de que há qualquer coisa errada com os resultados da minha prova. Tal como os chefes dos Intrépidos, ela anda à procura dos Divergentes. E se a minha mãe quer que Caleb investigue o soro das simulações é provavelmente por ter sido Jeanine a desenvolvê-lo.

Mas gostava de saber o que há de tão ameaçador na minha capacidade de manipular as simulações. Por que motivo isso é tão importante, e logo para os Eruditos?

São perguntas a que não sei responder. Mas o olhar que ela me deita faz-me lembrar o olhar que vi no cão que ia atacar-me durante a prova

de aptidão – o olhar maldoso de um predador. Ela quer fazer-me em pedaços. E eu não posso mostrar-me submissa numa circunstância destas. Porque também me transformei num cão de ataque.

Sinto o coração a bater-me na garganta.

– Não sei como isso funciona – acrescento –, mas o líquido com que fui injetada dá-me vômitos. Talvez a pessoa que acompanhou a simulação se tivesse distraído por estar preocupada com a possibilidade de eu vomitar, o que fez com que se esquecesse de registar os resultados. Depois da prova de aptidão também fiquei com náuseas.

– Costuma ter assim um estômago tão sensível, Beatrice? – A voz dela é cortante como uma lâmina. Fica a tamborilar com as unhas aparadas no vidro do tampo da secretária.

– Desde muito nova – respondo o mais suavemente que posso. Largo as costas da cadeira e contorno-a para me sentar. Não posso parecer estar tensa, apesar de sentir o meu interior a revolver-se.

– Tem sido extremamente bem-sucedida nas simulações – prossegue Jeanine. – A que atribui a facilidade com que as completa?

– À coragem – respondo, fitando-a. As outras fações encaram os Intrépidos de uma maneira muito específica: impertinentes, agressivos, impulsivos. Pretensiosos. Devo ser como ela espera que eu seja. Ofereço-lhe um sorriso malicioso. – Sou a melhor entre os iniciados.

Inclino-me para a frente, equilibrando os cotovelos nos joelhos. Tenho de ir um pouco mais longe para ser suficientemente convincente.

– Quer saber porque escolhi os Intrépidos? Por estar chateada. – Mais, é preciso ir ainda mais longe. A mentira exige um empenho muito grande. – Estava farta de ser uma mariquinhas bem-intencionada e queria mudar de ares.

– E não tem saudades dos seus pais? – pergunta Jeanine, cautelosamente.

– Se tenho saudades de ser repreendida de cada vez que olhava para o espelho? De ser mandada calar à mesa do jantar? – Abano a cabeça. – Não, não tenho saudades deles. Já não são a minha família.

A mentira queima-me a garganta enquanto a afirmo ou talvez o que sinto seja um ardor provocado pelas lágrimas que me forço a engolir. Recordo a minha mãe de pé atrás de mim, com um pente e uma tesoura e eu com um sorriso débil enquanto ela me cortava o cabelo, e o que me apetece é gritar em vez de estar a insultá-la assim.

– Posso encarar o que está a dizer-me... – Jeanine comprime os lábios e faz uma pausa de segundos – ... como uma expressão da sua concordância com os documentos que foram divulgados sobre os líderes políticos desta cidade?

Os artigos que acusam os meus pais de serem corruptos, sedentos de poder e moralistas? E que nas entrelinhas contêm ameaças e apelos à revolução? São coisas que dão vômitos. E saber que é ela que tem andado a divulgar essas acusações dá-me vontade de a estrangular.

Sorrio e respondo:

– Concordo de todo o coração.

*

Um dos lacaios de Jeanine, um homem de camisa azul e óculos escuros, leva-me de volta ao quartel-general dos Intrépidos num automóvel cinzento metalizado, com um aspeto arrojado que eu nunca tinha visto antes. O motor é quase completamente silencioso. Quando lhe faço perguntas sobre o veículo, ele responde-me que é movido a energia solar e começa a explicar-me pormenorizadamente como os painéis existentes no tejadilho convertem a luz do sol em energia. Deixo de o ouvir passados sessenta segundos e olho pela janela.

Não sei o que vão fazer-me quando eu regressar. Mas suspeito que não vai ser bom. Imagino os meus pés pendurados sobre o abismo e mordo o lábio.

Eric já está à porta, à minha espera, quando o meu condutor para junto ao edifício de vidro que fica por cima do quartel-general dos Intrépidos. Eric pega-me pelo braço e leva-me para o edifício sem sequer agradecer ao homem. Os dedos dele apertam-me com tanta força que percebo logo que vou ficar com nódoas negras.

Eric para depois diante da porta que conduz ao interior. E começa a fazer estalar os nós dos dedos. É o único movimento que que lhe vejo.

Estremeço involuntariamente.

O estalido discreto dos nós dos seus dedos é o único som que ouço, além da minha respiração, que está a ficar cada vez mais acelerada a cada segundo que passa. Quando termina o seu exercício, Eric entrelaça os dedos com as mãos à frente do corpo e diz-me:

– Sê bem-vinda, Tris.

– Olá, Eric.

Eric aproxima-se de mim, pondo cautelosamente um pé à frente do outro.

– O que – inicialmente ainda está calmo, mas depois começa a falar mais alto – estavas *exatamente* a pensar?

– Eu... – Eric já está tão próximo que consigo ver-lhe os orifícios dos *piercings* – ... não sei.

– Estou tentado a chamar-te traidora, Tris – continua. – Nunca ouviste a frase «a fação antes do sangue»?

Já vi Eric fazer coisas terríveis. Já o ouvi dizer coisas terríveis. Mas nunca o vi assim. Ele já não se apresenta como um maníaco. Está perfeitamente controlado, numa atitude perfeita. Está cuidadoso e calmo.

Reconheço, finalmente, aquilo que ele é: um Erudito disfarçado de Intrépido, um génio e um sádico, um caçador de Divergentes.

Só me apetece fugir.

– Ficaste insatisfeita com a vida que aqui encontraste? Acaso estarás arrependida da tua escolha? – As duas sobranceiras pejudas de argolas de metal erguem-se e fazem aparecer-lhe rugas na testa. – Gostava de ouvir uma explicação tua para o motivo que te fez trair os Intrépidos e a mim – e aqui bate no próprio peito – quando resolveste aventurar-te no quartel-general de outra fação.

Respiro fundo.

– Eu... – começo. Ele matar-me-ia se soubesse o que sou. É algo que consigo pressentir. As mãos dele transformam-se em punhos. Estou sozinha aqui. Se alguma coisa me acontecer ninguém saberá e ninguém o verá.

– Se não o conseguires explicar – prossegue Eric, suavemente –, posso ver-me obrigado a reconsiderar a tua classificação. Ou, por pareceres estar ainda tão apegada à tua anterior fação, talvez eu me veja obrigado a reconsiderar as classificações dos teus amigos. Talvez dessa maneira a pequena rapariga dos Abnegados que existe dentro de ti leve isto tudo mais a sério.

O meu primeiro pensamento é que ele não poderá cumprir a ameaça que me está a fazer porque isso não seria justo. O meu segundo pensamento é que, claro, pode fazê-lo e não hesitará nem um segundo. E tem razão no que diz: a ideia de que o meu comportamento imprudente poderia fazer com que alguém fosse expulso de uma fação enche-me de medo e causa-me uma dor no peito.

Volto a tentar:

– Eu...

Mas é-me difícil respirar.

A porta abre-se e Tobias entra.

– Que estás a fazer? – pergunta a Eric.

– Sai – ordena-lhe Eric, subindo o tom de voz, que agora já não é tão monótona. Fica mais parecido com o Eric que conheço. A sua expressão também se altera e fica mais animada. Observo-o, surpreendida por ele poder mudar assim tão facilmente, e pergunto a mim própria qual será a estratégia dele.

– Não – responde-lhe Tobias, entretanto. – Ela é só uma rapariga tonta. Não é necessário arrastá-la para aqui e interrogá-la.

– Só uma rapariga tonta... – repete Eric, dando uma risada. – Se fosse só uma rapariga tonta não estaria em primeiro lugar, pois não?

Tobias leva os dedos à cana do nariz e olha para mim por entre os dedos. Está a tentar dizer-me qualquer coisa. E eu tento pensar rapidamente. Que conselho é que Quatro me deu, recentemente?

A única coisa de que consigo lembrar-me é que tenho de mostrar-me vulnerável.

E que isso já deu resultado uma vez.

– Eu... Estava apenas envergonhada e não sabia o que havia de fazer – declaro, enfiando as mãos nos bolsos e baixando os olhos. E dou um beliscão na minha perna que me faz subir as lágrimas aos olhos. Encaro Eric, a fungar. – Eu tentei... e... – Abano a cabeça.

– Tentaste o quê? – pergunta Eric.

– Beijar-me – diz Tobias. – E quando a rejeitei ela fugiu como uma criança de cinco anos. A única coisa que lhe podemos censurar é a sua estupidez.

Esperamos, eu e ele.

Eric olha para mim e depois para Tobias e ri-se, demasiado alto e durante tempo de mais. É um som ameaçador que me arranha como se fosse lixa.

– Ele não é um pouco velho para ti, Tris? – pergunta-me depois, de novo com um sorriso.

Limpo a face como se estivesse a limpar uma lágrima.

– E agora posso ir? – pergunto.

– Podes – responde Eric –, mas não estás autorizada a sair do nosso quartel-general sem seres acompanhada, percebes? – Volta-se para Tobias. – E *tu*... É melhor certificares-te de que mais nenhuma das transferências volta a sair de cá. E de que nenhuma das outras te tenta beijar.

Tobias revira os olhos.

– Muito bem – responde.

Saio e regresso à rua, sacudindo as mãos para me livrar do nervoso.

Sento-me no chão e rodeio os joelhos com os braços.

Não sei quanto tempo aqui fico sentada, com a cabeça baixa e de olhos fechados, antes de a porta se abrir outra vez. Podem ter passado vinte minutos ou uma hora. Vejo Tobias, que vem ter comigo.

Levanto-me, de braços cruzados, à espera do ralhete. Dei-lhe uma bofetada e arranjei um problema com os Intrépidos. Vou ter de ouvi-las.

– O que é? – pergunto.

– Estás bem? – Tem uma ruga de preocupação entre as sobrancelhas e toca-me no rosto com suavidade. E eu afasto-lhe a mão.

– Bem – começo –, levei uma reprimenda à frente de todos e depois tive de conversar com a mulher que está a tentar destruir a minha antiga fação e finalmente Eric quase expulsou os meus amigos desta fação e... pois... está a ser um dia bastante porreiro... *Quatro*.

Ele abana a cabeça e olha para o edifício quase em ruínas que está à sua direita, feito de tijolo e nada parecido com a elegante torre de vidro que tenho atrás de mim. Deve ser muito antigo porque já ninguém constrói edifícios de tijolo.

– E porque é que te importas, afinal? – continuo. – Tu tanto podes ser um instrutor cruel como um namorado cheio de boas intenções. – Fico tensa ao pronunciar a palavra «namorado». Não queria usá-la tão despreocupadamente, mas agora já é tarde. – Não podes desempenhar os dois papéis ao mesmo tempo.

– Eu não sou cruel – corrige, de sobrolho carregado. – Estava a proteger-te, esta manhã. Como é que achas tu que Peter e os idiotas dos amigos dele teriam reagido se descobrissem que tu e eu éramos...

– Tobias suspira. – Tu nunca ganharias. Iriam sempre dizer que a tua classificação resultaria do meu favoritismo e não das tuas capacidades.

Abro a boca para protestar, mas não o faço. Penso em algumas observações mordazes, mas rejeito-as. Ele tem razão. Sinto a cara a arder e tento esfriá-la com as mãos.

– Não precisavas de me ter insultado para provares fosse o que fosse – digo, finalmente.

– E tu não precisavas de ter fugido para o teu irmão só porque eu te magoei – replica Tobias. Coça a nuca. – Além disso... isto deu resultado, não deu?

– À minha custa.

– Não pensei que te afetasse tanto. – Baixa os olhos e encolhe os ombros. – Por vezes esqueço-me de que posso magoar-te. E de que tu podes ser magoada.

Enfio as mãos nos bolsos e oscilo para a frente e para trás, apoiada apenas nos meus calcanhares. Sinto uma sensação bastante estranha: uma debilidade terna que faz doer. Ele fez o que fez porque acredita na minha força.

Em nossa casa era Caleb o mais forte porque conseguia esquecer-se dele próprio graças às características que os meus pais tanto valorizavam e que ele assumia naturalmente. Nunca ninguém se mostrou tão crente na minha força.

Ponho-me em bicos dos pés, levanto a cabeça e beijo-o. Só os nossos lábios é que se tocam.

– És brilhante, sabes? – Abano a cabeça. – Sabes sempre exatamente o que deves fazer.

– É só porque tenho estado a pensar nisto há muito tempo – diz Tobias, beijando-me ao de leve. – Como é que deveria proceder se tu e eu... – Recua, com um sorriso. – Ouvi-te chamar-me «namorado», Tris?

– Não exatamente. – Encolho os ombros. – Porquê? Queres que eu o faça?

Tobias leva as mãos ao meu pescoço e, com a ajuda dos polegares, inclina-me a cabeça para trás para levar a minha testa ao encontro da dele. Fica assim por instantes, de olhos fechados, a respirar o meu ar. Ouço-lhe o coração através das pontas dos dedos. Sinto-lhe a respiração acelerada. Parece estar nervoso.

– Sim – diz, finalmente. Mas o sorriso esbate-se. – Achas que o convencemos de que és uma rapariga tonta?

– Espero que sim – respondo. – Às vezes ser baixa ajuda. Não sei é se terei convencido os Eruditos.

Os cantos da boca de Tobias descaem e a expressão dele torna-se grave.

– Há uma coisa que tenho de dizer-te – avisa-me.

– O que é?

– Agora não. – Olha em redor. – Vem aqui ter comigo às onze e meia. Mas não digas a ninguém.

Aceno afirmativamente com a cabeça e ele volta-se, deixando-me com a mesma rapidez com que se aproximou.

*

– Mas onde é que estiveste o dia todo? – pergunta-me Christina quando regresso ao dormitório. Não há mais ninguém presente porque

devem estar todos a jantar. – Procurei-te lá fora, mas não te consegui encontrar. Está tudo bem? Tiveste algum problema por teres batido no Quatro?

Abano a cabeça. A ideia de lhe dizer a verdade sobre o que fiz cansa-me. Como é que posso explicar o impulso que senti de saltar para um comboio e ir visitar o meu irmão? Ou a calma inquietante da voz de Eric enquanto ele me interrogava? Ou, para começar, o motivo que me fez explodir e bater em Tobias?

– Tinha de me afastar. Fui andar durante muito tempo – respondo. – E não, não tenho nenhum problema. Ele gritou comigo, eu pedi-lhe desculpa... Foi só isso.

Tenho o cuidado de manter o meu olhar bem firme e de não desviar os meus olhos dos dela enquanto falo, deixando as mãos imóveis e caídas ao longo do corpo.

– Ótimo – diz Christina. – Porque tenho uma coisa para te contar.

Olha por cima da minha cabeça para a porta e, em bicos dos pés, inspeciona todos os beliches, talvez para verificar se estão vazios. Finalmente poussa-me as mãos nos ombros.

– Podes ser só uma rapariga durante alguns segundos? – pergunta.

– Sou sempre uma rapariga – respondo, franzindo o sobrolho.

– Sabes o que quero dizer. Uma rapariga tonta e chata.

Enrolo o meu cabelo com o dedo e respondo-lhe:

– Claro.

Christina faz um sorriso tão grande que lhe vejo os dentes de trás.

– O Will beijou-me.

– O quê? – exclamo. – Quando? Como? Que aconteceu?

– Afinal consegues mesmo ser uma rapariga. – Christina endireita-se, tirando as mãos dos meus ombros. – Bem, logo após o teu pequeno episódio, estivemos a almoçar e depois fomos passear junto à linha do comboio. E estávamos a falar... Nem sequer me lembro do que estávamos a falar! E ele parou de repente e aproximou-se muito e... beijou-me!

– Sabias que ele gostava de ti? – pergunto. – Quer dizer... sabes como é. Dessa maneira?

– Não! – Christina ri-se. – O melhor foi... que foi só isso. Depois continuámos a andar e a conversar, como se nada tivesse acontecido. Bem... até eu o beijar.

– Há quanto tempo sabias que gostavas dele?

– Não sei. Acho que não sabia. Mas depois houve pequenas coisas... Como quando ele me pôs o braço por cima dos ombros durante o

funeral e depois o facto de me abrir a porta para eu passar, como se eu não fosse uma pessoa capaz de dar-lhe uma tarefa, mas uma rapariga a sério...

Dou uma gargalhada. De repente apetece-me falar-lhe de Tobias e de tudo o que aconteceu entre nós. Mas o mesmo motivo que Tobias me deu para fingirmos que não temos uma relação especial trava-me. Não quero que ela pense que a minha classificação tem alguma coisa a ver com esse relacionamento. Por isso só lhe digo:

– Fico feliz por ti.

– Obrigada – diz Christina. – Eu também. Pensei que ainda demorasse algum tempo até poder sentir-me assim... sabes como é.

Christina senta-se na beira da minha cama e olha em redor. Alguns dos iniciados já fizeram as malas. Vamos mudar-nos em breve para os apartamentos que existem no outro lado do quartel-general. Os que têm funções administrativas irão para os edifícios de vidro junto do Fosso. Não vou ter de preocupar-me com a possibilidade de Peter me atacar enquanto estou a dormir. Nem terei de olhar para a cama que a morte de Al deixou vazia.

– Custa-me a crer que isto esteja a chegar ao fim – diz Christina. – É como se tivéssemos acabado de cá chegar. Mas também é... como se eu não fosse a casa há montes de tempo.

– Estás com saudades? – pergunto, encostando-me à cama.

– Estou. – Christina encolhe os ombros. – Algumas coisas são iguais, no entanto. Quer dizer, lá toda a gente é tão barulhenta como aqui e isso é bom. Mas lá é mais simples. Sabemos sempre o que as pessoas pensam porque o dizem. Não há... manipulação.

Aceno afirmativamente com a cabeça. Os Abnegados tinham-me preparado para esse aspeto da vida dos Intrépidos. Não sendo manipuladores, os Abnegados também não são muito sinceros.

– Não acho que tivesse conseguido fazer o processo de iniciação nos Cándidos, no entanto. – Christina abana a cabeça. – Em vez das simulações há detetores de mentiras. Durante todo o dia, todos os dias. E a prova final... – Franze o nariz. – Dão-nos uma coisa a que chamam soro da verdade e ficamos depois sentados diante de toda a gente e começam a fazer-nos perguntas que são mesmo pessoais. A teoria é esta: se contarmos todos os nossos segredos já não teremos nenhum desejo de voltar a mentir seja sobre o que for. Porque se o que há de pior em nós já não é segredo... por que motivo não poderemos dizer sempre a verdade?

Não sei se houve algum outro momento em que acumulei tantos

segredos. O facto de ser Divergente. Os medos que tenho. O que realmente penso a respeito dos meus amigos e da minha família, de Al e de Tobias. A iniciação dos Cándidos tocara em coisas que as simulações nem alcançam. E eu ficaria desfeita.

– Parece horrível – afirmo.

– Eu sempre soube que não conseguiria pertencer aos Cándidos. Quer dizer, tento ser sincera, mas há sempre coisas que nós não queremos que as pessoas saibam. E há mais. Gosto de controlar a minha própria mente.

Não gostamos todos?

– De qualquer modo... – continua Christina, abrindo o armário à esquerda das nossas camas. Ao abrir a porta, sai uma borboleta de asas brancas em direção ao rosto dela. E Christina desata a gritar tão alto que quase salto da minha pele e começo a dar-lhe palmadas na cara.

– Tira-me isto de cima! Tira-me isto de cima! Tira-me isto de cima! – berra.

A borboleta afasta-se.

– Já se foi – digo-lhe. E depois dou uma gargalhada. – Tens medo... de borboletas?

– São nojentas. Com estas asas que parecem papel e os estúpidos corpos de inseto... – Estremece.

E eu continuo a rir-me às gargalhadas, de tal modo que tenho de me sentar, ainda agarrada ao estômago.

– Não tem graça nenhuma! – exclama Christina. – Bem... talvez tenha. Mas... não muita.

*

Quando à noite vou ter com Tobias ele não fala. Limita-se a agarrar-me pela mão e a levar-me para a linha do comboio.

Ïça-se depois para o vagão de um comboio que está a passar, com uma agilidade de estarrecer, puxando por mim. Caio de encontro a ele, enfiando-lhe o rosto no peito. Os dedos percorrem-me os braços e Tobias segura-me pelos cotovelos enquanto o vagão se desloca aos solavancos pela estrada de aço. O edifício de vidro que fica por cima do quartel-general dos Intrépidos vai ficando para trás, cada vez mais pequeno.

– O que querias dizer-me? – pergunto-lhe, gritando mais alto para me fazer ouvir por cima do ruído do vento.

– Ainda não – responde Tobias.

Quando se deixa cair, leva-me com ele e fica sentado com as costas contra a parede enquanto eu fico à frente dele com as pernas estendidas no chão cheio de poeira. O vento faz rodopiar o meu cabelo e cola-o ao meu rosto. Tobias leva as mãos às minhas faces, os dedos indicadores a acariciarem-me por debaixo das orelhas, e puxa-me para ele.

Ouçó o ranger dos carris à medida que o comboio abranda, o que significa que devemos estar a aproximar-nos do centro da cidade. O ar está frio, mas os lábios de Tobias estão quentes, tal como as suas mãos. Inclinando a cabeça para o lado, beija-me por debaixo do queixo. Ainda bem que o vento faz tanto barulho, porque assim não consegue ouvir-me suspirar.

O vagão oscila de um lado para o outro, eu desequilibro-me e baixo a mão para me apoiar. Um segundo depois reparo que tenho a mão na cintura dele. O osso faz pressão contra a palma da minha mão. Devia retirá-la, mas não o faço. Tobias disse-me uma vez que eu devia ser corajosa, mas nunca pensei que precisasse de coragem num momento da minha vida que me parece tão simples, apesar de ter ficado imóvel diante dos punhais que vinham na direção ao meu rosto e de ter conseguido saltar do alto de um edifício. Mas preciso de facto dessa coragem.

Mudo de posição, passando uma perna por cima dele e sentando-me sobre as suas pernas, a sentir o coração a subir-me à garganta. E depois beijo-o. Tobias senta-se mais direito e eu sinto-lhe as mãos nos meus ombros. Os dedos dele percorrem-me a coluna e causam-me um arrepio que desce pelas costas. Abre o fecho do meu blusão alguns centímetros e eu pousei as mãos nas minhas pernas para as impedir de tremer. Não posso estar nervosa. Estou com Tobias.

O ar frio toca-me na pele exposta. Tobias afasta-me ligeiramente e examina com atenção as tatuagens que tenho por cima da clavícula. Passa os dedos por cima delas e sorri-me.

– Aves – diz. – São corvos? Tenho-me esquecido de perguntar.

Tento sorrir-lhe também.

– São. Um por cada membro da minha família. Gostas? – pergunto.

Tobias não responde. Puxa-me mais para ele, beijando cada uma das imagens. Fecho os olhos. O toque dele é muito suave. Percorre-me uma sensação entorpecedora e quente, como se fosse mel a substituir-me o sangue nas veias, e sinto o raciocínio a ficar mais lento. Tobias toca-me no rosto.

– Detesto ter de dizer isto – sussurra –, mas temos de nos levantar.

Faço que sim com a cabeça e abro os olhos. Pomo-nos de pé e ele leva-me para a porta aberta do vagão. O vento já não é tão forte agora que o comboio está a abrandar. Passa da meia-noite, as luzes das ruas estão todas apagadas e os edifícios parecem mamutes, saindo da escuridão por instantes para depois desaparecerem nas sombras. Tobias levanta uma mão e aponta para um conjunto de edifícios, tão distantes que parecem do tamanho de unhas. São a única zona com luz no mar de escuridão que nos rodeia. É o quartel-general dos Eruditos, onde estive.

– Aparentemente as leis da cidade não têm significado para eles – diz Tobias –, porque mantêm as luzes acesas durante toda a noite.

– E ninguém dá por isso? – pergunto, franzindo o sobrolho.

– Tenho a certeza de que já alguém terá notado, mas ninguém faz nada para o impedir. Pode ser que não queiram criar um problema por uma coisa tão pequena. – Tobias encolhe os ombros, mas a tensão que se mantém na sua fisionomia preocupa-me. – Mas pôs-me a pensar se aquilo que os Eruditos andam a fazer exige que tenham luzes à noite.

Volta-se para mim, encostado à parede.

– Há duas coisas que deves saber a meu respeito – diz-me. – Uma é que tenho uma desconfiança profunda relativamente às pessoas, em geral. Faz parte da minha natureza esperar delas o pior possível. E a segunda é que sou surpreendentemente bom a mexer em computadores.

Aceno com a cabeça. Já tinha dito que a outra função dele é trabalhar com computadores, mas ainda tenho dificuldade a imaginá-lo o dia todo sentado diante de um.

– Há algumas semanas, antes de os treinos terem começado, estava a trabalhar e encontrei um acesso para os ficheiros mais reservados dos Intrépidos – prossegue. – Aparentemente não temos tantas capacidades como os Eruditos em matéria de segurança informática e eu descobri o que me pareceu serem planos de guerra: ordens mal dissimuladas, listas de equipamento, mapas. Coisas dessas. E esses ficheiros tinham vindo dos Eruditos.

– Planos de guerra? – Afasto o cabelo do rosto. O facto de ter sempre ouvido o meu pai a dizer mal dos Eruditos pôs-me de sobreaviso relativamente a eles, e as experiências vividas no quartel-general dos Intrépidos tiveram em mim o mesmo efeito relativamente à autoridade e aos seres humanos em geral e, por esse motivo, não me sinto chocada por ouvir dizer que uma facção pode estar a planear uma

guerra.

E há o que Caleb me disse hoje: *Está qualquer coisa a acontecer, Beatrice, e em grande escala.* Olho para Tobias e pergunto-lhe:

– Uma guerra contra os Abnegados?

Ele pega-me na mão e entrelaça os dedos nos meus, respondendo-me:

– Contra a facção que controla o Governo, sim.

O meu estômago afunda-se.

– Todas essas notícias que visam estimular a oposição aos Abnegados... – continua Tobias, a olhar para a cidade que está para lá do vagão. – É evidente que os Eruditos querem agora acelerar o processo. E eu não sei o que posso fazer quanto a isso... ou sequer o que pode ser feito.

– Mas porque é que os Eruditos se juntariam aos Intrépidos?

E nesse momento ocorre-me um pensamento que me atinge no estômago e que rói as entranhas. Os Eruditos não têm armas e não sabem combater – mas os Intrépidos sim.

Olho para Tobias de olhos esbugalhados.

– Vão utilizar-nos – digo.

– Mas não sei como é que eles planeiam pôr-nos a combater – contrapõe Tobias.

Disse a Caleb que os Eruditos sabem manipular as pessoas. E podem obrigar alguns de nós a lutar recorrendo à desinformação ou fazendo apelo à cobiça. Há muitas maneiras. Mas os Eruditos são tão metódicos como manipuladores e não vão deixar as coisas à mercê do acaso. Vão precisar de ter a certeza de que todas as suas debilidades estão bem protegidas. E como?

O vento cola-me o cabelo ao rosto, cortando a minha visão em tiras, e deixo-o ficar assim antes de responder num murmúrio:

– Não sei...

Capítulo Vinte e Nove

Tenho ido a todas as cerimónias de iniciação dos Abnegados e este ano será a primeira vez que não vou. É um acontecimento calmo. Os iniciados, que passam trinta dias a prestar serviço à comunidade antes de se tornarem membros de pleno direito desta facção, sentam-se lado a lado num banco comprido. Um dos membros mais velhos lê o manifesto dos Abnegados, que consiste num parágrafo breve sobre o esquecimento do «eu» e os perigos do envolvimento pessoal. E depois todos os membros dos Abnegados lavam os pés aos iniciados. Finalmente partilham todos uma refeição em que cada pessoa serve a comida a quem se senta à sua esquerda.

Mas não é isto que fazem os Intrépidos.

O Dia da Iniciação faz mergulhar o quartel-general dos Intrépidos numa vertigem de insanidade e de caos. Há pessoas por todo o lado e a meio do dia já a maioria está embriagada. Para conseguir arranjar um prato com comida à hora do almoço tenho de forçar o caminho por entre eles e levá-lo depois para o dormitório. No caminho para o dormitório vejo uma pessoa cair de um dos trilhos existentes nas paredes do Fosso e, a avaliar pelos gritos que dá e pela maneira como se agarra à perna, parece ter partido qualquer coisa.

O dormitório, no entanto, está sossegado. Olho para o prato. Deitei a mão ao que me pareceu bom no momento e agora que estou a ver a comida mais de perto percebo que escolhi um simples peito de frango, um punhado de ervilhas e uma fatia de pão escuro. Comida própria dos Abnegados.

Suspiro. Mas afinal é o que sou: uma Abnegada. É o que sou quando não estou a pensar no que estou a fazer. É o que sou quando me põem à prova. É o que sou quando aparento ser corajosa. Não estarei na

fação errada?

Ao pensar na minha antiga fação fico com as mãos a tremer. Tenho de avisar os meus pais sobre a guerra que os Eruditos andam a planear, mas não sei como poderei fazê-lo. Hei de encontrar uma maneira, mas não hoje. Hoje preciso de me concentrar no que me espera. Uma coisa de cada vez.

Alimento-me com gestos mecânicos de robô, passando do frango às ervilhas e depois ao pão e voltando ao princípio. Não interessa a fação a que realmente pertenço. Dentro de duas horas vou entrar na sala da paisagem dos medos com os outros iniciados, percorrer a minha própria paisagem dos medos e tornar-me uma Intrépida. E é demasiado tarde para voltar atrás.

Depois de comer enfió o rosto na almofada. Não quero adormecer, mas é o que me acontece passado algum tempo e só acordo quando sinto o meu ombro a ser abanado por Christina.

– É altura de ir – diz-me ela com uma expressão sombria.

Esfrego os olhos para lhes tirar o sono. Já tenho os sapatos calçados. Os restantes iniciados estão ainda no dormitório, a apertar os sapatos, a abotoar os blusões e a exibir sorrisos falsamente descontraídos. Prendo o cabelo num carrapito e visto o blusão preto, puxando o fecho até ao pescoço. A tortura vai terminar em breve, mas poderemos alguma vez esquecer-nos das simulações? Conseguiremos dormir tranquilamente outra vez com a recordação dos nossos medos bem viva nas nossas cabeças? Ou iremos finalmente esquecê-los hoje, como se espera que aconteça?

Vamos para o Fosso e subimos o trilho que conduz ao edifício de vidro. Olho para o teto transparente. Não consigo ver a luz do dia porque as solas dos sapatos cobrem a superfície vidrada por cima das nossas cabeças. Por instantes parece-me ouvir o vidro a partir-se, mas é só a minha imaginação. Subo as escadas com Christina e a multidão sufoca-me.

Sou demasiado baixa para ver por cima das cabeças dos outros e por isso tenho de olhar para as costas de Will e de continuar a andar atrás dele. O calor gerado por todos os corpos que me rodeiam faz com que seja difícil respirar. A minha testa enche-se de gotas de suor. Uma abertura na muralha humana mostra o que lhes prende a atenção: uma série de ecrãs na parede à minha esquerda.

Ouçoo vivas e paro a olhar para os ecrãs. O da esquerda mostra uma rapariga vestida de preto na sala da paisagem dos medos: Marlene. Vejo-a a andar, de olhos muitos abertos, mas não consigo perceber

que obstáculo está ela a enfrentar. Graças a Deus que ninguém entre os que aqui estão verá os meus medos... mas apenas as minhas reações a eles.

O ecrã do meio mostra os batimentos cardíacos de Marlene. Tornam-se mais rápidos por um segundo e depois abrandam. Ao atingirem um ritmo normal o ecrã fica verde e os Intrépidos aplaudem. O ecrã do lado direito mostra o tempo de cada simulação.

Tiro os olhos dos ecrãs e apresso-me a ir ter com Christina e Will. Tobias está do lado de dentro de uma porta, no lado esquerdo da sala, em cuja existência mal reparei quando aqui estive pela última vez. Fica perto da sala da paisagem dos medos. Passo junto dele sem sequer olhar na sua direção.

A sala é grande e tem outro ecrã, semelhante aos do exterior. Há uma linha de pessoas sentada diante dele. Eric está no grupo, tal como Max. Os outros também são mais velhos. A avaliar pelos fios ligados às suas cabeças e pelos olhos sem expressão, é assim que devem seguir estas simulações.

Atrás deles há outra fila de cadeiras, já todas ocupadas. Como sou a última a entrar já não tenho lugar sentado.

– Eh, Tris! – chama Uriah, do outro lado da sala. Está junto de outros iniciados-Intrépidos. Só restam quatro. Os outros já atravessaram as suas próprias paisagens dos medos. Uriah bate na própria perna. – Podes sentar-te ao meu colo, se quiseres.

– É tentador – respondo, com um sorriso –, mas estou bem. Gosto de estar em pé.

Além disso, também não quero que Tobias me veja sentada ao colo de outra pessoa.

As luzes acendem-se na sala da paisagem dos medos, mostrando Marlene agachada, lavada em lágrimas e com uma expressão assustada. Max, Eric e alguns dos outros abanam a cabeça e libertam-se da paralisia induzida pela simulação e saem. Segundos depois vejo-os no ecrã a felicitar Marlene por ter terminado.

– Transferências – avisa Tobias –, a ordem pela qual vão fazer a prova final é baseada nas vossas classificações neste momento. Portanto, Drew será o primeiro e Tris será a última.

Ou seja, tenho cinco pessoas à minha frente.

Fico no fundo da sala, a pouco mais de um metro de Tobias. Os nossos olhares cruzam-se quando Eric espeta a agulha no pescoço de Drew e o envia para a sala da paisagem dos medos. Quando chegar a minha vez já saberei como se portaram os outros e o que devo fazer

para lhes passar à frente.

A simulação da paisagem dos medos não é interessante vista de fora. Vejo os movimentos de Drew, mas não sei a que representações estará ele a reagir. Acabo por fechar os olhos alguns minutos depois e tento não pensar. É inútil estar a especular neste momento sobre os medos que me esperam e sobre o seu número. Só tenho de lembrar-me de que tenho o poder de manipular as simulações e de que já o fiz antes.

Molly é a seguinte. Demora metade do tempo de Drew, mas não deixa de ter problemas. Passa demasiado tempo a arfar enquanto tenta controlar o pânico. E há um ponto em que chega a gritar a plenos pulmões.

Impressiona-me perceber como é fácil alhear-me de tudo o resto: dos pensamentos sobre a ameaça de guerra aos Abnegados, de Tobias, de Caleb, dos meus pais, dos meus amigos, da minha nova facção. A única coisa em que agora me concentro é na necessidade de ultrapassar este obstáculo.

Christina é a seguir. Depois Will. E Peter. Não os observo. Só sei o tempo que utilizam: doze minutos, dez, quinze. E depois sou eu.

– Tris.

Abro os olhos e vou para a frente da sala de observação onde se encontra Eric com uma seringa cheia de líquido cor de laranja. Mal sinto a picada da agulha quando ela me entra no pescoço. Mal vejo o rosto cheio de *piercings* de Eric quando ele prime o êmbolo. Imagino que o líquido é adrenalina líquida, que começa a percorrer-me as veias e que me vai fazer mais forte.

– Estás pronta? – pergunta Eric.

Capítulo Trinta

Estou pronta. Entro na sala, armada não com uma arma de fogo ou com um punhal mas com o plano que gizei na véspera. Tobias disse que a fase três tem a ver com a preparação mental e com a criação de estratégias para vencer os nossos medos.

Gostaria de saber qual a ordem em que os medos vão aparecer. Oscilo para trás e para a frente quase em bicos dos pés enquanto aguardo o primeiro. Já me custa respirar.

O solo por debaixo de mim altera-se. Do cimento nasce relva que começa a oscilar ao sabor de um vento que não sinto. Os canos por cima de mim são substituídos por um céu verde. Ouço os pássaros e sinto o medo como algo que está longe, um coração a bater e uma respiração sufocada que não existe na minha mente. Tobias disse-me para compreender o significado desta simulação. E tinha razão: não tem a ver com os pássaros, mas com controlo.

Ouço asas junto à orelha e sinto as garras do corvo no meu ombro.

Desta vez não atinjo o pássaro com toda a minha força. Agacho-me e presto atenção ao som de trovões feitos pelas asas atrás de mim enquanto passo as mãos pela relva que está no solo. O que é que combate a impotência? O poder. E a primeira vez em que me senti com poder no quartel-general dos Intrépidos foi quando empunhei uma arma de fogo.

Sinto um nó na garganta e quero que as garras *desapareçam*. O corvo grasna e sinto um aperto no estômago, mas nessa altura a minha mão toca num objeto duro e metálico que está na relva. É a minha pistola.

Aponto-a para o corvo que está no meu ombro e ele desaparece da minha camisola numa explosão de sangue e de penas. Volto-me, apontando a arma ao céu e vejo a nuvem de penas negras que se abate

sobre mim. Primo o gatilho, disparando sem cessar contra o mar de pássaros que se amontoa por cima de mim, vendo os corpos negros a caírem na relva.

À medida que faço pontaria e disparo, sinto a mesma manifestação de poder que senti quando peguei numa pistola pela primeira vez. O meu coração acalma-se e o campo, a pistola e os pássaros desaparecem. Fico outra vez no escuro.

Mudo o peso de um pé para o outro e há qualquer coisa que range debaixo de mim. Agacho-me e passo a mão por uma superfície suave mas fria – vidro. As minhas mãos encontram painéis de vidro dos dois lados do meu corpo. É o tanque, outra vez. Mas não tenho medo de me afogar. Isto não tem a ver com a água, mas com a minha incapacidade de fugir do tanque. Tem a ver com fraqueza. E só tenho de convencer-me de que sou suficientemente forte para partir o vidro.

As luzes azuis acendem-se e o chão enche-se de água. Mas eu não deixo a simulação adiantar-se muito. Bato com a palma da mão na parede que está diante de mim, esperando que o vidro se rache.

Mas a minha mão ressalta e o vidro fica intacto.

O meu coração começa a bater mais depressa. E o que acontece se o que deu resultado na primeira simulação agora não der? E se eu não conseguir quebrar o vidro a não ser que esteja sob tensão? A água já me chega aos tornozelos, mais rápida a cada segundo que passa. Tenho de acalmar-me. Acalmar-me e concentrar-me. Encosto-me à parede que está atrás de mim e dou-lhe pontapés com toda a minha força. Várias vezes. Doem-me os dedos dos pés, mas nada acontece.

Tenho outra opção. Posso esperar que a água encha o tanque – e já me chega aos joelhos nesta altura – para me acalmar quando sentir que estou a afogar-me. Encosto-me à parede, a abanar a cabeça, pronta para o que vai acontecer. Mas não. Não posso deixar-me afogar. Não posso.

Fecho os punhos e bato na parede. Sou mais forte do que o vidro. O vidro é tão fino como gelo acabado de se formar. É a minha mente que o faz assim. Fecho os olhos. O vidro é gelo. O vidro é gelo. O vidro é...

O vidro estilhaça-se sob as minhas mãos e a água espalha-se à minha volta. E a escuridão regressa.

Abano as mãos. Este obstáculo devia ter sido fácil de vencer. Já o tinha enfrentado nas simulações. E não posso voltar a perder tempo desta maneira.

O que me parece ser uma parede bem sólida bate-me de lado, deixando-me sem ar, e eu caio, ofegante. Não sei nadar. E só vi massas

de água desta dimensão e com tanta força em imagens. Por debaixo de mim está uma rocha, escorregadia e com um rebordo cortante. A água puxa-me as pernas e eu agarro-me à rocha, a sentir o sabor do sal nos meus lábios. Pelo canto do olho vejo um céu negro e uma lua vermelha da cor do sangue.

Mais uma onda embate em mim, atingindo-me nas costas. O meu queixo é empurrado contra a rocha e eu faço uma careta de dor. O mar está frio, mas o sangue que me escorre pelo pescoço aquece-me. Estendo o braço e encontro o rebordo da rocha. A água puxa-me pelas pernas com uma força irresistível. Agarro-me o melhor que posso, mas não tenho força suficiente – a água continua a querer arrastar-me e as ondas empurram-me o corpo sem que eu consiga resistir. Lançam-me as pernas por cima da cabeça e os braços para os lados e choco de costas com a rocha, sentindo a água a bater-me na cara. Os pulmões gritam por ar. Volto-me e agarro-me ao rebordo da rocha, içando-me acima da superfície da água. Abro a boca, ansiosa por ar, e outra onda ainda mais forte volta a embater em mim e com mais força. Mas desta vez apoiei-me melhor.

Não devo ter realmente medo da água. Devo é ter medo de perder o controlo. E para enfrentar o meu medo tenho de recuperar o controlo.

Com um grito de frustração, atiro a mão para a frente e encontro um buraco na rocha. Os meus braços tremem violentamente enquanto me puxo para cima, encolhendo os pés antes de a onda me poder arrastar. Quando sinto os pés livres, levanto-me e lanço-me a correr, os pés em movimentos rápidos sobre a rocha, a olhar para a lua vermelha, o oceano já desaparecido.

E depois fico no vazio. E imóvel. Demasiado imóvel.

Tento mexer os braços, mas eles estão presos, rigidamente, aos dois lados do meu corpo. Olho para baixo e vejo a corda que está enrolada à volta do meu peito, dos meus braços e das minhas pernas. Há troncos por debaixo dos meus pés e uma estaca atrás de mim. Estou bastante acima do solo.

Das sombras à minha volta saem pessoas cujos rostos me são familiares. São os iniciados, com archotes nas mãos e com Peter à frente do grupo. Os olhos dele são buracos negros e o sorriso de troça que tem no rosto alarga-se tanto que lhe provoca rugas nas faces. Alguém começa a rir-se no meio do grupo e ouço as vozes que se juntam às gargalhadas. Já só consigo ouvir uma algazarra de vozes.

Com o ruído das vozes cada vez mais elevado, Peter baixa o archote e as chamas espalham-se no solo. Erguem-se nas pontas dos troncos,

que são de imediato tomados de assalto. Não tento libertar-me das cordas como fiz na primeira vez em que tive de enfrentar este medo. Em vez disso fecho os olhos e engulo o máximo de ar que posso. Estou numa simulação. Que não me magoa. O calor das chamas ergue-se à minha volta. Abano a cabeça.

– Já te cheira, Empata? – pergunta Peter, numa voz que se sobrepõe à algazarra do grupo.

– Não – respondo. As chamas estão mais altas.

Peter funga e atira-me:

– É o cheiro da tua carne a arder.

Quando abro os olhos, as lágrimas distorcem-me a visão.

– Sabes ao que me cheira? – Tento falar mais alto do que as vozes que ouço e sobrepôr-me às gargalhadas que me oprimem mais do que o calor que sinto. Os meus braços agitam-se e eu quero lutar contra as cordas, mas não o faço. Não vou lutar quando não vale a pena. Nem entrar em pânico.

Olho para Peter por entre as chamas, sentindo o calor a puxar o sangue para a superfície da minha pele, a correr por dentro de mim, a derreter-me as pontas dos sapatos.

– Cheira-me a chuva – digo-lhe.

Ouçõ a trovoada por cima da minha cabeça e grito quando uma chama me toca nas pontas dos dedos e a dor me cobre a pele. Inclino a cabeça para trás e concentro-me nas nuvens que se acastelam por cima de mim, cheias e escuras com o peso da chuva. Uma linha de relâmpagos alastra pelo céu e sinto o primeiro pingó de chuva que me cai na testa. *Mais rápido, mais rápido!* A gota de água escorre-me pelo lado do nariz e há uma segunda gota que cai no ombro, tão pesada que me parece ser feita de gelo ou ser mesmo uma pedra.

A chuva cai como uma cortina e eu ouço o chiar das chamas a sobrepôr-se às gargalhadas. Sorrio, aliviada, enquanto a chuva apaga o fogo e me acalma as queimaduras das mãos. As cordas desprendem-se e eu passo as mãos pelo cabelo.

Quem me dera ser como Tobias e ter apenas de enfrentar quatro medos. Mas não sou assim tão destemida.

Aliso a camisola e, ao levantar a cabeça, vejo-me no meu quarto no setor da cidade onde vivem os Abnegados. Ainda não estive nesta situação de medo. As luzes estão apagadas, mas o quarto está iluminado pelo luar que entra pela janela. Uma das minhas paredes está coberta por espelhos. Volto-me para ela, sentindo-me confusa. Isto não está certo. Não estou autorizada a ter espelhos.

Olho para o meu reflexo: os olhos muito abertos, a cama com os lençóis cinzentos bem esticados, o armário da minha roupa, a minha estante, as paredes nuas. Os meus olhos saltam para a janela atrás de mim.

E para o homem que está do lado de fora.

Sinto um arrepio de frio nas costas que parece cristalizado numa gota de suor e todo o meu corpo fica rígido. Reconheço-o. É o homem com o rosto coberto de cicatrizes da minha prova de aptidão. Está vestido de preto e imóvel como uma estátua. Pestanejo e aparecem dois homens, à esquerda e à direita dele, tão imóveis como ele, com fisionomias sem expressão – como caveiras cobertas de pele.

Volto-me e eles já estão dentro do meu quarto. Encosto os ombros ao espelho.

Por instantes o quarto fica silencioso e depois ouço o bater de punhos na minha janela e já não são apenas dois ou quatro ou seis, mas dezenas de punhos com dezenas de dedos a baterem no vidro. O ruído faz-me vibrar o peito, de intenso que é, e depois o homem das cicatrizes e os seus dois companheiros começam a aproximar-se com movimentos lentos e deliberados.

Vêm buscar-me, como o fizeram Peter, Drew e Al. Para me matarem, já sei.

É uma simulação. Estou numa simulação. Com o coração a bater-me pesadamente no peito, apoio a mão ao vidro que está atrás de mim e faço-o deslizar para a esquerda. Não é um espelho mas a porta de um armário. É aí, digo a mim própria, que se encontra a arma, a poucos centímetros da minha mão. Não tiro os olhos do homem das cicatrizes e consigo descobrir a pistola com as pontas dos dedos e pegar nela.

Mordo o lábio e disparo contra o homem das cicatrizes. Não fico à espera de ver se a arma o atinge e faço depois pontaria a cada um dos outros homens sem expressão, o mais depressa que consigo. Os meus lábios doem-me de os morder. Os murros na janela param, mas são substituídos por um som deslizante, e os punhos abrem-se em mãos de dedos curvados que arranham o vidro no esforço de entrarem. A pressão das mãos faz surgir uma racha no vidro que depois se abre e se estilhaça.

E eu grito.

Não tenho balas suficientes na minha pistola.

Corpos de pele pálida – humanos mas distorcidos, de braços tortos a formarem ângulos estranhos, bocas demasiado grandes com dentes que parecem agulhas e órbitas vazias – encham-me o quarto, uns atrás

dos outros, pondo-se depois em pé e avançando na minha direção com passos arrastados. Refugio-me no armário e fecho a porta à minha frente. Uma solução – é do que necessito. De uma solução. Agacho-me e encosto a arma à cabeça. Não consigo fazer-lhes frente. E como não consigo fazer-lhes frente tenho de acalmar-me. A paisagem dos medos vai registar o abrandamento dos meus batimentos cardíacos e da minha respiração e passar ao obstáculo seguinte.

Sento-me no chão do armário. A parede por detrás de mim cede. Ouço bater – são novamente os punhos, agora na porta do armário – mas volto-me e olho para o painel que está atrás de mim, no meio da escuridão. Não é uma parede, é outra porta. Procuro com os dedos uma maneira de a abrir e vejo o patamar. Com um sorriso, esgueiro-me pela abertura e ponho-me em pé. Cheira a qualquer coisa que está no forno. Estou em minha casa.

Respiro fundo e vejo que a minha casa se dissolve. Esqueci-me, por um segundo, de que estou no quartel-general dos Intrépidos.

E depois vejo Tobias à minha frente, de pé.

Mas de Tobias não tenho medo. Olho por cima do ombro. Talvez haja qualquer coisa atrás de mim em que eu deva concentrar-me. Mas não. Atrás de mim só existe uma cama de dossel.

Uma cama?

Tobias avança na minha direção, com passos lentos.

O que se passa?

Levanto os olhos para ele, paralisada. Ele sorri-me. É um sorriso que me parece simpático. E familiar.

Tobias cola a boca à minha e eu abro os lábios. Pensei que seria impossível esquecer-me de que estou numa simulação, mas enganei-me. Ele faz com que tudo à minha volta se desintegre.

Os dedos dele encontram o fecho do meu blusão e puxam-no para baixo até se abrir por completo. Depois tira-me o blusão dos ombros.

Oh! – é a única coisa em que consigo pensar quando ele me beija outra vez. *Oooh.*

O medo que tenho é o de estar com ele. Tenho estado de sobreaviso quanto aos afetos durante toda a minha vida, mas não conhecia a dimensão dos meus receios.

Este obstáculo, no entanto, não parece ser como os outros. É uma espécie diferente de medo – pânico nervoso e não terror cego.

Tobias faz deslizar as mãos pelos meus braços e depois faz pressão sobre a minha cintura, os dedos a roçarem pela minha pele acima do cinto, e eu estremeço.

Afasto-o com suavidade e levo as mãos à testa. Fui atacada por corvos e por homens de rostos grotescos; o rapaz que quase me atirou para um precipício deitou-me fogo; quase me afoguei – por duas vezes – e é com isto que não consigo lidar? É este o medo para o qual não disponho de uma solução? Um rapaz de quem gosto que quer ter... relações sexuais comigo?

Tobias-Simulação beija-me o pescoço.

Tento pensar. Tenho de enfrentar este medo. Tenho de controlar a situação e de encontrar maneira de a tornar menos assustadora.

Olho para os olhos de Tobias-Simulação e digo-lhe com firmeza:

– Não vou para a cama contigo numa alucinação, está bem?

Depois agarro-o pelos ombros e dou meia-volta com ele, empurrando-o contra um dos postes da cama. Sinto qualquer coisa que não é medo – um formigueiro no estômago, uma bolha de riso. Encosto-me a ele e beijo-o, rodeando-lhe os braços com as mãos. Gosto de lhe sentir o corpo forte. Agrada-me.

E depois ele desaparece.

Rio-me, para a minha mão, até ficar corada. Devo ser o único iniciado a ter este medo.

Ouço um gatilho junto ao meu ouvido.

Quase me esqueci deste. Sinto o peso de uma pistola na mão e enrolo os dedos à volta da arma, enfiando o dedo indicador no gatilho. De cima, mas não sei de onde, sai um foco de luz que ilumina a minha mãe, o meu pai e o meu irmão.

– Dispara – ouço uma voz sibilina junto de mim. É uma voz de mulher, ríspida como pedras ou vidro partido. Parece a de Jeanine.

Sinto o círculo frio de um cano de pistola na minha têmpora. A sensação de frio atravessa-me o corpo, eriçando-me os cabelos na nuca. Limpo a palma suada da mão às calças e olho de soslaio para a mulher pelo canto do olho. É mesmo Jeanine. Os óculos estão tortos e os olhos estão vazios, desprovidos de qualquer sentimento.

É o meu pior medo: o de que a minha família morra e de que seja eu a culpada pelas suas mortes.

– Dispara – repete Jeanine, desta vez num tom mais insistente. – Dispara ou eu mato-te.

Olho para Caleb. Ele acena-me afirmativamente com a cabeça, as sobrancelhas unidas num olhar de compreensão.

– Força, Tris – diz-me com suavidade. – Compreendo. Está tudo bem.

Os olhos ardem-me.

– Não – digo, a garganta tão apertada que me sinto sufocar. Abano a cabeça.

– Tens dez segundos! – grita a mulher. – Dez! Nove!...

Os meus olhos saltam do meu irmão para o meu pai. O olhar que me deitou na última vez em que o vi foi de desprezo, mas agora tem os olhos muito abertos e calmos. Nunca o vi assim na vida real.

– Tris – diz ele. – Não tens outra opção.

– Oito!

– Tris – diz a minha mãe agora. Sorri. O sorriso dela é terno. – Nós adoramos-te.

– Sete!

– Cale-se! – grito, pegando na pistola. Posso fazê-lo. Posso matá-los. Eles compreendem a minha posição. E estão a pedir-me que o faça. Não querem que me sacrifique por eles. Nem são verdadeiros. E isto é tudo uma simulação.

– Seis!

Isto não é a sério. Não tem significado. Os olhos bondosos do meu irmão parecem duas brocas que estão a esburacar-me a cabeça. O suor da minha mão torna a arma escorregadia.

– Cinco!

Não tenho outra opção. Fecho os olhos. Tenho de pensar. *Pensa!* A urgência que está a pressionar o meu coração depende de uma única coisa: da ameaça à minha vida.

– Quatro! Três!

O que foi que me disse Tobias? *O altruísmo e a coragem não são muito diferentes.*

– Dois!

Tiro o dedo do gatilho e largo a pistola. E antes de perder a coragem, volto-me e encosto a testa ao cano da arma que está atrás da minha cabeça.

Mata-me a mim em vez deles.

– Um!

Ouçõ o clique de um gatilho e depois o tiro.

Capítulo Trinta e Um

As luzes acendem-se. Estou sozinha e a tremer na sala das paredes de cimento que ficou deserta. Deixo-me cair de joelhos, apertando os braços contra o peito. Quando aqui entrei não estava frio, mas agora o ar está gelado. Esfrego os braços, que estão arrepiados, para me aquecer.

Mas sinto-me aliviada, como nunca me senti. Todos os músculos do meu corpo se descontraem ao mesmo tempo e volto a respirar livremente. Não consigo imaginar-me a regressar à paisagem dos medos no meu tempo livre, como Tobias. Pareceu-me um ato de coragem antes disto, mas agora parece-me apenas masoquismo.

A porta abre-se e eu ponho-me em pé. Max, Eric, Tobias e outras pessoas que não conheço entram na sala, em fila, ficando a olhar todas para mim. E Tobias sorri-me.

– Parabéns, Tris – diz Eric. – Alcançaste com êxito o final do teu processo de avaliação.

Tento sorrir. Mas não consigo. Não consigo afastar a recordação da arma encostada à minha cabeça. Ainda sinto o cano entre as sobrançelas.

– Obrigada – respondo.

– Há só uma coisa antes de poderes ir, para te preparares para o banquete de boas-vindas – prossegue Eric. Acena a uma das pessoas que não conheço que está atrás dele. Uma mulher com o cabelo pintado de azul entrega-lhe um pequeno estojo preto. Eric abre-o e tira uma seringa e uma agulha comprida.

Fico tensa a olhar para a seringa. O líquido, de um tom laranja-acastanhado, faz-me lembrar o soro que injetaram em nós antes das simulações. E parece-me que para mim elas já terminaram.

– Pelo menos não tens medo de agulhas – comenta Eric. – Vamos injetar em ti um dispositivo de rastreio que só será ativado se desapareceres. É só uma precaução.

– As pessoas desaparecem com muita frequência? – pergunto, franzindo o sobrolho.

– Não muito – responde Eric, com uma expressão trocista. – Isto é uma coisa nova, desenvolvida e gentilmente oferecida pelos Eruditos. Temos estado a injetar cada Intrépido durante o dia de hoje e parto do princípio de que todas as outras fações farão a mesma coisa assim que puderem.

Sinto o estômago às voltas. Não o posso deixar injetar-me com mais substâncias, em especial as que possam ter sido inventadas pelos Eruditos ou, talvez, mesmo por Jeanine. Mas também não o posso recusar. Porque ele duvidará outra vez da minha lealdade se eu o fizer.

– Está bem – digo, com um aperto na garganta.

Eric aproxima-se de mim com a agulha e a seringa na mão e eu desvio o cabelo do pescoço e inclino a cabeça para o lado. Desvio o olhar quando Eric me passa um toalhete antisséptico pelo pescoço e depois me espeta a agulha na pele. A dor é penetrante e espalha-se pelo meu pescoço, desaparecendo depois rapidamente. Eric volta a colocar a agulha no estojo e põe-me um penso no local da picada.

– O banquete começa dentro de duas horas – diz-me. – Será aí anunciada a tua classificação na lista dos iniciados, que incluirá também os iniciados-Intrépidos. Boa sorte.

O grupo sai, mas Tobias fica para trás. Para à porta e faz-me sinal para que o siga, o que faço. A sala de vidro por cima do Fosso está cheia de Intrépidos, alguns deles nas cordas que estão por cima das nossas cabeças e outros a falarem e a rirem-se em grupo. Tobias sorri-me. Não deve ter estado a ver a simulação.

– Ouvi dizer que só tiveste de enfrentar sete obstáculos – diz-me. – Praticamente nunca tinha acontecido.

– Tu... não estiveste a assistir à simulação?

– Só pelos ecrãs. Os líderes é que veem tudo. E pareceram-me impressionados.

– Bem, sete medos não são tão impressionantes como quatro – contraponho –, mas julgo que devem bastar.

– Ficarei surpreso se não ficares em primeiro lugar – diz Tobias.

Chegamos à sala de vidro. Já tem menos gente depois de o último iniciado – eu – ter passado pela paisagem dos medos.

As pessoas começam a reparar em mim passados alguns instantes. Mantenho-me junto a Tobias, vendo-os apontar para mim, sem poder andar suficientemente depressa para evitar alguns vivos e algumas palmadas no ombro e manifestações de parabéns. Observando as pessoas que me rodeiam não posso deixar de pensar em como pareceriam estranhos aos olhos do meu pai e do meu irmão e como, no entanto, me parecem normais, apesar de todas as argolas metálicas que têm no rosto e das tatuagens na garganta e no peito. Também lhes sorrio.

Descemos as escadas que conduzem ao Fosso e eu volto-me para Tobias:

– Quero fazer-te uma pergunta. – Mordo o lábio. – O que foi que te disseram sobre a paisagem dos medos?

– Nada, na realidade. Porquê?

– Por nada. – Dou um pontapé numa pedrinha.

– Tens de regressar ao dormitório? – pergunta Tobias. – Porque se quiseses ter paz e sossego podes ficar comigo até à hora do banquete.

O meu estômago revira-se.

– O que é? – pergunta Tobias.

Não quero regressar ao dormitório e não quero ter medo dele.

– Vamos – respondo-lhe.

*

Tobias fecha a porta e descalça os sapatos.

– Queres água? – pergunta.

– Não, obrigada – respondo, levantando as mãos.

– Estás bem? – pergunta ele, tocando-me na face. Com a mão apoia-me a cabeça enquanto os dedos compridos me acariciam o cabelo. Tobias sorri e mantém a mão na minha cabeça enquanto me beija. O calor invade-me lentamente. Tal como o medo, como se tivesse um alarme a tocar dentro do meu peito.

Com os lábios ainda colados aos meus, Tobias faz deslizar o blusão dos meus ombros. Encolho-me quando o ouço cair no chão e empurro Tobias para trás, já a sentir lágrimas nos olhos. Não sei porque me sinto assim. Não foi como me senti quando ele me beijou no comboio. Levo as mãos ao rosto e cubro os olhos.

– O que é? O que se passa?

Abano a cabeça.

– Não me digas que não é nada. – A voz arrefeceu-lhe. Agarra-me

pelo braço. – Eh, olha para mim.

Tiro as mãos da cara e levanto os olhos para ele. A mágoa que lhe vejo no olhar e a cólera que lhe prende os maxilares surpreendem-me.

– Às vezes ponho-me a pensar – digo-lhe, o mais calmamente que consigo – o que terás tu a ganhar com isto... Seja o que for que *isto* é.

– O que eu terei a ganhar... – repete Tobias. Recua, a abanar a cabeça. – És uma idiota, Tris.

– Não, não sou uma idiota – replico. – E é por isso que sei que é um pouco estranho que de todas as raparigas que podias ter escolhido me tenhas escolhido a mim. Se andas só à procura de... hum... isso, sabes como é...

– O quê? Sexo? – Tobias ri-se. – Sabes uma coisa? Se fosse só isso que eu quisesse, não serias possivelmente a primeira rapariga que eu escolheria.

A minha sensação é a de ter levado um murro no estômago. Claro que não seria a primeira rapariga que ele escolheria – nem a primeira, nem a mais bonita, nem a mais desejável. Levo as mãos à barriga e olho para o lado, tentando conter as lágrimas. Não sou de chorar muito. Nem de gritar. Pestanejo algumas vezes, baixo as mãos e olho para ele.

– Vou-me embora agora – digo-lhe, tranquilamente. E volto-me para a porta.

– Não, Tris.

Agarra-me pelo pulso e puxa-me para trás. Empurro-o, e com força, mas ele agarra-me também pelo outro pulso, mantendo os nossos braços cruzados entre nós.

– Desculpa ter dito o que disse, Tris. O que eu queria dizer era que tu *não* és assim. Soube-o desde que te conheci.

– Tu foste um dos meus obstáculos na minha paisagem dos medos – contraponho, sentindo o lábio inferior a tremer. – Sabias?

– O quê? – Tobias liberta-me os pulsos e a mágoa regressa-lhe ao olhar. – Tu tens *medo* de mim?

– Não é de ti... – respondo, mordendo o lábio para o manter imóvel. – É de estar contigo... ou com outra pessoa. Nunca tive assim uma ligação com outra pessoa e... tu és mais velho e eu não sei o que esperas e...

– Tris – diz Tobias, com ar severo –, eu não sei que tipo de ilusão é que está a influenciar-te, mas isto também é tudo novo para mim.

– Ilusão? – repito. – Queres dizer que tu não... – Arqueio as sobrancelhas. – Oh. *Oooh*. Só parti do princípio... – De que o facto de

eu estar concentrada nele significaria que todas as outras também o estariam. – Hmm. Tu sabes como é.

– Bem, partiste do princípio errado. – Tobias desvia o olhar. Tem as faces vermelhas, como se se sentisse embaraçado. – Podes dizer-me o que quiseses, sabes? – acrescenta.

Leva as mãos ao meu rosto e eu sinto-lhe o frio das pontas dos dedos e o quente das palmas das mãos.

– Sou mais simpático do que pareço nos treinos. Garanto-te.

Acredito nele. Mas o problema nada tem a ver com simpatia.

Tobias beija-me entre as sobrancelhas e na ponta do nariz e depois, cuidadosamente, faz deslizar a boca dele para a minha. Sinto-me arrastada para o limite da minha excitação. E uma corrente elétrica a correr-me nas veias em vez de sangue. Quero que ele me beije, quero. Mas tenho medo do que poderá acontecer depois.

As mãos dele passam para os meus ombros e os dedos pousam no meu penso. Tobias recua um pouco, com uma expressão preocupada.

– Estás ferida? – pergunta.

– Não. É outra tatuagem. E já sarou. Só queria... mantê-la tapada.

– Posso vê-la?

Faço que sim com a cabeça, sentindo um nó na garganta. Baixo a manga e ponho o ombro a descoberto. Ele observa-o por um segundo e depois passa os dedos pelo meu ombro, acompanhando os altos e baixos dos meus ossos, que se destacam mais do que eu desejaria. Quando me toca, sinto que cada ponto da minha pele em contacto com a dele se transforma. É uma ligação que faz disparar dentro de mim um arrepio que começa no estômago, mas que não é só medo. É mais alguma coisa. Uma necessidade.

Tobias levanta uma ponta do penso. Os olhos detêm-se no símbolo dos Abnegados e sorri.

– Tenho o mesmo símbolo – diz, a rir-se. – Nas costas.

– A sério? Posso ver?

Fazendo pressão sobre o penso, por cima da tatuagem, puxa a minha camisola para cima e tapa-me o ombro.

– Estás a pedir-me para me despir, Tris?

Sai-me da garganta uma gargalhada nervosa, borbulhante, quando lhe respondo:

– Só... em parte.

Tobias acena afirmativamente com a cabeça e o sorriso desaparece-lhe. Levanta os olhos para os meus e desce o fecho da *sweatshirt*. Esta cai-lhe dos ombros e ele atira-a para a cadeira. Agora já não tenho

vontade de rir. A única coisa que consigo fazer é observá-lo.

Franzindo o sobrolho, com as sobrancelhas a convergirem por cima do nariz, Tobias puxa pela bainha da t-shirt. E num movimento rápido arranca-a pela cabeça.

No lado direito tem as chamas dos Intrépidos repetidas várias vezes. Mas o peito está livre. E Tobias foge ao meu olhar.

– O que se passa? – pergunto, franzindo a testa. Ele parece sentir-se... desconfortável.

– Não convido muita gente a olhar para mim – responde. – Ninguém, aliás.

– Não consigo perceber porquê – comento, suavemente. – Quer dizer... olha-me só para ti.

Rodeio-o vagarosamente. Nas costas tem mais tinta do que pele. Estão aí os símbolos de todas as fações, com os Intrépidos no topo da coluna vertebral, os Abnegados logo abaixo e as outras três, em tamanhos mais pequenos, no fundo. Fico durante alguns segundos a observar a balança que representa os Cándidos, o olho dos Eruditos e a árvore dos Cordiais. Faz sentido que tenha a tatuagem dos Intrépidos, que são o seu refúgio, e mesmo o símbolo dos Abnegados, que é a sua origem, tal como eu. Mas as outras três?

– Acho que cometemos um erro – diz Tobias, em voz baixa. – Começámos todos a rebaixar as virtudes das outras fações quando começámos a querer realçar a nossa. Mas eu não o quero fazer. Quero ser corajoso e altruísta e inteligente e amável e sincero. – Pigarreia. – E tenho de fazer sempre um esforço para ser simpático...

– Ninguém é perfeito – sussurro-lhe. – Não é assim que as coisas funcionam. Uma coisa má desaparece... e outra toma o seu lugar.

Troquei a cobardia pela crueldade; e a fraqueza por ferocidade.

Passo os dedos pelo símbolo dos Abnegados.

– Vamos ter de avisá-los, sabes? Muito em breve.

– Eu sei – diz Tobias. – É o que faremos.

Volta-se para mim. Apetece-me tocar-lhe, mas tenho medo da nudez dele. Medo de também me expor.

– Isto assusta-te, Tris?

– Não – crocito, como um corvo. – Na verdade, não. Só tenho medo... do que quero.

– E que queres? – Tobias fica muito sério. – Queres-me a mim?

Aceno lentamente com a cabeça.

Ele corresponde e pega-me nas mãos com gentileza. Guia as palmas das minhas mãos para o estômago dele. Baixando os olhos, levanta-me

as mãos, em direção ao peito dele e depois por cima do pescoço. A sua pele suave e quente causa-me formigueiros nas palmas das mãos. Tenho o rosto vermelho, mas sinto um arrepio. Tobias fita-me.

– Um dia – diz –, se ainda me quiseres, podemos... – Faz uma pausa, pigarreja. – Podemos...

Sorrio-lhe e rodeio-o com os meus braços antes que ele termine a frase, apoiando a face no seu peito. Sinto o bater do coração dele no meu rosto, tão acelerado como o meu.

– Também tens medo de mim, Tobias?

– Estou aterrorizado – responde, a sorrir.

Volto a cabeça e beijo-lhe o espaço vazio por debaixo da garganta.

– Talvez não voltes a aparecer na minha paisagem dos medos – digo-lhe, num murmúrio.

Tobias baixa a cabeça e beija-me vagarosamente.

– Então toda a gente te pode passar a chamar Seis.

– Quatro e Seis.

Beijamo-nos novamente e, desta vez, é um toque que já me é familiar. Já sei como encaixamos um no outro, o braço dele em redor da minha cintura, as minhas mãos no peito dele, a pressão dos lábios dele nos meus. Já nos memorizámos.

Capítulo Trinta e Dois

Observo atentamente o rosto de Tobias enquanto nos encaminhamos para o refeitório, à procura de qualquer sinal revelador que mostre que se sente desiludido pelo tempo que passámos juntos. Estivemos durante duas horas deitados na cama dele a conversar e aos beijos e acabámos mesmo por dormir até ouvirmos os gritos no corredor – eram as pessoas que se dirigiam para o banquete.

Onde lhe noto uma mudança é no humor. Parece mais bem-disposto. Pelo menos sorri mais.

Separamo-nos à entrada. Eu vou à frente, correndo para a mesa que partilho com Will e Christina. Ele entra de seguida, um minuto depois, e vai sentar-se junto a Zeke, que lhe estende uma garrafa escura. Que Tobias rejeita, com a mão.

– Onde é que foste? – pergunta Christina. – Toda a gente regressou ao dormitório.

– Andei por aí – respondo. – Estava demasiado nervosa para conversar sobre a prova.

– Não tens razão para estares nervosa – diz Christina, abanando a cabeça. – Voltei-me por um segundo, para falar com Will, e tu já tinhas acabado.

Deteto-lhe na voz um tom de ciúme e desejo, de novo, poder explicar-lhe que eu estava bem preparada para a simulação devido ao que sou. Em vez disso, limito-me a encolher os ombros.

– Que trabalho vais escolher? – pergunto-lhe.

– Estou a pensar que gostaria de ter um trabalho como o do Quatro – responde Christina. – A formar e a treinar os iniciados. A assustá-los de morte. Uma coisa gira, sabes? E tu?

Estava tão concentrada na necessidade de completar o processo de

iniciação que mal tinha pensado no assunto. Podia trabalhar diretamente com os líderes dos Intrépidos... mas eles matar-me-iam se descobrissem o que sou. Que mais poderei escolher?

– Acho que... podia ser uma embaixadora junto das outras facções – respondo. – O facto de ter vindo de outra facção poderia ajudar-me.

– Estava mesmo à espera que disseses que querias preparar-te para seres uma líder dos Intrépidos – suspira Christina. – É o que o Peter quer fazer. Não se calou com isso o tempo todo que estivemos no dormitório.

– E é o que eu quero – acrescenta Will. – Espero ter uma classificação melhor do que a dele... ah... e temos os iniciados-Intrépidos. Já me esquecia deles. – Geme. – Oh, Deus. Isso vai ser impossível.

– Não, não vai – diz Christina, estendendo a mão para a de Will e entrelaçando os dedos nos dele, como se fosse a coisa mais natural do mundo. Will aperta-lhe a mão. – Uma pergunta... – continua, voltando-se para mim. – Os chefes que estavam a ver a tua paisagem dos medos... estavam a rir-se, a propósito de qualquer coisa.

– Ah, sim? – Mordo com força o lábio inferior. – Ainda bem que ficaram divertidos com os meus terrores.

– Tens alguma ideia de qual seria o obstáculo que os fez rirem-se?

– Não.

– Estás a *mentir* – contrapõe Christina. – Mordes sempre o interior da tua bochecha quando mentes. É o teu sinal revelador.

Paro de morder o interior da minha bochecha.

– O sinal revelador de Will é comprimir muito os lábios, se é que isso te faz sentir melhor – acrescenta Christina.

E Will cobre de imediato a boca.

– Está bem, pronto. Estava com medo de... intimidade – respondo.

– Intimidade – repete Christina. – Tipo... sexo?

Fico tensa. E obrigo-me a fazer que sim com a cabeça. Mesmo que estivesse sozinha com Christina e que não houvesse mais ninguém nas redondezas, gostaria de estrangulá-la neste momento. Faço uma lista das formas de infligir-lhe o máximo de dor com um mínimo de esforço. E tento incendiá-la com os olhos.

Will dá uma gargalhada.

– E como é que foi? – pergunta Christina. – Quer dizer, foi alguém que tentou... tentou fazê-lo contigo? E quem foi?

– Oh, não tinha cara, sabes como é... um homem ou rapaz que não consegui identificar. E as tuas borboletas?

– Prometeste que nunca falarias nisso! – exclama Christina, batendo-me no braço.

– Borboletas? – repete Will. – Tens medo de borboletas?

– Mas não são só algumas – corrige Christina. – São... tipo um enxame delas. Por todo o lado. Com aquelas asas todas e as pernas... – Estremece e abana a cabeça.

– É horrível – diz Will, com uma seriedade fingida. – És a minha rapariga. Forte como bolas de algodão.

– Ora, cala-te!

Um microfone emite um guincho tão forte que eu levo as mãos aos ouvidos. Olho para Eric, que está no outro lado da sala, em pé em cima de uma mesa, a bater com as pontas dos dedos no microfone que tem na mão. Quando os Intrépidos se aquietam, Eric interrompe o movimento dos dedos, pigarreja e começa:

– Não somos de fazer grandes discursos, por aqui. A eloquência é para os Eruditos. – A multidão ri-se. Fico a pensar se ele não teria chegado a ser em tempos um Erudito e se, sob a capa da temeridade característica dos Intrépidos e mesmo de brutalidade, não seria mais um Erudito do que outra coisa qualquer. Se o soubessem, talvez os Intrépidos não se rissem das suas piadas. – Por isso vou ser breve. Iniciamos um novo ano e temos um novo grupo de iniciados. E um grupo ligeiramente mais pequeno de novos membros. Damos-lhes os nossos parabéns.

Ao ouvir a palavra «parabéns», a sala explode não em aplausos, mas numa rajada de murros dados nas mesas. Sinto o som a vibrar dentro de mim e sorrio.

– Acreditamos na coragem. Acreditamos na iniciativa e na ação. Acreditamos na possibilidade de nos libertarmos do medo e na conquista da capacidade de expulsarmos o mal do nosso mundo para que o bem possa prosperar e afirmar-se. Se também acreditam nestas coisas são bem-vindos.

Dou por mim a sorrir de satisfação, embora saiba que Eric, muito possivelmente, não acredita no que acabou de dizer. Porque eu acredito. Por muito que os líderes tenham distorcido os ideais dos Intrépidos, o certo é que esses ideais ainda são os meus.

À minha volta juntam-se gritos de alegria ao trovejar dos punhos que continuam a abater-se sobre as mesas.

– Amanhã, no seu primeiro ato como membros, os nossos iniciados que ficaram nos dez primeiros lugares escolherão as suas funções pela ordem em que foram classificados – continua Eric. – E é pelas

classificações, eu sei, que todos esperam. Elas são determinadas por uma combinação de três resultados: o primeiro resulta da fase dos treinos de combate; o segundo da fase das simulações; e o terceiro resulta do exame final, na paisagem dos medos. A lista vai aparecer agora atrás de mim.

E assim que a palavra «mim» lhe sai dos lábios, aparecem os nomes no ecrã, que é quase da largura da parede. E junto ao número um aparece a minha fotografia e o nome «Tris».

Sai-me um peso do peito. Nem percebi que o tinha até ele desaparecer e deixar de o sentir. Sorrio e sinto-me invadida por um formigueiro que se espalha por todo o meu corpo. Estou no primeiro lugar. Divergente ou não, é a esta fação que pertença.

Esqueço-me da guerra; esqueço-me da morte. Os braços de Will envolvem-me num abraço apertado. Ouço vivas e gargalhadas e gritos. Christina aponta para o ecrã, com os olhos muito abertos e marejados de lágrimas.

1. Tris
2. Uriah
3. Lynn
4. Marlene
5. Peter

Peter fica. Reprimo um suspiro. E depois leio o resto dos nomes.

6. Will
7. Christina

Sorrio e Christina estende os braços por cima da mesa para me abraçar. Estou demasiado absorta no significado da classificação para conseguir protestar contra a demonstração de afeto. Ouço-a a rir-se aos meus ouvidos.

Há alguém que me agarra por trás e grita qualquer coisa aos meus ouvidos. É Uriah. Não consigo voltar-me e por isso limito-me a apertar-lhe o ombro.

– Parabéns! – grito-lhe.

– Conseguiste! – replica Uriah. Solta-me, a rir-se, e corre para o grupo dos iniciados-Intrépidos.

Tenho de voltar o pescoço para conseguir ver o ecrã. Olho para o fim da lista.

Nas posições oito, nove e dez estão iniciados-Intrépidos cujos nomes

mal reconheço.

Nas posições onze e doze encontram-se Molly e Drew.

Estão excluídos, portanto. Drew, que tentou fugir enquanto Peter me segurava pelo pescoço por cima do abismo, e Molly, que forneceu aos Eruditos as mentiras a respeito do meu pai, tornaram-se sem-faço.

Não é bem a vitória que eu queria, mas é uma vitória, de qualquer modo.

Will e Christina beijam-se, talvez com uma intensidade demasiado húmida para o meu gosto. À minha volta ouço o trovejar dos punhos dos Intrépidos. Sinto depois um toque no ombro e volto-me, dando com Tobias atrás de mim. Levanto-me, radiante por vê-lo.

– Achas que se te abraçasse seria demasiado revelador? – pergunta-me ele.

– Sabes uma coisa? Já não me importo – respondo.

Penho-me em bicos dos pés e encosto os meus lábios aos dele.

É o melhor momento da minha vida.

Instantes depois, o polegar de Tobias toca-me no ponto do pescoço onde levei a injeção e percebo que algumas coisas começam a fazer sentido, de repente. E nem sei como é que não o vi antes.

Ponto um: o soro colorido contém neurotransmissores.

Ponto dois: os neurotransmissores ligam a mente a um programa de simulação.

Ponto três: os Eruditos fabricaram o soro.

Ponto quatro: Eric e Max estão a trabalhar em conjunto com os Eruditos.

Solto-me do beijo de Tobias e fito-o com olhos esbugalhados.

– Tris? – pergunta ele, confuso.

Abano a cabeça.

– Agora não. – O que quero dizer é: aqui não. Não na presença de Will e Christina, que estão a poucos centímetros de mim – a olhar para mim de boca aberta, talvez por eu ter estado a beijar Tobias –, nem com o clamor dos Intrépidos à nossa volta. Mas Tobias tem de perceber a importância disto.

– Mais tarde – digo-lhe. – Está bem?

Tobias acena afirmativamente com a cabeça. Nem sei como é que depois lhe explicarei. Nem consigo pensar racionalmente.

Mas já sei como é que os Eruditos nos empurrarão para a guerra.

Capítulo Trinta e Três

Tento ficar sozinha com Tobias depois do anúncio das classificações, mas a multidão, onde se misturam os membros e os iniciados, já é demasiado compacta e a intensidade das felicitações afasta-o de mim. Decido que o melhor é esgueirar-me do dormitório depois de todos se deitarem para o poder encontrar, mas a paisagem dos medos deixou-me mais cansada do que pensava e acabo por me deixar dormir.

Só acordo ao som de colchões que rangem e de pés que se arrastam. Está demasiado escuro para conseguir ver o que se passa, mas depois de os meus olhos se ajustarem à escuridão distingo a silhueta de Christina, que está a tentar apertar os sapatos. Abro a boca para lhe perguntar o que está a fazer e noto que, no outro lado, Will está a vestir uma camisola. Estão todos acordados, mas sem fazerem barulho.

– Christina – chamo baixinho. Ela não olha para mim e por isso agarro-a pelo ombro e abano-a. – Christina!

Mas ela continua a tentar apertar os sapatos.

Sinto um aperto no estômago ao ver-lhe o rosto. Tem os olhos abertos, mas sem expressão e os músculos faciais estão frouxos. Movimenta-se sem olhar para o que está a fazer, com a boca entreaberta, não estando verdadeiramente acordada, apesar de parecer que está. E todos os outros estão neste estado.

– Will? – pergunto, atravessando o dormitório. Os iniciados alinham-se todos numa fila quando acabam de se vestir. E depois começam a sair ordeiramente. Agarro Will pelo braço para o impedir de sair, mas ele começa a andar com uma força que não consigo contrariar. Ranjo os dentes e apoio os meus pés no chão, com toda a minha força, mas sou arrastada por ele.

Estão transformados em sonâmbulos, todos eles.

Procuro os sapatos. Não posso ficar aqui sozinha. Ato-os à pressa, visto o blusão e apresso-me a sair do dormitório, apanhando rapidamente a fila dos iniciados e juntando-me a eles com um passo idêntico. Percebo em poucos segundos que todo o grupo se mexe em sintonia, avançando todos o mesmo pé ao mesmo tempo e recuando todos o mesmo braço. Imito-os o melhor que posso, mas é um ritmo que me parece estranho.

Marchamos em direção ao Fosso e quando aí chegamos a primeira pessoa da fila vira à esquerda. Max está no corredor a observar-nos. Sinto o coração a bater com muita força e olho para a frente com o olhar mais inexpressivo que consigo arranjar, concentrando-me só no ritmo dos meus movimentos. Fico tensa ao passar por ele. Ele vai reparar. Ele vai reparar que não estou de mente vazia como os outros e vai acontecer-me qualquer coisa má, já sei...

Os olhos escuros de Max examinam-me.

Subimos um lance de escadas e seguimos, sempre ao mesmo ritmo e sempre a descer, por quatro corredores. Finalmente desembocamos numa caverna enorme. No interior está uma multidão composta por Intrépidos.

Diante deles alinham-se filas de mesas com montes de objetos escuros em cima. Só consigo ver o que são quando me aproximo: armas de fogo.

É óbvio. Eric disse que todos os Intrépidos tinham sido injetados ontem. Todos os membros da facção estão assim de mente vazia, obedientes e treinados para matar. São os soldados perfeitos.

Pego numa das pistolas, num coldre e num cinto, imitando Will, que está mesmo à minha frente. Tento repetir precisamente os movimentos que ele faz, mas não consigo prever cada um dos gestos que se seguem e acabo por fazer as coisas um pouco às apalpadelas. Ranjo os dentes. Tenho de confiar que não esteja ninguém a observar-me.

Quando estou armada e equipada sigo Will e os outros iniciados a caminho da saída.

Não posso participar numa guerra contra os Abnegados, contra a minha família. Prefiro morrer. A minha paisagem dos medos demonstrou-o. As minhas opções estão agora mais reduzidas, mas já vejo o rumo que devo tomar. Tenho de continuar a fingir o tempo suficiente para chegar ao setor dos Abnegados na cidade. Tenho de salvar a minha família. E não interessa o que possa acontecer a seguir. Sinto-me em paz, como se me tivesse envolvido num cobertor de calma.

A fila dos iniciados dirige-se para um corredor escuro. Já não consigo ver Will à minha frente nem nada para lá dele. O meu pé toca num obstáculo e eu tropeço, de mãos estendidas. O meu joelho bate em mais qualquer coisa – num degrau. Endireito-me, tão tensa que pouco falta para os meus dentes começarem a bater. Mas ninguém viu o que me aconteceu. Está demasiado escuro para isso. Por favor, que esteja mesmo demasiado escuro.

Quando a escadaria faz uma inflexão, a luz regressa e eu vejo finalmente os ombros de Will à minha frente. Concentro-me na tentativa de adaptar o meu ritmo ao dele quando chego ao topo da escadaria, onde se encontra mais um dos líderes dos Intrépidos. Agora já sei quem eles são porque são as únicas pessoas que estão bem despertas.

Bem, não são as únicas pessoas. Eu devo estar acordada porque sou Divergente. E se eu estou acordada então Tobias também tem de estar... a não ser que me tenha mesmo enganado a respeito dele.

Tenho de encontrá-lo.

Fico junto à linha do comboio, no meio de um grupo que ocupa todo o horizonte da minha visão periférica. O comboio está parado à nossa frente de portas abertas. Um a um, os meus companheiros iniciados entram no comboio antes de Will e de mim.

Não posso voltar a cabeça para procurar Tobias entre a multidão, mas posso tentar ver pelo canto dos olhos. Os rostos à minha esquerda não são familiares, mas já avisto um rapaz alto, de cabelo cortado curto, a alguns metros à minha direita. Pode não ser ele e eu não consigo ter a certeza, mas é o que me parece mais certo. Não sei é como poderei chegar junto dele sem atrair as atenções. E tenho mesmo de o fazer.

O vagão à minha frente enche-se e Will volta-se para o seguinte. Tiro os olhos dele, mas, em vez de parar onde ele para, deslizo uns passos para a direita. As pessoas que me rodeiam são mais altas do que eu e por isso vão ocultar-me. Dou mais um passo para a direita, apertando os maxilares com muita força. Demasiado movimento. Vão reparar em mim. *Por favor não reparem em mim.*

Um Intrépido de rosto inexpressivo que já está no vagão estende a mão ao rapaz que está à minha frente e ele aceita-a num gesto mecânico. Aceito a mão seguinte e subo para o vagão da forma mais ágil que me é possível.

Fico em pé a olhar para a pessoa que me ajudou a subir. Tenho de torcer-me para olhar para cima, por um segundo, para lhe ver o rosto.

É Tobias, sem expressão tal como os outros. Enganei-me? Ele não é Divergente como eu? Sinto lágrimas nos olhos e pestanejo para as reprimir, voltando-lhe as costas.

Entram mais pessoas no vagão e ficamos todos dispostos em quatro filas, ombro com ombro. E nessa altura acontece uma coisa estranha: há dedos que se entrelaçam nos meus e uma mão que se cola à minha. É Tobias, agarrado à minha mão.

O meu corpo anima-se, iluminado por uma onda de energia. Aperto-lhe a mão e ele responde-me com o mesmo gesto. Ele está bem acordado. E eu tinha razão.

Quero olhar para ele, mas obrigo-me a permanecer imóvel e a manter os olhos voltados para a frente quando o comboio começa a andar. Tobias move o polegar em círculos nas costas da minha mão. A ideia dele é confortar-me, mas sinto-me frustrada. Preciso de falar com ele.

Não consigo ver para onde o comboio se dirige porque a rapariga que está à minha frente é tão alta que eu acabo por olhar para a nuca dela, enquanto me concentro na mão que tenho presa à de Tobias e o comboio vai fazendo chiar os carris. Não sei quanto tempo fico assim de pé, mas começo a sentir uma dor nas costas que me diz que já deve ser há muito tempo. O comboio para com uma grande chiadeira e o meu coração começa a bater tanto que me é difícil respirar.

E quando estamos prestes a descer, vejo com a minha visão periférica Tobias a voltar a cabeça e olho para ele de soslaio. Os olhos escuros têm uma expressão insistente quando me diz:

– Foge.

– A minha família – contraponho.

Olho em frente e salto do vagão ao chegar a minha vez. Tobias vai à minha frente. Eu devia olhar para a nuca dele, mas reconheço as ruas onde nos encontramos e a fila dos Intrépidos em que estou parece dissolver-se. Passo pelo local onde ia com a minha mãe buscar roupa nova para a nossa família, pela paragem do autocarro onde esperava todas as manhãs para ir para a escola, pelo passeio tão cheio de fendas que Caleb e eu fazíamos uma competição de saltos para o percorrer.

Mas agora está tudo diferente. Os edifícios estão às escuras e desertos. As ruas estão cheias de soldados-Intrépidos que marcham todos ao mesmo ritmo à exceção dos oficiais postados a cada cem metros que estão a observar-nos ou agrupados a discutir qualquer coisa. Mas ninguém parece estar a fazer nada. Estamos aqui realmente numa missão de guerra?

Ainda tenho de caminhar quase um quilómetro para obter resposta.

Começo a ouvir sons que parecem estalidos. Não olho em redor para perceber de onde vêm, mas quanto mais ando mais distintos e mais fortes se tornam e eu identifico-os: são tiros. Cerro os maxilares. Tenho de continuar a andar; e tenho de olhar sempre em frente.

Mais à frente vejo uma mulher-soldado que está a obrigar um homem vestido de cinzento a ajoelhar-se. Reconheço o homem: é um membro do Conselho. Ela tira a arma do coldre e, com olhos que parecem cegos, dispara uma bala na nuca do conselheiro.

A mulher-soldado tem a madeixa grisalha no cabelo. É Tori. Quase cambaleio.

Continua a andar. Sinto os olhos a arder. *Continua a andar.*

Passamos por Tori e pelo corpo do conselheiro. Quando lhe piso a mão fico quase a chorar.

Os soldados que seguem à minha frente param e eu também. Fico o mais imóvel que consigo, mas arde em mim uma vontade imensa de encontrar Jeanine, Eric e Max e de abatê-los a todos. Tenho as mãos a tremer e não consigo fazer nada que o impeça. Começo a respirar mais depressa.

Ouçoo mais um tiro. Pelo canto do olho esquerdo, vejo uma silhueta cinzenta cair no passeio. Todos os Abnegados vão morrer se isto continuar.

Os soldados-Intrépidos continuam a executar as ordens silenciosas que receberam, sem hesitarem e sem fazerem perguntas. Alguns membros mais velhos dos Abnegados são levados em grupo para um dos edifícios mais próximos, juntamente com crianças da fação. Um mar de soldados vestidos de preto está de guarda às portas. As únicas pessoas que não vejo são os líderes dos Abnegados. Podem já estar todos mortos.

Um a um, os soldados-Intrépidos que estão diante de mim vão-se dispersando para cumprirem outras tarefas. E não deve demorar muito para os líderes perceberem que eu não estou a receber os mesmos sinais que chegam aos outros. Que farei quando isso acontecer?

– Isto é uma loucura – diz, em tom de elogio, uma voz masculina à minha direita. Vejo um caracol de cabelo gorduroso e comprido e uma argola prateada. Eric. Enfia o dedo indicador na minha bochecha e eu tenho de reprimir o impulso que sinto de lhe afastar a mão com uma palmada.

– Eles não podem mesmo ver-nos? Ou ouvir-nos? – pergunta uma voz de mulher.

– Oh, podem ver e ouvir. Só que não estão a ver e a ouvir as coisas da mesma maneira – explica Eric. – Estão a receber as ordens dos nossos computadores através dos neurotransmissores que lhes foram introduzidos no corpo... – Eric faz o gesto de aplicar a seringa no pescoço para mostrar à mulher como é que foi feito. *Fica quieta*, digo a mim própria. *Quieta, quieta, quieta*. – E depois cumprem-nas sem uma falha.

Eric dá um passo para o lado e aproxima-se do rosto de Tobias com um sorriso.

– Que visão maravilhosa – diz. – O lendário Quatro. Já ninguém se vai lembrar de que eu fiquei em segundo lugar, pois não? Ninguém me vai perguntar: «Que tal foi treinar com o tipo que só tem *quatro* medos?» – Empunha a pistola e encosta-a à cabeça de Tobias. O meu coração começa a bater com tanta força que quase o sinto no cérebro. Mas ele não pode disparar. Não deve fazê-lo. Eric inclina a cabeça para o lado. – Acham que alguém daria por isso se ele fosse morto por acaso?

– À vontade – diz a mulher, com um tom enfasiado. Deve ser um dos líderes dos Intrépidos se pode dar assim autorização a Eric para o fazer. – Ele já não é nada.

– Foi pena que não tivesses aceitado a proposta de Max, Quatro – diz Eric, calmamente. – Uma pena para ti, claro. – E introduz uma bala na câmara.

Sinto os pulmões a arder – estou quase há um minuto sem respirar. Vejo pelo canto do olho a mão de Tobias a mexer-se, mas já tenho a mão na minha própria pistola. E levo-a à testa de Eric. Ele abre muitos os olhos e a boca e durante alguns segundos parece um dos soldados-Intrépidos.

O meu dedo aproxima-se do gatilho.

– Afasta a tua arma da cabeça dele – ordeno.

– Não vais disparar contra mim – replica Eric.

– É uma teoria interessante – digo-lhe. Mas o certo é que não posso abatê-lo assim. Não consigo. Ranjo os dentes e baixo a arma, disparando em vez disso contra um dos pés dele. E Eric grita e agarra-se ao pé com as duas mãos. Quando deixa de apontar a arma à cabeça de Tobias, este puxa da sua própria pistola e dispara contra uma das pernas da amiga de Eric. Não fico à espera de ver se a bala a atinge. Agarro Tobias pelo braço e começo a correr.

Se conseguirmos chegar ao beco, poderemos desaparecer por entre os edifícios e já não nos encontrarão. São quase duzentos metros.

Ouço passos atrás de nós, mas nem olho. Tobias agarra-me pela mão e aperta-a, puxando-me para a frente, a correr mais depressa do que eu alguma vez corri, mais depressa do que consigo correr. Cambaleio ao tentar acompanhá-lo. E ouço um tiro.

A dor é súbita e penetrante, começando pelo meu ombro e alastrando depois em impulsos que parecem ter dedos elétricos com vontade própria. Não consigo gritar e caio, raspando o rosto no chão. Levanto a cabeça e vejo os joelhos de Tobias junto dos meus olhos e grito-lhe:

– Foge!

E ele responde-me com uma voz calma e sossegada:

– Não.

Cercam-nos em segundos. Tobias ajuda-me a levantar, suportando o peso do meu corpo. A dor faz com que seja difícil concentrar-me. Os soldados-Intrépidos rodeiam-nos de armas apontadas.

– Divergentes rebeldes – diz Eric, apoiado apenas num pé. Tem o rosto repelentemente branco. – Entreguem as vossas armas.

Capítulo Trinta e Quatro

Apoio todo o peso do meu corpo em Tobias. O cano de uma arma encostada à minha coluna obriga-me a andar em frente e a entrar no edifício cinzento de linhas simples e de dois pisos que é o quartel-general dos Abnegados. Escorre-me sangue pelo lado direito do corpo. Não receio o que aí vem, porque a dor já é demasiado intensa para eu pensar nisso.

O cano da arma empurra-me para uma porta guardada por dois soldados-Intrépidos. Tobias e eu entramos e vemos um gabinete de linhas austeras que tem apenas uma secretária, um computador e duas cadeiras. Do outro lado da secretária está sentada Jeanine, com um telefone encostado ao ouvido.

– Então enviem alguns para trás, de comboio – está Jeanine a dizer. – É preciso que seja bem guardado porque é a parte mais importante... Depois falamos. Agora tenho de desligar. – Fechando o telefone com um gesto brusco, fixa os olhos cinzentos nos meus. O olhar dela faz-me lembrar aço derretido.

– São Divergentes rebeldes – diz um dos Intrépidos. Deve ser um dos chefes ou talvez um recruta retirado da simulação.

– Pois, estou a ver. – Jeanine tira os óculos, dobra-os e pouso-os na secretária. Deve usá-los mais por vaidade do que por necessidade. Talvez pense que os óculos a fazem parecer mais inteligente; era uma das coisas que o meu pai dizia dela. – Estava à sua espera – diz, apontando-me o dedo. – Desde o início que todos os problemas que houve na prova de aptidão me levantaram suspeitas. Mas, quanto a si...

Jeanine abana a cabeça e transfere a sua atenção para Tobias.

– Conseguiu-me enganar-me bem, Tobias... ou prefere que o trate

por Quatro? – pergunta, calmamente. – No seu caso, tudo estava em ordem: os resultados da prova de aptidão, as simulações durante o período de iniciação... tudo. Mas veio aqui parar, no entanto. – Jeanine une as mãos por debaixo do queixo. – Talvez me possa explicar como é que isto aconteceu.

– Você é que é o génio – replica Tobias, secamente. – Porque é que não mo explica a mim?

Os lábios de Jeanine curvam-se num sorriso.

– A teoria que tenho é que pertence realmente aos Abnegados. E a sua condição de Divergente é bastante fraca – diz, alargando mais o seu sorriso, como se estivesse realmente divertida. Ranjo os dentes e considero a hipótese de saltar por cima da mesa para a estrangular. Se não tivesse uma bala metida no ombro talvez o tentasse fazer.

– O seu raciocínio dedutivo é um espanto – diz Tobias, com desprezo. – Pode considerar-me estupefacto.

Olho de soslaio para ele. Já quase me tinha esquecido desta sua faceta – a tendência que tem para explodir em vez de ficar sossegado a fingir que está morto.

– Agora que confirmou as suas descobertas, talvez queira despachar-se a matar-nos – continua Tobias, fechando os olhos. – Ainda tem muitos líderes dos Abnegados para assassinar, afinal.

Se os comentários de Tobias a incomodam, Jeanine não o mostra. Continua a sorrir e levanta-se com movimentos suaves. Tem um vestido azul que lhe molda o corpo dos ombros ao joelho, revelando uma camada de gordura à volta da cintura. Sinto a cabeça a andar à roda e encosto-me a Tobias para me apoiar. Tobias passa o braço à minha volta para me segurar.

– Não seja tonto. Não há pressa – diz Jeanine, num tom despreocupado. – Estão os dois aqui com um objetivo extremamente importante. É que sempre fiquei perplexa pelo facto de os Divergentes serem imunes ao soro que criei e, por isso, tenho estado a trabalhar para remediar esse problema. Pensei que o tivesse conseguido com o lote mais recente, mas enganei-me, como sabem. Felizmente tenho outro para experimentar.

– Para quê? – interrogo. Se ela e os líderes dos Intrépidos não tiveram problemas em matar os Divergentes no passado, por que motivo é que agora há de ser diferente?

Jeanine deita-me um olhar trocista.

– Tenho tido uma dúvida desde que lancei o projeto dos Intrépidos. – Jeanine para ao lado da secretária e passa o dedo pelo tampo. – Que

é esta: porque é que quase todos os Divergentes têm uma tão grande falta de força de vontade? E porque surgem entre os zé-ninguéns tementes a Deus dos Abnegados e não nas outras fações?

Não sabia que a maior parte dos Divergentes vinha da facção dos Abnegados e não sei por que motivo isso acontece. E também não sei se viverei o tempo suficiente para o descobrir.

– Falta de força de vontade? – escarnece Tobias. – É necessária uma grande força de vontade para manipular uma simulação, tanto quanto sei. O que demonstra falta de força de vontade é controlar as mentes dos soldados de um exército só porque dá muito trabalho treiná-los.

– Eu não sou parva – diz Jeanine. – Uma facção de intelectuais não é um exército. Nós estamos fartos de ser dominados por um grupo de idiotas arrogantes que rejeitam a riqueza e o progresso. Mas não podíamos tratar sozinhos do assunto. E os vossos líderes mostraram-se mais do que dispostos a corresponder ao que eu queria, se lhes garantisse um lugar no nosso Governo novo e melhorado.

– *Melhorado?* – Tobias funga.

– Sim, melhorado – responde Jeanine. – Melhorado e preparado para trabalhar por um mundo em que as pessoas possam viver com riqueza, em prosperidade e confortavelmente.

– E à custa de quem? – pergunto, com uma voz arrastada e entaramelada. – A riqueza... tem de vir de algum lado.

– Atualmente, os sem-facção representam um desperdício dos nossos recursos – responde Jeanine. – Tal como os Abnegados. Tenho a certeza de que os Cándidos vão cooperar connosco e nessa altura seremos capazes de avançar depois de os que restarem da vossa facção terem sido absorvidos pelo exército dos Intrépidos.

Absorvidos pelo exército dos Intrépidos. Percebo o que isso significa: ela também os quer controlar. Quer que todos sejam influenciáveis e fáceis de controlar.

– *Avançar...* – repete Tobias, amargamente. Para depois levantar a voz. – Não tenha a menor dúvida quanto a uma coisa: vai morrer antes de o dia acabar, sua...

– Se conseguisse controlar o seu temperamento não estaria decerto nesta situação, Tobias – diz Jeanine, cortando-lhe a palavra.

– Estou nesta situação porque me meteu nela! – contrapõe Tobias. – A partir do momento em que orquestrou um ataque contra pessoas inocentes.

– *Pessoas inocentes.* – Jeanine dá uma gargalhada. – Acho que isso tem graça, em especial vindo de si. Eu esperava que o filho de Marcus

pudesse compreender que nem todas essas pessoas são inocentes. – Senta-se na beira da secretária e a bainha do vestido sobe, mostrando os joelhos cheios de estrias. – Pode dizer-me com sinceridade que não ficaria feliz se soubesse que o seu pai foi morto durante o ataque?

– Não – responde Tobias, por entre os maxilares bem cerrados. – Mas pelo menos o mal que ele praticou não implicava a manipulação generalizada de uma fação e o assassinio sistemático de todos os atuais líderes políticos que temos.

Fitam-se por segundos, que é o tempo suficiente para eu me sentir totalmente dominada pela tensão, até Jeanine pigarrear e voltar à carga:

– O que eu ia dizer é que em breve terei a responsabilidade de manter na ordem algumas dezenas de Abnegados e os respetivos filhos e não me agrada pensar que muitos deles possam ser Divergentes como vocês, incapazes de serem controlados pelas simulações.

Jeanine levanta-se e dá alguns passos para a esquerda, apertando as mãos diante de si. Tem as unhas roídas como eu.

– Por isso, tive de desenvolver uma nova forma de simulação a que eles não fossem imunes. Tenho sido forçada a reavaliar as minhas conclusões. – Caminha agora para a direita. – Tem razão ao afirmar que os Divergentes têm uma grande força de vontade, Tobias. Posso não conseguir controlar a vossa mente, mas há outras coisas que posso manipular.

Jeanine para e volta-se, olhando para nós. Encosto a cabeça ao ombro de Tobias. Sinto o sangue a escorrer-me pelas costas. A dor tornou-se tão constante nos últimos minutos que me habituei a ela, como acontece a uma pessoa que se habitua ao toque de uma sirene, se o som se tornar permanente.

Jeanine une as palmas das mãos. Não vejo nos olhos dela nem um brilho maldoso nem um traço do sadismo que esperava aí encontrar. É mais maquinal do que maníaca. Vê os problemas e encontra soluções com base nos elementos que reúne. Os Abnegados eram um obstáculo ao seu desejo de poder e, por isso, arranjou maneira de os eliminar. Não tinha um exército e foi encontrá-lo nos Intrépidos. Sabia que iria precisar de controlar grandes grupos de pessoas para poder manter-se em segurança e encontrou maneira de o fazer com soros e neurotransmissores. Os Divergentes são só outro problema que tem de resolver e é isso que a torna tão aterrorizadora – porque é suficientemente inteligente para resolver tudo, inclusive o problema que é, para ela, o facto de nós existirmos.

– Consigo controlar o que vocês veem e ouvem – prossegue. – Por isso criei um novo soro que ajustará o vosso ambiente para vos controlar a vontade. Os que se recusarem a aceitar a nossa liderança terão de ser monitorizados constantemente.

Monitorizados... ou ficarem sem o seu livre-arbítrio. Jeanine também é boa com as palavras.

– Tobias, vai ser a primeira cobaia. Quanto a Beatrice, no entanto... – Jeanine sorri. – Está demasiado ferida para me ser útil e por isso a sua execução terá lugar assim que esta reunião acabar.

Tento esconder o tremor que se apodera de mim ao ouvir a palavra *execução* e olho para Tobias, sentindo o meu ombro a berrar de dor. É-me difícil não chorar ao ver o terror que invade os olhos escuros e esbugalhados de Tobias.

– Não – replica a Jeanine. Tem a voz a tremer, mas o olhar que lhe deita tem a mesma firmeza com que abana a cabeça. – Prefiro morrer.

– Não me parece, Tobias, que tenha muitas opções nesta matéria – responde Jeanine despreocupadamente.

Tobias rodeia-me o rosto com as mãos e beija-me; a insistência dos seus lábios faz com que os meus se abram. Esqueço a dor e o pavor da morte iminente e, por um instante, fico satisfeita por a recordação deste beijo poder estar bem viva na minha memória quando tiver de enfrentar o meu fim.

Depois Tobias larga-me e eu tenho de me apoiar à parede para me aguentar. Sem nenhum aviso a não ser o retesar dos músculos, Tobias salta por cima da secretária e agarra Jeanine pelo pescoço. Os guardas-Intrépidos que estão à porta correm para ele, de armas empunhadas, e eu grito.

São necessários dois guardas-Intrépidos para afastarem Tobias de Jeanine e para o derrubarem. Um dos soldados segura-o com força, colocando-lhe os joelhos nos ombros e as mãos na cabeça enquanto lhe pressiona o rosto contra a carpete. Tento atacá-lo, mas o outro guarda empurra-me os ombros com as mãos, atirando-me contra a parede. Estou fraca devido à perda de sangue e sou demasiado pequena para poder resistir-lhe.

Jeanine apoia-se à secretária, ofegante e a cuspir. Esfrega a garganta, que ficou vermelha dos dedos de Tobias. Por muito maquinal que pareça ser ainda é humana: os olhos estão ainda lacrimejantes quando tira uma caixa de uma das gavetas e a abre, mostrando a seringa e a agulha que contém.

Respirando pesadamente, leva a caixa até junto de Tobias, mas este

range os dentes e dá uma cotovelada no rosto do guarda que está a imobilizá-lo. O guarda consegue, no entanto, bater-lhe com a coronha na cabeça e Jeanine apressa-se a enfiar-lhe a agulha no pescoço. E Tobias fica imóvel.

Da minha boca escapa-se um som que não é nem um soluço nem um grito, mas um gemido arrastado, parecido com o crocitar de um corvo, que nem parece vindo de mim.

– Levantem-no – ordena Jeanine, com uma voz irritada.

O guarda levanta-se e puxa por Tobias, que não tem o aspeto de sonâmbulo dos soldados-Intrépidos e cujos olhos estão bem despertos. Olha em redor, por instantes, como se o que vê o confundisse.

– Tobias – chamo. – Tobias!

Tobias olha por cima do ombro. Semicerra os olhos e avança na minha direção, com passos muito rápidos. Antes que os guardas o possam deter, fecha uma mão em torno da minha garganta e aperta-me a traqueia com os dedos. Começo a sentir-me asfiziada e o sangue aflui-me ao rosto.

– A simulação está a manipulá-lo – explica Jeanine. Mal a consigo ouvir por cima do trovejar que me invadiu os ouvidos – Ao alterar o que vê, a simulação fá-lo confundir os amigos com os inimigos.

Um dos guardas arranca-lhe a mão da minha garganta. Fico ofegante, com a respiração a fazer-se ouvir nos meus pulmões.

Tobias está transformado. Controlado pela simulação irá agora assassinar as pessoas que há menos de três minutos considerou inocentes. A mágoa seria menor se Jeanine o tivesse matado.

– A vantagem desta versão da simulação – explica Jeanine com um brilho nos olhos – é que ele pode agir de forma independente, o que o torna, por isso, mais eficaz do que um soldado sem capacidade de pensar. – Olha para os soldados que estão a segurar Tobias. Este debate-se, de músculos tensos e olhos cravados em mim, sem no entanto me ver como antes me via. – Enviem-no para a sala de controlo. Precisamos de ter aí um ser consciente para monitorizar as coisas e, segundo sei, ele já lá trabalhou.

Jeanine une as mãos.

– Quanto a ela, levem-na para a sala B13 – diz, acenando com uma mão para me mandar embora. É um gesto que determina a minha execução, mas que, para ela, equivale a riscar um assunto de uma lista de coisas a fazer e é mais um passo lógico no caminho dos seus interesses. Observa-me com uma expressão indiferente enquanto dois soldados-Intrépidos me arrastam para fora do gabinete.

Levam-me pelo corredor. Sinto-me entorpecida por dentro, mas, por fora, ainda consigo ter a força de vontade que me leva a gritar e a debater-me e a morder a mão do Intrépido que está à minha direita, sorrindo ao provar-lhe o sabor do sangue. Mas depois ele bate-me com a pistola e o mundo desaparece.

Capítulo Trinta e Cinco

Acordo num ambiente de escuridão, encostada a um canto apertado. O chão é liso e frio. Levo as pontas dos dedos à cabeça e sinto os dedos molhados. Consigo ver que o líquido é vermelho – sangue. Quando baixo a mão, o cotovelo embate numa parede. Onde estou?

Por cima de mim acende-se uma luz. A lâmpada é azul e a luz que emite é ténue. Vejo as paredes de vidro de um tanque à minha volta e o meu reflexo numa zona de sombra. É um espaço pequeno, com paredes de cimento e sem janelas, onde fiquei sozinha. Ou quase... porque numa das paredes está uma pequena câmara de vídeo.

Vejo uma abertura estreita junto aos meus pés. A abertura está ligada a um tubo e este está ligado a um tanque enorme no canto da sala.

Os tremores começam nas pontas dos meus dedos e alastram pelos braços a todo o meu corpo.

Não estou numa simulação desta vez.

O meu braço direito está entorpecido. Quando me consigo mover, vejo uma poça de sangue no sítio onde estava sentada. Mas agora não posso entrar em pânico. Ponho-me em pé, encosto-me a uma parede e respiro fundo. O pior que me pode acontecer neste momento é afogar-me neste aquário. Encosto a testa ao vidro e rio-me. É a pior coisa que posso imaginar. O meu riso transforma-se em choro.

Se agora me recusar a desistir, parecerá um ato de coragem a quem quer que esteja a observar-me pela câmara, embora, às vezes, a coragem não se demonstre pelo combate mas pela maneira de enfrentar a morte que já pressentimos aproximar-se. Não tenho medo de morrer, mas quero morrer de uma maneira diferente, seja lá como for.

É melhor gritar do que chorar e por isso começo a gritar e a bater com o calcanhar na parede atrás de mim. O meu pé ressalta e dou mais um pontapé, com tanta força que me faz doer o calcanhar. Volto a dar mais pontapés e depois recuo e atiro o peso do meu ombro esquerdo contra a parede. O impacto faz com que a ferida do meu ombro direito doa, como se tivesse sido queimada com um ferro em brasa.

Começa a aparecer água no fundo do tanque.

A câmara de vídeo significa que estão a observar-me. Não, estão a estudar-me, como só os Eruditos poderiam fazer. Para verem se a minha reação num ambiente real corresponde àquela que tenho durante a simulação. Para provarem que sou cobarde.

Abro as mãos e baixo-as. Não sou cobarde. Levanto a cabeça e olho para a câmara. Se me concentrar na respiração posso esquecer-me de que vou morrer. Fixo os meus olhos na câmara até a minha visão se estreitar e a câmara se tornar a única coisa que consigo ver. A água chega-me aos tornozelos, depois às pernas, finalmente às coxas. Passa-me as pontas dos dedos. Inspiro, expiro. A água é macia como seda.

Inspiro. A água vai limpar-me as feridas. Expiro. A minha mãe mergulhou-me em água quando eu era bebé para me oferecer a Deus. Há muito tempo que não penso em Deus, mas começo agora a pensar n'Ele. É natural. Fico de repente satisfeita por só ter disparado para o pé de Eric em vez da cabeça.

O meu corpo ergue-se com a água. Em vez de mexer os pés para manter a cabeça à superfície, expulso todo o ar dos pulmões e deixo-me ir até ao fundo. A água cobre-me os ouvidos. Sinto-lhe o movimento no rosto. Penso em inspirar a água pelo nariz, para a conduzir aos meus pulmões e deixar que ela me mate mais depressa, mas não consigo convencer-me a fazê-lo. Da boca já me saem bolhas de ar.

Calma. Fecho os olhos. Os pulmões ardem-me.

Deixo que as minhas mãos flutuem até ao cimo das paredes do tanque. Deixo que a água me envolva nos seus braços sedosos.

Quando era pequena, o meu pai costumava correr comigo às cavalitas e isso era, para mim, como se voasse. Lembro-me da sensação do ar a deslizar-me pelo corpo e já não tenho medo. Abro os olhos.

À minha frente está uma silhueta humana. Devo estar a morrer se já estou a ver coisas que não existem. Sinto a dor nos pulmões. A asfixia é um processo doloroso. Vejo a palma de uma mão no vidro diante do

meu rosto e, por instantes, parece-me distinguir através da água um rosto de traços indistintos que pode ser o da minha mãe.

Ouçõ um tiro e o vidro parte-se. A água escapa-se por um buraco perto do cimo do aquário e o painel de vidro parte-se em dois. Volto-me assim que o vidro se estilhaça e a força da água arrasta o meu corpo para o chão. Tento respirar e engulo água e ar e tusso e tento inspirar outra vez e sinto as mãos que me agarram pelos braços e ouço a voz dela que me diz:

– Beatrice, Beatrice, temos de nos apressar.

Puxando-me o braço para cima dos ombros dela, força-me a pôr-me em pé. Está vestida como a minha mãe e parece a minha mãe, mas empunha uma pistola e a expressão determinada que tem no olhar é-me desconhecida. Cambaleio a tentar acompanhá-la, ainda com os pés dentro de água e a pisar vidro partido, ao encontro de uma porta aberta. Há guardas-Intrépidos mortos junto da porta.

Os meus pés escorregam no chão de tijoleira enquanto sigo pelo corredor à velocidade mais rápida que as minhas pernas fracas conseguem alcançar. Quando contornamos uma esquina, ela dispara sobre dois guardas que estão junto da porta ao fundo. As balas acertam nas cabeças dos dois e eles tombam. Empurrando-me contra a parede, tira o casaco cinzento.

Tem uma camisola sem mangas. Ao levantar o braço, vejo-lhe parte de uma tatuagem abaixo da axila. Não admira que ela nunca tenha mudado de roupa à minha frente.

– Mãe – digo-lhe numa voz tensa –, eras uma Intrépida.

– Sim – responde a minha mãe com um sorriso. Com o blusão faz uma cinta para o meu braço, unindo as mangas por detrás da minha cabeça. – É bastante jeito me deu hoje. O teu pai, Caleb e mais alguns estão escondidos numa cave na esquina da Rua do Norte com Fairfield. Temos de ir buscá-los.

Fico a olhar para ela. Durante dezasseis anos sentei-me a seu lado na mesa da cozinha pelo menos duas vezes por dia e nunca considerei a hipótese de ela poder ter sido algo mais do que uma pessoa nascida entre os Abnegados. Será que a conhecia realmente?

– Haverá depois ocasião para perguntas – diz-me. Levanta a camisola e retira uma pistola da cintura, que me estende. Acaricia-me a face. – Agora temos de ir.

Percorre rapidamente o corredor e eu sigo-a.

Estamos na cave do quartel-general dos Abnegados. A minha mãe trabalhou sempre aqui, tanto quanto me recordei, e por isso não me

sinto surpreendida por a ver conduzir-me por alguns corredores escuros antes de subirmos depois uma escada muito húmida e encontrarmos finalmente a luz do dia, sem nos depararmos com nenhum obstáculo.

– Como é que soubeste onde eu estava? – pergunto-lhe.

– Tenho estado a observar os comboios desde o começo dos ataques – responde, olhando para mim por cima do ombro. – Não sabia o que iria fazer quando te encontrasse. Mas tive sempre a intenção de te salvar.

Sinto um aperto na garganta.

– Mas eu trai-vos. Abandonei-vos.

– És a minha filha. As fações não me interessam. – Abana a cabeça, sem se deter. – Repara naquilo a que deram origem. Os seres humanos, no seu conjunto, não podem ser bons durante muito tempo porque os que são maus regressam sempre e acabam por nos envenenar.

Para quando chegamos ao fim do beco.

Percebo que agora não é o momento de conversarmos. Mas há uma coisa que preciso de saber.

– Mãe, como é que estás tão informada sobre os Divergentes? – pergunto-lhe. – O que são? Porque é que...

A minha mãe abre o carregador da pistola e espreita para o interior. Está a ver de quantas balas ainda dispõe. Depois tira algumas de um dos bolsos e insere-as na pistola. Reconheço-lhe a expressão de quando a via tricotar.

– Estou informada porque também sou Divergente – responde-me, metendo uma bala na câmara. – Só fiquei a salvo porque a minha mãe era uma líder dos Intrépidos. No Dia da Escolha, disse-me para deixar a minha fação e encontrar uma mais segura. E eu escolhi os Abnegados. – Mete uma bala extra num bolso e endireita-se. – Mas eu queria que, no teu caso, escolheesses livremente.

– Não percebo por que motivo somos uma ameaça tão grande para os líderes.

– Cada fação condiciona os seus membros a pensar e a agir de uma determinada maneira. E é assim que a maioria faz. E para a maioria não é difícil aprender a encontrar um padrão de pensamento que funcione dessa maneira e se mantenha estável. – A minha mãe toca-me no ombro ferido. – As nossas mentes, como Divergentes, movem-se numa dezena de maneiras diferentes, no entanto. Não podemos ficar confinados a uma única maneira de pensar e isso aterroriza os nossos

líderes. Porque significa que não podemos ser controlados. E que, façam eles o que fizerem, nós iremos sempre causar-lhes problemas.

Sinto-me como se alguém me tivesse injetado ar fresco nos pulmões. Não pertenço aos Abnegados nem aos Intrépidos.

Sou Divergente.

E não podem controlar-me.

– Aí vêm eles – diz, espreitando à esquina. Olho por cima do ombro dela e vejo alguns Intrépidos de armas empunhadas, a moverem-se todos ao mesmo ritmo e na nossa direção. A minha mãe olha para trás. Atrás de nós, mas mais distantes, há um outro grupo de Intrépidos que avança pelo beco, também na nossa direção e com movimentos igualmente sincronizados.

Agarrando-me pela mão, olha para mim. Observo-lhe as pestanas compridas que se mexem quando pisca os olhos. Como desejaria ter algum dos seus traços no meu rosto pequeno e incaracterístico. Mas pelo menos tenho qualquer coisa dela no meu cérebro.

– Vai ter com o teu pai e com o teu irmão – diz a minha mãe, rodeando-me o rosto com as mãos. Os dedos estão frios e as palmas das mãos são ásperas. – No outro beco, na cave. Bate duas vezes, depois três e depois seis. Eu vou distraí-los. E tu tens de correr o mais velozmente que puderes.

– Não. – Abano a cabeça. – Não saio daqui sem ti.

Ela sorri-me.

– Sê corajosa, Beatrice. Amo-te muito – diz. E sinto os lábios dela na minha testa, antes de correr para o meio da rua com a pistola levantada bem acima da cabeça a disparar três tiros para o ar. Os Intrépidos começam a correr.

Apresso-me a atravessar a rua, para chegar rapidamente ao beco. Ainda olho por cima do ombro para ver se alguns dos Intrépidos vêm atrás de mim, mas a minha mãe já está a disparar contra eles, tornando-os mais interessados nela do que em mim.

Só volto a cabeça, num sobressalto, quando depois os ouço disparar. As minhas pernas vacilam e paro.

A minha mãe fica imóvel e depois curva-se. Tem sangue no estômago, o que lhe dá um tom avermelhado à camisola. Também lhe vejo sangue no ombro. Pisco os olhos e é como se essa violenta mancha de sangue ficasse colada ao interior das minhas pálpebras. Pisco os olhos outra vez e vejo-a sorrir, refletida no espelho, enquanto compõe o meu cabelo que acabou de cortar.

Quando cai fica primeiro de joelhos, as mãos soltas de cada lado do

corpo, antes de se deixar escorregar para a rua e de aí ficar caída de lado como uma boneca de trapos. Imóvel e já sem respirar.

Levo a mão à boca e abafo o grito com a palma da mão. Tenho as faces a arder e molhadas por lágrimas que nem senti que tivesse vertido. Ouço dentro de mim o meu sangue, que me grita que lhe pertence e que quer voltar para ela, e quando começo a correr vêm-me à mente as suas últimas palavras: que eu devia ser corajosa.

A dor dilacera-me e tolhe-me, sinto que tudo em mim se desmorona e que todo o meu mundo se desfaz de um momento para o outro. O solo raspa-me os joelhos. Tudo acabará se eu me deixar ficar no chão. Talvez Eric tivesse razão ao dizer que escolher a morte equivale a explorar um local desconhecido e incerto.

Sinto de novo a mão de Tobias a ajeitar-me o cabelo antes da primeira simulação. Ouço-o a dizer-me que devo ter coragem. Ouço também a minha mãe a dizer-me que devo ter coragem.

Os soldados-Intrépidos voltam-se, todos ao mesmo tempo como se fossem comandados pela mesma mente. Ainda consigo, sem saber como, arranjar forças para me pôr em pé e começar a correr.

Sou uma pessoa corajosa.

Capítulo Trinta e Seis

Perseguem-me três soldados-Intrépidos. Correm com movimentos sincronizados e os seus passos ecoam no beco. Um deles dispara e eu atiro-me para o chão, arranhando as palmas das mãos no pavimento. A bala atinge a parede de tijolo à minha direita e faz saltar fragmentos alaranjados. Contorno a esquina e meto uma bala na câmara da minha pistola.

Mataram a minha mãe. Aponto a arma para o beco e disparo sem fazer pontaria. Não foram estes, na realidade, mas isso já não importa – tal como a própria morte, já nada pode ser real.

Só mais uns passos. Pego na pistola com as duas mãos e fico imóvel no fim do beco, a fazer pontaria ao soldado-Intrépido. O meu dedo toca no gatilho, mas ainda sem a pressão necessária para disparar. O homem que está a correr em direção a mim não é um homem mas um rapaz. Um rapaz de cabelos desgrenhados com uma ruga a separar as sobrancelhas.

É o Will. De olhos mortiços, incapaz de raciocinar. Mas é o Will. Para e fica imóvel como se fosse a minha imagem refletida: de pernas afastadas e braços levantados, com a arma apontada para mim. Vejo-lhe o dedo no gatilho e ouço a bala a entrar na câmara e disparo. Fechando os olhos, sem respirar.

A bala atinge-o na cabeça. E sei que foi na cabeça porque foi para aí que aponteí.

Volto-me sem abrir os olhos e afasto-me do beco, vacilante. A esquina de Fairfield com a Rua do Norte. Tenho de procurar as placas toponímicas para descobrir onde estou, mas nem as consigo ler. Sinto os meus olhos a ficarem obscurecidos. Pestanejo várias vezes. E percebo que estou a poucos metros do prédio que contém o que resta

da minha família.

Ajoelho-me junto à porta. Tobias diria que seria pouco sensato fazer barulho. Qualquer ruído poderá atrair mais soldados-Intrépidos.

Encosto a testa à parede e grito. Preciso de alguns segundos para levar a mão à boca e sufocar o som que me sai da garganta, mas não consigo impedir-me de gritar outra vez e de perceber que o meu grito se transforma em lágrimas. A pistola ressalta no chão. Não consigo deixar de ver Will à minha frente.

Está a sorrir, na minha memória. Com o lábio revirado. Com dentes certinhos. Com um brilho nos olhos. A rir-se, a provocar-me, mais vivo nas minhas recordações do que eu na realidade estou. Era ele ou eu. E eu escolhi-me a mim própria. Mas sinto que também morri.

*

Bato à porta – duas vezes, depois três e finalmente seis, como me disse a minha mãe.

Limpo as lágrimas do rosto. Será esta a primeira vez que vou ver o meu pai desde que me fui embora e não quero que ele me veja assim desfeita e a chorar.

A porta abre-se e é Caleb quem vejo primeiro. Fico estupefacta. Ele fita-me por segundos e depois agarra-me e abraça-me, pressionando com a mão a ferida que tenho no ombro. Mordo o lábio para não gritar, mas não consigo evitar um gemido e Caleb recua.

– Beatrice... Oh, Deus, foste ferida?

– Vamos para dentro – digo-lhe, com voz débil.

Caleb passa o polegar pelos olhos, disfarçando as lágrimas. A porta fecha-se atrás de nós.

A cave está mal iluminada, mas consigo ver rostos que me são familiares, de antigos vizinhos, colegas de escola e amigos do meu pai. E o meu pai, que olha para mim como se eu tivesse duas cabeças. E Marcus. Vê-lo magoa-me. Faz-me pensar em Tobias.

Mas não. Não vou deixar-me magoar. Não pensarei nele.

– Como é que soubeste que estávamos aqui? – pergunta Caleb. – Encontrei a Mãe?

Aceno afirmativamente com a cabeça. Também não quero pensar na nossa mãe.

– O meu ombro... – murmuro.

Agora que estou em segurança, a adrenalina que me impeliu até aqui começa a desaparecer e a dor torna-se mais intensa. Caio de

joelhos. Da minha roupa pinga água para o chão de cimento. Um soluço agita-me, ansioso por se libertar, mas abafa-o.

Uma mulher chamada Tessa, que vivia no outro lado da rua em que morávamos, empurra uma enxerga na nossa direção. Era casada com um membro do Conselho, mas não o vejo ali. Deve estar morto.

Outra pessoa traz um candeeiro para junto de nós, para termos luz. Caleb pega num estojo de primeiros socorros e Susan vem com uma garrafa de água. Não há local melhor para receber ajuda do que uma sala cheia de membros dos Abnegados. Olho de soslaio para Caleb. Está de novo vestido de cinzento. A recordação que tenho dele no quartel-general dos Eruditos parece-me um sonho.

O meu pai aproxima-se e apoia o meu braço nos ombros dele, ajudando-me a atravessar a cave.

– Porque é que estás molhada? – pergunta Caleb.

– Tentaram afogar-me – respondo. – E tu, estás aqui porquê?

– Fiz o que disseste... o que a Mãe disse. Investiguei o soro das simulações e descobri que Jeanine esteve a desenvolver neurotransmissores de longo alcance para o soro, para que o sinal pudesse abranger uma área maior... e isso deu-me informações sobre os Eruditos e os Intrépidos. De qualquer modo... larguei o processo de iniciação quando descobri o que estava a acontecer. Ter-te-ia avisado mas era tarde de mais. E agora – conclui – tornei-me um sem-faço.

– Não, não és um sem-faço – diz o meu pai com ar muito sério. – Agora estás connosco.

Ajoelho-me na enxerga. Caleb corta a minha camisola com uma tesoura médica e depois afasta o fragmento de tecido, expondo em primeiro lugar a tatuagem dos Abnegados no meu ombro direito e depois as três aves na minha clavícula. O meu pai e ele ficam a olhar para as duas tatuagens com a mesma expressão de fascínio e de choque, sem no entanto se pronunciarem.

Fico deitada de barriga para baixo e Caleb aperta-me a mão enquanto o meu pai tira o antisséptico do estojo de primeiros socorros.

– Já alguma vez extraíram uma bala a alguém? – pergunto, com uma gargalhada trémula.

– Ficarias surpreendida com a quantidade de coisas que eu sei fazer – responde o meu pai.

Admito que sim, que poderia ficar surpreendida quanto aos meus pais. Penso na tatuagem da minha mãe e mordo o lábio.

– Isto vai doer – avisa o meu pai.

Não vejo a faca a entrar, mas sinto-a. A dor alastra pelo meu corpo

e eu grito por entre dentes cerrados, quase esmagando a mão de Caleb. E apesar de estar a gritar ouço o meu pai a pedir-me para descontrair as costas. Caem-me lágrimas dos olhos, mas faço o que ele manda. A dor regressa, sinto a faca a avançar por debaixo da minha pele e continuo a gritar.

– Já está – diz o meu pai. E deixa cair uma coisa no chão com um ruído metálico.

Caleb olha para o meu pai e depois para mim e ri-se. Como não o ouvia rir há tanto tempo, o som só me faz chorar.

– Onde é que está a graça? – pergunto, ainda a choramingar.

– Nunca pensei poder ver-nos juntos outra vez – responde.

O meu pai limpa a pele em torno da ferida com qualquer coisa húmida.

– É a altura do *tricot* – avisa.

Aceno afirmativamente com a cabeça. Vejo-o enfiar o fio na agulha como se já o tivesse feito milhares de vezes.

– Um... – diz. – Dois... *três*!

Cerro os dentes e fico imóvel. De todas as dores que já me foram infligidas hoje – levar um tiro, estar prestes a afogar-me, viver a sensação de me ser extraída uma bala, encontrar e logo perder a minha mãe e Tobias... – esta é a mais fácil de suportar.

O meu pai acaba de coser-me a ferida, corta o fio e cobre os pontos com uma ligadura. Caleb ajuda-me a sentar e levanta a bacia das duas camisolas que tem vestidas, despindo a de mangas compridas e oferecendo-ma.

O meu pai ajuda-me a enfiar o braço direito na manga e eu acabo de vestir a camisola. Fica-me grande e cheira a roupa lavada e a Caleb.

– Então – diz o meu pai, calmamente –, onde está a tua mãe?

Baixo os olhos. Não quero dar as más notícias. Nem queria tê-las, aliás.

– Morreu – respondo. – Ao salvar-me.

Caleb fecha os olhos e inspira profundamente.

O meu pai parece ficar abatido, por momentos, mas depois recupera e, desviando os olhos brilhantes de humidade, acena com a cabeça.

– Isso é bom – diz, numa voz tensa. – Foi uma boa morte.

Se neste momento disser alguma coisa vou-me abaixo e não posso dar-me ao luxo de deixar que isso aconteça. Por isso, só consigo responder com um aceno de cabeça.

Eric declarou que o suicídio de Al era um ato de coragem, mas

estava enganado. A morte da minha mãe é que foi um ato de coragem. Lembro-me de como ela estava calma e determinada. Não foi só um ato de coragem por ter morrido para me salvar. Foi também um ato de coragem porque ela o fez sem o anunciar, sem hesitar e sem parecer estar à espera de poder ter outra opção.

O meu pai ajuda-me a levantar. É altura de encarar as outras pessoas. A minha mãe disse-me para as salvar. Por causa disso, e porque sou uma Intrépida, é meu dever guiá-las neste momento. Mas não sei como suportar este fardo.

Marcus levanta-se. Assim que o vejo ocorre-me de imediato a imagem dele a bater-me no braço com o cinto e a garganta parece ficar estrangulada.

– Não estaremos a salvo aqui por muito tempo – acaba por dizer Marcus. – Precisamos de sair da cidade. A nossa melhor opção é irmos para o quartel-general dos Cordiais, na esperança de que nos acolham. Sabes alguma coisa sobre a estratégia dos Intrépidos, Beatrice? Interromperão os combates à noite?

– A estratégia não é dos Intrépidos – respondo. – Tudo isto foi engendrado pelos Eruditos. E os Intrépidos nem estão a receber ordens.

– Não estão a receber ordens?... – repete o meu pai. – Que queres dizer com isso?

– Quero dizer que noventa por cento dos Intrépidos estão nesta altura transformados em sonâmbulos. É como se estivessem numa simulação, sem saberem o que estão a fazer. O único motivo pelo qual não estou como eles é o facto de ser... – Hesito quanto à palavra. – O controlo mental não me afeta.

– Controlo mental? Então eles não sabem que estão a matar pessoas? – pergunta o meu pai, atónito.

– Não.

– Isso é... horrível – diz Marcus, abanando a cabeça. O tom de simpatia que emprega parece-me artificial. – Se acordarem e perceberem o que fizeram...

A cave fica em silêncio, talvez por todos os Abnegados começarem a imaginar-se na pele dos soldados-Intrépidos, e é nessa altura que tenho uma ideia. E que lhes digo:

– Temos de acordá-los.

– O quê? – pergunta Marcus.

– Se acordarmos os Intrépidos, eles irão possivelmente revoltar-se ao perceberem o que se passa – explico. – Os Eruditos ficarão sem

exército, Os Abnegados deixarão de ser mortos. E isto acaba.

– Não será assim tão simples – diz o meu pai. – Mesmo sem terem os Intrépidos a ajudá-los, os Eruditos arranjarão outra maneira de...

– E como é que os podemos acordar? – pergunta Marcus.

– Temos de encontrar os computadores que controlam a simulação e descobrir os dados existentes – respondo. – E o programa. Tudo.

– É mais fácil de dizer do que de fazer – intervém Caleb. – Podem estar em qualquer sítio. Não podemos simplesmente aparecer no quartel-general dos Eruditos e começar à procura.

– Está tudo...

Franzo o sobrolho. Jeanine. Jeanine estava a falar de qualquer coisa importante quando Tobias e eu entrámos no gabinete dela, qualquer coisa que a fez dar uma ordem direta sem ouvir mais nada. E estava a dizer que não podiam deixar qualquer coisa sem defesa. E depois quando estava a mandar Tobias embora: *Enviem-no para a sala de controlo*. A sala de controlo onde Tobias trabalhava. Onde estão os computadores dos Intrépidos. E onde ele deu pela falta de segurança informática dos Intrépidos.

– Está tudo no quartel-general dos Intrépidos – afirmo. – Faz sentido. É onde estão armazenados todos os dados sobre os Intrépidos e é natural que eles sejam controlados a partir daí.

Tenho a vaga ideia de ter dito «eles». Tornei-me ontem, oficialmente, membro dos Intrépidos, mas agora não me sinto como um deles. E também não sou um dos Abnegados.

Acho que sou o que sempre fui. Não pertenço aos Intrépidos, nem aos Abnegados, nem sou uma sem-faço. Sou Divergente.

– Tens a certeza? – pergunta o meu pai.

– É uma suposição racional – respondo –, e também a melhor teoria que tenho.

– Então temos de decidir quem vai e quem se dirige para os Cordiais – diz o meu pai. – De que tipo de ajuda necessitas, Beatrice?

A pergunta surpreende-me, tal como a expressão que lhe vejo no rosto. O meu pai olha para mim como se eu fosse alguém com o mesmo estatuto que ele. E fala comigo também com essa atitude. Ou aceitou que sou agora uma pessoa adulta ou, então, que já não sou filha dele. Esta hipótese é a mais provável e a mais dolorosa.

– Preciso de alguém que possa e esteja disposto a disparar uma arma de fogo – respondo – e que não tenha medo das alturas.

Capítulo Trinta e Sete

Os Eruditos e os soldados dos Intrépidos estão concentrados no setor da cidade reservado aos Abnegados, e à medida que nos afastamos desse setor temos menos probabilidades de encontrar obstáculos.

Não fui eu que decidi quem me acompanharia. Caleb era a escolha óbvia, porque é quem sabe mais a respeito dos planos dos Eruditos. E Marcus insistiu em ir, apesar do meu protesto, por saber utilizar os computadores. E o meu pai fez tudo como se o seu lugar já estivesse reservado.

Fico por instantes a ver os outros, que fogem na direção oposta – a caminho da segurança e do acolhimento dos Cordiais –, e de seguida volto-me, a olhar para a cidade e para o campo de batalha. Estamos já perto da linha do comboio que nos transportará para o perigo.

– Que horas são? – pergunto ao meu irmão.

Caleb olha para o relógio e responde:

– Três e doze.

– Deve estar a chegar a qualquer momento – afirmo.

– E vai parar?

Abano a cabeça.

– O comboio diminui a velocidade quando atravessa a cidade. Corremos ao lado dos vagões durante alguns metros e depois subimos.

Saltar para os comboios parece-me fácil e natural nesta altura. Não vai ser tão fácil para os outros, mas agora não podemos parar. Olho por cima do ombro esquerdo e vejo as luzes do comboio e os seus reflexos dourados nos edifícios e nas ruas cinzentas. Ponho-me a saltitar enquanto as luzes vão aumentando de tamanho e depois a parte da frente do comboio passa por mim e eu começo a correr. Ao ver a porta aberta de um vagão, acelero para me manter ao lado do

comboio e agarro-me à pega do lado esquerdo, içando-me para o interior.

Caleb salta e aterra pesadamente na entrada do vagão, rolando sobre si próprio para conseguir deslizar para o interior, ajudando Marcus a entrar. O meu pai aterra de bruços e precisa de puxar as pernas para cima. Afastam-se todos da porta, mas eu fico à entrada, agarrada só com uma mão, a olhar para a cidade que parece passar por nós.

Se eu fosse Jeanine, enviaria a maioria dos soldados-Intrépidos para a entrada do quartel-general dos Intrépidos por cima do Fosso, do lado de fora do edifício de vidro. Por isso será mais inteligente entrar pelas traseiras, o que nos obriga a saltar do alto de um prédio.

– Parto do princípio de que te arrependes agora de teres optado pelos Intrépidos – diz-me Marcus.

Surpreende-me que não seja o meu pai a fazer-me essa pergunta, mas, tal como eu, ele está absorto a contemplar a cidade. O comboio passa pelo quartel-general dos Eruditos, que está agora mergulhado na escuridão. À distância parece ter um ambiente pacífico e talvez seja esse o caso no interior. Não chegam aí a guerra e a realidade do que fizeram.

Abano a cabeça.

– Nem mesmo depois de os líderes da tua facção terem decidido juntar-se a uma conspiração que visava derrubar o Governo? – insiste Marcus, abruptamente.

– Havia certas coisas que eu precisava de aprender.

– Como seres corajosa? – pergunta o meu pai, suavemente.

– Como ser altruísta – respondo. – Muitas vezes é a mesma coisa.

– Foi por isso que tatuaste o símbolo dos Abnegados no ombro? – pergunta Caleb. Tenho quase a certeza de ver um sorriso nos olhos do meu pai.

Respondo-lhe com um sorriso vago, fazendo que sim com a cabeça:

– E o símbolo dos Intrépidos no outro ombro.

*

O edifício de vidro por cima do Fosso reflete a luz do sol nos meus olhos. Fico imóvel, agarrada à pega da porta do vagão para não me desequilibrar. Estamos quase.

– Quando eu disser – aviso –, saltem o mais longe que puderem.

– Saltar? – contrapõe Caleb. – Mas estamos à altura de sete andares,

Tris.

– Vamos saltar para cima de um telhado – respondo. Vejo-lhe a expressão de espanto no rosto. – É aquilo a que chamam um teste de coragem – esclareço.

A coragem depende, em cinquenta por cento, da perspetiva. A primeira vez que fiz isto foi uma das circunstâncias mais difíceis da minha vida. Mas estar agora preparada para saltar de um comboio em andamento já não é nada, porque entretanto já fiz coisas mais difíceis nas últimas semanas do que muitas pessoas farão em toda a sua vida. E no entanto nada disso pode ser comparado com o que me preparo para fazer no quartel-general dos Intrépidos. Se sobreviver hei de continuar indubitavelmente a fazer coisas mais difíceis do que essa, como, por exemplo, viver sem ter uma facção, coisa que nunca imaginei ser possível.

– Pai, podes ir – digo-lhe, recuando para ele poder ocupar o meu lugar à porta. Se ele e Marcus forem os primeiros a saltar, posso sincronizar as coisas para eles saltarem na distância mais curta entre o comboio e o telhado. Espero que Caleb e eu possamos saltar a uma distância maior porque somos mais jovens. É um risco que tenho de correr.

A linha faz uma curva e, quando o comboio está alinhado com a beira do telhado, grito:

– Saltem!

O meu pai dobra os joelhos e lança-se para a frente. Nem espero para ver se ele conseguiu. Empurro Marcus para a frente e grito-lhe:

– Salte!

O meu pai aterra no telhado tão perto da beira que fico sem conseguir respirar. Depois senta-se no solo poeirento e eu empurro Caleb para ir à minha frente. O meu irmão ainda fica de pé à porta do vagão e depois salta, sem eu ter de lho dizer. Recuo alguns passos para ganhar balanço e salto do vagão assim que o comboio chega ao fim do telhado.

Fico suspensa no vazio por instantes e depois os meus pés batem no cimento e vacilo, desviando-me e afastando-me da beira do telhado. Doem-me os joelhos e o impacto que faz estremecer todo o meu corpo deixa-me o ombro a latejar. Sento-me, a respirar com dificuldade, e olho para o outro lado do telhado. Caleb e o meu pai estão na borda, a segurarem Marcus pelos braços. Ele não conseguiu alcançar o telhado, mas ainda não caiu.

Algueres dentro de mim ouço uma voz maldosa que entoia: *Cai, cai,*

cai...

Mas ele não cai. Caleb e o meu pai içam-no para o telhado. Eu levanto-me e sacudo a poeira das calças. O pensamento do que vem a seguir já me está a preocupar. Uma coisa é pedir às pessoas que saltem de um comboio, mas... de um telhado?

– Esta segunda parte foi o que me levou a falar no medo das alturas – começo, caminhando até à beira do telhado. Ouço-lhes os passos arrastados atrás de mim e coloco-me no rebordo. O vento sobe pela parede do prédio e levanta-me a camisola do corpo. Olho para a abertura no solo, sete andares abaixo de mim, e depois fecho os olhos quando o ar me sopra para o rosto. – Há uma rede no fundo – acrescento.

Observo-os por cima do ombro. Parecem os três confusos. Ainda não perceberam o que estou a pedir-lhes para fazerem.

– Não pensem – digo-lhes. – Limitem-se a saltar.

Volto-me e, ao fazê-lo, inclino-me para trás e perco o equilíbrio. Caio como uma pedra, fechando os olhos, com um braço estendido para sentir o vento. Descontraio os músculos o melhor que posso antes de atingir a rede, que me parece uma placa de cimento quando o meu ombro embate nela. Ranjo os dentes e rolo até à extremidade da rede, agarrando-me ao mastro que lhe serve de suporte, e passo a perna para o outro lado. Caio de joelhos na plataforma de madeira e sinto lágrimas nos olhos.

Caleb guincha quando a rede lhe envolve o corpo e depois endireita-se. Eu ponho-me em pé com alguma dificuldade.

– Caleb! – grito-lhe. – Aqui!

Respirando pesadamente, Caleb rasteja até à orla da rede e deixa-se cair para o lado de fora, batendo com força na plataforma. Põe-se em pé com dificuldade e fica a olhar para mim, de boca aberta.

– Quantas vezes... fizeste... isto? – pergunta, ainda a tentar respirar.

– Com esta... duas – respondo.

Caleb abana a cabeça.

Quando o meu pai chega à rede, Caleb ajuda-o a sair. E depois de dar por si em pé, na plataforma, o meu pai curva-se e vomita para o lado. Desço as escadas e ouço Marcus embater na rede, com um suspiro.

A caverna está deserta e ao fundo do corredor está escuro.

Jeanine falara como se ninguém tivesse ficado no quartel-general dos Intrépidos, à exceção dos soldados que enviou para guardarem os computadores. Portanto conseguiremos encontrar os computadores se

encontrarmos soldados-Intrépidos. Olho por cima do ombro. Marcus está de pé na plataforma, branco como a cal, mas ileso.

– Este é o quartel-general dos Intrépidos? – pergunta.

– É – respondo. – E...?

– E nunca pensei que conseguiria vê-lo – diz Marcus, passando a mão pela parede. – Não precisas de estar tanto na defensiva, Beatrice.

Nunca tinha reparado como os olhos dele eram tão frios.

– Tens algum plano, Beatrice? – pergunta o meu pai.

– Tenho.

E é verdade que tenho. Não sei é quando o concebi.

Nem se resultará. Há algumas coisas com que posso contar: não estão muitos Intrépidos no quartel-general, os Intrépidos não são conhecidos pela sua esperteza e eu farei tudo o que puder para os deter.

Percorremos o corredor que conduz ao Fosso e que está iluminado de três em três metros. Quando chegamos à primeira zona de luz ouço um tiro e atiro-me para o chão. Alguém nos viu. Rastejo até à zona de sombra seguinte. O clarão da arma veio do outro lado da porta que dá para o Fosso.

– Estão bem? – pergunto.

– Sim – responde o meu pai.

– Fiquem onde estão – ordeno-lhes.

Atravesso a sala a correr. Como as luzes estão metidas na parede há sempre um pequeno espaço escuro diretamente por baixo delas. E eu sou suficientemente pequena para aí me esconder, se me puser de lado. Posso dessa maneira percorrer toda a extremidade da sala e surpreender o guarda que está a disparar sobre nós antes de ele conseguir meter-me uma bala na cabeça. Se a sorte me favorecer, claro.

Uma das coisas que agradeço aos Intrépidos é terem-me feito alcançar um grau de preparação que me elimina o medo.

– Quem quer que aí esteja... – grita uma voz. – Larguem as armas e ponham as mãos no ar!

Colo as costas à parede de pedra e começo a andar de lado, um pé a sobrepor-se ao outro para deslizar melhor, semicerrando os olhos para ver melhor na obscuridade. Um novo tiro quebra o silêncio. Chego à última luz e deixo-me ficar por instantes na sombra, deixando que os meus olhos se habituem.

Não conseguirei vencer este combate, mas se me mover rapidamente não terei de lutar. Caminho com passos ligeiros na

direção do guarda que está junto da porta. E só preciso de mais alguns metros para perceber que conheço bem o cabelo preto sempre brilhante, mesmo na escuridão, e o nariz comprido e estreito.

Peter.

Um manto frio cola-se-me à pele e depois ao coração, descendo até ao mais fundo do meu estômago.

Peter tem uma expressão tensa – o que significa que não é um sonâmbulo. Olha em redor, mas o seu olhar fica-se no ar à minha volta e além de mim. A avaliar pelo silêncio, não tenciona negociar connosco e está disposto a matar-nos sem fazer perguntas.

Humedeço os lábios e lanço-me a correr na direção dele com a quilha da mão bem levantada. O golpe atinge-o no nariz e ele grita, levando as duas mãos ao rosto. O meu corpo move-se impulsionado por uma energia nervosa e, quando ele se volta para mim com os olhos semicerrados, atinjo-o com um pontapé nos testículos. Peter cai de joelhos, largando a pistola, que cai no chão com um ruído metálico. Apanho-a e encosto-lhe o cano à cabeça.

– Como é que estás acordado? – pergunto-lhe.

Peter levanta a cabeça e eu meto uma bala na câmara, erguendo as sobrançelas.

– Os líderes dos Intrépidos reviram os meus registos... e tiraram-me da simulação – responde.

– Porque perceberam que já tinhas tendências homicidas e que não terias problemas em matar algumas centenas de pessoas enquanto estivesses consciente – acrescento. – Tem lógica.

– Eu não sou... homicida!

– Nunca conheci um Cândido que fosse tão mentiroso como tu – contraponho, dando-lhe pancadinhas no crânio com o cano da pistola.

– Onde estão os computadores que controlam a simulação, Peter?

– Tu não vais disparar contra mim.

– As pessoas tendem a sobrestimar o meu carácter – digo-lhe em voz baixa. – Pensam que não consigo ser cruel porque sou pequena ou porque sou rapariga ou porque sou uma Empata. Mas enganam-se.

Desvio a arma seis centímetros para a direita e disparo contra o braço dele.

Os gritos enchem o corredor. Da ferida sai-lhe sangue e Peter grita novamente, pondo a testa no chão. Transfiro de novo a arma para a cabeça dele, ignorando a sensação de culpa que me dilacera o peito.

– Agora que já percebeste o teu erro – digo-lhe –, vou dar-te outra oportunidade de dizeres aquilo que quero saber antes de te dar um

tiro noutra sítio pior.

Há uma coisa com que posso contar: Peter não é uma pessoa altruísta.

Rodando a cabeça, volta para mim os olhos brilhantes. Os dentes estão a morder o lábio inferior e a respiração é trémula, quer quando o ar sai quer quando entra.

– Eles estão à escuta – diz-me, de repente. – Se tu não me matares serão eles a fazê-lo. A única maneira de te dizer o que queres saber é levares-me contigo.

– O quê?

– Leva-me... aah... contigo – responde Peter, fazendo uma careta.

– Tu queres que eu leve comigo – digo-lhe – a pessoa que tentou... matar-me?

– Quero – geme Peter. – Se estás à espera de descobrir o que queres saber.

Parece que posso escolher... mas não posso. Cada minuto que passo a olhar para ele, a pensar como me persegue nos meus pesadelos e no mal que me fez, há mais dez Abnegados que morrem às mãos do exército sonâmbulo dos Intrépidos.

– Está bem – digo-lhe, quase sufocando com as minhas palavras –, está bem.

Ouçó passos atrás de mim. Mantendo a arma bem firme, espreito por cima do ombro. O meu pai, o meu irmão e Marcus já estão a chegar.

O meu pai despe a camisa cinzenta. Por baixo tem uma t-shirt também cinzenta. Ajoelha-se junto de Peter e enrola a camisa à volta do braço dele, apertando-a com força. Enquanto aperta o tecido contra o sangue que lhe sai da ferida, olha para mim e pergunta-me:

– Era realmente necessário dar-lhe um tiro?

Não respondo.

– Por vezes, a dor é infligida para o bem de todos – diz Marcus, calmamente.

Vejo-o na minha mente parado diante de Tobias com um cinco na mão e ouço o eco da sua voz: «Isto é para teu bem!» Observo-o durante segundos. Ele acredita mesmo no que acabou de dizer? Parece uma frase dita pelos Intrépidos.

– Vamos – digo-lhes. – Levanta-te, Peter.

– Queres que ele *ande*? – pergunta Caleb. – Isso é de loucos.

– Será que o feriu na perna? – pergunto. – Parece que não. Portanto, ele consegue andar. Para onde vamos, Peter?

Caleb ajuda Peter a pôr-se em pé.

– Para o edifício de vidro – responde Peter com uma careta. – Para o oitavo andar. – E conduz-nos para a porta.

Entro no Fosso, com o rugido do rio subterrâneo por pano de fundo e as suas luzes azuis, e vejo que está completamente deserto. Nunca vi este espaço assim. Procuo sinais de vida pelas paredes, mas não vejo movimento nem silhuetas paradas na escuridão. Com a pistola na mão, começo a subir o trilho que dá para o teto de vidro. O vazio faz-me estremecer. Recorda-me o campo sem fim do pesadelo dos corvos.

– O que te faz pensar que tens o direito de dar um tiro a alguém? – pergunta-me o meu pai, que está a subir o trilho logo atrás de mim.

Passamos pelo espaço das tatuagens. Onde estará Tori neste momento? E Christina? E respondo ao meu pai:

– Agora não é a altura de debatermos questões éticas.

– Não, agora é a altura perfeita – contrapõe ele – porque vais ter em breve a oportunidade de disparar contra mais pessoas e se não perceberes...

– Se não perceber *o quê?* – pergunto, sem me voltar. – Que cada segundo que perco significa a morte de mais um Abnegado e que mais um Intrépido se transforma em homicida? Isso já eu percebi. Agora é a tua vez.

– Há uma maneira correta de fazer as coisas.

– E porque é que tu tens a certeza de que sabes qual é? – pergunto.

– Parem de discutir, por favor – intervém Caleb, num tom de censura. – Temos coisas mais importantes a fazer neste momento.

Continuo a subir, de faces vermelhas. Há alguns meses não me teria atrevido a responder assim ao meu pai. Nem há algumas horas. Mas qualquer coisa mudou quando mataram a minha mãe. E quando levaram Tobias.

O som da respiração ofegante do meu pai sobrepõe-se ao som atroador da água. Esqueço-me de que ele é mais velho do que eu e de que os seus ossos já não conseguem aguentar o peso do corpo.

Antes de subir a escada de metal que nos vai levar ao teto de vidro fico uns instantes à espera na escuridão, a observar a luz do sol nas paredes do Fosso. E vejo uma sombra deslizar pela parede iluminada, começando a contar até aparecer a sombra seguinte. Os guardas fazem as suas rondas a cada minuto e meio, detêm-se por vinte segundos e depois continuam.

– Há homens armados lá em cima – digo ao meu pai, em voz baixa.

– Quando me virem vão tentar matar-me. – Procuo-lhe o olhar. –

Devo deixar que o façam?

O meu pai fica a olhar para mim durante alguns instantes antes de me responder:

– Vai, e que Deus te ajude.

Subo cuidadosamente as escadas, detendo-me mesmo antes de a minha cabeça emergir no chão de vidro. Observo o movimento das silhuetas e subo assim que uma delas fica imóvel, fazendo pontaria e disparando contra ela.

A bala não atinge o guarda. Parte é a janela atrás dele. Volto a disparar e depois baixo-me quando as balas atingem o chão à minha volta. Ainda bem que o vidro é à prova de bala, caso contrário acabaria por partir-se e eu cairia para a minha morte.

O guarda ficou neutralizado. Respiro fundo e assento uma mão no chão, espreitando pelo vidro para ver melhor o meu alvo. Erguendo a pistola, disparo contra o guarda que vem a correr na minha direção. A bala atinge-o no braço. Felizmente é o braço que utiliza para disparar, porque larga a arma, que desliza pelo chão fora.

Toda a tremer, entro de rompante pela abertura e agarro-lhe a pistola antes que ele a possa recuperar. Uma bala passa-me rente à cabeça e é por milímetros que não me atinge, embora a sinta no cabelo. Abrindo muitos os olhos, atiro o meu braço direito para trás – o que gera uma dor dilacerante no meu ombro – e disparo três vezes para trás de mim. Por um qualquer milagre uma das balas atinge um guarda, enquanto os meus olhos começam a lacrimejar incontrolavelmente devido à dor. Só pode ter sido da rutura dos pontos.

À minha frente aparece outro guarda. Deixo-me cair de bruços e aponto as duas pistolas para ele com os braços apoiados no chão. Olho para o orifício negro que é o cano da arma dele.

E depois acontece uma coisa surpreendente. Ele volta a cara para o lado, fazendo-me sinal para avançar.

Só pode ser um Divergente.

– O caminho está livre! – grito.

O guarda curva-se ao entrar na sala da paisagem dos medos e desaparece.

Ponho-me em pé lentamente, encostando o braço direito ao peito. Sinto-me como se estivesse num túnel. Só posso continuar a correr sem parar e sem pensar em mais nada até chegar ao meu destino.

Entrego uma pistola a Caleb e enfio a outra no cinto.

– Acho que tu e o Marcus deviam ficar aqui com ele – digo-lhe, com

um aceno de cabeça para Peter. – De outro modo só nos atrasará. E assegura-te de que ninguém nos segue.

Espero que ele não perceba o que estou a fazer: quero mantê-lo onde está para que fique em segurança, apesar de saber que está disposto a arriscar a vida por isto e com todo o gosto. Se eu entrar no edifício é provável que já não volte. O melhor que posso conseguir é destruir a simulação antes de alguém me matar. Nem sei quando me decidi por esta missão suicida. Nem consigo perceber porque é que ela não apresenta maiores dificuldades.

– Não posso ficar aqui enquanto vais lá acima arriscar a vida – diz Caleb.

– Mas é preciso que fiques – contraponho.

Peter cai de joelhos. O rosto está brilhante do suor que nele se acumula. Por um segundo tenho pena dele, mas depois recordo-me de Edward e do pano sobre os meus olhos, quando os meus atacantes me puseram uma venda, e a minha simpatia cede lugar ao ódio. E Caleb acaba por anuir ao que estou a pedir-lhe.

Aproximo-me de um dos guardas caídos e tiro-lhe a pistola, mantendo o olhar afastado da ferida que o matou. Sinto a cabeça a latejar. Não comi, não dormi, não chorei nem gritei nem parei por um momento. Mordo o lábio e forço-me a caminhar na direção dos elevadores no lado direito da sala. Para chegar ao piso oito.

Quando as portas do elevador se fecham, encosto a cabeça ao vidro e fico a ouvir os avisos sonoros.

Olho depois para o meu pai.

– Obrigado. Por teres protegido o Caleb – diz. – Beatrice, eu...

O elevador para no oitavo andar e as portas abrem-se. Há dois guardas a postos, de armas empunhadas e expressões vazias. Abro muitos os olhos com a surpresa e caio de borco quando começam a disparar. Ouço as balas a estilhaçarem o vidro. Os guardas tombam, um ainda vivo e a gemer e o outro a perder a consciência. O meu pai fica diante deles, de arma ainda empunhada.

Levanto-me com dificuldade. Vejo guardas a avançarem para nós no corredor à nossa esquerda. Atendendo aos movimentos síncronos que fazem, devem estar controlados pela simulação. Eu podia fugir pelo corredor da direita, mas se eles vieram da esquerda é aí que se encontram os computadores. Deito-me entre os guardas que o meu pai abateu e fico o mais imóvel possível.

O meu pai salta do elevador e segue pelo corredor à direita, atraindo os guardas. Levo a mão à boca para me conter e não lhe

gritar. O corredor não tem saída.

Tento baixar por completo a cabeça para não ver, mas não consigo evitá-lo. Espreito por cima das costas do guarda morto. Vejo o meu pai disparar por cima do ombro para os guardas que o perseguem, mas não é suficientemente rápido. Um dos guardas dispara-lhe contra o estômago e ele geme tão alto que o ouço dentro de mim.

Com uma mão na barriga, o meu pai apoia os ombros na parede e dispara. Uma vez e mais outra. Controlados pela simulação, os guardas continuam a andar mesmo quando as balas os atingem e até os corações pararem, mas não conseguem chegar junto dele. O sangue já lhe cobre a mão e o rosto está a perder a cor. Mais um tiro e o último guarda cai.

– Pai – chamo. Queria gritar, mas o que me sai é um suspiro ofegante.

O meu pai cai no chão. Os nossos olhares cruzam-se, como se não estivéssemos separados por vários metros.

Abre a boca, como se fosse dizer alguma coisa, e já não a fecha quando o corpo se desmorona.

Tenho os olhos a arder, estou demasiado fraca para me pôr em pé e o cheiro do suor e do sangue causa-me náuseas. Só me apetece pôr a cabeça no chão e deixar que chegue o fim. Quero adormecer e nunca mais acordar.

Mas é verdade o que disse ao meu pai há instantes: por cada segundo que perco, morre mais um membro dos Abnegados. Há uma única coisa que eu tenho de fazer acima de tudo: destruir a simulação.

Obrigo-me a levantar-me e percorro rapidamente o corredor, voltando à direita na única porta que aí existe. Abro-a.

A parede do outro lado é inteiramente feita de ecrãs quadrados de trinta centímetros. São às dezenas, cada um deles mostrando uma parte da cidade. A vedação. O Centro. As ruas do setor dos Abnegados, agora invadidas pelos soldados-Intrépidos. O piso térreo do edifício, por debaixo de nós, onde Caleb, Marcus e Peter esperam pelo meu regresso. É uma parede onde está tudo aquilo que vi e que conheci.

Um dos ecrãs tem uma linha de código em vez de uma imagem: uma linha reta que passa tão depressa que não consigo ler o que ela diz. É a simulação, já transformada num código com a sua complexa lista de comandos que antecipam e definem mil desfechos diferentes.

Diante do ecrã estão uma cadeira e uma mesa. E aí encontra-se um soldado-Intrépido.

– Tobias – chamo.

Capítulo Trinta e Oito

Tobias volta a cabeça e os seus olhos escuros cravam-se nos meus. As sobrancelhas convergem por cima do nariz. Põe-se em pé. Parece confuso. Mas empunha a pistola, dizendo-me:

– Larga a arma.

– Tobias – digo-lhe –, estás numa simulação.

Jeanine disse que ele não me reconheceria. Jeanine também me disse que a simulação transformaria os amigos de Tobias em inimigos. Ele vai disparar contra mim se tiver de ser.

Pouso a minha pistola aos meus pés.

– Larga a arma! – grita Tobias.

– Já está – respondo. Uma voz discreta dentro da minha cabeça assegura-me que ele não pode ouvir-me nem ver e que não me reconhece. Sinto línguas de fogo dentro das minhas pálpebras. Não posso ficar assim e deixar que ele dispare contra mim.

Corro para ele, agarrando-o pelo pulso. Sinto-lhe os músculos a mexerem-se quando ele prime o gatilho e baixo a cabeça a tempo. A bala vai cravar-se na parede atrás de mim. Ofegante, dou-lhe um pontapé de lado e forço-lhe o pulso com toda a força que consigo arranjar. E ele larga a arma.

Não consigo vencer Tobias numa luta corpo a corpo. Já o sei. Mas preciso de destruir o computador. Atiro-me de cabeça para apanhar a arma, mas antes que eu consiga sequer tocar-lhe ele agarra-me e torce-me o corpo.

Observo-lhe os olhos escuros e confusos por segundos, antes de ele me dar um murro no queixo. A minha cabeça é atirada para o lado e eu encolho-me para lhe escapar. Não posso cair. Não posso cair ou ele encher-me-á de pontapés e isso será pior, muito pior. Empurro a

pistola para longe com o calcanhar, para ele não lhe poder deitar a mão e, desprezando a dor que tenho no queixo, dou-lhe um pontapé no estômago.

Tobias agarra-me o pé e puxa-o para baixo e eu caio sobre o ombro ferido. A dor obscurece-me a visão, mas ainda levanto os olhos para ele. Tobias leva o pé atrás como se fosse pontapear-me e eu rolo sobre os meus joelhos, esticando o braço para poder apanhar a arma. Embora não saiba o que vá fazer com ela. Não posso disparar contra ele, não posso. O verdadeiro Tobias encontra-se algures dentro do soldado que está a tentar dar cabo de mim.

Agarrando-me pelo cabelo, Tobias atira-me para o lado. Estendo uma mão para trás e agarro-o pelo pulso, mas ele é demasiado forte e a minha testa vai embater na parede.

Ele está dentro do corpo desse soldado...

– Tobias – chamo.

Ter-se-á atenuado a força com que ele estava a agarrar-me? Volto-me e atiro-lhe um pontapé com o calcanhar, batendo-lhe na perna. Quando consigo libertar o cabelo, volto a baixar-me para agarrar a arma e sinto as pontas dos dedos a fecharem-se no metal frio. Dou uma volta no chão e aponto-lhe a arma.

– Tobias – digo-lhe –, sei que estás aí dentro desse corpo...

Mas se estivesse, não se atiraria a mim como se desta vez estivesse mesmo disposto a matar-me.

Sinto a cabeça a latejar, mas consigo levantar-me.

– Tobias, por favor – imploro. Estou a ser mesmo uma triste. As lágrimas escaldam-me o rosto. – Por favor. Vê-me. – Tobias começa a aproximar-se, com movimentos rápidos e perigosos, cheio de poder. A arma estremece-me na mão. – Por favor, *vê-me*, Tobias, por favor!

Mas mesmo quando ele franze a testa, como se procurasse concentrar-se, os olhos parecem pensativos e eu lembro-me de como os lábios dele se curvavam quando ele sorria.

Não posso matá-lo. Não tenho a certeza de o amar; nem sei se é por isso. Mas sei o que ele faria se as nossas posições se invertessem. Tenho a certeza de que nada justifica matá-lo.

Já passei por isto – na minha paisagem dos medos, com a arma na mão e uma voz a ordenar-me aos gritos que mate as pessoas que amo. Nessa altura dispus-me eu a morrer para as salvar, mas agora não consigo imaginar como a recordação do que aconteceu poderá ajudar-me. Mas não: já sei, já sei o que devo fazer.

O meu pai diz – costumava dizer – que o autossacrifício é gerador

de poder.

Volto a arma e pouso-a na palma da mão de Tobias.

Ele encosta o cano à minha testa. Já não estou a chorar e o ar que me chega ao rosto parece mais frio. Estendo uma mão e pouso-a no peito dele para lhe poder sentir o ritmo do coração. Pelo menos o coração ainda é o dele.

A bala entra na câmara com um clique. Talvez seja tão fácil deixá-lo disparar como na paisagem dos medos e como acontece nos meus sonhos. Talvez seja só um *bang!* e as luzes a apagarem-se e eu me ache de imediato noutro mundo. Fico imóvel, à espera.

Poderei ser perdoada por tudo o que fiz para aqui chegar?

Não sei. Não sei.

Por favor.

Capítulo Trinta e Nove

Mas não ouço o tiro. Tobias está a olhar para mim com o mesmo semblante feroz, mas sem se mexer. Porque é que ele não dispara? O coração dele está a bater contra a minha mão e o meu coração ganha ânimo. Ele é Divergente. Ele pode lutar contra esta simulação. Ou contra qualquer simulação.

– Tobias – chamo. – Sou eu.

Dou um passo em frente e abraço-o. O corpo dele está tenso. O coração bate-lhe com mais força. Sinto-o no meu rosto, que encostei ao peito dele. Uma pancada no meu rosto. Uma pancada quando a arma bate no chão. Ele agarra-me pelos ombros – com força de mais, enterrando os dedos na minha carne onde esteve a bala. Grito quando ele me empurra para trás. Talvez tenha a intenção de me matar da maneira mais cruel que conseguir imaginar.

– Tris – diz Tobias. E é ele. Finalmente. Outra vez ele. A boca dele cola-se à minha.

O braço de Tobias rodeia-me e ajuda-me a levantar, apoiando-me, com as mãos a segurar-me as costas. O rosto e a nuca de Tobias estão cobertos de suor, todo ele está a tremer e o meu ombro parece arder com as dores que tenho. Mas nada disso me importa. Já não quero saber.

Larga-me e olha para mim, passando-me os dedos pela testa, pelas sobrancelhas, pelo rosto, pelos lábios.

Dos lábios escapa-se-lhe um som que é, ao mesmo tempo, um gemido, um suspiro e um soluço sufocado de quem vai chorar e Tobias beija-me de novo. Os olhos dele brilham com a intensidade das lágrimas. Nunca pensei que o pudesse ver chorar. Nem que isso me magoasse tanto.

Acolho-me ao peito dele e começo também a chorar, com o rosto enfiado na sua camisola. A minha cabeça lateja novamente, o ombro dói-me mais e o meu corpo parece pesar o dobro. Amparo-me a ele e Tobias segura-me.

– Como conseguiste? – pergunto-lhe.

– Não sei – responde. – Só sei que ouvi a tua voz.

*

Segundos depois lembro-me porque é que aqui estou. Endireito-me e limpo o rosto com as mãos e volto-me outra vez para os ecrãs. Num deles vejo o bebedouro. Tobias tinha-se mostrado tão paranoico por estar a criticar os Intrépidos quando aí estávamos. Não parava de olhar para o bebedouro. E agora já percebo porquê.

Ficamos os dois a olhar para a imagem e eu acho que sei o que ele está a pensar porque estou a pensar no mesmo: como é que uma coisa tão pequena pode controlar tanta gente?

– Era eu que estava a dirigir a simulação? – pergunta Tobias.

– Não sei se estavas a dirigi-la ou só a monitorizá-la – respondo. – Mas já está terminada. E também não sei como foi, mas o certo é que Jeanine arranjou maneira de ela poder funcionar sozinha.

Tobias abana a cabeça.

– É incrível, isto. É terrível, é uma coisa diabólica... É incrível.

Noto que há movimento num dos ecrãs e vejo o meu irmão, Marcus e Peter juntos no primeiro andar do edifício. E, à volta dele, um grupo de soldados-Intrépidos, todos vestidos de preto e armados.

– Tobias! – exclamo. – Não deixes!

Correndo para o computador, Tobias toca várias vezes com o dedo no monitor. Não vejo o que ele está a fazer. Só tenho olhos para o meu irmão. Está a empunhar a pistola que lhe dei, afastada do corpo, como se estivesse pronto para a disparar. Mordo o lábio. *Não dispares.* Tobias continua a tocar no monitor, escrevendo conjuntos de letras que não têm significado para mim. *Não dispares.*

Vejo um clarão – um tiro, de uma das armas – e abro a boca. O meu irmão, Marcus e Peter estão agachados, com os braços no ar. Instantes depois todos se movem e eu percebo que estão vivos, mas os soldados-Intrépidos já avançam sobre eles. O meu irmão parece ficar coberto por um véu preto.

– Tobias... – murmuro.

Tobias volta a tocar no monitor e no primeiro andar ficam todos

imóveis.

Depois os Intrépidos baixam os braços.

E começam a mexer-se. Voltam as cabeças em todas as direções e pousam as armas; as bocas movem-se como se estivessem a gritar e começam a empurrar-se uns aos outros e alguns deles caem de joelhos, levando as mãos à cabeça e balançando-se, para trás e para a frente, para trás e para a frente.

A tensão que tinha no peito desfaz-se e preciso de me sentar, com um suspiro de alívio.

Tobias agacha-se junto ao computador e tira-lhe a tampa lateral.

– Tenho de levar o disco – explica – ou podem começar a simulação outra vez.

Volto a olhar para o monitor e para o frenesim que nele se vê. É o que está a acontecer na rua. Olho para os outros ecrãs, um por um, em busca do que mostra o setor dos Abnegados. Só existe um ecrã, no canto mais distante da sala, por debaixo dos outros. É uma situação de caos a que aí vejo: os Intrépidos estão a disparar uns contra os outros, a empurrar-se, a gritar. A rua está pejada de corpos de homens e de mulheres, todos vestidos de preto. Há pessoas a correrem em todas as direções.

– Já está – diz Tobias, levantando a mão com o disco rígido do computador. É uma peça metálica do tamanho da mão dele. Entrega-me e eu meto-a no bolso de trás.

– Temos de ir – digo-lhe, pondo-me em pé. Aponto para o ecrã da direita.

– Sim, tens razão – responde Tobias, passando-me o braço pelos ombros. – Vamos a isto.

Percorremos o corredor muito juntos e voltamos numa esquina. O elevador faz-me lembrar o meu pai. Não consigo deixar de olhar em redor à procura do corpo dele.

Está caído, junto ao elevador, rodeado pelos cadáveres de vários guardas. Deixo escapar um grito estrangulado. Volto-me para não ver. Sinto a bílis na garganta e vomito contra a parede.

Por instantes sinto que tudo o que existe dentro de mim se está a desmoronar e deixo-me cair junto de um dos corpos, a respirar pela boca, para não ter de cheirar o sangue. Levo a mão à boca para reprimir os soluços que prenunciam as lágrimas. Cinco segundos. Cinco segundos de fraqueza e depois levanto-me. Um, dois, três, quatro.

Cinco.

Não sei bem onde estou. Vejo um elevador e uma sala de paredes de vidro e sinto o ar mais frio. Vejo um grupo de soldados-Intrépidos que estão a gritar, todos vestidos de preto. Procuro o rosto de Caleb, mas não o encontro até ao momento em que saímos do edifício de vidro e somos iluminados pela luz do sol.

Caleb corre para mim quando me vê e apoio-me nele. Abraça-me com força.

– O Pai? – pergunta-me.

Só consigo abanar a cabeça.

– Bem... – diz Caleb. – Ele teria querido que as coisas acontecessem dessa maneira – acrescenta, com dificuldade.

Por cima do ombro do meu irmão vejo Tobias parado num dos degraus. O corpo está inteiriçado e os olhos fixos em Marcus. Com a pressa de interromper a simulação esqueci-me de o avisar.

Marcus aproxima-se do filho e abraça-o. Tobias mantém-se imóvel, os braços caídos ao longo do corpo e o rosto sem expressão. Vejo-lhe a maçã de Adão a subir e a descer enquanto levanta a cabeça para olhar para cima.

– Meu filho – suspira Marcus.

Tobias faz uma careta.

– Eh! – exclamo, largando Caleb. Lembro-me da minha pele magoada pelo cinto na paisagem dos medos de Tobias e interponho-me entre ele e Marcus, empurrando o pai dele para trás. – Eh! Afaste-se dele!

Sinto a respiração de Tobias no meu pescoço, com movimentos agitados.

– Afaste-se – silvo, a olhar para Marcus.

– Beatrice, que estás a fazer? – intervém Caleb.

– Tris – diz Tobias.

Marcus olha-me com uma expressão de escândalo que me parece falsa – os olhos estão demasiado abertos, tal como a boca. Apetece-me arrancar-lhe pela força a expressão que tem no rosto.

– Os artigos dos Eruditos não tinham só mentiras – digo, semicerrando os olhos para Marcus.

– Estás a falar de quê? – pergunta Marcus, tranquilamente. – Não sei o que te disseram, Beatrice, mas...

– O único motivo pelo qual não o matei é porque deve ser ele a fazê-lo – respondo. – Afaste-se dele ou decidirei que não me importo

de o fazer.

As mãos de Tobias deslizam pelos meus braços, pressionando-os ligeiramente. Os olhos de Marcus ainda ficam pousados nos meus durante alguns segundos e eu não consigo deixar de vê-los como buracos negros, como aconteceu na paisagem dos medos de Tobias. Mas depois volta a cabeça para o lado.

– Temos de ir – diz Tobias, com uma voz pouco firme. – O comboio deve estar a chegar a todo o momento.

Caminhamos sobre terreno firme em direção à linha do comboio. Tobias tem os dentes cerrados e olha apenas para a frente. Sinto algum remorso por não o ter deixado lidar com o pai à sua maneira.

– Desculpa – sussurro-lhe.

– Não tens de pedir desculpa – replica Tobias, pegando-me na mão. Os dedos ainda lhe tremem.

– Se apanharmos o comboio na direção oposta, para sairmos da cidade em vez de entrarmos, podemos ir para o quartel-general dos Cordiais – digo-lhe. – Foi para aí que foram os outros.

– E os Cândidos? – pergunta o meu irmão. – O que acham que eles vão fazer?

Não sei como os Cândidos irão reagir ao ataque. Não alinhariam com os Eruditos – nunca o fariam às escondidas. Mas por outro lado podem não querer lutar contra eles.

Ficamos junto à linha durante alguns minutos antes de chegar o comboio. Tobias pega-me ao colo e eu, que me sinto praticamente morta, aproveito e encosto-lhe a cabeça ao ombro, inspirando o cheiro que se desprende da sua pele. Desde que me salvou do ataque, que tenho associado esse cheiro à minha segurança e, ao concentrar-me nele agora, sinto-me a salvo.

Mas a verdade é que não conseguirei sentir-me inteiramente segura enquanto Peter e Marcus estiverem connosco. Tento não olhar para eles, mas sinto-lhes a presença como se fosse um cobertor que me tivesse sido posto sobre o rosto. É revelador da crueldade do destino que eu tenha de viajar com aqueles que odeio quando deixo para trás, já mortas, as pessoas que amo.

Mortas ou a acordarem transformadas em assassinas. O que será feito de Tori e de Christina? A vaguearem pelas ruas, atormentadas pela culpa do que fizeram? Ou estarão a voltar as suas armas contra aqueles que as obrigaram a fazer o que fizeram? Ou também terão morrido? Gostava tanto de saber.

Ao mesmo tempo, porém, tenho a esperança de nunca vir a saber.

Se ainda estiver viva, Christina há de descobrir o corpo de Will. E se ela me encontrar outra vez, os seus olhos treinados pelos Cândidos verão que fui eu que o matei. Sei que vai ser assim. A culpa estrangula-me e esmaga-me e preciso de me esquecer do que aconteceu. E obrigo-me a isso.

Chega o comboio e Tobias pousa-me no chão para eu poder saltar lá para dentro. Corro alguns passos ao lado do vagão e depois atiro-me para o lado, aterrando sobre o braço esquerdo. Mexo as pernas e o corpo para deslizar para dentro do vagão e vou encostar-me à parede, onde fico sentada. Caleb senta-se à minha frente e Tobias fica ao meu lado, formando uma barreira entre mim e Marcus e Peter. Os meus inimigos. Que também são os inimigos dele.

O comboio dá uma volta e vejo a cidade a ficar para trás. Vai tornar-se cada vez mais pequena até encontrarmos o ponto onde a linha termina e onde se encontram as florestas e os campos que eu vi quando era muito pequena e a que não pude dar o devido valor. A simpatia dos Cordiais vai confortar-nos por algum tempo, mas não poderemos demorar-nos junto deles. Os Eruditos e os líderes corruptos dos Intrépidos vão começar em breve a procurar-nos e teremos de prosseguir o nosso caminho.

Tobias puxa-me para ele. Dobramos os joelhos e baixamos a cabeça e, desse modo, é como se ficássemos muito juntos num espaço só nosso, incapazes de vermos os que nos perturbam e deixando que a nossa respiração se misture.

– Os meus pais morreram hoje – digo.

Apesar de o dizer e de ser verdade, nem me parece real.

– Morreram *por mim* – acrescento. É importante sublinhá-lo.

– Eles amavam-te – diz Tobias. – Foi a melhor maneira que encontraram de to mostrar.

Aceno afirmativamente com a cabeça, observando-lhe a linha do maxilar.

– Quase morreste hoje – continua Tobias. – Estive quase a dar-te um tiro. Porque não disparaste tu primeiro, Tris?

– Não o conseguia fazer – respondo. – Teria sido como dar um tiro em mim mesma.

A expressão no rosto dele é de mágoa e Tobias aproxima ainda mais o rosto do meu e os lábios dele roçam nos meus quando fala.

– Tenho uma coisa para te dizer – sussurra.

Passo os meus dedos pelos tendões da mão dele e fito-o.

– Sou capaz de estar a apaixonar-me por ti – diz, com um pequeno

sorriso. – Mas vou esperar por uma certeza para te dizer.

– É muito sensato da tua parte – replico, também com um sorriso. – Devíamos arranjar um papel para poderes fazer uma lista de coisas para verificares, ou um mapa, por exemplo.

Sinto as gargalhadas dele no meu corpo e o nariz a deslizar pela minha face enquanto os lábios me tocam atrás da orelha.

– Mas talvez já tenha a certeza e só não te queira assustar – conclui Tobias.

Rio-me e digo-lhe:

– Acho que sabes que não será esse o caso.

– Ótimo. Então eu amo-te.

Beijo-o, enquanto o comboio penetra num território mal iluminado e inseguro. E beijo-o durante o tempo que me apetece e talvez mais do que devia, atendendo a que o meu irmão está a cerca de um metro de mim.

Meto a mão no meu bolso e pego no disco rígido que contém os ficheiros da simulação. Reviro-o na mão, deixando-o refletir a luz do sol que já pouco se vê. Os olhos de Marcus fixam-se no movimento que faço com uma expressão de cobiça. *Ainda não estamos seguros, penso. Nada seguros.*

Encosto o disco rígido ao peito sem o largar, apoio a cabeça no ombro de Tobias e tento adormecer.

*

As fações dos Abnegados e dos Intrépidos estão desfeitas e os seus membros dispersaram-se. Agora somos como os sem-façon. Não sei como vai ser a minha vida, agora que estou separada de uma façon – é como se estivesse perdida, como uma folha arrancada à árvore que lhe dava sustento. Somos criaturas nascidas da perda: tudo ficou para trás. Não tenho casa, não sei que caminho devo percorrer e perdi também as minhas certezas. Já não sou Tris, a *altruísta*, ou Tris, a *corajosa*.

Mas penso que devo agora tornar-me mais do que isso.

Agradecimentos

Obrigada, meu Deus, pelo Teu Filho e pela Tua bênção que ultrapassa a minha compreensão.

Os meus agradecimentos são também devidos a Joanna Stampfel-Volpe, a minha implacável agente que trabalha mais do que qualquer outra pessoa que conheço – a sua simpatia e a sua generosidade continuam a surpreender-me. E a Molly O'Neill, também conhecida por Editora-Maravilha – não sei como é que consegue ter um olhar editorial tão perspicaz e um coração tão grande ao mesmo tempo, mas o certo é que os tem. É para mim uma sorte poder ter-vos ao meu lado.

Os meus agradecimentos, também, a Katherine Tegen, que dirige uma editora espantosa; Barb Fitzsimmons, Amy Ryan e Joel Tippie, que conceberam e desenharam uma capa linda e poderosa; Brenna Franzitta, Amy Vinchesi e Jennifer Strada, a minha editora na fase da produção, editora na fase da revisão e revisora (respetivamente), também conhecidas pelas ninjas da gramática, da pontuação e da formatação – o vosso trabalho é muito importante; Suzanne Daghljan, Patty Rosatti, Colleen O'Connell e Sandee Roston, diretoras fantásticas de marketing e publicidade; Allison Verost, a minha publicista; e a todos quantos trabalham nos departamentos de marketing e publicidade.

Agradeço também a Jean McGinley, Alpha Wong e às restantes pessoas do departamento de direitos que tornaram possível a leitura deste livro em mais línguas do que aquelas que eu conseguirei vir alguma vez a ler e também a todos os editores estrangeiros que acolheram a minha obra. À equipa de produção e à equipa de áudio-livros e de *e-books* da HarperMedia, por todo o seu difícil trabalho. Às

brilhantes pessoas das vendas, que tanto fizeram pelo meu livro e que, segundo ouvi dizer, gostam tanto do Quatro quanto eu. E a todas as outras pessoas da HarperCollins que apoiaram o meu trabalho – são um mundo, e fico muito feliz por viver nele.

A Nancy Coffey, uma lenda entre os agentes literários, por acreditar no meu livro e por me receber com tanto afeto; a Pouya Shahbazian, por ser uma especialista nos direitos para cinema e por me apoiar no meu vício do *Top Chef*; Shauna Seliy, Brian Bouldrey e Averill Curdy, meus professores, por tanto me ajudarem a melhorar a minha escrita; Jennifer Wood, minha companheira de escrita, pelas suas capacidades de especialista em *brainstorming*; Sumayyah Daud, Veronique Pettingill, Kathy Bradey, Debra Driza, Lara Erlich e Abigail Schmidt, as minhas leitoras-cobaias, que me abasteceram com notas e entusiasmo; Nelson Fitch, por me tirar as fotografias e me apoiar tanto.

Aos meus amigos, que se mantiveram a meu lado mesmo quando a minha disposição não ajudava e eu tinha vontade de me esconder; Mike, por me ensinar tanto a respeito da vida; Ingrid e Karl, minha irmã e meu irmão, pelo seu inesgotável amor e entusiasmo; e Frank, por me ajudar a ultrapassar as coisas mais difíceis – o teu apoio tem para mim um significado maior do que imaginas. E a Barbara, a minha mãe, que sempre me encorajou a escrever ainda antes de alguma de nós saber que isso daria alguma coisa.